



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**DÉBORA SILVA COSTA**

**“BLOGOSFERA PROTESTANTE”:**  
**A PRIMAVERA DOS MOVIMENTOS CONTRA-HEGEMÔNICOS**  
**NA IGREJA EVANGÉLICA BRASILEIRA.**

Recife, 2016



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**DÉBORA SILVA COSTA**

**“BLOGOSFERA PROTESTANTE”:**  
**A PRIMAVERA DOS MOVIMENTOS CONTRA-HEGEMÔNICOS**  
**NA IGREJA EVANGÉLICA BRASILEIRA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco como trabalho de conclusão do mestrado em Comunicação, sob orientação da Profa. Dra. Karla Regina Macena Pereira Patriota Bronsztein.

Recife, 2016.

Catálogo na fonte  
Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

C837b Costa, Débora Silva  
Blogosfera protestante: a primavera dos movimentos contra-  
hegemônicos na igreja evangélica brasileira / Débora Silva Costa. – 2016.  
226 f.: il., fig.

Orientadora: Karla Regina Macena Pereira Patriota Bronshtein.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco,  
Centro de Artes e Comunicação. Comunicação, 2016.

Inclui referências, anexos e apêndices.

1. Comunicação. 2. Blogs. 3. Igrejas protestantes. 4. Protestantismo. 5.  
Internet. I. Bronshtein, Karla Regina Macena Pereira Patriota  
(Orientadora). II. Título.

302.23 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC 2016-138)

DÉBORA SILVA COSTA

TÍTULO DO TRABALHO: "BLOGOSFERA PROTESTANTE": A PRIMAVERA DOS MOVIMENTOS CONTRA-HEGEMÔNICOS NA IGREJA EVANGÉLICA BRASILEIRA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Aprovada em: 30/05/2016

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Karla Regina Macena Pereira Patriota Bronshtein  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Heitor Rocha Lima da Costa  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Gustavo Gilson Sousa de Oliveira  
Universidade Federal de Pernambuco

## AGRADECIMENTOS

**Aos pés firmes** que caminharam diariamente comigo nestes anos de mestrado, na convivência sob o mesmo teto, na mesma sala de aula e/ou nas idas e vindas entre Crato - CE e Recife - PE (a família: Ivone, Espedito e Tiago; e os amigos: Naiara, Helena, Nefertite, Rui e Antonio).

**Aos braços receptivos** que me acolheram em terra estranha (as famílias de Eduardo, Ivanilde e Sr. Isaías [*in memorian*]; de Lyvia e Auxiliadora; de Helena e Nefertite; e a família de Cristo na Igreja Presbiteriana da Madalena, em especial os irmãos da juventude, do pequeno grupo e do culto de oração).

**Às mãos generosas** que dividiram seus bens e recursos, me proporcionando uma permanência mais prazerosa na nova residência (a prima Ludmilla, as tias Balbina e Silmara, os amigos Guilherme e Salmito, e as famílias de Eduardo, de Helena, de Lyvia, de Camila e de Aline).

**Às mãos curadoras** que zelaram pela minha saúde (minha médica Susyane Ribeiro).

**Às mãos diligentes** que se puseram diretamente no arado e me auxiliaram nesta labuta (os amigos Daniel, Aline, Naiara, Luan, Saulo, Márcio, meu pai Espedito e meu irmão Tiago).

**Às mentes brilhantes** que me inspiraram, ensinaram e guiaram (minha orientadora Karla Patriota; o mestre/amigo Daniel Simões; os queridos professores Celestino, Heitor e Gustavo; os amigos do blog *VeShame Gospel*: Avelar, João Paulo e Guilherme; e outros sábios e sábias deste e de outros tempos).

**Às pernas corajosas** que se aventuraram comigo a destinos distantes e desconhecidos (os amigos Eduardo, Ivanilde, Lyvia, Rudá, Guilherme, Késia e Daniel; e as famílias de César [*in memorian*] e Monica, de Ana Carolina e de Aline).

**Aos joelhos fiéis** que se dobraram e rogaram aos céus por mim (minha mãe Ivone, e os amigos Késia, Ivone, Thaís, Avelar, Brenda, Danrley, Aline, Misael, Ivo, Célia, Ediglê, Joélia, Yuna, Ricardo e Mainá, e outros queridos da I Igreja Batista Regular de Crato; e também as mulheres guerreiras do Grupo Fibra).

**Às bocas abençoadas** que me deram palavras de conselho, consolo e incentivo (os recifenses: Késia, Girlane, Patrícia, Larissa, Ana Carolina, Fúlvia, Kleberon, Germano, Henrique, Saulo, Carlos, André e família, a turma de Eduardo, Pr. Luiz Bisneto e Dayse, Pr. Wellington e

Mariana, Pr. Marcelo, Pr. Bruno, os tios Elias, Suênia, Josué e Mary, Gilvan e Gorete, e muitos outros... além de todos os amigos carienses que permaneceram ao meu lado).

**Aos ombros amigos** que me apoiaram quando fraca e cansada, **aos ouvidos atentos** que me escutaram e compreenderam, **aos sorrisos contagiantes** que me iluminaram até os dias mais sombrios, e **aos olhos sensíveis** que choraram minhas dores, tristezas e medos ('Bli', 'Kemis', 'Neiri', 'Ké', 'Yuninha', 'Ly', 'Lena', 'Gui', 'Duca', 'Luanzinho' e 'Juninho': aqueles que nestes anos se tornaram para mim amigos mais chegados que irmãos).

**Aos colos aconchegantes** que sempre me receberam de volta (meu pai Espedito, meu irmão Tiago, minha mãe Ivone, e outros parentes de sangue, além da família em Cristo).

**Às feridas e dores**, físicas e emocionais, causadas pelos tropeços, as decepções, as aflições, as separações, os temores... pois Deus transformou todo o mal em bem! (Gênesis 50:20)

**Ao Espírito Santo** de Deus que sempre foi a minha força e a minha herança, mesmo quando meu corpo e meu coração fraquejaram (Salmos 73:26).

**A todos os que foram um só corpo e alma comigo**, em todo o trajeto de mais de dois anos até este trabalho de conclusão. A estes dedico minha gratidão e os frutos desta árdua obra.

*“Assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo,  
e individualmente somos membros uns dos outros.” (Romanos 12:5)*

*“ÁRBOL DE LA ESPERANZA,  
MANTENTE FIRME”*

*- Frida Kahlo*

## RESUMO

O surgimento da internet representou uma revolução informacional, pois abriu espaço para o florescimento de discussões que rompem com os poderes dominantes e para a disseminação de grupos que não têm seu lugar de expressão nos meios de comunicação convencionais (TV, rádio e mídias impressas). Exemplo disso são os “novos evangélicos” identificados em reportagem homônima da revista *Época* de agosto de 2010 como um movimento que emerge de diversos segmentos da igreja evangélica brasileira, em reação ao crescimento do neopentecostalismo e à institucionalização da religião. Através das mídias digitais, estes cristãos denunciam e criticam os escândalos do evangelicalismo brasileiro e propõem um retorno a um “evangelho puro e simples”. Esse fenômeno religioso/midiático motivou a realização da presente pesquisa, que tem como objeto os principais blogs “protestantes” brasileiros, assim considerados tanto pela corrente religiosa do qual procedem (protestantismo), bem como pelo seu caráter crítico e reformista (fazer protesto). A principal finalidade deste estudo é compreender como se dá a apropriação das novas tecnologias da comunicação por indivíduos e/ou grupos, dentro do meio evangélico, que têm características contra-hegemônicas. Este trabalho contribui ainda para a análise de algumas questões auxiliares pertinentes: 1) o complexo enraizamento do protestantismo em solo brasileiro e suas principais ramificações; 2) as rupturas e continuidades no florescimento dos fenômenos religiosos reformistas; 3) a “primavera” dos movimentos sociais na atualidade, e o emprego da internet como mídia alternativa, de resistência e de contra-hegemonia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Protestantismo; Brasil; Primavera; Contra-hegemonia; Internet.

## **ABSTRACT**

The emergence of the Internet represented an information revolution, opening a space for the flourishing of discussions that break with the dominant powers, and for the spread of groups that do not have their place of expression in traditional media (TV, radio and press). An example of this are the “new evangelicals”, identified in the report of the magazine *Época* of August 2010 as a movement emerging from various segments of the Brazilian Evangelical Church in response to the growth of Neopentecostalism and to the institutionalization of religion. Through digital media, these Christians denounce and criticize the scandals of the Brazilian Evangelicalism and they propose a return to the “pure and simple gospel”. This religious and mediatic phenomenon motivated the realization of this research, whose objects are the major Brazilian “Protestant” blogs, so called because of the religious movement from which they come (Protestantism), as well as for its critical and reformist character (to protest). The main purpose of this study is to understand how is the appropriation of the new communication technologies by individuals and/or groups within the evangelical circles, which have counter-hegemonic features. This work also contributes to the analysis of some relevant additional issues: 1) the complex roots of Protestantism in Brazilian soil and its main branches; 2) ruptures and continuities in the flourishing of reformist religious phenomena; 3) the current “spring” of the social movements, and the use of the internet as an alternative media, of resistance and counter-hegemony.

**KEYWORDS:** Protestantism; Brazil; Spring; Counter-hegemony; Internet.

## LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

- GRÁFICO 1** - Cenário das principais religiões e correntes evangélicas no Brasil em 2010. (p. 28)
- GRÁFICO 2** - Comparativo das principais religiões no Brasil em 2000 e 2010. (p. 29)
- GRÁFICO 3** - Panorama da igreja evangélica no Brasil nos últimos 50 anos. (p. 32)
- TABELA 1** - Análise dos elementos da oração “*Ecclesia reformāta semper reformanda est*”. (p. 198)
- TABELA 2** - Análise das formas nominais do verbo *reformāre*. (p. 199)
- TABELA 3** - Os 30 primeiros resultados da pesquisa “BLOG CRISTÃO CRÍTICO” na plataforma de busca *Google*. (p. 201)
- TABELA 4** - Lista de postagens do mês de outubro de 2010 - Blog *Púlpito Cristão*. (p. 204)
- TABELA 5** - Lista de postagens do mês de outubro de 2010 - Blog *Veshame Gospel*. (p. 209)
- TABELA 6** - Lista de postagens do mês de outubro de 2010 - Blog *Genizah*. (p. 210)
- TABELA 7** - Lista de postagens do mês de outubro de 2010 - Blog *Crentassos*. (p. 219)
- TABELA 8** - Lista de postagens do mês de outubro de 2010 - Blog *Bereianos*. (p. 222)
- TABELA 9** - Lista de postagens do mês de outubro de 2010 - Blog *O Tempora! O Mores!*. (p. 227)

## LISTA DE FIGURAS E ILUSTRAÇÕES

- FIGURA 1 -** Capas sobre a igreja evangélica brasileira em três revistas de circulação nacional: Super Interessante, nº 197, fev. 2004; Revista de História da Biblioteca Nacional, nº 87, dez. de 2012; e Época, nº 638, ago. de 2010, respectivamente. (p. 17)
- FIGURA 2 -** Representação arbórea das principais famílias do protestantismo. Exposição permanente do Museu Internacional da Reforma (MIR) em Genebra, Suíça. (p. 35)
- FIGURA 3 -** Cópia das 95 teses de Lutero para Discussão sobre o Poder das Indulgências. Exposição permanente da Biblioteca Estadual de Berlim, Alemanha. (p. 62)
- FIGURA 4 -** Capa da revista Época sobre “Os novos evangélicos”, edição de agosto de 2010. (p. 68)
- FIGURA 5 -** Protesto dos “novos evangélicos” reivindicando retorno ao carisma bíblico. “Da web às ruas. Blogueiros que organizam a Marcha pela ética, um movimento de protesto incrustado dentro da Marcha para Jesus, promovida pela Renascer.” (p. 81)
- FIGURA 6 -** Captura de tela da pesquisa “BLOG CRISTÃO CRÍTICO” na plataforma de buscas Google. (p. 136)
- FIGURA 7 -** Captura da página inicial do blog Púlpito Cristão. (p. 141)
- FIGURA 8 -** Captura da página inicial do blog *VeShame Gospel*. (p. 145)
- FIGURA 9 -** Captura da página inicial do blog *Genizah*. (p. 149)
- FIGURA 10 -** Captura da página inicial do blog *Crentassos*. (p. 153)
- FIGURA 11 -** Captura da página inicial do blog *Bereianos*. (p. 155)
- FIGURA 12 -** Captura da página inicial do blog *O Tempora! O Mores!* (p. 158)
- FIGURA A1 -** Representação arbórea da igreja evangélica brasileira na revista Super Interessante, nº 197, fev. 2004. (p. 196)
- FIGURA A2 -** Representação arbórea da igreja evangélica brasileira na Revista de História da Biblioteca Nacional, nº 87, dez. de 2012. (p. 197)
- FIGURA A3 -** Organograma da igreja evangélica brasileira na Revista Época, nº 638, ago. de 2010. (p. 197)

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>AC</b>	Acre
<b>ACSI</b>	Associação Internacional de Escolas Cristãs
<b>AIE</b>	Aparelhos Ideológicos do Estado
<b>AMME</b>	Agência Missionária de Mobilização Evangelística
<b>apud</b>	“Junto a”. Expressão latina usada em citações bibliográficas, assumindo o sentido de “citado por”.
<b>ARE</b>	Aparelho Repressivo do Estado
<b>CAC</b>	Centro de Artes e Comunicação
<b>CE</b>	Ceará
<b>cf.</b>	“conferir”
<b>CNBC</b>	Comunidade Nacional de Blogueiros Cristãos
<b>DDT</b>	Sigla que corresponde tanto ao nome do ministério de louvor Diante do Trono, como também ao pesticida diclorodifeniltricloroetano
<b>DF</b>	Distrito Federal
<b>Dr(a).</b>	Doutor(a)
<b>ES</b>	Espírito Santo
<b>et al</b>	“E outros(as)”. Expressão latina usada em citações bibliográficas quando a obra possui muitos autores.
<b>EUA</b>	Estados Unidos da América
<b>G12</b>	Governo dos 12
<b>GO</b>	Goiás
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>Ibid.</b>	“Na mesma obra”. Expressão latina usada em substituição aos dados da citação anterior.
<b>IPB</b>	Igreja Presbiteriana do Brasil
<b>IURD</b>	Igreja Universal do Reino de Deus
<b>LGBT</b>	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros
<b>MG</b>	Minas Gerais
<b>MIR</b>	Ministério Internacional da Restauração
<b>MS</b>	Mato Grosso do Sul
<b>N. Sra</b>	Nossa Senhora

<b>NMMDV</b>	“Não me mate de vergonha”, <i>tag</i> do blog <i>Crentassos</i>
<b>NMRs</b>	Novos Movimentos Religiosos
<b>ONG</b>	Organização Não-Governamental
<b>PB</b>	Paraíba
<b>PCUSA</b>	<i>Presbyterian Church in the United States of America</i> (Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos)
<b>PDC</b>	Projeto de Decreto Legislativo de Sustação de Atos Normativos do Poder Executivo
<b>PE</b>	Pernambuco
<b>PL</b>	Partido Liberal (Brasil)
<b>PMDB</b>	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
<b>PR</b>	Paraná
<b>Pr.</b>	Pastor
<b>PSC</b>	Partido Social Cristão
<b>PT</b>	Partido dos Trabalhadores
<b>PV</b>	Partido Verde
<b>RJ</b>	Rio de Janeiro
<b>sic</b>	“Assim”. Advérbio latino usado em citações bibliográficas para evidenciar que o uso incorreto ou incomum da escrita provém de seu autor original.
<b>SP</b>	São Paulo
<b>Sr.</b>	Senhor
<b>TL</b>	<i>timeline</i> (“linha do tempo”, nas redes sociais)
<b>TMI</b>	Teologia da Missão Integral
<b>TO</b>	Tocantins
<b>TULIP</b>	Acrônimo em inglês dos Cinco Pontos do Calvinismo: depravação total ( <i>Total depravity</i> ), eleição incondicional ( <i>Unconditional election</i> ), expiação limitada ( <i>Limited atonement</i> ), graça irresistível ( <i>Irresistible grace</i> ) e perseverança final ( <i>Perseverance of the saints</i> ).
<b>TV</b>	Televisão
<b>UFCA</b>	Universidade Federal do Cariri - Ceará
<b>UFPE</b>	Universidade Federal de Pernambuco
<b>URSS</b>	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>1. A(S) IGREJA(S) EVANGÉLICA(S) BRASILEIRA(S): “UM REINO DIVIDIDO CONTRA SI MESMO”?</b> .....	<b>24</b>
1.1. Visão panorâmica da igreja evangélica brasileira.....	28
1.2. A árvore genealógica da igreja evangélica brasileira.....	34
1.2.1. Raízes do protestantismo: A implantação da fé protestante no Brasil.....	36
1.2.2. Ramos do protestantismo: As ramificações do reavivamento pentecostal.....	42
1.2.3. Frutos do protestantismo: A incompatibilidade do neopentecostalismo.....	46
1.2.4. Folhas soltas do protestantismo: As novas expressões da fé evangélica.....	50
<b>2. “NOVA REFORMA PROTESTANTE”? A IGREJA EVANGÉLICA BRASILEIRA E O ESPÍRITO DA REFORMA.....</b>	<b>56</b>
2.1. Sementes do protestantismo: A Reforma Protestante do séc. XVI.....	61
2.2. Rebentos do protestantismo? A “Nova Reforma Protestante” da Época.....	67
2.3. “ <i>Semper reformanda</i> ”: O <i>modus operandi</i> da reforma.....	71
2.3.1. Dinâmica de reforma: Rupturas e continuidade.....	76
2.4. “ <i>Ecclesia reformāta</i> ”: O <i>modus essendi</i> da reforma.....	83
2.4.1. Caráter da Reforma: A continuidade de uma ruptura.....	87
2.5. “Novos evangélicos”? Por uma definição provisória.....	95
<b>3. “PRIMAVERA PROTESTANTE BRASILEIRA”: OS MOVIMENTOS EVANGÉLICOS CONTRA-HEGEMÔNICOS NA INTERNET.....</b>	<b>98</b>
3.1. Comunicação e poder: Hegemonia nas mídias de massa convencionais.....	104
3.1.1. “Igreja eletrônica”: A midiaticização das instituições religiosas.....	109
3.2. Comunicação e contra-poder: Movimentos sociais na <i>mass self-communication</i> .....	115
3.2.1. “Blogosfera protestante”: Os novos movimentos evangélicos <i>online</i> .....	122
<b>4. “CIBER-APOLOGÉTICA”: UMA ANÁLISE DA BLOGOSFERA PROTESTANTE BRASILEIRA.....</b>	<b>130</b>

4.1. Visão panorâmica da blogosfera protestante brasileira.....	135
4.1.1. <i>Púlpito Cristão</i> .....	139
4.1.2. <i>VeShame Gospel</i> .....	144
4.1.3. <i>Genizah</i> .....	148
4.1.4. <i>Crentassos</i> .....	151
4.1.5. <i>Bereianos</i> .....	154
4.1.6. <i>O Tempora! O Mores!</i> .....	157
4.2. Visão detalhada da blogosfera protestante brasileira.....	161
4.2.1. Temas das postagens.....	162
4.2.2. Alvos dos protestos.....	167
4.2.3. Propostas de reforma.....	175
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>178</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>183</b>
• BIBLIOGRÁFICAS: Publicações impressas, no todo ou em parte.....	183
• ONLINE: Documentos na Internet.....	188
• AUDIOVISUAIS: Áudios, vídeos e imagens.....	194
<b>ANEXOS.....</b>	<b>196</b>
• ANEXO A – Figuras A1, A2 e A3: Infografias explicativas das raízes e ramificações da igreja evangélica brasileira, em três revistas de circulação nacional.....	196
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>198</b>
• APÊNDICE A - Tabela 1: Análise dos elementos da oração “ <i>Ecclesia reformāta semper reformanda est</i> ”.....	198
• APÊNDICE B - Tabela 2: Análise das formas nominais do verbo <i>reformāre</i> .....	199
• APÊNDICE C - Tabela 3: Os 30 primeiros resultados da pesquisa “BLOG CRISTÃO CRÍTICO” na plataforma de busca <i>Google</i> .....	201
• APÊNDICE D - Tabelas 4 a 9 - Listas de postagens do mês de outubro de 2010 em seis blogs protestantes brasileiros.....	204

## INTRODUÇÃO

*“Fé e saber: entre acreditar saber e saber acreditar, a alternativa não é um jogo. Portanto, façamos a escolha... de uma forma quase aforística como se escolhe determinada máquina, a máquina menos ruim para tratar da religião em um certo número de páginas.”*

*- Jacques Derrida<sup>1</sup>*

Há três momentos que considero ideais para explicar a minha trajetória pessoal até o tema deste trabalho. Três recordações que guardo como símbolos de minha vivência entre duas paixões: a fé e o saber. São três revistas que li em fases diferentes dos meus (ainda poucos) anos de vida, e que, mais tarde, ganharam sentido especial a partir dos caminhos que escolhi trilhar: o jornalismo e os estudos de religião<sup>2</sup>.

**Revista Super Interessante, nº 197, fevereiro 2004.** Tinha eu, na ocasião, onze anos de idade. Na escola pública, já cursava a (então) sexta série do ensino fundamental. Nascida em lar evangélico, fui desde cedo educada por meus pais na fé protestante. Educação bastante rígida, por sinal. Música: somente os louvores; televisão: só jornalismo, filmes bíblicos e alguns (poucos) desenhos animados; leitura: sobretudo a bíblia e literatura religiosa; festividades: somente as da igreja; além de total atenção nas roupas, nos brinquedos, no linguajar e nas companhias. Evitava-se, assim, toda e qualquer influência “demoníaca”. Neste contexto cultural tão restrito é que, por acaso, uma revista secular veio parar na nossa estante. Surpresa diante do fato, e curiosa como sempre fui, me apressei para conferir a novidade. Ao ler a chamada de capa logo entendi porque tal objeto “profano” penetrara um lar tão santificado: “Evangélicos: quem são eles; porque crescem tanto; o que essa expansão significa para o futuro do Brasil e do mundo?” (JUBRAN, 2004). A matéria trazia, nas páginas centrais, uma imensa “árvore da fé” (cf. ANEXO A, FIGURA A1), que ilustrava, de forma (para mim) inédita, os inúmeros ramos dessa religião chamada “protestantismo”. E eu realmente não imaginava que fossem tantos!

**Revista de História da Biblioteca Nacional, nº 87, dezembro de 2012.** Agora eu, com quase vinte anos, estava no último ano do curso de jornalismo na Universidade Federal. Um amigo do curso, com quem havia comentado sobre o episódio da revista com a “árvore

---

<sup>1</sup> DERRIDA, 2000, p. 57.

<sup>2</sup> Para fins desta introdução, optei pelo uso da primeira pessoa do singular, a fim de expor experiências pessoais que considero relevantes para a contextualização da pesquisa. A partir dos tópicos seguintes, porém, prefiro a primeira pessoa do plural, mantendo a pesquisa num nível mais impessoal.

dos evangélicos”, me surpreendeu com dois presentes: aquela edição perdida da infância, e também outra revista, mais recente, mas que, da mesma forma, trazia uma manchete sobre a igreja evangélica - “Evangélicos: a fé que seduz o Brasil. Das origens às Igrejas atuais; a ascensão na política; os fiéis e seus inimigos” (BARROS & ROBERTO, 2012) - e, no interior, uma grande infografia de árvore, simbolizando os “evangélicos de raiz” (cf. ANEXO A, FIGURA A2). Naquela ocasião, reagi diante da novidade com a mesma animação dos tempos de criança.

Mas alguma coisa mudara, obviamente: eu já não frequentava mais as igrejas dos meus pais. Sim, “igrejas”, no plural, pois cada um agora fazia parte de uma igreja diferente: meu pai era obreiro da Igreja Internacional da Graça de Deus, minha mãe se revezava entre os cultos da Igreja Universal do Reino de Deus e da Congregação Cristã do Brasil, meu irmão participava da Comunidade Cristã Nova Aliança (igreja esta que já era fruto de dois cismas de igrejas precedentes). Eu, no meio de toda essa babel eclesiástica, também não fiquei imune: fui levada por todos os ventos de doutrina: os pentecostais (Assembleia de Deus ministério Betesda e Igreja Cristã Gileade) e os neopentecostais (Comunidade Evangélica Cristo Vive e Internacional da Graça), e, naquele momento, experimentava os ares de uma igreja tradicional (Igreja Batista Regular).

Com um currículo religioso tão recheado em tão pouco tempo de vida, já havia testado quase todos os tipos de experiências em termos de fé evangélica: desde batismos nas águas, até “batismo de fogo”, línguas estranhas, unção com óleo, do riso, do “cai cai”, purificação com sal grosso, água “benta”, correntes de fé, amuletos gospel, G12, adoração extravagante, cultos de cura e exorcismo, produtos gospel (inclusive revistas “invisíveis”), vigília no monte, teologia da prosperidade, teísmo aberto, retiros espirituais, encontros com Cristo, grupos de dança, famosos “convertidos”, testemunhos de “ex-prostituta”, “ex-drogado”, “ex-gay”, “ex-macumbeiro” (e até de “ex-defunto”!), boates, circos, festas juninas e os mais variados ritmos de música (e tudo mais que se pudesse etiquetar de) “gospel”. E, depois de tudo isso, uma fase mais austera: estudos teológicos, liturgia, disciplina eclesiástica, hinos clássicos, usos e costumes... tantas excentricidades, que só quem esteve dentro do evangelicalismo brasileiro pode entender.

Minha personalidade, costurada como uma colcha “gospel” de retalhos, embalou toda a minha forma de pensar, olhar e agir diante do mundo. Assim foi que, nos anos da universidade (a experiência, para mim, mais revolucionária até então), não sei se por paixão pessoal ou se pela comodidade (talvez por ambos), acabei optando por estudar a relação entre a mídia e a religião. E de forma alguma foi uma escolha improdutiva ou desgostosa, pois a

simbiose desses dois campos é repleta de fenômenos a serem analisados, e cada conclusão obtida é impressionante. Neste ponto da trajetória é que “caiu do céu” uma terceira revista, esta, agora, vindo a se tornar meu objeto de estudo no mestrado. **Revista Época, nº 638, agosto de 2010.** Tivera contato com a revista pela primeira vez no mesmo ano da publicação. Na ocasião eu dividia o tempo entre universidade e igreja, administrava um blog cristão e tinha até vontade de cursar Teologia. A reportagem chamou atenção por citar blogueiros evangélicos da minha cidade, mas apenas por isso. Os anos de estudos de jornalismo serviram para que eu começasse a olhar aquele texto com outra perspectiva, agora academicamente.



**FIGURA 1 - Capas sobre a igreja evangélica brasileira em três revistas de circulação nacional: Super Interessante, nº 197, fev. 2004; Revista de História da Biblioteca Nacional, nº 87, dez. de 2012; e Época, nº 638, ago. de 2010, respectivamente.**

Fontes: JUBRAN, 2004; BARROS & ROBERTO, 2012 e ALEXANDRE, 2010a.

“Os novos evangélicos: um movimento de fiéis critica o consumismo, a corrupção e os dogmas das igrejas – e propõe uma nova reforma protestante” (ALEXANDRE, 2010a), dizia a (sensacionalista) manchete de capa. No interior, dessa vez, não havia uma árvore, mas um organograma ilustrando as “Redenções e rupturas: dois mil anos de reinvenção da fé cristã” (cf. ANEXO A, FIGURA A3). No texto da reportagem a grande (e talvez inédita) notícia era o surgimento de um (assim considerado) movimento revolucionário dentro da igreja protestante: “inspirado no cristianismo e conectado à Internet, um grupo crescente de religiosos critica a corrupção neopentecostal e tenta recriar o protestantismo à brasileira” (ALEXANDRE, 2010a, p. 84). Segundo a revista, os “novos protestantes”, através das mídias digitais, denunciam os escândalos do próprio meio evangélico e propõem o retorno a um “evangelho ideal”. Na matéria são citados “sites como *Pavablog*, *Veshame Gospel*,

*Irmãos.com, Púlpito Cristão, Caiofabio.net* ou *Cristianismo Criativo*, [que] fazem circular vídeos, palestras e sermões e debatem doutrinas e notícias com alto nível de ousadia e autocrítica” (ALEXANDRE, 2010a, p. 92; *grifo e acréscimo nossos*).

A partir desta releitura da reportagem surgiu a **justificativa da pesquisa** aqui empreendida: a necessidade de compreender com maior profundidade esse suposto fenômeno religioso e sua faceta de engajamento midiático. “Como indivíduos e/ou grupos dentro do meio evangélico, que têm discursos críticos e características contra-hegemônicas, compartilham seu ideal de “evangelho” através das mídias digitais?” Este é o **problema fundamental** da investigação, sendo os **objetos da análise** aqui realizados os próprios blogs “protestantes”, os quais são assim considerados tanto pelo movimento religioso de origem (= provenientes do protestantismo), como também pela tendência crítica/contestatória (= que fazem protesto). Dessa forma, o estudo não se restringe aos sites referidos na reportagem, mas também se expande para outras páginas evangélicas na internet que porventura também venham a se encaixar nessa proposta.

É importante destacar que o **interesse da pesquisa** de mestrado com o mote da blogosfera<sup>3</sup> protestante é, em parte, de caráter pessoal. Sim, pois além da múltipla vivência evangélica desde a infância, também fui durante alguns anos frequentadora assídua (e, portanto, particular conhecedora da dinâmica) dos blogs evangélicos. Neles naveguei diariamente, recebi informações, examinei opiniões, compartilhei experiências, debati ideias, aprendi teologia, observei conflitos, obtive entretenimento, fiz amigos (e, infelizmente, inimigos)... A blogosfera representava para mim uma forma de vivência cristã para além do espaço do templo. Assim, grande parte dos blogs, instituições e indivíduos mencionados na reportagem já são tópicos familiares, facilitando o trânsito desta pesquisadora entre um recorte tão específico do fenômeno religioso, bem como das possibilidades da internet.

A proposição do estudo de tal temática foi motivada pela intenção de “publicizar” no âmbito acadêmico e, quem sabe, para além deste, os resultados de uma investigação mais aprofundada a respeito de algumas **hipóteses de partida**, as quais considero relevantes justamente por serem ignoradas pelo senso comum: 1) que é falsa a concepção de uma igreja evangélica brasileira como instituição única, unida, e direcionada pelas mesmas convicções e propósitos; 2) que, para além das famosas igrejas midiáticas, também existem outros tipos de religiosidade evangélica; 3) que alguns desses movimentos evangélicos alternativos se expressam através dos novos formatos de mídia; 4) que as religiões como um todo são

---

<sup>3</sup> “Blogueiro é o nome dado a quem publica em um blog e blogosfera é o conjunto de blogs” (SILVA, 2013, p. 42).

marcadas por constantes ciclos de ruptura-continuidade, nos quais fenômenos de renovação são eventos constitutivos; 5) que os conflitos no interior da religião também estão incluídos na grande conjuntura da sociedade civil onde há permanente disputa entre os grupos sociais pela hegemonia; 6) que os movimentos religiosos modernos também podem ser compreendidos no contexto das “primaveras” sociais contemporâneas, potencializadas pelas novas tecnologias da comunicação; 7) que a religião também pode (e deve) ser percebida como ferramenta de crítica e transformação social. No decorrer desta pesquisa, tais pressuposições não chegam a ser precisamente confirmadas ou refutadas, mas todas elas são, certamente, aperfeiçoadas: revelam-se os vários desenvolvimentos de algumas ideias aparentemente simples e óbvias.

Obviamente que a pesquisa não se realizou apenas com base em questões pessoais. Uma apropriada **contextualização do tema** pode revelar que cada uma das questões abordadas neste trabalho tem especial relevância na sociedade atual. Em primeiro lugar, a análise dos evangélicos no país, grupo religioso que tem atualmente representando 1/4 da população brasileira, e que tem se destacado na conjuntura nacional não apenas em termos numéricos, mas, sobretudo, pelo ferrenho engajamento nos mais diversos setores da sociedade, tais como cultura, educação, política, e até mesmo na mídia. Assim, outro tema de peso discutido nas páginas desta dissertação é a própria problemática da midiaticização da religião, originada com o (ainda incipiente) emprego dos primeiros veículos de comunicação para fins de evangelização, mas que depois viria a culminar no próprio nascimento de “igrejas geneticamente midiáticas”. O processo, porém, não se encerrou aí: atualmente acompanhamos, juntamente com a emergência das novas tecnologias da comunicação, o aparecimento de outras configurações da religião. Sendo assim, hoje, mais do que nunca, não podemos simplesmente fechar os olhos diante de tão forte presença do fenômeno religioso numa sociedade tida por secularizada.

As discussões aqui desenvolvidas sobre o campo religioso atual também conduzem a abordagens mais amplas, para além do âmbito do “sagrado”, tocando questões que dizem respeito à compreensão da sociedade como um todo. Exemplo disto é a (breve, porém necessária) exposição do tema da hegemonia, noção que recebe atenção especial nos escritos gramscianos e que diz respeito ao exercício do poder em suas diversas formas (político, militar, intelectual, moral, etc.), mas que também antevê a possibilidade de resistências e ímpetos revolucionários (contra-hegemonia). De modo que o conceito se torna particularmente pertinente para compreensão das conjunturas nacional e mundial atuais, especialmente no que se refere ao campo comunicacional, com a relação entre os meios de comunicação e os conflitos sociais. O florescimento dos novos movimentos sociais através da

internet é um caso exemplar desse relacionamento mídia-revolução, fenômeno este que tem atualmente abalado estruturas de diversas instituições e estados, e gerado interesse em indivíduos e grupos dos mais diversos setores, inclusive no campo religioso. Assim, a menção dessa “primavera social” via internet também é de grande valor na contextualização do objeto deste estudo na atual configuração político-social.

O **objetivo principal** deste trabalho é, conforme exposto, analisar a relação entre mídia e religião no âmbito digital, não numa perspectiva de mera apropriação de tecnologias da comunicação, mas sob uma ótica de disputa social. O desenrolar da pesquisa, no entanto, também conduz ao desenvolvimento de diversos **objetivos secundários**: 1) analisar em que medida o fenômeno descrito na reportagem da revista *Época* pode ser realmente considerado “novidade”, “movimento religioso”, ou até “outra reforma protestante”; 2) descobrir onde se encaixam os “movimentos de renovação” dentro da dinâmica religiosa; 3) definir da forma mais adequada os recentes movimentos “reformistas” na igreja evangélica brasileira; 4) contextualizar esses movimentos religiosos na conjuntura dos movimentos sociais contemporâneos; 5) determinar a relação entre as recentes “primaveras sociais” e a emergência das novas tecnologias da comunicação; 6) expor os conceitos de hegemonia e contra-hegemonia partindo do pensamento de Antonio Gramsci; 7) relacionar tais conceitos com os campos da comunicação e da religião; 8) recuperar o conceito de “igreja eletrônica” e relacioná-lo com o contexto brasileiro; 9) compreender a internet como meio para comunicação contra-hegemônica; 10) analisar a blogosfera evangélica como ambiente de comunicação contra-hegemônica; 11) fazer um levantamento e perfil dos principais blogs protestantes; 12) determinar e avaliar as temáticas debatidas, os principais alvos das críticas e as propostas sugeridas por cada uma dessas páginas protestantes; 13) cruzar as informações coletadas e verificar possíveis convergências e divergências entre estes blogs; 14) deduzir, a partir dessas análises, qual é o direcionamento crítico predominante na blogosfera protestante.

O **método de análise** adotado para este trabalho dissertativo parte de extensa pesquisa bibliográfica, leituras e aprofundamento teórico a respeito dos temas acima expostos. Tal procedimento foi crucial para esclarecer o assunto, identificar conceitos, aprimorar o problema de pesquisa e auxiliar na interpretação dos dados obtidos. O passo seguinte foi o levantamento das principais páginas evangélicas de conteúdo crítico na blogosfera, elaborando um breve perfil de cada um desses blogs. A metodologia para definição do *corpus* ampliado consiste na utilização dos resultados considerados mais relevantes para a pesquisa “blog cristão crítico” segundo a plataforma de buscas *Google*. Já o *corpus* restrito se refere à seleção do mês de outubro de 2010 como recorte temporal para análise das postagens destes

blogs, segundo três critérios principais: temas dos *posts*, alvos das críticas e propostas de reforma. A partir da sistematização desses dados, a dissertação avança na elaboração de um panorama geral da blogosfera protestante brasileira. Para isto, o trabalho está dividido em quatro capítulos, explanados a seguir.

No **primeiro capítulo** transporto aquelas “árvores da igreja evangélica” encontradas nas revistas de minha infância e (atual) juventude (cf. ANEXO A) para a construção do meu texto. Com base nessa metáfora, busco sistematizar toda a heterogeneidade de personagens e grupos que se autodenominam “evangélicos”, abrangendo desde as igrejas mais tradicionais e históricas, passando pelos pentecostais e até mesmo o neopentecostalismo. O objetivo é demonstrar, da forma mais didática possível, a complexidade das ramificações, doutrinas, práticas e disputas entre os diversos segmentos evangélicos. Os dados mais recentes sobre o campo religioso brasileiro fornecem sustentação à análise dessa “árvore”, bem como para o panorama em que se dá à emergência de um movimento tal como os “novos evangélicos”.

O **segundo capítulo** consiste em uma profunda avaliação da categoria “nova reforma protestante”, proposta na reportagem da *Época*. A matéria, que, além de muita polêmica, rendeu também a capa e nove páginas da revista, classificou os “novos evangélicos” como um movimento que emerge de diversos segmentos da igreja protestante brasileira, através de manifestações espontâneas dos próprios fiéis, questionando o modelo de igreja evangélica atual, marcado pela expansão do neopentecostalismo e pela crise das instituições tradicionais. A partir do famoso lema da reforma protestante “*Ecclesia reformāta semper reformanda est*”, a dissertação prossegue com uma análise da “reforma religiosa” no contexto protestante (atual e passado), mas também na conjuntura religiosa como um todo, demonstrando em que medida os movimentos reformistas fazem parte do caráter e da dinâmica da religião protestante.

A metáfora estruturadora do **terceiro capítulo** é a “primavera”, que é aqui relacionada com o florescimento dos movimentos sociais ao longo da história e no contexto atual, marcado fortemente pela influência das novas tecnologias da comunicação. Para isto, realiza-se primeiramente um embasamento dos conflitos na sociedade civil, a partir do conceito gramsciano de hegemonia e da noção pós-gramsciana de contra-hegemonia. A seguir, estabelece-se uma relação destes paradigmas com os dois aparelhos privados de hegemonia aqui estudados: mídia e religião. Como as mídias (convencionais e novas) se tornam importantes na luta pela hegemonia? Qual a relação entre a internet e a emergência de novas formas de religiosidade? Como esta tecnologia se torna, por um lado, meio para promover a manutenção e propagação de determinados vínculos religiosos e, por outro, ferramenta de contestação e oposição aos discursos religiosos divergentes? Questionamentos como estes são

abordados nessa etapa da pesquisa, que se conclui com uma análise da blogosfera protestante como manifestação contra-hegemônica nas mídias digitais.

Através da observação das páginas na internet, o **quarto capítulo** do trabalho continua com a sistematização e categorização de dados sobre a blogosfera protestante. Os sites e blogs mencionados na reportagem da revista *Época* servem aqui como o ponto de partida para a pesquisa, que não se restringe a este *corpus*, mas abrange também outras páginas na web com a mesma proposta de (auto)crítica à igreja evangélica. Depois de uma seleção dos principais blogs protestantes brasileiros, a próxima etapa é coletar dados de cada um deles, selecionando e organizando as informações mais relevantes para análise, em relação a três pontos principais: a) os assuntos mais discutidos nestas páginas, b) os indivíduos ou instituições que recebem a maior parte das críticas, e c) as posturas religiosas alternativas propostas por cada um dos blogs. As informações obtidas no capítulo quatro servem como pano de fundo para uma conclusão baseada em elementos que materializam, discursivamente, o perfil da blogosfera protestante.

“Como ‘falar religião’? [...] Particularmente, da religião, hoje? Como ousar falar disso no singular, sem temor nem tremor, nos dias de hoje? E tão pouco e tão depressa? [...] Devemos nos salvar pela abstração ou nos salvar da abstração? Onde está a salvação?” (DERRIDA, 2000, p. 11) Em minha peregrinação entre a crença e a ciência, são permanentes estes questionamentos a respeito da maneira mais acertada de “me envolver em coisas grandiosas e maravilhosas demais para mim” (BÍBLIA - Livro de Salmos 131:1). Obviamente que, em se tratando de um tema como a religião, cada indivíduo, sendo crente ou ateu, terá sempre sua subjetividade como mediadora entre a fé e o saber. Assim sendo, “se tivéssemos de falar da religião, talvez devêssemos tentar pensá-la em si mesma ou consagrar-nos a ela. [...] Seria necessário – seríamos tentados a concluir – falar dessa essência com alguma *religiosidade*” (DERRIDA, 2000, p. 36).

Se for verdade que, como alardeiam os pregadores, o ser humano é intrinsecamente religioso, logo, já que não se pode vencer este escrúpulo (*religio*), que o direcionemos então para algum bom propósito. Deste modo, na pesquisa científica, a religião talvez não seja absoluta desvantagem: o fato da familiaridade com o tema poderá ser também um instrumento para conseguir maior profundidade na sua análise; a abstração essencial para conceber o discurso teológico facilitará, por exemplo, a compreensão dos temas filosóficos; a “devoção”, originária do campo da fé, será útil se transformada em “dedicação” na própria execução da pesquisa; etc. Ao longo da minha trajetória pessoal, houve certamente quem, de início, desacreditasse da possibilidade de realizar uma pesquisa isenta, sendo esta pesquisadora tão

mergulhada no universo da sua pesquisa. Longe de negar tal realidade, apresento aqui este trabalho dissertativo como demonstração de que, embora, de fato, não exista nenhum estudioso totalmente imune ao seu universo de estudo, entretanto trabalhos honestos e meticolosos são plenamente possíveis.

## 1. A(S) IGREJA(S) EVANGÉLICA(S) BRASILEIRA(S): “UM REINO DIVIDIDO CONTRA SI MESMO”?

*“Todo reino dividido contra si mesmo será arruinado, e toda cidade ou casa dividida contra si mesma não subsistirá.”*

*- Mateus 12.25*

“A união faz a força.” A sabedoria deste ditado pode até ser popular (senso comum), mas sua eficácia é comprovada cotidianamente: a aliança é certamente fundamental para o sucesso de qualquer empreendimento coletivo; o seu oposto (desarmonia interna) é garantia de fracasso. Que explicação razoável pode-se dar, então, para que tenha não somente resistido e subsistido, mas, sobretudo, expandido e se fortalecido um “reino” tão dividido internamente como a igreja evangélica no Brasil?

O protestantismo, à semelhança de seu principal “rival” dentro da religião cristã, o catolicismo, apresenta uma ampla diversidade de práticas e crenças religiosas. Contudo, a diferença existente entre ambos é visível: pois se os católicos, a despeito da pluralidade, conseguem manter-se relativamente unidos<sup>4</sup> sob a autoridade de uma mesma organização religiosa, a milenar Igreja Católica Apostólica Romana; os protestantes, por sua vez, além de estarem espalhados numa miríade de grandes e pequenas instituições, jamais obtiveram êxito nas tentativas de agrupá-las. Se na igreja-mãe romana todos são irmãos e filhos, nas igrejas protestantes, apesar de serem da mesma família e compartilharem de muitas afinidades, seus membros vivem em divergências, disputas e divisões. Aliás, essa desagregação parece ser parte da natureza do protestantismo, que ainda em seus primórdios, na Reforma do século XVI, já se apresentou bastante fragmentado.

A fé católica popularizou a crença de que diferentes caminhos levam à mesma Roma. A religião reformada fez o oposto: partindo-se de um mesmo ideal protestante, diversos rumos foram trilhados, seguindo os passos dos vários reformadores: com Lutero surgiu o luteranismo alemão; de Calvino, as igrejas reformadas (presbiterianas) da Suíça e França; no território do Reino Unido formou-se o anglicanismo<sup>5</sup>, depois vieram os congregacionais

<sup>4</sup> É importante pontuar que há certa diversidade nessa unidade do catolicismo, destaque para movimentos “como, por exemplo, ontem, a fração das Comunidades Eclesiais de Base e, hoje, a parcela da Renovação Carismática do Catolicismo” (PRANDI, 2013, p. 207).

<sup>5</sup> Segundo Mendonça (2005, p. 50), “a Igreja da Inglaterra resulta, sem dúvida, da Reforma Religiosa, mas, como se diz com frequência, ficou a meio caminho entre Roma e as igrejas protestantes, tanto luteranas como calvinistas. De fato, a ala propriamente dita anglicana recusa o título de protestante. Desse modo, seria melhor

(principalmente da Escócia), dissidentes batistas (que se organizaram nos Países Baixos), e, mais tarde, o avivamento metodista com os irmãos Wesley. E a peregrinação não teve fim: por meio do colonialismo imperialista, o protestantismo partiu da Europa em direção a todo o mundo. E a cada viagem, no encontro com outras culturas, mais variedades de protestantismo eram geradas (MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 1990, p. 12).

Até fazer sua parada definitiva no Brasil, com as missões modernas, o protestantismo já havia viajado pela Inglaterra e Estados Unidos<sup>6</sup>. Hoje os tipos de denominações, organizações, igrejas, grupos e tendências protestantes dispersas pelo mundo chegaram a um nível incontabilizável. O Brasil é uma reprodução, em escala ligeiramente menor, deste panorama mundial.

Quando se trata de falar no que chamamos aqui “protestantismo brasileiro”, a complexidade é ainda maior. [...] Ao situar-se, desse modo, no ponto final de um longo, complexo e acidentado itinerário histórico, o protestantismo brasileiro exige - para sua correta compreensão - que esse curso histórico seja tomado em conta e mantido sempre presente (MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 1990, p. 11 e 12).

“Obviamente o cristianismo é a fonte, localizada quilômetros de anos atrás. Formado na funda do tempo, farto de águas, fecundo de formas, firme de curso, forte de correnteza e fundo de leito” (AZEVEDO, 2004, p. 24). Mas quando este rio<sup>7</sup> se fende no século XVI, dando vazão a todo este “caldo de cultura” protestante (MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 1990, p. 31), que, já bastante agitado pelo mundo, vem “derramar-se” em solo brasileiro em várias etapas (primeiro tentativas de colonização, depois imigrações e, por fim, missões de conversão) e oriundo de diversos afluentes (sobretudo norte-americanos, mas também europeus), então este rio também segue novas vertentes, que deram em um verdadeiro “mar” de movimentos protestantes à brasileira. E não para por aí: se é certo que as igrejas evangélicas históricas foram fragmentando-se, quanto mais estas novas modalidades de igreja que surgem todos os dias em cada esquina da nação, e que já carregam em si mesmas as sementes da pulverização. “A ‘igreja evangélica’ é hoje uma grande Babel que reflete um espírito de época” (KIVITZ, 2006, p. 209). E a tendência do protestantismo

---

estabelecer quatro categorias de igrejas cristãs mundiais: romana, ortodoxas ou orientais, anglicana e protestantes.”

<sup>6</sup> “Ao emigrarem para a América do Norte, [...] esses protestantismos europeus passaram por um sem número de transformações institucionais, teológicas e culturais que fizeram deles um fenômeno religioso virtualmente distinto de suas origens históricas mais próximas” (MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 1990, p. 12). “No Brasil, o que chegou foi o protestantismo norte-americano, transplantado da Europa. O transplante de um transplante é o que se tem aqui” (AZEVEDO, 2004, p. 24).

<sup>7</sup> Aqui assumimos a metáfora de Azevedo (2004, p. 24) e desenvolvemo-la.

brasileiro para o futuro é de uma “desordenação” cada vez maior desse espaço religioso (MENDONÇA, 2011, p. 89).

Sendo que a imensa maioria destes movimentos é, no mínimo, diferente (para não dizer “discrepante”) da proposta inicial do protestantismo na reforma europeia<sup>8</sup>. “Diríamos que, dependendo do grupo para que se olhe, pode ser difícil verificar similaridades com o protestantismo histórico” (FIGUEIREDO FILHO, 2005, p. 43). Há quem diga (MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 1990) que esses grupos que conhecemos e nomeamos hoje em dia como “igreja protestante/evangélica brasileira” (dando a entender que estariam oficialmente ligados a uma única organização central) são, na verdade, várias “igrejas brasileiras de origem protestante”, no plural, uma vez que um grande número dessas organizações evangélicas estão desvinculadas entre si e também distantes das igrejas protestantes originais. Portanto, seria “muito mais adequado falar em ‘protestantismos’ (luterano, calvinista, metodista, etc.) que em ‘protestantismo brasileiro’” (MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 1990, p. 11).

Outra problemática reside em definir qual seria o melhor termo para definir este “campo religioso cristão originado diretamente ou não da reforma do século XVI” (MENDONÇA, 2004, p. 76). “Enquanto na Europa e nos Estados Unidos os cristãos não-católicos se autoidentificam simplesmente como ‘cristãos’, sendo secundária a identificação pelo ramo a que pertencem, no Brasil [...] a autoidentificação ‘protestante’ tem sido complicada” (MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 1990, p. 14). O vocábulo “crente”, usado inicialmente para identificar as pessoas que aderiam à fé reformada, logo acabou se tornando uma forma de estigmatizar esses grupos. Já o conceito “evangélico”<sup>9</sup> foi utilizado pelos próprios protestantes, desde o início de sua presença no Brasil (MENDONÇA, 2005, p. 50). Hoje este termo é tratado unanimemente como sinônimo de “protestante”, nos veículos de comunicação, nos meios acadêmicos e nas próprias igrejas (MENDONÇA, 2011, p. 93).

Mas o que seria essa tão proclamada igreja “evangélica”? Convencionou-se no Brasil empregar o termo “evangélico” para designar todas as igrejas cristãs não alinhadas à Igreja Católica. “Neste caso, a identidade evangélica é definida a partir da referência do catolicismo” (FIGUEIREDO FILHO, 2005, p. 43). Mas a própria palavra “evangélico”<sup>10</sup> carrega em si

<sup>8</sup> Para Mendonça, o que restou do protestantismo no Brasil é uma fragmentação com perda de substância (MENDONÇA, 2011, p. 92). “Não cabe a comparação entre os protestantes brasileiros e os europeus” (MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 1990, p. 17).

<sup>9</sup> “Evangélico é um termo genérico que cobre o conjunto das igrejas protestantes, isto em razão da importância atribuída ao Evangelho” (ORO, 1996, p. 19).

<sup>10</sup> Não entraremos aqui nos detalhes da discussão sobre a origem histórica do termo “evangélico” e sua aplicação ao longo dos tempos a determinadas correntes do protestantismo (atualmente, a todas elas, no caso do protestantismo brasileiro). Por hora, é importante apenas destacar que a designação, embora utilizada ainda na Reforma pelo próprio Lutero quando este considerou as novas igrejas cristãs como “evangélicas”, está associada,

alguns problemas, pois adquire acepções diferentes no decorrer da história do protestantismo, sendo inadequada para designar boa parte dos grupos. Por isso há quem sugira que “os evangélicos deviam ser colocados sob a rubrica de cristãos não-católicos” (MENDONÇA, 2004, p. 75).

A grande dificuldade, de fato, tem sido superar esta inviabilidade de uma etiqueta única para rotular uma imensidão de grupos que são autônomos e distintos, e muitas vezes hostis entre si, ou mesmo contendo conflitos dentro das próprias denominações. A pergunta que reproduzimos aqui não é original: “que tipologia pode dar conta dos diversos grupos denominacionais evangélicos?” (FIGUEIREDO FILHO, 2005, p. 43). Antes, no entanto, de entrar nesta discussão (ou para não ter que entrar nela), é preciso estar ciente dos cansativos problemas de conceituação e classificação dos grupos dentro do campo religioso brasileiro, regra à qual os evangélicos não constituem exceção.

Hoje todas as categorias empregadas, sejam protestante, evangélico, pentecostal ou neopentecostal, são imprecisas e questionáveis, necessitando ser revistas, apesar da mobilidade própria da dinâmica religiosa, que ganhou extraordinária capacidade de se reproduzir sem cessar, em decorrência da Reforma (MENDONÇA, 2004, p. 76).

A fim de evitar as discussões a respeito de definições e classificações, que, além de não ser a proposta do presente trabalho, também já foram bastante executadas por diversos autores (CAMARGO, 1973; MENDONÇA, 1990; MARIANO, 1999<sup>11</sup>; entre outros), e também para fugir ao desafio (maior ainda) da elaboração de mais uma classificação, assumimos aqui nomenclaturas já fartamente analisadas, debatidas, e, por fim, aceitas e estabelecidas atualmente como adequadas para dividir e nomear as diferentes variedades de protestantismos brasileiros. As tipologias aqui utilizadas, mesmo tendo como fundamento os períodos históricos do protestantismo no Brasil, mas sua ênfase está, sobretudo, nas similaridades teológicas e comportamentais das igrejas.

O objetivo desta análise inicial é, sobretudo, identificar e discorrer sobre a complexidade da fragmentação da igreja evangélica brasileira, dando ênfase às diferenças e rupturas, e não propriamente aos encontros de identidade, pois “quando se trata de analisar, compreender e explicar o campo protestante, não se pode fugir às distinções presentes na

---

sobretudo, ao movimento que houve no início do século XIX na Igreja da Inglaterra em reação aos que intentavam um retorno ao catolicismo, mais tarde estabelecido através das Alianças Evangélicas, cuja intenção era firmar-se nos princípios do Evangelho. Martin N. Dreher (*apud* MENDONÇA, 2011, p. 93) opta pelo termo “evangelical”, derivado da palavra homógrafa em inglês, para classificar este movimento, cuja expressão na contemporaneidade se dá através das organizações paraeclesiais, e mais recentemente no Congresso de Laussane, na Suíça (1974).

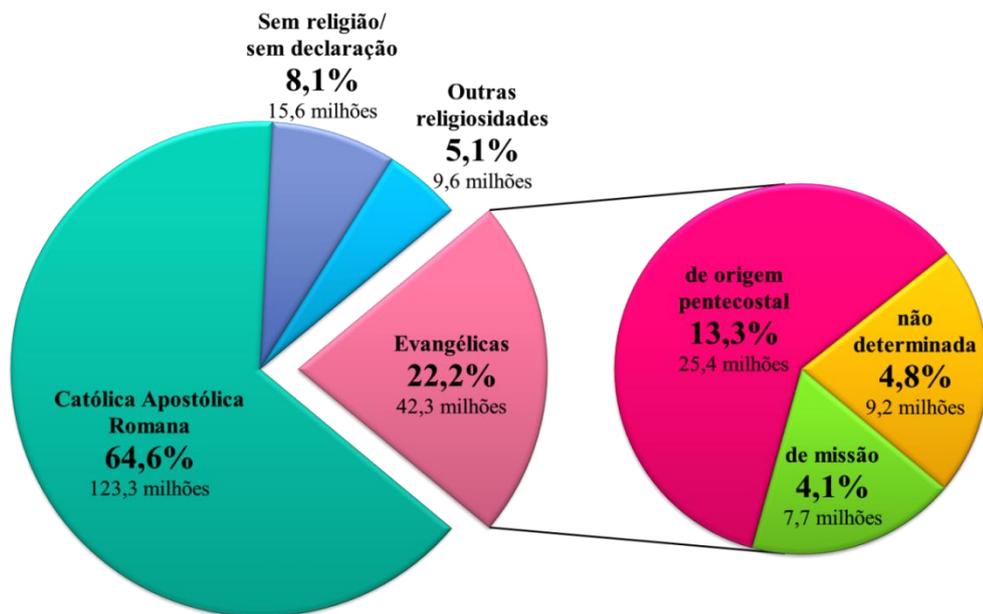
<sup>11</sup> Para este trabalho utilizamos a 4ª edição deste livro (MARIANO, 2012).

dinâmica desse campo” (MENDONÇA, 2011, p. 93). Antes, no entanto, de embrenhar-nos nas especificidades das ramificações e (des)organização interna do protestantismo no Brasil, é preciso primeiramente proceder a um nivelamento da presença protestante no acidentado terreno religioso brasileiro contemporâneo.

### 1.1. Panorama atual da igreja evangélica brasileira

*“A religião cabe nos números?  
‘Cabe, sim. Mas também transborda.’ ”*

*- Leila M. B. de Albuquerque<sup>12</sup>*



**GRÁFICO 1 - Cenário das principais religiões e correntes evangélicas no Brasil em 2010**

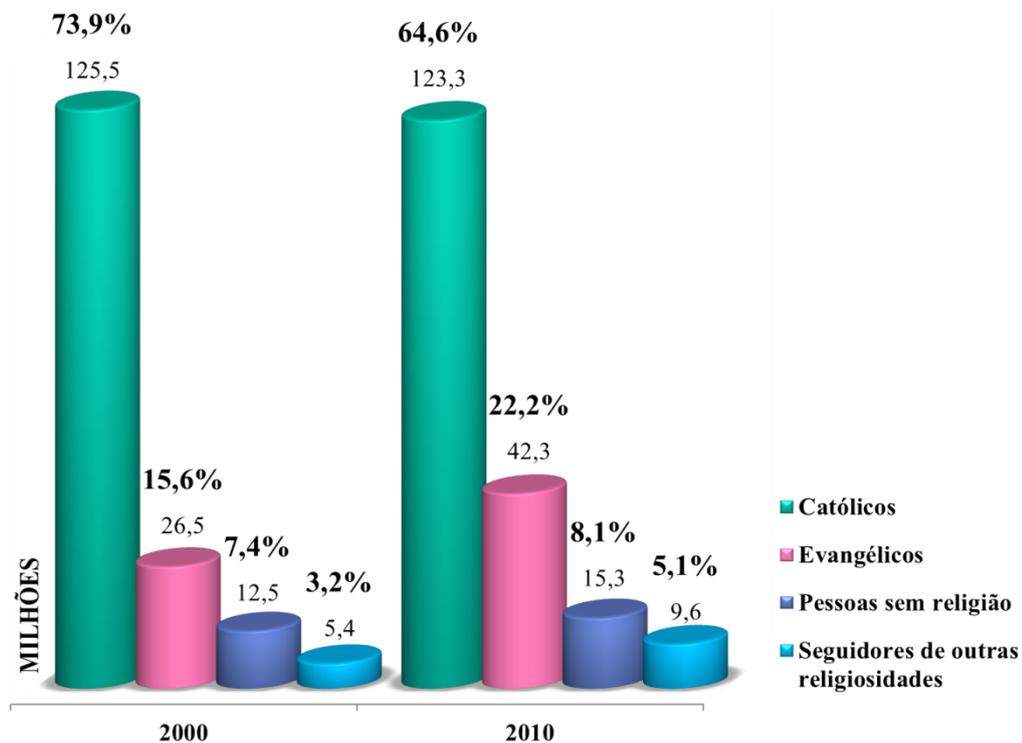
Fonte dos dados: Censo demográfico IBGE 2010

Os números mais precisos e atuais sobre as religiões no Brasil são os do censo IBGE<sup>13</sup> 2010 (gráfico 1), que mapeou uma população brasileira de 190.755.799 habitantes. Hoje (meados de 2016) já estamos há quatro anos da divulgação dos resultados da pesquisa (junho de 2012) e há mais de meia década da aplicação dos questionários pelos recenseadores; portanto, nesse meio tempo, muitos índices já podem ter mudado. Antes de entrar especificamente nos dados sobre os evangélicos, é preciso fazer um comparativo entre o

<sup>12</sup> *apud* CAMPOS & DOLGHIE, 2012, p. 31.

<sup>13</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

campo protestante e os campos de outras opções religiosas. Os gráficos aqui utilizados descortinam um panorama minimamente compreensível do campo religioso brasileiro na contemporaneidade.



**GRÁFICO 2 - Comparativo das principais religiões no Brasil em 2000 e 2010**

Fonte dos dados: Censo demográfico IBGE 2000 e 2010<sup>14</sup>

Fazendo uma breve análise dos dados de 2010 em relação ao censo anterior, o IBGE 2000 (gráfico 2), nota-se primeiramente uma diminuição do número de católicos<sup>15</sup>, com uma sangria de mais de dois milhões de fiéis em uma década, “daí se dizer com acerto que o catolicismo é um ‘doador universal’” (MONTEIRO & ALMEIDA *apud* TEIXEIRA, 2013, p. 25), seja para outros credos ou para os sem religião<sup>16</sup>. Mas o Brasil não deixa de ser uma

<sup>14</sup> (TEIXEIRA & MENEZES; *et al.*, 2013)

<sup>15</sup> É importante fazer aqui uma consideração, mesmo que breve, do Brasil “religioso”, que está cada vez menos católico. Isto não aflorou da noite para o dia, nem somente após o investimento midiático ostensivo dos “evangélicos” a partir da década de 80. O movimento de redução do catolicismo vem ocorrendo de forma significativa pelo menos desde a década de 40, “nos fazendo refletir qual é o conjunto de fatores fundamentalmente desencadeadores da instauração do processo de ‘descatolização brasileira’” (BRONSZTEIN, 2008, p. 45).

<sup>16</sup> “Segundo a teóloga Maria Clara Bingemer, quem lucra com a evasão do catolicismo são menos os evangélicos e mais a ‘secularização’. Para ela, trata-se de uma crise das religiões institucionalizadas que se espalha do catolicismo, passando pelas protestantes históricas e se reproduzindo em menor proporção nos neopentecostais como a Igreja Universal, todas demonstrando incapacidade de reter os fiéis de maneira estável” (CAMURÇA, 2013, p. 67).

nação cristã, apesar da queda da maior representante do cristianismo no país, pois isto foi compensado com o incremento de quase 16 milhões de fiéis evangélicos.

Fora das crenças principais percebe-se também um ligeiro acréscimo do número de adeptos de outras religiões (de 3,2% para 5,1%), como: espíritas kardecistas (2,02%), outras seitas cristãs (1,12%), testemunhas de Jeová (0,73%), religiosidades afro-brasileiras (0,31%), orientais (0,21%), mórmons (0,1%), etc., seguido de um significativo aumento dos que não possuem ou não declararam vínculo religioso (de 7,4% para 8,1%). Há também as pessoas com múltiplo pertencimento religioso, religiosidade mal definida, que não sabiam informar ou que não declararam. Sobre o número dos sem religião, vale ressaltar que o dado inclui não apenas ateus (0,32%) e agnósticos (0,07%), mas também (e principalmente) as pessoas sem vínculo religioso (7,65%)<sup>17</sup>. Estes dados (tanto sobre os sem religião como também das religiosidades alternativas ao cristianismo) apontam para uma perspectiva de crise e declínio da filiação às religiões tradicionais, como o cristianismo e suas correntes, que é sintomática de uma sociedade pós-tradicional (PIERUCCI *apud* TEIXEIRA, 2013, p. 26).

Sendo o objetivo da presente pesquisa analisar especialmente a dinâmica da igreja evangélica brasileira, voltamos o olhar para o desempenho demográfico deste grupo. Observa-se que na última década este grupo cresceu de 15,6% para 22,2%. “As estatísticas registram que tem havido muitas conversões. Porém, outra forma de crescimento numérico de igrejas tem a ver com a recepção de pessoas que vieram de outras denominações” (FIGUEIREDO FILHO, 2005, p. 57). Hoje no Brasil, nas igrejas evangélicas, é comum a constante competição pela conquista dos fiéis. Antes esta disputa se dava no campo religioso como um todo e era dirigida a competidores religiosos externos (católicos, espíritas, afro-brasileiros etc.). Com o tempo, porém, passou a ser direcionada para o próprio meio evangélico (CAMURÇA, 2013, p. 77). Assim, enquanto algumas igrejas experimentaram surpreendente crescimento, outras até perderam adeptos (CAMURÇA, 2013, p. 64).

É importante destacar aqui algumas particularidades da metodologia do IBGE em relação ao recenseamento de evangélicos. O censo divide as igrejas evangélicas em dois grandes grupos: de missão<sup>18</sup> (4,1% da população, 18,4% dos evangélicos), e de origem pentecostal (13,3% dos brasileiros, 60% dos evangélicos). Os evangélicos incluídos nestas

<sup>17</sup> Duas modalidades podem ser identificadas neste grupo sem vínculo religioso: “aqueles desvinculados das instituições, mas que mantêm uma espiritualidade eclética/sincrética à maneira tanto do sincretismo *pré* como *pós-moderno* [...] e aqueles que não frequentam a religião ‘por falta de tempo’, algo como o ‘não praticante’ que acompanhou o catolicismo do Brasil por tanto tempo” (FERNANDES *apud* CAMURÇA, 2013, p. 81 e 82).

<sup>18</sup> “‘Evangélicos de missão’ é uma categoria criada pelo Censo para designar os ‘protestantes tradicionais’ ou os ‘protestantes históricos’. Nesta categoria, ‘evangélicos de missão’, incluíram-se aqueles protestantes que resultaram tanto da ação missionária norte-americana e inglesa como os evangélicos que chegaram durante o fluxo migratório dos séculos XIX e XX, vindos da Alemanha para o sul do país” (CAMPOS, 2013, p. 127).

categorias serão analisados com mais cuidado no decorrer do capítulo. Por hora, é relevante apenas saber que no grupo dos *evangélicos de missão* estão as igrejas evangélicas batista (1,95%) luterana (0,52%), presbiteriana (0,48%), metodista (0,17%), adventista<sup>19</sup> (0,81%), entre outras (menos de 0,1%). De modo geral, os grupos considerados evangélicos de missão tiveram ligeiro crescimento em números absolutos, mas algumas igrejas históricas, como luterana e presbiteriana, perderam fiéis.

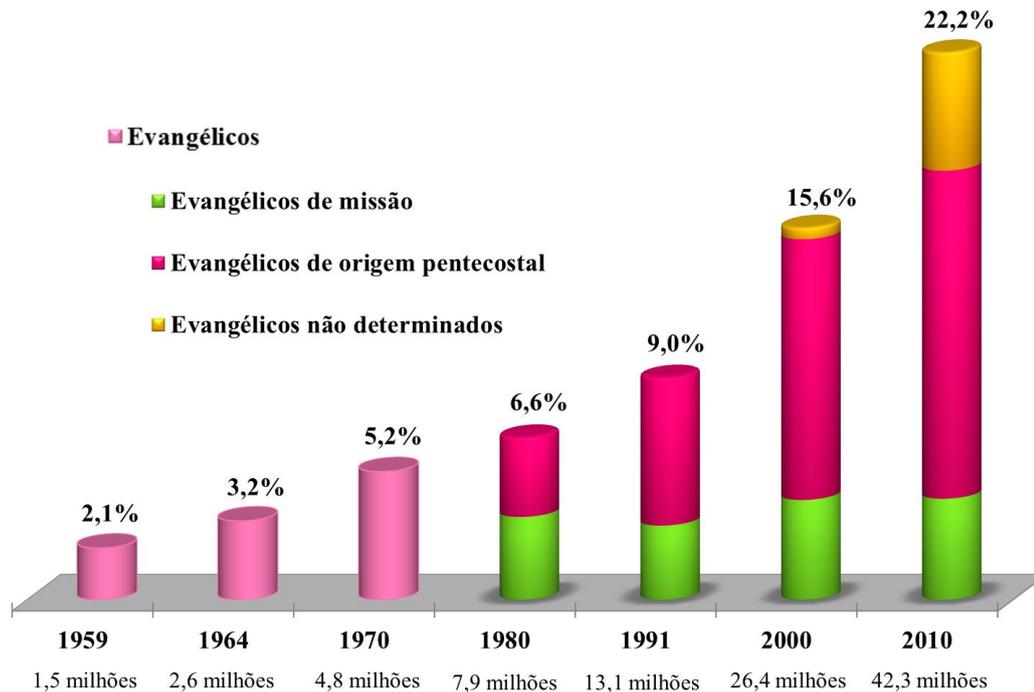
No outro grupo, o dos *evangélicos pentecostais*<sup>20</sup>, estão as igrejas Assembleia de Deus (12,3%), Congregação Cristã do Brasil (2,3%), Universal do Reino de Deus (1,9%), Igreja do Evangelho Quadrangular (1,8%), Deus é Amor (0,85%), Maranata (0,18%), O Brasil para Cristo (0,1%), as igrejas renovadas e outras de tendência pentecostal (3%). Destaca-se que a Assembleia de Deus teve um aumento de quatro milhões de fiéis na última década, estabelecendo-se como a maior do campo pentecostal, com 12,3 milhões de adeptos. Por outro lado, houve um decréscimo de fiéis em igrejas importantes como a Congregação Cristã do Brasil, a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja do Evangelho Quadrangular (TEIXEIRA, 2013, p. 25 e 26).

Mas o grande destaque do último censo no campo evangélico foi realmente o crescimento do grupo dos *evangélicos não determinados*, também identificado como “evangélicos genéricos” ou “evangélicos sem igreja” (TEIXEIRA, 2013, p. 26), categoria classificatória que indica as pessoas que, diante da pergunta “Qual a sua religião ou culto?”, responderam apenas “evangélico(a)”, mas não especificaram a qual(is) denominação(ões) pertencem, se é que estão realmente vinculadas oficialmente a alguma (é bastante comum o trânsito do fiel entre igrejas de fé evangélica, assim como a ocorrência de múltiplo pertencimento). Atualmente este grupo compreende 4,8% da população do Brasil, e um acentuado percentual de 21,6% dos evangélicos (maior até do que o grupo dos evangélicos de missão). Seja qual for a interpretação dos dados, o fato é que a inserção desta categoria gera uma imensa dificuldade de aferição analítica<sup>21</sup> dos números sobre as denominações brasileiras de origem protestante.

<sup>19</sup> Mendonça agrupa os adventistas junto com os mórmons e testemunhas de Jeová, considerando esses grupos como seitas. “Embora esses grupos tenham tido origem protestante, ou pelo menos uma cultura protestante, pelo distanciamento que apresentam em relação ao protestantismo devem ser excluídos de qualquer estudo que tenha por objetivo o cristianismo reformado enquanto tal” (MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 1990, p. 22). Apesar desta indefinição sobre os adventistas, isto não altera os objetivos deste trabalho.

<sup>20</sup> “Para os pentecostais clássicos, o Pentecostes [evento fundante da Igreja Cristã, o derramar do Espírito Santo] se repete como experiência renovada e, particularmente, fenomênica do Espírito. Por isso, as igrejas pentecostais, segundo sua forma de crença fundamental, distinguem-se essencialmente das tradicionais da Reforma” (MENDONÇA, 2004, p. 74; *acrécimo nosso*).

<sup>21</sup> “O surgimento desta categoria tem suscitado várias hipóteses, debates e questionamentos. O primeiro é do tipo metodológico” (MARIZ; GRACINO Jr, 2013, p. 163). A pergunta da especificação do pertencimento foi omitida



**GRÁFICO 3 - Panorama da igreja evangélica no Brasil nos últimos 50 anos**

Fontes dos dados: Censos IBGE de 1970 a 2010 e anuários de 1959 e 1964<sup>22</sup>

Sobre o “campo religioso de origem protestante” (MENDONÇA, 2004, p. 76) como um todo, olhando agora para além desta última década, e visualizando um panorama mais abrangente (os últimos 50 anos), nota-se um extraordinário incremento na presença evangélica. Pelo gráfico 3, pode-se evidenciar um salto de 2,1% em 1959 (1.527.200 evangélicos) para 22,2% da população geral em 2010 (42.275.440 evangélicos), ou seja, em um período de cerca de cinco décadas, cresceu 10 vezes a porcentagem da participação evangélica no cenário religioso nacional, e o número de evangélicos brasileiros multiplicou-se

nas pesquisas, sendo o dado registrado apenas quando fornecido espontaneamente pelo indivíduo. “Os recenseadores foram instruídos para não reformularem a pergunta, ou seja, embora pudessem repetir a pergunta, não poderiam acrescentar nenhuma questão complementar do tipo: ‘qual a igreja?’ ou ‘qual a denominação?’, ‘é praticante?’, ‘acredita em Deus?’. O recenseador deveria acolher literalmente a resposta dada pelos recenseados” (*Ibid.*, p. 163). Assim, uma pequena alteração metodológica na coleta de campo do IBGE gerou mudanças significativas. Segundo a análise de Walter Altmann, a especificação desse grande contingente de evangélicos não determinados já alternaria substancialmente os números referentes às outras duas categorias (*apud* TEIXEIRA, 2013, p. 26). “O IBGE nos ficou devendo números mais consistentes no tocante à distribuição desses evangélicos entre as diferentes denominações. Isso se deve em parte à multiplicidade de denominações existentes, mas em boa medida à aludida falta de rigor científico na classificação e, provavelmente, em consequência, ao precário treinamento dos recenseadores quanto a este quesito” (*apud* CAMPOS, 2013, p. 130).

<sup>22</sup> Censo IBGE 2010; censos demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2000 (JACOB, 2003, p. 34); e estimativas dos anuários de 1959 e 1964 (CAMPOS, 2013, p. 133). A divisão dos evangélicos nas correntes principais (de missão e pentecostais) só começou a ser efetuada pelo IBGE a partir de 1980, e a contagem dos “evangélicos não determinados”, apenas a partir de 2000.

quase 28 vezes em números absolutos (um acréscimo percentual de 2670%, muito maior que o aumento da população brasileira, que cresceu 175% nas mesmas cinco décadas).

Os números, embora falem por si mesmos, carecem de reflexão. Primeiramente, nota-se que “esse crescimento não se deve aos evangélicos de missão, que permaneceram quase estacionados. [...] Deve-se, sobretudo, aos pentecostais” (TEIXEIRA, 2013, p. 25), e, atualmente, também aos evangélicos genéricos. “O movimento protestante histórico ou tradicional [...] não conseguiu crescer a ponto de rivalizar com o catolicismo na concorrência por fiéis dentro do campo cristão brasileiro” (CAMPOS & DOLGHIE, 2012, p. 21). Enquanto as igrejas protestantes de missão crescem acompanhando o crescimento demográfico, as pentecostais aumentam aceleradamente, sendo as principais responsáveis pelo crescimento do protestantismo brasileiro (CAMARGO, 1973, p. 21). É preciso, portanto, “pensar e analisar o fenômeno pentecostal e neopentecostal brasileiro contemporâneo. Afinal, este grupo é, hoje, sinônimo de protestantismo no Brasil” (FERREIRA, 2012, p. 15).

A projeção demográfica do campo religioso brasileiro para as próximas décadas é discutida por vários analistas. Há quem preveja um futuro de crescimento para os evangélicos, com uma equiparação destes com os católicos até 2040<sup>23</sup>. Outros são mais cautelosos e relativizam o aumento, atentando para o fato de que os evangélicos estão desacelerando o ritmo de crescimento, que “entre 1991 e 2000 foi de 120%, enquanto na última década, de 2000 a 2010, esse crescimento foi de aproximadamente 62%” (TEIXEIRA, 2013, p. 25). Outra perspectiva seria que, diante dessa aproximação dos percentuais dos católicos e evangélicos, do crescimento da presença dos sem religião e de um relativo aumento das outras religiosidades, o Brasil estaria realmente se encaminhando para uma diversificação religiosa (CAMURÇA, 2013, p. 80).

Os dados estatísticos aqui apresentados, embora resumidos e superficiais, são úteis como ponto de partida para uma análise mais aprofundada. “A sociologia empírico/quantitativa é muito válida quando põe em evidência os quadros numéricos de um fenômeno e faz deles uma leitura adequada de modo a favorecer avanço na ‘explicação sociológica’” (MENDONÇA, 2011, p. 100). Por fim, uma interpretação se sobressai em qualquer análise honesta do cenário evangélico brasileiro atualmente, e é a seguinte: que a noção de “igreja evangélica brasileira” (como instituição única, orgânica e centralizada) não

---

<sup>23</sup> Esta avaliação sustenta-se “na constatação de que a população católica ocupa a faixa etária mais avançada da população, estão em maior proporção na faixa dos com mais de 40 anos e alcançam 75,2% na faixa com 80 anos, o que dificulta a sua renovação. Acrescido a isso, argumenta que a forte presença evangélica entre as mulheres na faixa de até 40 anos, idade reprodutiva, implica que os filhos dessas mulheres poderão muito provavelmente aumentar uma nova geração evangélica pelo peso da influência materna quando o filho escolhe sua religião” (CAMURÇA, 2013, p. 68).

existe, se divorciada da concepção de “igrejas evangélicas brasileiras”, ou seja, as centenas de expressões da fé evangélica no nosso país.

## 1.2. A árvore genealógica da igreja evangélica brasileira

*“A história do protestantismo... como uma ‘raiz’ comum – a Reforma Protestante – deu origem a diversos movimentos religiosos e igrejas... a ‘árvore genealógica’ do protestantismo.”*

*- Karina Kosicki Bellotti<sup>24</sup>*

A metáfora arbórea é uma recorrente na literatura bíblica, quer nos salmos, provérbios, profecias ou parábolas. Do Gênesis, com a “árvore do conhecimento do bem e do mal”, ao Apocalipse e sua “árvore da vida”, as árvores são figuras típicas da cultura judaico-cristã. Árvore é analogia para vida, sobretudo a humana, e seus elementos são símbolos de firmeza e princípios (raízes), crescimento e desenvolvimento (ramos), vigor e glória (folhas e flores), ações e caráter (frutos), esperança e renovação (brotos/rebentos). “Com as suas raízes mergulhadas no solo e seu tronco apontando para os céus, a imagem que uma árvore sugere é a da centralidade” (BATISTA, 2010, p. 189).

De modo geral, a metáfora consiste na transferência das características de um elemento para outro, a fim de suscitar uma relação de semelhança entre ambos (BATISTA, 2010, 2010, p. 194). “O uso de metáforas é um excelente instrumento para conceber e descrever as organizações, realizando-se por intermédio delas, ‘uma leitura-diagnóstico’ tanto do passado como do presente de uma determinada ação social.” (MORGAN *apud* CAMPOS, 1997, p. 21 e 22) Várias metáforas bem-sucedidas já foram usadas para descrever o protestantismo brasileiro: ondas<sup>25</sup> (FREESTON *apud* MARIANO, 2012), templo, teatro e mercado<sup>26</sup> (CAMPOS, 1997), rostos e máscaras<sup>27</sup> (BONINO *apud* MENDONÇA, 2011, p. 100), entre outras.

<sup>24</sup> 2004, p. 41.

<sup>25</sup> “O uso desta metáfora marinha para classificar distintos movimentos de renovação de linha pentecostal é comum nos EUA. [...] No Brasil, Freston (1993) foi o primeiro a dividir o movimento pentecostal [...], a partir de um corte histórico-institucional e da análise da dinâmica interna do pentecostalismo brasileiro, [...] em três ondas” (MARIANO, 2012, p. 28). São elas: pentecostalismo clássico, deuterpentecostalismo e neopentecostalismo, segundo classificação de Ricardo Mariano (2012).

<sup>26</sup> A trilogia metafórica de Leonildo Campos (1997, p. 21) funciona como uma espécie de fio condutor para a reconstrução da realidade social que permeia o neopentecostalismo brasileiro, em especial a Igreja Universal do Reino de Deus.



**FIGURA 2 – Representação arbórea das principais famílias do protestantismo.**  
**Exposição permanente do Museu Internacional da Reforma (MIR) em Genebra, Suíça.**  
 Fonte: VITASON, 2011.

Utilizaremos aqui a representação arbórea para compreender o organismo “igreja evangélica brasileira”, decompondo-a e analisando-a na tentativa de esclarecer sua dinâmica interna, desde sua origem (raízes) até as principais rupturas (ramificações). Não reclamamos aqui status de novidade para as analogias que iremos empregar, até mesmo porque já são extraídas de outras fontes<sup>27</sup>. Também estamos cientes das limitações dos modelos biológicos para explicar fenômenos religiosos (MCGRATH, 2012, p. 456). A escolha da metáfora da árvore se dá por que seus componentes ilustram de forma minimamente razoável cada uma das fases e faces do protestantismo no Brasil.

<sup>27</sup> Metáforas do teólogo metodista argentino José Míguez Bonino em seu livro *Rostos do protestantismo latino-americano*, que parte do seguinte questionamento: “Há mesmo vários protestantismos que se apresentam cada um com seu rosto distintivo e identitário, ou um só que, em dadas circunstâncias no desenrolar da ‘peça’, surge em cena com esta ou aquela máscara (persona)? Míguez Bonino assume a ideia de um sujeito único por trás das máscaras: o protestantismo latino-americano” (MENDONÇA, 2011, p. 100).

<sup>28</sup> Diversos estudos e análises sobre o protestantismo já utilizaram metáforas arbóreas, entre eles: JUBRAN, 2004, p. 56 e 57; BARROS & ROBERTO, 2012, p. 22 e 23; MCGRATH, 2012, p. 455; BELOTTI, 2004, p. 4; KIVITZ, 2012, p. 85 e 208.

A árvore contém história, em seu tronco que acumula as marcas de cada fase de desenvolvimento. Revela uma dinâmica de funcionamento, como organismo vivo que está constantemente se transformando. Exibe diversidade na unidade, como uma estrutura única composta de elementos multiformes (raiz, galhos, tronco, folhas, flores, frutos, sementes etc.). Apresenta uma ordem e causalidade, com umas partes gerando outras (genealogia). Representa crescimento e maturidade, com o expandir dos ramos e raízes, o nascer das flores e o amadurecer dos frutos. Os rebentos que se seguem à poda apontam para renovação; já a perda da folhagem indica crise e fim, ou apenas mudança de estação. Nossa intenção é que, através desta metáfora, se possa extrair, de cada particularidade arbórea, analogias para descrever a igreja evangélica brasileira, pois, tal qual uma árvore, ela “fincou suas raízes nesta terra que, ‘em se plantando, tudo dá’; e com o evangelho não foi diferente: a semente vingou” (KIVITZ, 2006, p. 208).

### **1.2.1. Raízes do protestantismo: A implantação da fé protestante no Brasil**

*“Limpaste o terreno, ela lançou raízes  
e encheu a terra.”*

*- Salmos 80.9*

Chamamos aqui de “protestantismo de raiz” aquele tipo de fé e prática protestante que foi originalmente implantado em solo brasileiro. Como já foi mencionado, a semente protestante que chega ao Brasil é de procedência inicialmente europeia, mas, predominantemente, norte-americana. Este protestantismo “de raiz” existe (e resiste) até hoje, embora com variações, sendo conhecido como protestantismo tradicional ou histórico (ou de missão, para o IBGE), uma vez que ainda conserva características de suas raízes históricas estrangeiras. Convencionou-se dividir a implantação da religião protestante no Brasil em três etapas, ou períodos históricos (MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 1990): protestantismo de invasão, de imigração, e de conversão ou missão.

O *protestantismo de invasão* é contemporâneo ao início da colonização do Brasil. “As primeiras tentativas de implantação de grupos protestantes durante o período colonial [...] estiveram correlacionadas com o esforço militar de ocupação do país e não encontraram condições locais de expansão” (CAMARGO, 1973, p. 126). Primeiramente a efêmera colônia dos huguenotes franceses no Rio de Janeiro (1555 a 1567), cujos interesses iniciais não eram

de implantação da reforma no Brasil, embora vivenciassem sua fé cotidianamente, tendo até elaborado aqui “a primeira confissão de fé reformada do continente” (MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 1990, p. 26). Depois os reformados holandeses em Olinda, Pernambuco (1624 a 1654), que também não traziam como objetivo inicial a atuação religiosa, mas acabaram por estabelecer uma estrutura eclesiástica reformada no Nordeste que, mesmo após sua expulsão, deixou herança religiosa<sup>29</sup>. Estas duas colônias que constituíram o protestantismo de invasão, embora tivessem especialmente interesses comerciais, estabeleceram-se como uma presença, ainda que efêmera, do protestantismo no território brasileiro.

Somente no século XIX, com a transferência da sede do reino português para o Rio de Janeiro, é que “o protestantismo ganha o direito de se estabelecer no Brasil, embora com severas restrições. [O tratado] [...] firmado com a Inglaterra em 1810 abriu as portas para entrada de protestantes, até então interdita” (MENDONÇA, 2004, p. 52). Esta foi a ocasião propícia para a introdução do *protestantismo de imigração*, através da chegada de protestantes europeus, predominantemente de luteranos alemães. Em 1824, estes protestantes estabeleceram a primeira comunidade religiosa em Nova Friburgo, Rio de Janeiro. Na sua segunda fase, o protestantismo no Brasil ainda não tinha aspirações missionárias, sendo a sua principal finalidade “preservar, pela manutenção da língua, tradições e vínculos de dependência com a igreja de origem, sólida identificação cultural, formando, desse modo, subculturas no país receptor” (CAMARGO, 1973, p. 110). O crescimento destes primeiros núcleos protestantes no Brasil se deu em grande parte pela sua expansão demográfica. Com o passar dos anos e a sucessão de gerações, estas comunidades vêm paulatinamente incorporando a cultura brasileira, embora ainda mantenham suas identidades étnico-religiosas.

As primeiras conversões de brasileiros à religião reformada se deram, inicialmente, através do trabalho dos distribuidores de Bíblias<sup>30</sup>, considerados “os verdadeiros pioneiros do protestantismo brasileiro” (MENDONÇA, 2004, p. 54). “Mas a população brasileira só foi diretamente afetada pela presença de cristãos não-católicos quando começaram a chegar ao Brasil, nos anos 1850, os primeiros missionários protestantes que vieram com a finalidade explícita de propagação fé” (MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 1990, p. 12). A partir

<sup>29</sup> “Mesmo depois da expulsão dos holandeses do Brasil, certas noções calvinistas ficaram profundamente arraigadas na mente dos índios nordestinos” (HOORNAERT *apud* MENDONÇA, 2004, p. 51). O trabalho documental nos próprios arquivos holandeses revela que a evangelização dos índios foi efetiva e intensa, com o estabelecimento de lideranças religiosas indígenas, e até mesmo com o registro de mártires entre estes (SCHALKWIJK *apud* MENDONÇA, 2004, p. 51).

<sup>30</sup> “A distribuição de Bíblias independente da pregação formal sempre foi uma das armas da propaganda protestante, uma vez que parte do pressuposto de que sua simples leitura conduz à conversão dos indivíduos a fé reformada” (MENDONÇA, 2004, p. 54).

de então se inicia uma nova fase da inserção protestante no Brasil, especialmente de origem norte-americana, denominada de *protestantismo de conversão ou de missão*. Até o fim do império, todas as correntes reformadas históricas estavam presentes e organizadas (congregacionais em 1855; presbiterianos em 1862; batistas<sup>31</sup> em 1882; metodistas em 1886; episcopais<sup>32</sup> em 1898; entre outras igrejas reformadas<sup>33</sup>), e no início do século XX o campo religioso do protestantismo histórico já estava configurado (MENDONÇA, 2004, p. 56).

Assim, somente o protestantismo implantado através de imigrações europeias e missões norte-americanas é que de fato se enraizou no Brasil<sup>34</sup>, tendo o segundo grupo experimentado significativo crescimento. De modo geral, o protestantismo tradicional no Brasil, e especialmente o seu tronco mais frutífero, o protestantismo de missão, caracteriza-se pela “formação de pequenas comunidades intensamente devotas à Bíblia, e externa e individualmente praticantes de uma ética socialmente transformadora” (MENDONÇA, 2011, p. 108). O perfil destas igrejas tradicionais é geralmente de classe média, mais ou menos isoladas da sociedade (MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 1990, p. 59), com um discurso lógico-teológico intelectualizado e um número reduzido de membros (não é uma religião de massa).

Ideologicamente, o protestantismo brasileiro é herdeiro da cultura anglo-saxã, sobretudo norte-americana, que enxerga os povos católicos latino-americanos como pagãos e alvos de seu projeto de evangelização. Numa sociedade predominantemente católica como o Brasil, este “*american way of life*” foi recebido como corpo estranho, não sendo poucas as oposições e perseguições. “Os missionários foram muitas vezes vistos não somente como difundidores de ideologias exóticas, mas também como defensores de um sistema de vida contrário às tradições brasileiras” (CAMARGO, 1973, p. 112). Mesmo com a gradativa

---

<sup>31</sup> Há certa dificuldade na classificação dos batistas. “Embora adotem a designação ‘evangélicos’, sempre recusaram a de ‘protestantes’. Não se sentem ligados diretamente à Reforma, mas se afirmam anteriores a ela. [...] Assim, optamos pela designação de ‘famílias paralelas à Reforma’, nela incluindo também os menonitas” (MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 1990, p. 19).

<sup>32</sup> Os episcopais “são incluídos entre as igrejas do chamado protestantismo de missão ou conversão. [...] Todavia, não se pode deixar de lado o fato de que, na verdadeira origem, os episcopais anglicanos ligam-se à tradição do anglicanismo precocemente instalado no Brasil ainda no período que antecedeu ao Império” (MENDONÇA, 2005, p. 53).

<sup>33</sup> Datas de estabelecimento das primeiras igrejas de cada corrente protestante.

<sup>34</sup> No decorrer do tempo, algumas diferenças e semelhanças foram manifestando-se entre esses dois tipos de igrejas protestantes. As igrejas de imigração, apesar de terem experimentado um progressivo ajustamento à cultura brasileira, engajando-se cada vez mais nas lutas sociais, por outro lado vivenciaram um enfraquecimento dos seus laços étnico-culturais-linguísticos que, somado ao seu desinteresse na expansão da fé, fez com que permanecessem ainda isolados. As igrejas provenientes das missões, por outro lado, com o arrefecimento do seu espírito conversionista inicial, também acabaram fechando-se em comunidades de eleitos, acentuando suas características de seita estrangeira e confronto com a sociedade brasileira. “Se os protestantes de imigração formaram guetos culturais, os de missão criaram ilhas éticas. Ambos se tornaram estranhos à cultura brasileira aberta em seu modelo católico de cristandade” (MENDONÇA, 2004, p. 61).

substituição dos pregadores estrangeiros por brasileiros, e a conquista de relativa autonomia administrativa e econômica em relação às missões internacionais, ainda assim, “o protestantismo brasileiro segue sendo uma projeção do protestantismo norte-americano” (MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 1990, p. 13).

Por outro lado, a herança norte-americana fez com que o protestantismo fosse introduzido aqui como “religião mais avançada do mundo” (MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 1990, p. 56) e “vanguarda do progresso e da modernidade” (MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 1990, p. 13), tornando-se atraente para aqueles que buscavam o progresso individual no sentido de ascensão social (“*american dream*”). O ideal de rejeição do mundo (ascetismo intramundano), inerente à ética protestante<sup>35</sup>, é outro aspecto que sempre proporcionou forte apelo religioso nesta fé protestante, pois ia “ao encontro daqueles que tinham motivos suficientes para não estar satisfeitos numa sociedade sempre desajustada e desigual como a brasileira” (MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 1990, p. 23) e que estavam desejosos de transformar essa realidade segundo os valores reformados.

No entanto, o relacionamento da fé protestante com a sociedade brasileira vai se mostrar profundamente marcado pelo desinteresse em relação às causas sociais. “Uma religião que exercia no seu país de origem função desenvolvimentista impressionante, no Brasil se fecha em si mesma” (MENDONÇA, 2004, p. 68). O engajamento social do protestantismo se resumiu em buscar cumprir uma “função civilizatória”, através da implantação de um sistema educacional secundário e superior, e uma “tarefa de evangelização”, com a conversão dos indivíduos, transformando-os em agentes de mudança social. “A crença era a de que a ética protestante, uma vez abraçada individualmente pelos brasileiros, poderia vir a ser o caminho da ascensão do país no cenário mundial” (CAMPOS & DOLGHE, 2012, p. 43). Em relação à política, a postura é de igual indiferença e inibição, com alguns poucos protestantes de igrejas tradicionais se engajando em cargos eletivos. As posições políticas são predominantemente de direita e conservadoras, com uma tendência de alinhamento ao mundo capitalista, aversão ao comunismo, e defesa de um sistema democrático e republicano.

---

<sup>35</sup> A ética protestante nada mais é que “uma ‘ética específica’ de racionalização do mundo de acordo com as premissas religiosas de salvação, [em] que a ação do fiel se manifesta” (MARTINO, 2005, p. 29; *acréscimo nosso*). Em sua obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, Weber se refere à ética protestante como a atitude religiosa ético-rigorista típica da pequena burguesia da época como decisiva para a formação da mentalidade que propiciou o desenvolvimento da ideologia capitalista.

Tais posicionamentos sócio-políticos<sup>36</sup> estão estreitamente relacionados ao tipo de pensamento teológico predominante no protestantismo brasileiro de origem missionária. A visão protestante historicamente deu ênfase a algumas doutrinas básicas, que prevalecem até hoje nas igrejas tradicionais, e determinam não só a sua dinâmica interna, mas também o seu relacionamento com a sociedade. A primeira delas é *doutrina da salvação individual*, segundo a qual “a conversão é individual e consistia no rompimento abrupto do indivíduo com seu meio cultural através da adoção de novos padrões de conduta” (MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 1990, p. 32). Este ensinamento conserva um individualismo inerente, que “levado às últimas consequências, produz rupturas familiares e grupais de tal índole que inibem ou mesmo destroem solidariedades de toda natureza” (MENDONÇA, 2004, p. 68).

Já a *doutrina da natureza espiritual da igreja* prega que o “reino de Deus” não é do mundo terrestre, mas de um domínio espiritual; sendo assim, a igreja deve viver em prol do plano superior e não da realidade terrena. Seu objetivo neste mundo é a salvação da alma; há pouca ou nenhuma preocupação com o corpo. Outro ensinamento, a *doutrina do pré-milenismo* ou *messianismo de espera*, também fala sobre o “reino de Deus”, neste caso, que ele não se realizará neste tempo atual, mas num outro, ainda por vir; de modo que a igreja não deve esperar qualquer melhora deste mundo, mas sim o retorno do messias (Jesus Cristo) que irá inaugurar um novo milênio. Estas duas doutrinas estão intimamente conectadas, pois, ao desligar os sujeitos do presente/concreto e direcioná-los para o plano metafísico/futuro, geram grupos protestantes centrados na mentalidade de “estrangeiros nesta terra”, pautados por objetivos estritamente religiosos, e isolados, ou mesmo hostis ao mundo ao seu redor. “Todas as teorias que defendiam a ação direta dos indivíduos e da igreja na condução das coisas ‘deste mundo’ [...] foram rejeitadas e banidas como heréticas” (MENDONÇA, 2004, p. 71).

Este separatismo expressa-se até mesmo nos relacionamentos das igrejas protestantes umas com as outras. Não foram poucas as tentativas de reunir estes grupos pelo menos para cooperação mútua nos objetivos em comum, como: fortalecer as igrejas, unificar a mensagem e doutrina religiosa, criar uma autoidentificação única, preparar pastores em melhor nível, engajar-se na ação social, instituir uma representação objetiva perante a sociedade, defender-se de outras religiões etc. Para isso, foram muitas as estratégias, seja de caráter pan-protestante (união com outras denominações), ou mesmo ecumênico (união com outras religiões): realização de congressos, fundação de seminários, formação de comissões, alianças

---

<sup>36</sup> É importante destacar que estas posições (ideológicas, doutrinárias, políticas e sociais) que os protestantes tradicionalmente assumiram não correspondem à atitude de todas as igrejas evangélicas brasileiras, que têm mudado ao longo do tempo, principalmente os novos grupos pentecostais e neopentecostais.

e confederações etc. Mas, com os constantes desentendimentos entre as igrejas e missões participantes, o sonho “unionista” (união orgânica do protestantismo<sup>37</sup>) logo morreu. “Um protestantismo entusiasta e em desenvolvimento, mas já com crises internas, caracteriza esse primeiro período. Crises principalmente geradas por mentalidades diferentes e com prioridades divergentes” (MENDONÇA, 2005, p. 55).

Com as mudanças políticas da década de 1960 em diante, as igrejas fecharam-se em si mesmas e passaram a caminhar na direção do reforço de suas identidades. O desinteresse pelas causas sociais e políticas e a defesa contra o surgimento de novas formas de religião, como a multiplicação de igrejas de caráter pentecostal, provocaram a retração das igrejas históricas (MENDONÇA, 2004, p. 57).

O cenário atual revela que o protestantismo historicamente definido perdeu sua expressão, pois, apesar de terem obtido um significativo crescimento no início, estas igrejas hoje se mantêm com índices modestos de crescimento, algumas apresentando até “sensível queda em número de adeptos<sup>38</sup> em favor da pós-modernidade pentecostal. [...] As religiões tradicionais, e nesse caso o protestantismo, não deixariam de contribuir também para o significativo aumento [...] daqueles que se identificaram como ‘sem religião’” (MENDONÇA, 2011, p. 89). Apesar de haverem estacionado o seu crescimento, é evidente que as raízes do protestantismo, que foram plantadas no território brasileiro, de fato se fixaram e vingaram, gerando uma árvore com alto potencial de desenvolvimento. Com efeito, o tronco protestante ainda viria a ramificar-se e diversificar-se de forma extraordinária, com os seus frutos tardios vindo a se sobressair no campo religioso brasileiro atual.

---

<sup>37</sup> Apesar de frustradas as tentativas de união, avançaram, porém, as organizações paraeclesiais, organismos paralelos às igrejas e que se organizam independentemente dos recursos das grandes instituições eclesiais, sustentando-se através de contribuições individuais dos membros. As paraeclesiais representam uma nova estratégia missionária, pois propagam a teologia conservadora tradicional do protestantismo brasileiro e agem em diferentes níveis: evangelização de massa, acampamentos para juventude, educação teológica e literatura. “O resultado é o fortalecimento de uma religiosidade individualista e solitária, tendente a enfraquecer o sentido de vida religiosa comunitária” (MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 1990, p. 58).

<sup>38</sup> “Para onde estão indo esses protestantes? [...] Os protestantes mais ‘letrados’, cansados talvez de uma ética em constante contraste com os padrões de uma cultura estranha, bem como de sistemas de ‘verdades’ que oscilam entre intolerância fundamentalista e as ingenuidades passivas de um ‘evangelicalismo’ importado de outros quadrantes, emigram para o descompromisso dos ‘sem religião’. Os protestantes dos estratos socioeconômicos e culturais mais baixos e, por essa razão, atingidos pelas contingências do cotidiano e não podendo alimentar as esperanças utópicas tanto de um como de outro tipo de protestantismo, emigram para religiões que não pregam esperanças, mas soluções imediatas. O ‘aqui e agora’ em lugar do milênio ou do reino de Deus distantes. Desse modo, o protestantismo tradicional perde para os ‘sem religião’ e para as religiões de estilo pós moderno imediatista” (MENDONÇA, 2011, p. 91).

### 1.2.2. Ramos do protestantismo: As ramificações do reavivamento pentecostal

*“Erguia-se mais alto que todas as árvores do campo; seus ramos cresceram e seus galhos ficaram maiores, espalhando-se, graças à fartura de água.”*

*- Ezequiel 31.5*

Tão logo a semente protestante vingou em solo brasileiro, iniciou-se seu desenvolvimento, ramificação e diversificação. De modo que, enquanto as raízes tornaram-se quase invisíveis, os ramos, por sua vez, mostraram-se mais vistosos e frutíferos na sociedade brasileira. Sacudido ainda pelos ventos religiosos estrangeiros (sobretudo norte-americanos), este tronco brasileiro de origem protestante cresce agora em direção ao pentecostalismo<sup>39</sup>, distanciando-se e distinguindo-se cada vez mais de suas raízes. A diferença reside fundamentalmente na interpretação da *doutrina do Espírito Santo*, como referida no Pentecostes, evento fundante da igreja cristã. Enquanto nas igrejas tradicionais o evento é visto como passado e completo, “para os pentecostais clássicos, o Pentecostes se repete como experiência renovada e [...] fenomênica do Espírito” (MENDONÇA, 2004, p. 74).

O reavivamento pentecostal no Brasil é comumente dividido em três ondas ou fases de ramificação (MARIANO, 2012): pentecostalismo clássico, deuterpentecostalismo e neopentecostalismo. As duas primeiras, por serem mais semelhantes entre si, serão tratadas neste tópico. O ramo neopentecostal, pelo seu surgimento mais “tardio” (CAMPOS, 1997, p. 52) e, sobretudo, pelas diferenças significativas que apresenta em relação aos demais, será tratado em particular<sup>40</sup>, como um fruto distinto, e até mesmo “controverso” (MARIANO, 2012, p. 34), do protestantismo brasileiro.

Em sua teologia, de modo geral, as igrejas pentecostais de primeira e segunda ondas “caracterizam-se por um ferrenho anticatolicismo, [...] a crença na volta iminente de Cristo e na salvação paradisíaca, e pelo comportamento de radical sectarismo e ascetismo de rejeição do mundo exterior” (MARIANO, 2012, p. 29), além, é claro, da crença fundamental nos sinais do Espírito Santo, como revelações de Deus, dons de cura e de falar em línguas estranhas (glossolalia). “Quanto à Bíblia [...] a posição destas igrejas é semelhante às da Reforma, embora não se caracterizem pela reflexão teológica ou confissões muito elaboradas”

<sup>39</sup> As origens do pentecostalismo moderno remetem ao reavivamento ocorrido em 1906 na Rua Azusa, Los Angeles, EUA, liderado pelo pregador William Joseph Seymour, evento que se tornou o principal catalisador para a propagação da doutrina pentecostal pelo mundo, episódio no qual diversas pessoas, na maioria afrodescendentes e imigrantes, se reuniram para orar em busca do “batismo no Espírito Santo”.

<sup>40</sup> Mendonça (2011, p. 109) considera neopentecostais como sujeitos diferentes dos pentecostais. Mariano (2012, p. 29) também opta pela separação entre elas como posicionamento mais correto e adequado.

(MENDONÇA, 2011, p. 97). A divisão destas duas primeiras ondas pentecostais, portanto, se justifica principalmente “pelo critério do corte histórico-institucional, mas não pela existência de diferenças teológicas significativas entre ambas” (MARIANO, 2012, p. 32).

A primeira vertente, a do *pentecostalismo clássico*<sup>41</sup>, situa-se na década de 1910, com a fundação das duas primeiras igrejas pentecostais no Brasil: Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911). Apesar de ambas apresentarem claras distinções eclesiais e doutrinárias entre si<sup>42</sup>, há relativo consenso quanto a agrupá-las sob a designação de “clássicas”, remetendo ao pioneirismo histórico dessas denominações. Esta primeira variedade de pentecostalismo reina absoluta até 1950, difundindo-se para todo território nacional, embora no início alcançando majoritariamente “pessoas pobres e de pouca escolaridade, discriminadas por protestantes históricos e perseguidas pela Igreja Católica” (MARIANO, 2012, p. 29). Hoje se observa uma parcial mudança no perfil social dessas igrejas: contam agora também com setores da classe média, e vêm sofrendo algumas alterações na área de usos e costumes (no caso da Congregação), ou mesmo conquistaram espaços na mídia e na política, e paulatinamente abandonam sua postura sectária e ascética tradicional (apenas no caso da Assembleia).

A segunda fase de implantação de igrejas, nomeada de *deuteropentecostalismo*<sup>43</sup>, se estabelece quarenta anos depois da chegada do pentecostalismo ao Brasil (a partir dos anos 1950). Neste segundo momento, “o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza, e três grandes grupos, em meio a dezenas de menores, surgem: Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962)” (MARIANO, 2012, p. 29). O ato inaugural da segunda onda foi a chegada dos missionários da Cruzada Nacional de Evangelização, vinculados à Igreja do Evangelho Quadrangular nos Estados Unidos. A

---

<sup>41</sup> “A partir da designação *clássico* podemos inferir [...] além do pioneirismo, a transformação da comunidade sectária numa instituição. [...] Este processo de institucionalização da religião, ou rotinização do carisma [...] está ocorrendo, em grande parte, na Assembleia de Deus [...], e de modo muito menos perceptível na Congregação Cristã” (MARIANO, 2012, p. 24).

<sup>42</sup> Embora estas igrejas “sejam pentecostais pelo núcleo comum de suas crenças e práticas, elas conservam resíduos teológicos e eclesiológicos das origens históricas de seus fundadores” (MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 1990, p. 48). É importante considerar “que o protestantismo histórico foi o principal *locus* de onde partiram os convertidos ao pentecostalismo (para registro: os batistas em Belém do Pará e os presbiterianos em São Paulo foram berços respectivamente da Assembleia de Deus e da Congregação Cristã do Brasil)” (CAMPOS & DOLGHIE, 2012, p. 33).

<sup>43</sup> “O radical *deutero* (presente no título do quinto livro do pentateuco, [*Deuteronômio*]) significa *segundo* ou *segunda vez*, sentido que o torna muito apropriado para nomear a segunda vertente pentecostal” (MARIANO, 2012, p. 32; *acréscimo nosso*).

segunda onda mantém a teologia pentecostal clássica<sup>44</sup>, porém com algumas distinções evangelísticas e ênfases doutrinárias.

A diferença crucial entre as duas ondas reside, sobretudo, nas suas ênfases teológicas e estratégias evangelísticas. Assembleia e Congregação enfatizam o batismo do Espírito Santo como uma segunda bênção após a salvação, sendo esse rito constantemente repetido, e acompanhado de dons carismáticos e outros estados extático-emocionais. Já as igrejas que vieram a partir da Cruzada Nacional de Evangelização “apresentam distinções oriundas das inovações evangelísticas (como uso de rádio, tendas, cinemas, teatros, estádios) e da ênfase na cura divina e, em menor medida, no exorcismo, introduzidos pelos missionários da Cruzada” (MARIANO, 2012, p. 32).

Além destas duas grandes ondas pentecostais, é importante destacar aqui também os movimentos de “renovação carismática”, ocorridos a partir dos anos 60 no interior das igrejas protestantes tradicionais (mas também na Igreja Católica), simultâneos ao fortalecimento do pentecostalismo no Brasil. Este “reavivamento” ocasionou cisões no protestantismo historicamente estabelecido, sendo as novas igrejas autointituladas de “renovadas”, por adotarem a teologia pentecostal e defenderem a contemporaneidade dos dons do Espírito Santo (MARIANO, 2012, p. 48). Esta “pentecostalização” do protestantismo complica mais ainda as classificações que tradicionalmente têm separado evangélicos de missão e pentecostais. Mas o IBGE inclui essas novas igrejas junto com as pentecostais, na subcategoria “igreja evangélica renovada não determinada”.

Em relação à atuação política, o que se observa é que o pentecostalismo tem tido uma capacidade bem maior que protestantismo tradicional para mover as massas. Embora esta progressiva participação política sugira uma mudança de rumo no comportamento protestante, o que realmente acontece é que, mesmo tendo crescido o interesse dos pentecostais por cargos eletivos, o tipo de política que exercem ainda é essencialmente protestante. As doutrinas fundamentais do protestantismo continuam presentes no ideário pentecostal, portanto, “não se pode deixar de levar em conta esse espírito, o espírito de pequenas comunidades voltadas para o interior de si mesmas, condenando o mundo enquanto aguardam o milênio” (MENDONÇA, 2011, p. 108). Isto se nota, por exemplo, nas motivações para a entrada de evangélicos pentecostais na política, que geralmente são ações de caráter individual ou, no máximo,

---

<sup>44</sup> “Esta relativa homogeneidade teológica se deve ao fato de a Quadrangular, que originou a segunda onda, ter nascido nos EUA com o mesmo corpo doutrinário trazido pelos missionários estrangeiros que aqui fundaram a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã” (MARIANO, 2012, p. 31).

corporativista, não havendo consciência política desenvolvida, com programas partidários ou propostas políticas de alcance maior.

De modo geral, a fé pentecostal foi bem aceita no Brasil, tornando-se bem adaptada à cultura nacional e gozando não só de estabilidade, mas, sobretudo, de um admirável crescimento<sup>45</sup>. Isto se deve em parte às semelhanças que a religião pentecostal conserva com aspectos culturais do povo brasileiro, em especial de sua memória religiosa do catolicismo popular<sup>46</sup> (CAMPOS & DOLGHIE, 2012), como: o fundo emotivo, as manifestações carismáticas, a catarse dos conflitos cotidianos, a matriz miscigenada e sincrética, a falta de sistematização e de racionalidade abstrata, a simplificação teológica e a pessoalidade da ação (religião de leigos, não clerical). Assim, se o protestantismo se aproximou historicamente das elites, abandonando as massas populares, estas, por sua vez, migraram para o pentecostalismo como opção mais próxima ao catolicismo popular.<sup>47</sup>

Tendo a árvore da fé protestante encontrado no campo brasileiro um terreno fértil para o seu desenvolvimento, seus primeiros ramos não apenas cresceram, mas ramificaram-se muito mais, a ponto de ser difícil hoje fazer um levantamento de sua quantidade, dimensão e alcance. Assim, a tendência que se estabelece na igreja evangélica brasileira (ou campo brasileiro de origem protestante) não é de aproximação e agrupamento entre denominações, mas sim de progressiva separação e diversificação institucional. E cada ramo desta árvore vai buscando o seu lugar ao sol, para florescer e frutificar.

---

<sup>45</sup> “Não se trata apenas de crescimento mais rápido, mas de um novo tipo de crescimento. Os pentecostais dedicam-se quase totalmente ao estabelecimento de igrejas. [...] Eles não se sentem impelidos a civilizar ou apresentar uma imagem favorável dos Estados Unidos” (MACGRAVAN *apud* CAMPOS & DOLGHIE, 2012, p. 29).

<sup>46</sup> “O pentecostalismo se aproxima muito do catolicismo popular, mais por aspectos culturais do que teológicos, uma vez que sua teologia teve sua matriz no protestantismo tradicional, como já foi colocado” (*Ibid.*, p. 38).

<sup>47</sup> “Migrações que não impediram, pelo menos, dois outros movimentos: a penetração do protestantismo histórico nas camadas populares e principalmente na zona rural, em alguns estados brasileiros, [...] e a abertura mais recente no pentecostalismo às camadas médias e altas da sociedade brasileira” (*Ibid.*, p. 41).

### 1.2.3. Frutos do protestantismo: A incompatibilidade do neopentecostalismo

*“Nenhuma árvore boa dá fruto ruim,  
nenhuma árvore ruim dá fruto bom.  
Toda árvore é reconhecida por seus frutos.  
Ninguém colhe figos de espinheiros,  
nem uvas de ervas daninhas.”*

- Lucas 6.43 e 44<sup>48</sup>

Se os ramos pentecostais já se mostraram bem distintos das raízes protestantes, muito mais ainda seriam os frutos neopentecostais, que, por seu aspecto e caráter, nem sequer parecem vindos da mesma árvore<sup>49</sup>. O neopentecostalismo<sup>50</sup>, mesmo sendo considerado como a “terceira onda” (MARIANO, 2012) no “mar” de igrejas pentecostais, apresenta-se profundamente distinto das outras duas. “Enquanto as primeiras ondas pentecostais não apresentam diferenças teológicas significativas entre si, verifica-se o oposto quando se compara o neopentecostalismo às vertentes precedentes” (MARIANO, 2012, p. 36). A terceira onda inaugura um tipo totalmente novo de igreja evangélica, que não é só distante, como, em certos aspectos, até oposto ao historicamente estabelecido. Optamos, assim, por classificar o neopentecostalismo como fruto (e não como ramo, junto com os pentecostais) pelo seu surgimento mais tardio e por sua configuração peculiar.

O *neopentecostalismo*<sup>51</sup>, ou terceira onda do pentecostalismo, começa na segunda metade dos anos 70, mas cresce e ganha força nas décadas de 80 e 90. “O prefixo *neo* mostra-se apropriado para designá-la, tanto por remeter à sua formação recente, como ao caráter inovador do neopentecostalismo” (MARIANO, 2012, p. 33). Suas principais representantes

<sup>48</sup> “O sujeito-enunciador pretende mostrar que a árvore é totalmente coerente porque produz frutos segundo a sua própria natureza. [...] O fruto está intrinsecamente ligado à natureza da árvore. Os frutos evidenciam a qualidade da árvore, pois ambos, árvore e frutos, formam um único conjunto” (BATISTA, 2010, p. 189).

<sup>49</sup> Mendonça postula a fragilidade na classificação das igrejas neopentecostais como pentecostais, ou mesmo como evangélicas. “O neopentecostalismo é outro sujeito. A peça é outra, o palco e o cenário são também outros. Esse outro sujeito usa, portanto, várias ‘personas’. Uma, mais ou menos indefinida, com cores indistintas, aponta para a evangélica, mas as outras seguem no cenário numa sequência ritmada de profeta exorcista e de atores e outras práticas xamanísticas do ideário religioso brasileiro” (MENDONÇA, 2011, p. 109).

<sup>50</sup> Campos (1997) ressalta também algumas diferentes denominações para o movimento, segundo outros autores: “agência de cura divina” (MONTEIRO, 1979), “sindicato dos mágicos” (JARDILINO, 1994), “pentecostalismo autônomo” (BITTENCOURT, 1994), “pentecostalismo de segunda e terceira ondas” (FREESTON, 1993), “neopentecostalismo” (MARIANO, 1995), e “pós-pentecostalismo” (SIEPIERSKI, 1997).

<sup>51</sup> O termo *neopentecostal* foi, na verdade, cunhado nos Estados Unidos, sendo no Brasil empregado para designar um movimento religioso diferente (MARIANO, 2012, p. 33). Mesmo assim, o neopentecostalismo de fato tem origem nos “modismos teológicos e instituições norte-americanos.” (*Ibid.*, p. 41), seguindo a velha tendência protestante brasileira de se espelhar nas novidades religiosas “trazidas do exterior, e posteriormente, para não dizer imediatamente, aculturadas e ressignificadas” (*Ibid.*, p. 48).

são: Igreja Universal do Reino de Deus<sup>52</sup> (1977), Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), Cristo Vive (1986), todas estas no Rio de Janeiro, depois acompanhadas por outras pelo Brasil, como Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (Goiás, 1976), Comunidade da Graça (São Paulo, 1979) e Renascer em Cristo (São Paulo, 1986), que constam entre as principais igrejas surgidas no período. Recentemente temos também o Ministério Internacional da Restauração (Amazonas, 1992), Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (São Paulo, 1994), Igreja Videira (Goiás, 1997), Igreja Mundial do Poder de Deus (São Paulo, 1998), Bola de Neve *Church* (São Paulo, 1999), entre outras inúmeras “comunidades”, “ministérios” e “igrejas apostólicas” (CAMPOS, 1997, p. 19).

Embora dê continuidade a certas práticas do pentecostalismo tradicionalmente estabelecido, são as diferenças que levam o neopentecostalismo a estabelecer-se como grupo à parte. Entre as características que distinguem a “onda” neopentecostal das duas anteriores, temos: ruptura com o sectarismo e o ascetismo puritano, liberalização dos estereotipados usos e costumes de santidade, investimento em atividades extra-igreja (empresariais, políticas, culturais, assistenciais, midiáticas, mercadológicas etc.), e uma estrutura empresarial (MARIANO, 2012). “E isso representa uma mudança muito grande nos rumos do movimento pentecostal. A ponto de se poder dizer que o neopentecostalismo constitui a primeira vertente pentecostal de afirmação do mundo” (MARIANO, 2012, p. 36).

Em relação ao pensamento teológico, verifica-se que nas igrejas neopentecostais não existe posição oficial e muito menos uma homogeneidade doutrinária, sendo praticamente “impossível definir uma teologia única para o neopentecostalismo, mesmo porque sua teologia se apresenta como um leque indefinido de posições, sendo mudada todas as vezes que convier ao líder ou às necessidades de crescimento e atração dos fiéis” (BITUN, 2012, p. 130). As discussões doutrinárias são eliminadas nos grupos neopentecostais brasileiros, que em “pouco lembram os reformadores na defesa dos pressupostos teológicos” (FIGUEIREDO FILHO, 2005, p. 58). Assim, o neopentecostalismo se configura como produto e produtor de “importantes mudanças nos eixos principais da visão protestante de mundo, tal como foram sistematizadas no século XVI” (CAMPOS, 1997, p. 19), revelando-se como um movimento bastante diferente e, em alguns aspectos, até oposto ao protestantismo tradicional.

---

<sup>52</sup> Fundada a partir de dissidência da igreja pentecostal Nova Vida, a Igreja Universal do Reino de Deus é considerada como o marco inaugural do neopentecostalismo, sendo também paradigmática na análise do movimento, por conta das diferenças e mesmo rupturas que sustenta em relação às denominações que a precederam, o que justifica a criação da nova tipologia. A IURD é analisada como um “fenômeno social impossível de ser ignorado, especialmente pelo impacto de sua ação no interior do campo religioso e na cultura brasileira, inclusive com repercussões em dezenas de outros países, onde implantou seus templos” (CAMPOS, 1997, p. 15).

E mesmo se a comparação for feita em relação às igrejas pentecostais clássicas, das quais as neopentecostais são herdeiras diretas, ainda assim um grande número de diferenças é constatado<sup>53</sup>. “Os cultos neopentecostais já não enfatizam a experiência individual e coletiva da posse do Espírito Santo e introduzem de maneira clara práticas sincréticas do catolicismo popular, das religiões afro-brasileiras, do espiritismo, assim como de crenças arcaicas” (MENDONÇA, 2004, p. 75). As novas igrejas também apresentam alterações quanto ao modelo de administração eclesiástica, agora concentrado na figura dos autodenominados ‘bispos’, ‘missionários’ ou ‘apóstolos’, “líderes carismáticos, que governam de uma maneira personalista, centralizadora e autoritária seus movimentos” (CAMPOS, 1997, p. 19).

As modificações também são verificadas no campo das crenças. Primeiramente há uma exacerbação da cosmologia dualista, fundamentada na guerra espiritual de Deus contra o diabo pelo domínio da humanidade, doutrina designada como *teologia do domínio*. Esta perspectiva teológica “ostenta igualmente um ideário de dominação sociopolítica [...], concepções de recristianização da sociedade ‘pelo alto’, quer dizer, pela via político-partidária e, acrescentaria, pela mídia eletrônica” (MARIANO, 2012, p. 44). É a partir desta referência doutrinária que se desenvolve uma visão de mundo “que atribui todo mal, desde doenças até problemas existenciais ou econômicos, a encostos, ‘bruxarias’ e demônios de toda sorte” (MENDONÇA, 2011, p. 98).

Em contrapartida, na parte positiva da teologia neopentecostal, apresenta-se uma superação das forças do mal através da *teologia da prosperidade*, “doutrina que [...] defende que o crente está destinado a ser próspero, saudável e feliz neste mundo” (MARIANO, 2012, p. 44). Esta teologia consiste em uma verdadeira oposição aos ensinamentos do pentecostalismo clássico, pois rompe “com a ideia da busca da salvação pelo ascetismo de rejeição do mundo” (MARIANO, 2012, p. 44). Mas ambas as teologias (do domínio e da prosperidade), “ao dedicarem-se inteiramente a este mundo e a esta vida, para resolver magicamente problemas cotidianos dos fiéis, distanciam o neopentecostalismo da escatologia pentecostal clássica pré-milenarista, baseada na eterna e resignada espera do retorno de Cristo” (MARIANO, 2012, p. 44 e 45).

Esta perspectiva teológica de domínio e prosperidade neste mundo é também definidora do tipo de engajamento político e social dos grupos neopentecostais, que visam não mais a uma mera transformação da sociedade através da conversão individual e do ensino da

---

<sup>53</sup> Apesar de se constituir como uma “religião paradoxal e ambivalente” (CAMPOS, 1997, p. 14), há quem ainda sustente que o neopentecostalismo é de fato uma expressão (embora mais tardia) do movimento pentecostal (MARIANO, 2012, p. 42; CAMPOS, 1997, p. 52) e que suas peculiaridades seriam, no fundo, apenas uma “remasterização” do pentecostalismo (BITUN, 2012, p. 126).

ética bíblica, “mas também (o que é novo) da realização crescente de obras sociais, da participação na política partidária, da conquista de postos de poder nos setores privado e público e do uso religioso do rádio e da TV” (MARIANO, 2012, p. 45). Além disso, estas igrejas neopentecostais se distinguem por exercerem “práticas que mais lembram o mercado do que propriamente a disputa meramente religiosa.” (FIGUEIREDO FILHO, 2005, p. 58) Há quem inclusive prefira o termo “empreendimento religioso neopentecostal” (CAMPOS, 1997, p. 13 e 14) para definir tais instituições, uma vez que agem como empresas e possuem fins lucrativos (MARIANO, 2012, p. 36), utilizam estratégias de marketing e comunicação de massa (CAMPOS, 1997, p. 14 e p. 52), e “customizam a fé”, adequando sua mensagem às demandas de cada público alvo (CAMURÇA, 2013, p. 73).

Essa flexibilidade do neopentecostalismo brasileiro o transformou em uma religião incrivelmente atrativa e popular, principalmente entre as “camadas populacionais que se encontram numa situação marginal ao processo de modernização” (CAMPOS, 1997, p. 19). “Enquanto as igrejas tradicionais se encolhiam buscando a todo custo resguardar em cofres fortes suas respectivas tradições, as pentecostais e neopentecostais, massivas e com suas faces, parcial ou inteiramente, voltadas para o mundo exterior, se tornavam transparentes” (MENDONÇA, 2011, p. 107 e 108). Esta é a razão do seu incrível crescimento nas últimas décadas, chegando a se sobressair entre as demais correntes evangélicas brasileiras. Outras denominações evangélicas, espelhando-se na influência, crescimento e visibilidade das neopentecostais, já vêm experimentando um processo de “neopentecostalização”, na ânsia de “absorverem e reproduzirem as novas crenças e práticas de sucesso e agrado das massas” (MARIANO, 2012, p. 39).

Mas o incrível desenvolvimento do neopentecostalismo não indica que este tenha encontrado a estabilidade que os demais movimentos de origem protestante lograram obter. Mesmo estas igrejas neopentecostais, que originalmente haviam revelado grande capacidade de sedução e atração de fiéis, “parecem atingidas por um ‘inestancável trânsito e migração no interior de si mesmas” (BINGEMER *apud* CAMURÇA, 2013, p. 67). As mais recentes iniciativas para a união dos evangélicos “não passaram de pretextos para aglutinação de afins com interesses escusos de aproveitamento do mercado evangélico” (KIVITZ, 2006, p. 209). Por outro lado, os conflitos entre igrejas, ou até no interior de uma mesma denominação, continuam a ocorrer, e agora numa frequência e intensidade muito maior que antes. Em certos casos, as dissidências provocam novas denominações, cujas “siglas e nomes fazem parte de uma listagem interminável, alimentadas por novas cisões, cuja maioria se dá mais por questões administrativas e organizacionais do que teológicas” (CAMPOS, 1997, p. 50).

Estas igrejas, por sua vez, surgem com o mesmo desejo das ‘igrejas mães’, com a mesma vontade de crescer e disputar como verdadeiras ‘concorrentes’ um espaço que possa chamar de ‘seu’. Apesar de saírem com um discurso de desagravo aos seus antigos líderes, que a seu modo de ver perderam a ‘pureza da fé’, estas novas denominações passam a reproduzir, de forma sutil ou exagerada, as mesmas características das antigas igrejas, disputando a difícil navegação pelos mesmos mares agitados do efervescente campo religioso brasileiro (BITUN, 2012, p. 123).

Voltemo-nos agora à metáfora da árvore. As folhas, flores e frutos é que tornam uma árvore mais vistosa e atraente, e anunciam que chegou a estação mais propícia para o seu crescimento. A igreja evangélica brasileira, que de uma pequena semente passou a uma árvore firme, frondosa e florida, parece que agora está em época de colheita, dada a quantidade e variedade de novos frutos que tem produzido nos últimos tempos. Mas seriam estes frutos neopentecostais colhidos em nossos dias realmente pertencentes à mesma árvore cujas raízes estão na Reforma Protestante e os ramos no avivamento pentecostal<sup>54</sup>? Como pode uma árvore de origem protestante produzir frutos neopentecostais? Se uma árvore se reconhece por seus frutos, como ensina a parábola de Cristo, qual seria então o caráter de uma árvore tão diversificada como esta? E qual será o próximo estágio de tal árvore, que agora, com seus frutos, parece ter alcançado o apogeu de seu crescimento? Tais questionamentos, cujas respostas ainda estão sendo buscadas, nos levam a refletir sobre a complexidade e heterogeneidade que é esta tão proclamada “igreja evangélica brasileira”.

#### 1.2.4. Folhas soltas do protestantismo: As novas expressões da fé evangélica

*“Vocês serão como um terebinto  
cujas folhas estão caindo,  
como um jardim sem água.”*

*- Isaías 1.30*

Enquanto o surgimento de frutos coroa o amadurecimento de uma árvore, que, ao reproduzir-se, alcança o seu apogeu; a progressiva perda da sua folhagem, por outro lado, é um momento que exige atenção. Pode ser um sinal de que a árvore está em crise, e talvez até chegando ao fim de sua vida. Ou é apenas uma nova estação que se aproxima. Assim também

<sup>54</sup> Há quem defenda (NUNES, 2007) que a teologia neopentecostal é, na verdade, uma ruptura definitiva em relação ao pensamento protestante, e que “a transmutação dos princípios protestantes transformam o neopentecostalismo em algo além do protestantismo”, ou seja, que se trataria, na verdade, de um pós-protestantismo (*Ibid.*, p. 19). Mas “o futuro nos dirá certamente se estamos diante de um desdobramento do protestantismo ou de algo completamente novo e inusitado” (*Ibid.*, p. 20).

tem sido com a “árvore evangélica brasileira”, que mesmo ostentando nos últimos tempos um crescimento acelerado e frutificação aparentemente ilimitada, tem agora apresentado uma nova tendência: cada vez mais um grande número de seus membros tem se desligado do tronco principal, sendo arrastados em várias direções pelos ventos desta nova estação (ou “*zeitgeist*”, espírito da época).

Já faz certo tempo que diversas vozes, cada uma na sua língua e lugar de fala (pesquisadores, teólogos, pastores, leigos, jornalistas etc.), têm proclamado que estariam os **evangélicos em crise**<sup>55</sup> (ROMEIRO, 1999) no Brasil. “Entre os vários significados da palavra ‘crise’, encontrados nos dicionários, há termos e expressões como ‘deslocamento’, ‘ruptura de equilíbrio anterior’, ‘momento perigoso’ ou ‘momento decisivo’” (CAMPOS, 2013, p. 128). No caso da igreja brasileira, a crise de que tanto se fala não é expressa especificamente em termos numéricos, embora este decréscimo tenha de fato ocorrido para alguns grupos. Hoje se fala principalmente em uma “crise da integridade, ou da ética, e a crise doutrinária” (ROMEIRO, 1999, p. 10 e 11). “Os erros, os escândalos, os conflitos e as crises estão [...] marcados em nossas experiências pessoais e na mídia impressa ou eletrônica” (BOMILCAR, 2012, p. 33).

O surgimento de milhares de denominações evangélicas, o poderio apostólico de igrejas neopentecostais, a institucionalização e secularização das denominações históricas, a profissionalização do ministério pastoral, a busca de diplomas teológicos reconhecidos pelo estado, a variedade infundável de métodos de crescimento de igrejas, de sucesso pastoral, os escândalos ocorridos nas igrejas, a falta de crescimento das igrejas tradicionais, o fracasso das igrejas emergentes – tudo isto tem levado muitos a se desencantarem com a igreja institucional e organizada (LOPES, 2011a, p. 151).

Este “colapso” das instituições evangélicas pode estar diretamente relacionado ao recente e notável crescimento dos autodeclarados “evangélicos não determinados”, categoria que, num primeiro olhar, parece apontar para a tendência do indivíduo evangélico pós-moderno de expressar sua religiosidade oscilando entre dois modelos: **o peregrino e o convertido**<sup>56</sup> (HERVIEU-LÉGER, 2008). Tais “evangélicos genéricos”, ao mesmo tempo em

<sup>55</sup> Cada uma das expressões grifadas neste tópico é proveniente dos títulos de alguns dos inúmeros livros, teológicos ou acadêmicos, escritos por estudiosos ou profissionais da religião, mas todas estas obras como tentativas de apresentar, compreender, e se posicionar diante do contemporâneo crescimento dos indivíduos religiosos sem definição de igreja, um fenômeno que não atinge apenas as igrejas evangélicas brasileiras, mas que as tem afetado de maneira especial.

<sup>56</sup> Para Hervieu-Léger, o *peregrino* “remete a outra forma de espacialização do religioso, que é a do percurso que ela traça, dos itinerários que ela baliza e sobre os quais os indivíduos se movimentam” (2008, p. 99). Este tipo “se caracteriza, antes de tudo, pela fluidez dos conteúdos de crença que elabora, ao mesmo tempo que pela incerteza das pertencas comunitárias às quais pode dar lugar” (*Ibid.*, p. 89-90). O *convertido*, por outro lado, exprime o processo de formação da identidade religiosa neste contexto de mobilidade. A figura do convertido

que aparentam uma religiosidade mais próxima do tipo “peregrino”, já que se encontram indefinidos, desvinculados e transitando entre pertencimentos, eles também acabam por revelar-se “convertidos”, uma vez que, ao longo de sua peregrinação religiosa, ainda optam por assumir esta ligação à religião evangélica. Esta interpretação dos números sobre os “evangélicos genéricos” aponta para uma nova modalidade de conversão, em que o fiel agora renuncia a tradicional vinculação exclusiva a uma instituição em prol de uma múltipla pertença, abrindo para si um leque de igrejas pelas quais pode fazer sua peregrinação, e “um estoque variado de opções que o universo evangélico - agora transmutado em ‘mercado de bens simbólicos’ [...] oferece” (CAMURÇA, 2013, p. 75).

Mas a jornada de experimentação religiosa, ao mesmo tempo em que pode conduzir à descoberta pessoal da “verdadeira vida” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 118), outras tantas vezes pode também desembocar em mais frustrações, incertezas e desencantamento com a religião. De modo que este aumento dos evangélicos “sem determinação” também seria sintomático de uma época de fiéis **decepcionados com a graça** (ROMEIRO, 2005), indivíduos desencorajados pelas cicatrizes da institucionalização religiosa. “A princípio, pode parecer um paradoxo, já que o senso geral é de que as igrejas são espaços terapêuticos e de libertação” (ROMEIRO, 2005, p. 13). Mas a verdade é que muitas pessoas consideram que “a igreja está desvirtuada em sua natureza, na essência, na proposta relacional comunitária e em sua proposta de missão e serviço. Elas alardeiam a distância entre o que vemos hoje na prática e o que poderia ser feito” (BOMILCAR, 2012, p. 15). Assim, cada vez mais pessoas têm desistido da filiação eclesiástica oficial.

**Por que você não quer mais ir à igreja?** (COLEMAN & JACOBSEN, 2009) Este é um questionamento que tem intrigado a muitos estudiosos e profissionais da religião nos últimos tempos. Entre as principais causas apontadas para o desencanto e abandono da religião institucionalizada, temos: desilusão com lideranças que usam a religião como instrumento de controle, desconfiança com relação a enriquecimento e corrupção dentro da estrutura eclesiástica, decepção com relacionamentos construídos na igreja, mudanças e transformações na realidade de vida das pessoas, esgotamento com inúmeros modismos e modelos eclesiásticos<sup>57</sup> (BOMILCAR, 2012, p. 77 ss.), esperanças frustradas de paz, cura e

---

não é homogênea, se desdobrando “em dois conjuntos nitidamente diferenciados. O primeiro é aquele das conversões cotadas como última etapa de um longo caminho errante. [...] O segundo é aquele dos relatos de descoberta da ‘verdadeira vida’” (*Ibid.*, p. 118).

<sup>57</sup> “Os sem-igreja de hoje já passaram por modismos e modelos que se instalaram por aqui, sejam eles fundamentalistas, liberais, de igrejas reformadas ou pentecostais, todas elas com heranças e ênfases diversas em organização, adoração discipulado e até com foco missionário. Gente que passou por modelos como G12, em que havia a Rede Ministerial e Propósitos, gente até da recente ‘igreja orgânica’” (BOMILCAR, 2012, p. 77).

prosperidade, reclamações sobre sedes e construções suntuosas, sermões hipócritas e maçantes (COLEMAN & JACOBSEN, 2009, p. 12 ss.), projetos ministeriais impessoais e utilitaristas, rejeição a apelos financeiros exagerados, busca das igrejas por presença na mídia, levando a uma ministração massiva e impessoal, ausência de liberdade às expressões individuais, ênfase nos ministérios e não nos indivíduos (KIVITZ, 2006, p. 85ss.), a solidão da fé protestante, o cansaço de religião, exaustão dos deveres da igreja, as divergências religiosas, as disciplinas e censuras eclesiais (MENDONÇA, 2011, p. 90), etc.

“Assim, a igreja pode reclamar para si o discutível mérito de ela própria contribuir para o crescimento dos sem-igreja, já que não corresponde ou supre as expectativas depositadas sobre ela pelos que dela esperam acolhimento” (BOMILCAR, 2012, p. 31). Portanto, podemos interpretar que uma boa parte daqueles números sobre os “evangélicos não determinados” pode ser, de fato, proveniente desta nova categoria de evangélicos “desigrejados” (CAMPOS, 2013, p. 156). A grande presença dos “evangélicos sem igreja”, além de demonstrar a diversidade interna do campo evangélico, é também indicadora de uma tendência à privatização religiosa, onde os indivíduos buscam agora pela vivência da crença evangélica “‘por fora das instituições’, com a conseqüente diminuição do ‘compromisso religioso’ e a assunção da ‘autonomia’ e ‘individualismo’” (CAMURÇA, 2013, p. 75). Mas quem são, afinal, **os sem-igreja** (BOMILCAR, 2012)?

Talvez seja a tribo que mais cresce atualmente nas grandes metrópoles, gente de uma categoria nem tão nova, de uma realidade que se apresenta o tempo todo em diversas formas. Gente que desistiu de comungar, de frequentar cultos fortemente litúrgicos ou reuniões de adoração e expressão comunitária em templos. Gente que não quer mais viver na forma estrutural, institucional e fortemente religiosa (BOMILCAR, 2012, p. 76).

Dentre os indivíduos que se desgarraram do troco de raízes protestantes, nota-se algumas tendências principais. Primeiramente há o tipo de protestantismo “não praticante”, que seria uma espécie de **ateísmo cristão** (LOPES, 2012), em que o indivíduo, mesmo que afirme crer em Deus, tal crença não exerce qualquer influência em sua vida prática. Esta parcela “não praticante” no grupo evangélico é “uma característica de religião estabelecida e de maioria que [...] aparece quando uma religião cresce e fica parecida com a sociedade em que está inserida” (FREESTON *apud* CAMURÇA, 2012, p. 75).

Outro tipo comum são aqueles evangélicos que acreditam na possibilidade de uma espiritualidade cristã sem necessidade de pertencimento (“*believe but not belong*”) a uma igreja organizada (KIMBALL, 2011, p. 74). Em outras palavras, **eles gostam de Jesus, mas não da igreja** (KIMBALL, 2011), “se desencantaram com a instituição formal e religiosa e

mantêm uma distância preventiva moderada ou assumida acintosamente. Tornaram-se apenas usuários em alguns momentos, participando de congressos, projetos ou encontros com algum interesse” (BOMILCAR, 2012, p. 23). Estes fiéis sem experiência comunitária “alimentam-se hoje do que se passa na ‘igreja webiana’, cibernética, televisiva ou radiofônica. Outros interagem somente em reflexões ou escritos teológicos produzidos em espaços acadêmicos, que recheiam [...] livrarias e bibliotecas” (BOMILCAR, 2012, p. 76 e 77).

Mas há ainda muitos evangélicos que, mesmo renunciando às instituições cristãs oficiais, têm buscado formas comunitárias alternativas para vivenciar a sua religiosidade, revelando “um desejo de viver ou de ter as mesmas sensações e realidades da igreja do primeiro século, menos funcional e mais orgânica” (BOMILCAR, 2012, p. 88). Este novo tipo de **igreja orgânica** (COLE, 2007) - que pode também receber outros títulos como “igreja emergente”<sup>58</sup>, “igreja nos lares”, “igreja simples”, “igreja não denominacional”, “igreja urbana”, “pequeno grupo” (ou simplesmente “PG”), ou pode até mesmo não ter nenhuma designação oficial - constitui-se no ideal de pequenas comunidades de fé plantadas com naturalidade e simplicidade, geralmente sem financiamento nem local específico (reúnem-se em casas, escritórios, salões alugados, parques, escolas, lanchonetes, universidades, etc.), baseadas em relacionamentos mais estreitos, informais e dinâmicos (CHIROMA, 2014, p. 76 e 77). “Essas pessoas tentam não dar uma formatação organizacional, mas, na maioria das vezes, de alguma maneira, acabam se agrupando em algum local, com hora marcada e com alguma liderança ou mentores” (BOMILCAR, 2012, p. 21).

Em contrapartida, também não são poucas as vezes que evangélicos “desigrejados” findam tornando-se indivíduos ateus ou agnósticos. “Distantes das igrejas, muitos oriundos de famílias protestantes ainda se declaram protestantes, mas boa parte já emocionalmente desligados, não assumem qualquer religião” (MENDONÇA, 2011, p. 90). Tanto o aumento dos “evangélicos sem igreja” quanto o crescimento dos “brasileiros sem religião”<sup>59</sup> têm o mesmo fundo: são ambos frutos do desencantamento com as religiões institucionalizadas (AYRES *apud* CAMURÇA, 2013, p. 68). Estas duas categorias podem ser “um ponto de

<sup>58</sup> “Igreja emergente é simplesmente um termo usado para denominar as igrejas que nasceram ou que foram [re]estruturadas para um contexto pós-moderno, pós-cristão de ser igreja no mundo de hoje” (JOHNSON *apud* MEISTER, 2006, p. 100). O termo é usado para referir a “comunidades voltadas à cultura jovem ‘emergente’, típica dos grandes centros urbanos do século XXI, [que] defendem a desinstitucionalização da igreja cristã e o retorno à simplicidade das comunidades alternativas” (ALEXANDRE, 2010a, p. 87; *acréscimo nosso*).

<sup>59</sup> “Dentre os tipos predominantes de sem religião encontram-se aqueles que se desvincularam de uma religião tradicional e afirmam sua crença com base em rearranjos pessoais; aqueles que passaram por diversos trânsitos, mas que não se encontraram em nenhum deles; aqueles que mantêm uma espiritualidade leiga ou secular; aqueles que mantêm uma filiação fluida em razão da indisponibilidade de participação religiosa regular e aqueles que se definem como ateus ou agnósticos” (TEIXEIRA, 2013, p. 27).

partida, um interregno entre pertencimentos, ou um ponto de chegada onde se realiza sínteses pessoais combinando elementos e diferentes tradições religiosas e esotéricas” (TEIXEIRA, 2013, p. 28).

Suspeita[-se] que exista uma relação de causa/consequência entre evangélico não determinado e sem religião no sentido de que um possa ser um estado anterior ao outro, em função da tendência que ele considera dominante, da crescente “desafeição religiosa” em relação às instituições religiosas no Brasil: “tudo indica a passagem de uma religião a outra: de católico a evangélico tradicional, ou pentecostal tradicional depois a neopentecostal, depois pentecostal não determinado e depois sem religião. A trajetória parece demonstrar esta passagem” (OLIVEIRA *apud* CAMURÇA, 2013, p. 80; *acréscimo nosso*).

Em suma, a noção de que estão constantemente as **religiões em movimento** (TEIXEIRA & MENEZES, 2013, *et al.*) se consolida ao olhar para as históricas e recentes transformações no campo protestante brasileiro. Este capítulo inicial foi uma tentativa de costurar as diversas expressões de protestantismo brasileiro com o intuito de criar a “grande narrativa” da plantação e desenvolvimento da fé protestante no Brasil (MCGRATH, 2012, p. 455). Os questionamentos permanecem, mas agora principalmente sobre o futuro deste movimento que, tal qual uma árvore, foi semeado e germinou (nascimento), cresceu rápida e inesperadamente (crescimento), floresceu e frutificou bastante (reprodução), mas agora tem experimentado uma fase diferente, com desaceleração do crescimento dos ramos, estacionamento das raízes, queda dos frutos e perda das folhas, deixando um palpite no ar: estaria o tronco evangélico brasileiro tombando (morte)?

Uma interpretação mais moderada enxerga esse panorama não como um sinal de progressivo definhamento, ou mesmo extinção do evangelicalismo brasileiro, mas sim como apenas mais uma fase natural de mudanças, do mesmo modo como as variadas estações que uma árvore atravessa anualmente. Os mais otimistas conseguem até prever na atual **crise uma oportunidade de crescimento**<sup>60</sup> (BOFF, 2010), levando não só à sobrevivência, mas à germinação e florescimento de **outra espiritualidade** (KIVITZ, 2006). Nesse sentido, o novo (ou renovado?) desafio da igreja evangélica brasileira (organismo espiritual e instituição social) “é o constante arrancar das ervas daninhas da institucionalização, de modo que [...] encontre espaço para florescer, frutificar e se alastrar” (KIVITZ, 2006, p. 85).

---

<sup>60</sup> Segundo Leonardo Boff (2010, p. 27), “a palavra crise designa o processo de purificação do cerne. [...] Depois de qualquer crise, seja corporal, psíquica, moral, seja interior e religiosa, o ser humano sai purificado, libertando forças para uma vida mais vigorosa e cheia de renovado sentido.”

## 2. “NOVA REFORMA PROTESTANTE”<sup>61</sup>? A IGREJA EVANGÉLICA BRASILEIRA E O ESPÍRITO DA REFORMA

“*Ecclesia reformāta semper reformanda est.*”

- Gisbertus Voetius<sup>62</sup>

“A igreja reformada (oriunda da Reforma Protestante) sempre deve ser reformada” (*tradução nossa*). A expressão acima é um lema bastante popular dentro da tradição protestante. “O contexto histórico desta frase [...] está enraizado na tradição reformada holandesa, mas só no século XX é que foi largamente reconhecido nos círculos reformados” (KOFFEMAN, 2015, p. 8; *tradução nossa*). Este mote, em conjunto com os “Cinco Solas” (*Sola Scriptura, Sola Gratia, Sola Fide, Solus Christus, Soli Deo Gloria*<sup>63</sup>) (LOPES, 2010, p. 193), podem ser reconhecidos como princípios da Reforma Protestante, ou seja, diretrizes básicas que “surtem no contexto da Reforma e são consolidados com as grandes confissões da chamada segunda geração do protestantismo europeu” (NUNES, 2007, p. 9).

Mas o que de fato este “**espírito da reforma**” quer dizer? Assim como, a partir deste lema, se fazem diferentes traduções<sup>64</sup>, do mesmo modo são também diversas as interpretações a ele atribuídas. Em primeiro lugar, diverge-se em relação ao *agente da mudança*: embora uma tradução mais superficial pareça sugerir que é a igreja que reforma a si mesma, o verbo (*reformanda*) está na voz passiva, indicando que o agente da reforma seria outro, no caso, o Espírito de Deus (LOPES, 2010, p. 193). Outro ponto discutido é a *referência da mudança*: enquanto uns afirmam que a igreja precisa sempre se reexaminar considerando o mundo à sua

<sup>61</sup> Expressão proposta na matéria “Os novos evangélicos” da revista *Época* de agosto de 2010 (reportagem que será analisada neste capítulo). O texto sugere “um movimento de fiéis [...] [que] propõe uma *nova reforma protestante*” (ALEXANDRE, 2010a; *acréscimo e grifo nossos*), e “tenta recriar o protestantismo à brasileira” (*Ibid.*, p. 84; *grifo nosso*).

<sup>62</sup> A frase tem sido oficialmente atribuída ao reformador holandês Gisbertus Voetius (1589-1676), que a teria articulado à época do Sínodo de Dort (1618-1619) (LOPES, 2010, p. 193). Outros autores mencionam os nomes dos reformados holandeses Johannes Hoornbeeck (1617-1666) (HOLDER, 2006, p. 241), Jacobus Koelman (1631-1695) e Jodocus van Lodenstein (1620-1677) (KOFFEMAN, 2015, p. 9). Seja qual destes for o real autor do mote, é evidente e unânime que a suas origens estão na tradição reformada holandesa, e que “eventualmente, todos eles dependem de Voetius [...], mas sem atribuir-lhe uma citação direta. Gisbertus Voetius foi o mais importante teólogo a contribuir para o desenvolvimento da política da igreja reformada no século XVII” (*Ibid.*, p. 9; *tradução nossa*).

<sup>63</sup> Os “Cinco Solas” (“somente”, em português) são frases latinas que significam: “Somente a Escritura”, “Somente a graça”, “Somente a fé”, “Somente Cristo” e “Somente a glória de Deus” (*tradução nossa*).

<sup>64</sup> Outras traduções sugerem significados paralelos: “A Igreja é reformada e está sempre se reformando” (*Ecclesia reformāta et semper reformanda est*) (LOPES, 2010, p. 193) e “A igreja reformada deve estar sempre se reformando segundo a Palavra de Deus” (*Ecclesia reformāta semper reformanda est secundum verbum Dei*) (HAFFNER, 2007, p. 117; *tradução nossa*). Apesar das variações, todas concordam em um aspecto: o espírito de reforma permanente inerente à igreja reformada.

volta (BARTH *apud* KOFFEMAN, 2015, p. 12), outros contestam e proclamam que o único alvo deve ser se ajustar à Palavra de Deus (*verbum Dei*) (HAFFNER, 2007, p. 117), e ainda há quem afirme que toda renovação deveria ser baseada em Cristo, que é a própria Palavra de Deus encarnada e o fundador da igreja cristã (WCC *apud* KOFFEMAN, 2015, p. 13).

Quanto à *direção da mudança*, são duas as hipóteses<sup>65</sup>: os conservadores apontam para o passado, considerando reforma como sinônimo de “preservação” (tornar o antigo sempre novo); já os progressistas ficam seus pés no presente e miram o futuro, interpretando reforma como “transformação” (trocar o antigo sempre pelo novo) (KOFFEMAN, 2015, p. 13). E qual seria o *resultado da mudança*? O mote da reforma pode tanto ser compreendido como “reconstrução”, ou seja, um chamado ao constante rompimento com as autoridades eclesiais instituídas, seguido pela fundação de novas igrejas (VAN RULER *apud* KOFFEMAN, 2015, p. 8); ou então (o que parece ser mais o sentido original<sup>66</sup>) como simplesmente “reparação”, indicando que o seu propósito seria apenas a renovação da igreja já existente (KOFFEMAN, 2015, p. 13).

Em meio a tantas significações, há, todavia, alguns sentidos principais. O primeiro deles se refere à **reforma como processo** (*reformanda*): o espírito da reforma é verbo<sup>67</sup> (*reformāre*), palavra que exprime a existência de uma atividade (FERREIRA, 1986, p. 1764), neste caso, de “retornar à forma essencial”. “Isso significa nunca se cansar de voltar, não à origem no tempo, mas à origem na essência da comunidade” (BARTH *apud* KOFFEMAN, 2015, p. 12; *tradução nossa*). A expressão “deve ser reformada” indica que a igreja tanto se encontrará potencialmente passando por novas reformas (**reforma como futuro**), como também sugere que estas mudanças são imprescindíveis, constituindo-se na própria lógica de funcionamento da igreja<sup>68</sup> (*modus operandi*<sup>69</sup>).

<sup>65</sup> Esta divergência reside no próprio significado do verbo reformar (do latim *reformāre*), que pode denotar tanto “retomar a primeira forma, restabelecer, restaurar” (passado como referência), como também “mudar, alterar, transformar ou remodelar” (presente e futuro como referência).

<sup>66</sup> “Voetius estava menos interessado em mudar a vida da Igreja ou estruturas (governo da Igreja); a mudança estava mais focada no crescimento espiritual” (KOFFEMAN, 2015, p. 10; *tradução nossa*).

<sup>67</sup> Na mesma oração temos tanto o verbo principal *reformāre* no gerundivo (*reformanda*) como também o verbo auxiliar *esse* na terceira pessoa do presente do indicativo (*est*) indicando estado ou condição. O gerundivo constitui-se de uma flexão do verbo no particípio futuro passivo. No caso, o gerundivo *reformanda* indica ação que vai e/ou deve ser realizada, e quase sempre indica também obrigatoriedade, necessidade, dever. Por estar o verbo na voz passiva, deduz-se que a ação é sofrida ou recebida pelo sujeito (*ecclesia*), sendo o agente indeterminado (ALMEIDA, 2000, p. 205 e 206).

<sup>68</sup> Neste caso, a expressão significa que a igreja protestante vai ser/deve ser “reformada” no futuro. O advérbio de tempo (*semper*) corrobora a noção de continuidade da ação (FURLAN, 2006, p. 95). Partindo desta significação, é possível concluir também que o termo sugere o próprio *modus operandi* (modo de operar, dinâmica de funcionamento) da igreja protestante, que já passou, está passando e seguramente passará por “reformas” no futuro.

<sup>69</sup> “O modo de agir” [Bacon, De Interpretatione Naturae 5] (KOCHER, 2015).

Esta dinâmica de reforma (demolição da forma estabelecida, seguida de reconstrução da forma original) é constantemente aplicada aos grupos de origem protestante, quer eles considerem estar a “essência perdida” da igreja nas doutrinas dos reformadores do séc. XVI, ou no evento neotestamentário do Pentecostes, ou ainda na vida comunitária do cristianismo primitivo. “O protestantismo vive uma espécie permanente do mito do eterno retorno. No interior de cada igreja, teologia e prática verdadeiras são as consideradas fiéis às suas próprias origens, identificadas com as origens do próprio cristianismo” (AZEVEDO, 2004, p. 26). Nesta operação de reforma, vai mudando-se praticamente tudo: nomes, tipos e formatos das instituições, usos, costumes, liturgia, líderes, estruturas, métodos de administração, interpretações bíblicas, ênfase teológica, fervor espiritual, estratégias e foco missionários, engajamento político, cultural e social, etc. A única coisa “que permanece é a atitude mental da autocrítica e da mudança” (MASI, 2013).

Assim sendo, podemos entender que a única parte deste “edifício” da(s) igreja(s) (de origem) protestante que nunca se “destrói” e, portanto, não se “reconstrói” é (paradoxalmente) a sua própria capacidade de reformar. Isto pode ser claramente percebido naqueles protestantes mais progressistas, que não entendem a reforma como o clássico método de reconstituição exata das estruturas do passado. Para eles a “essência perseguida” do protestantismo já reside na sua própria tendência para a reforma, “em seu constante autoexame à luz da Bíblia e em sua disposição de se corrigir quando tomar a direção errada ou a situação mudar” (MCGRATH, 2012, p. 459).

Este segundo aspecto se manifesta quando tomamos o “slogan” a partir de outro ponto de vista, descobrindo agora a **reforma como caráter** (*reformāta*): o espírito da reforma é também adjetivo<sup>70</sup>, palavra que dá característica ao substantivo (*ecclesia*) (FERREIRA, 1986, p. 47), neste caso, descrevendo-o como “de essência reformada”. Isto significa que “o protestantismo possui a capacidade única e inerente de inovação, renovação e reforma baseada em seus próprios recursos internos” (MCGRATH, 2012, p. 472). O atributo de “ser reformada” indica que a igreja é tanto resultado de um processo de Reforma já ocorrido

---

<sup>70</sup> O adjetivo *reformāta* serve para descrever a natureza do sujeito a que se refere (*ecclesia*). Vale ressaltar que este adjetivo constitui-se de uma flexão do verbo *reformāre* no particípio passado passivo, de modo que a palavra *reformāta* indica igualmente uma ação que já foi realizada no *passado* (ALMEIDA, 2000, p. 205 e 206). A voz passiva novamente confirma a noção de que o sujeito é passivo na ação.

(**reforma como passado**), como, ao mesmo tempo, que esta é sua própria natureza<sup>71</sup> (*modus essendi*<sup>72</sup>).

A tendência de reforma (potencial para continuidade das demolições e reconstruções) é um “aspecto integral da identidade protestante” (MCGRATH, 2012, p. 458). “Faz parte da essência do protestantismo examinar-se, renovar-se, respondendo ao seu ambiente, de um lado, e à própria leitura da Bíblia, de outro. [...] O protestantismo é incontrolável” (MCGRATH, 2012, p. 471). E este atributo não tem servido apenas para fornecer identidade interna ao movimento protestante, mas também para diferenciá-lo de outras construções filosóficas e teológicas (AZEVEDO, 2004, p. 33). Desde a sua ruptura com o catolicismo no século XVI, “o protestantismo já começou como uma negação. Por isto, *protestantismo...*” (AZEVEDO, 2004, p. 24; *grifo nosso*).

Ou seja, a partir do entendimento deste lema, podemos deduzir sobre a igreja protestante que esta *já é* reformada, e *ainda não*. A igreja já é reformada, porque nasceu de uma Reforma (passado). A igreja permanece reformada<sup>73</sup>, porque esta é sua essência (caráter). A igreja deve sempre estar sendo reformada, porque a reforma é uma exigência permanente (processo). E a igreja ainda não é reformada, porque um dia a reforma será completa (futuro). Em suma, o *espírito da reforma* para a igreja protestante é tanto a sua origem como também será o seu destino; é seu modo de funcionar, mas também sua própria maneira de ser. (Para uma interpretação detalhada do lema da reforma, conferir os apêndices A e B).

Resgatando a linha de pensamento do capítulo anterior, podemos compreender como o movimento de origem protestante, tal qual uma planta, se desenvolve em solo brasileiro.

<sup>71</sup> Neste caso, a expressão indica tanto que a igreja protestante é o fruto de uma Reforma no *passado*, como também sugere que este o seu próprio *modus essendi* (modo de ser, caráter), ou seja, a igreja protestante é “reformada”.

<sup>72</sup> “O modo de ser” [Descartes, Meditatio 3.15] (KOCHER, 2015).

<sup>73</sup> É importante ressaltar que o que chamamos aqui de “igreja reformada”, ou “igreja que possui o caráter da reforma”, é uma referência, na verdade, a todas as igrejas de origem protestante (oriundas direta ou indiretamente da Reforma Protestante) espalhadas pelo mundo, e que perpetuam, ainda que em diferentes formas e intensidades, a herança do protestantismo. *Neste aspecto, assumimos aqui “reformado” como sinônimo de “protestante”*. “Protestante é aquele cristão que está convencido dos ‘Cinco Solas’. [...] Ele não compactua com nada que dilua esses postulados” (SENA, 2014). Distinguimos aqui nossa acepção de outro conceito já estabelecido de “Igrejas Reformadas”, alcunha dada apenas à família de denominações protestantes que aceita oficialmente os princípios definidos como “da reforma” (doutrina calvinista presente nas confissões de fé da época da Reforma). *Nesta acepção, “reformado” seria sinônimo de “calvinista”*. “Reformado é o cristão protestante que subscreve toda teologia de alguma Confissão de Fé Reformada, que obviamente inclui os Cinco Pontos do Calvinismo, [...] resumidos no acrônimo TULIP [em inglês] (depravação total [Total depravity], eleição incondicional [Unconditional election], expiação limitada [Limited atonement], graça irresistível [Irresistible grace] e perseverança final [Perseverance of the saints])” (*Ibid.*; acréscimos e grifos nossos). Este movimento protestante surgiu poucos anos depois da Reforma Protestante, independente do movimento de Lutero, que, para distinguir-se deste, passou a ser denominado como ‘reformado’. Essa denominação resultou do entendimento de que a ‘Segunda Reforma’ estava realizando uma obra de renovação na igreja mais profunda e radical do que aquela proposta por Lutero. No território brasileiro a principal representante deste grupo é a Igreja Presbiteriana do Brasil.

Herdeira das sementes da Reforma do séc. XVI (origem protestante), a árvore da igreja evangélica brasileira demonstra ser um caso peculiar deste *espírito da reforma*<sup>74</sup>. Ela carrega em seu “código genético” (MCGRATH, 2012, p. 455) a essência reformada (caráter da Reforma Protestante), e se desenvolve, portanto, segundo a dinâmica de reforma (constantes rupturas e continuidades). De modo que as previsões mais acertadas do futuro apontam para o aparecimento de outros movimentos reformistas, os novos brotos da árvore do protestantismo. A partir desta concepção, qual será a próxima etapa da igreja evangélica brasileira?

Mais recentemente receberam grande destaque os “novos evangélicos”, identificados em reportagem homônima da revista *Época* (ALEXANDRE, 2010a) e descritos como sendo parte de um suposto movimento reformista que tem emergido de diversos segmentos da igreja protestante brasileira. A proposta do presente capítulo é analisar em que medida estes “novos evangélicos” são *novos* (constituem-se em ineditismo ou são continuidade de uma tendência já existente?), se são *reformistas* (fazem parte da dinâmica de reforma - demolição/reconstrução?), se formam um *movimento* (podem ser considerados uma corrente religiosa coesa e definida?), e se são *protestantes* (carregam consigo a essência do protestantismo?). A partir desta desconstrução do fenômeno apresentado na reportagem<sup>75</sup>, investigando o que nele há de diferencial e o que há de contínuo, pode-se traçar um retrato mais aproximado da atual conjuntura da igreja protestante brasileira.

Antes de analisar os novos rebentos desta árvore de origem protestante, é imprescindível que se faça primeiramente um breve retorno ao passado, às suas sementes. Diz o ditado que “cada um age de acordo com seu caráter” (*modus operandi sequitur modum essendi*<sup>76</sup>). Igualmente o protestantismo, cujo proceder será sempre a expressão de sua essência. “A propensão intrínseca à reformulação, investigação e adaptação demonstrada por sua história sugere que este padrão de desenvolvimento continuará no futuro” (MCGRATH, 2012, p. 456). O destino desta igreja de origem protestante, portanto, “repousa precisamente no protestantismo ser o que o protestantismo realmente é” (MCGRATH, 2012, p. 472). Mas o que, afinal, seria o protestantismo? A fim de compreender a sua identidade, realizaremos

<sup>74</sup> Portanto, cada vez que aqui nos referirmos ao *espírito da reforma*, queremos com isto indicar estes quatro aspectos extraídos da interpretação do mote da reforma (“*Ecclesia reformata semper reformanda est*”), quais sejam: o *espírito da reforma* é a sua identidade (caráter/*modus essendi*), seu modo de proceder (dinâmica/*modus operandi*), originados em seus princípios (sementes/passado) e presentes em seus desenvolvimentos posteriores (rebentos/futuro).

<sup>75</sup> Como o foco do trabalho não é proceder a uma análise aprofundada da reportagem, já que ela se constitui apenas como o “gatilho”, ou seja, o evento que motivou a realização da pesquisa, a matéria então será utilizada somente como ponto de partida para a abordagem do objeto de estudo. Neste capítulo, portanto, procedemos a uma desconstrução do texto da revista, avaliando em que medida ela é pertinente para compreender o atual contexto da igreja evangélica brasileira.

<sup>76</sup> “O modo de agir acompanha o modo de ser” [Signoriello 209] (KOCHER, 2015).

primeiramente um regresso, ainda que breve, aos seus princípios, seja enquanto origens históricas, ou como valores fundamentais.

## 2.1. Sementes do protestantismo: A Reforma Protestante do séc. XVI

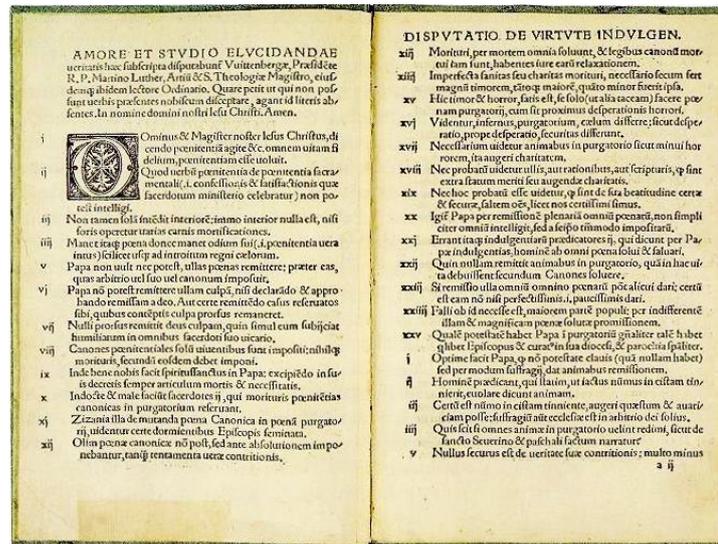
*"O Reino dos céus é como um grão de mostarda que um homem plantou em seu campo. Embora seja a menor dentre todas as sementes, quando cresce torna-se a maior das hortaliças e se transforma numa árvore."*

- Mateus 13.31, 32

31 de outubro de 1517. O monge agostiniano Martinho Lutero (Martinus Luter, 1483-1546) publicou suas **"95 teses para discussão sobre o poder das indulgências"** (*Disputatio pro declaratione virtutis indulgentiarum*) na porta da igreja de Wittenberg, na Alemanha<sup>77</sup>. O documento consistia em um questionamento às doutrinas da hegemônica Igreja Católica Apostólica Romana. Mesmo antes deste acontecimento, já era intenso o movimento, dentro e fora da Igreja, que abordava as questões discutidas por Lutero; ele "tão somente manteve a tradição humanista que há muito vinha apontando para contradições vividas por essa instituição. As críticas [...] eram feitas por príncipes, comerciantes, parte do clero e pensadores" (FIGUEIREDO FILHO, 2005, p. 47). O movimento ficou mais tarde conhecido como Reforma Protestante.

---

<sup>77</sup> Esta versão é a mais aceita e perpetuada sobre a publicação das teses de Lutero. É preciso, no entanto, mencionar que é grande o debate em torno do fato, sendo contestados dois pontos principais: a afixação das teses na porta catedral e a data do ocorrido. "Lutero nada deixou escrito nem dito acerca dessa afixação. O primeiro autor que o atesta é Melancton que, em 1546 (alguns meses depois da morte do Reformador), menciona o acontecimento. [...] Que se pode, em síntese, dizer de relativamente seguro sobre o assunto? a) Em 31 de Outubro de 1517, Lutero envia as suas teses às autoridades eclesiásticas [...] e também a alguns amigos. b) Terão sido alguns desses destinatários que, parece que sem o conhecimento de Lutero, se ocuparam de as mandar imprimir, visando uma ampla divulgação. c) Quando Lutero escreve em 31 de Outubro de 1517 a carta ao arcebispo Alberto de Mayence, tem em vista incitá-lo a pôr fim aos abusos cometidos no tráfico das indulgências, e não solicitar deste um julgamento sobre as teses. d) Em 31 de Outubro de 1517, Lutero está animado do desejo de uma disputa em torno do tema das teses. e) É verosímil — ainda que não absolutamente seguro — que ele as tenha afixado publicamente nesse dia. A ser assim, a data reveste-se de um significado particular: a data: véspera de Todos-os-Santos, não é somente [...] a pregação das indulgências que Lutero visa, visa também Frederico o Sábio e o seu museu de relíquias; a língua: o latim supõe não um apelo directo ao povo, mas sobretudo um convite aos clérigos, aos teólogos, aos universitários, para assumirem a responsabilidade de um debate: o lugar: a porta de uma igreja funciona simbolicamente como expressão de um desejo: desencadear o debate em igreja. Nessa altura ele está ainda longe de imaginar uma ruptura com Roma. O desejo que o anima é, fundamentalmente, o de nada dizer que não seja conforme ao ensino da Igreja católica e aos seus doutores" (ALMEIDA, 2008, p. 16 e 17). "Dito isto, pode-se continuar a considerar o 31 de outubro a data de nascimento da Reforma. Foi nesse dia que as teses foram divulgadas. [...] O processo deslanchou aí" (LIENHARD, 1998, p. 346).



**FIGURA 3 - Cópia das 95 teses de Lutero para Discussão sobre o Poder das Indulgências. Exposição permanente da Biblioteca Estadual de Berlim, Alemanha. Fonte: BIBLIOTECA DIGITAL MUNDIAL, 2015.**

Lutero e os demais reformadores<sup>78</sup> concordavam que a Igreja Católica necessitava urgentemente de correções, uma vez que, de acordo com sua avaliação, a instituição havia se distanciado bastante do que propunha o cristianismo primitivo. Entre as principais críticas religiosas ao catolicismo<sup>79</sup> estavam: o questionamento à autoridade do Papa e dos sacerdotes sobre os leigos, da Igreja (poder espiritual) sobre o Estado (poder político) e da tradição eclesiástica sobre as escrituras bíblicas; a denúncia da acumulação material do clero, que contradizia o modo de vida dos primeiros cristãos e contrastava com a pobreza da imensa maioria da população; a condenação do culto às imagens, considerado como idolatria; a rejeição à oficialidade do latim, suscitando um movimento pela tradução da Bíblia para a linguagem popular e vernácula; entre outras alegações de distorções ao cristianismo bíblico. De modo que as teses de Lutero em protesto à comercialização de indulgências (perdão dos

<sup>78</sup> Sejam os seus contemporâneos, como o alemão Zuínglio (Huldrych Zwingli, 1484-1531), o suíço Calvino (Jean Cauvin, 1509-1564), o escocês John Knox (1514-1572), entre inúmeros outros; ou ainda os precursores da Reforma, como o francês Pedro Valdo (Pierre Vaudès, 1140-1220), o inglês John Wycliffe (1328-1384), o tcheco João Huss (Jan Hus, 1369-1415), etc.

<sup>79</sup> Além das críticas religiosas, é importante ressaltar outras razões de ordem política, econômica e social que contribuíram para o desencadeamento da Reforma Protestante. “As reformas interessavam às monarquias, detentoras do poder secular, que queriam acabar com os privilégios da Igreja. O progresso comercial e urbano também tinha interesses por uma nova religião afinada com o capitalismo emergente. Os camponeses oprimidos revoltam-se contra o catolicismo dos senhores feudais, o que transformou a luta religiosa em luta de classes. Os movimentos também provocaram guerras religiosas entre protestantes e católicos, como a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648). Entretanto, o estabelecimento de causas políticas, sociais e econômicas para a definição do Protestantismo não esgota sua complexidade e muito menos explica seu dinamismo” (NUNES, 2007, p. 9 e 10).

pecados) foram apenas o estopim para a explosão de um incontrolável fenômeno de reforma espiritual e institucional que há tempos já estava latente.

Ele verbalizou ‘com voz potente e até prepotente aquele desejo de renovação religiosa, aquele anseio de renascimento para uma nova vida e aquela necessidade de regeneração que constituem as próprias raízes do Renascimento’. Neste sentido, o seu movimento pode ser visto ‘como um dos resultados deste grande e multiforme movimento espiritual’ (REALE & ANTISSEI *apud* AZEVEDO, 2004, p. 33).

A Reforma, portanto, deve ser vista não como um acontecimento repentino e isolado, mas como “parte da concatenação dos eventos no século XVI” (DILTHEY *apud* AZEVEDO, 2004, p. 29) na Europa<sup>80</sup>, “um contexto histórico que permitiu relativa rapidez no seu florescimento” (FIGUEIREDO FILHO, 2005, p. 46). Esta Reforma, por um lado, caracteriza-se como ainda mais *tradicional* que o catolicismo medieval, uma vez que “os primeiros protestantes propuseram-se precisamente a recriar uma igreja fiel ao Novo Testamento” (AZEVEDO, 2004, p. 26<sup>81</sup>). Com isto, levaram “às últimas consequências o grande princípio do ‘retorno às origens’, ou seja, do retorno às fontes e aos princípios [...] claramente apontado no Evangelho e no pensamento das origens cristãs e dos Padres da Igreja” (REALE & ANTISSEI *apud* AZEVEDO, 2004, p. 33).

Mas, por outro lado, “este retorno [...] é revolucionário e subversivo, no sentido que considerou um peso sufocante toda a construção filosófica e teológica anterior. Afinal, se o alicerce era católico romano e se o catolicismo pecava pela base, nada penetrado por ele poderia ser aproveitado” (AZEVEDO, 2004, p. 33). “A origem do protestantismo repousa no que, em última instância, foi uma incontrolável explosão de energia criativa dirigida à renovação espiritual e à reforma institucional da igreja” (MCGRATH, 2012, p. 457). Uma forma diferenciada e *inovadora*<sup>82</sup> de vivência religiosa foi desenvolvida, com uma nova maneira de ler a Bíblia, um novo modelo eclesial e uma nova forma de atuação cristã em relação à sociedade<sup>83</sup>.

<sup>80</sup> “Os movimentos reformistas do século XVI ocorreram paralelamente ao Renascimento, à passagem do Feudalismo para o Capitalismo e ao fortalecimento das monarquias nacionais europeias” (NUNES, 2007, p. 9).

<sup>81</sup> “Se é verdade que os anabatistas colocaram explicitamente o ideal da restauração como meta do seu movimento, Lutero fez o mesmo, ao restaurar o princípio paulino da justificação pela fé. De igual modo procedeu Calvino, ao centrar sua concepção de igreja na doutrina também paulina da amplitude do pecado original.”

<sup>82</sup> “A reforma era vista pelos primeiros protestantes como a nova plenitude dos tempos a libertá-los do caos romano” (AZEVEDO, 2004, p. 46).

<sup>83</sup> “O paradoxo é este: o protestantismo é, ao mesmo tempo, moderno e antimoderno. Ele rompeu com a heteronomia eclesial e ajudou a construir o arcabouço de uma visão completamente autônoma do homem. Ele mesmo, porém, sucumbiu à heteronomia, embora com roupagem diferente” (AZEVEDO, 2004, p. 34).

No contexto da Reforma foram elaborados os princípios essenciais da fé protestante<sup>84</sup>, os “**Cinco Solas**”, ou seja, as crenças basilares que fundamentaram as críticas à religião católica romana e que a partir de então definiriam a identidade reformada e norteariam os desenvolvimentos futuros das igrejas protestantes (NUNES, 2007, p. 10). A Reforma se fundamenta, sobretudo, na primazia das escrituras sagradas na fórmula *Sola Scriptura*. Isto significa que, ao propor “a Bíblia como guia infalível para a teologia e para a vida, [...] [Lutero] ofereceu uma autoridade normativa diante de tantos *nomos* existentes, todos falíveis (a igreja mesmo, a filosofia disponível, a física de então) porque humanos” (AZEVEDO, 2004, p. 46; *acréscimo nosso*).<sup>85</sup> Em contrapartida, isto implicava que cada indivíduo passaria a ter liberdade de leitura e interpretação destas Escrituras, e a partir de então exerceria sua piedade independente de qualquer instituição e liderança religiosa. “A doutrina luterana do sacerdócio de todos os fiéis destruiu a velha moldura hierárquica da igreja e colocou o homem diretamente na presença de Deus” (HILL *apud* AZEVEDO, 2004, p. 47)<sup>86</sup>.

“A partir da primazia da Bíblia, o Protestantismo construiu seu entendimento do ser igreja e o modo como se conduzir em termos de fé e da relação entre o fiel e o mundo” (NUNES, 2007, p. 12 e 13). Todos os demais fundamentos da Reforma estavam embutidos nos textos sagrados, de onde foram extraídos pelos métodos de interpretação bíblica. O princípio *Sola Gratia* expressa a insuficiência de todo e qualquer meio de salvação que não fosse a graça de Deus a qual “se apresentava como a ação de Deus para com o homem como ato de pura bondade e benevolência, independente da ação humana” (NUNES, 2007, p. 13). Isto representou “a ‘conclusão lógica do processo de eliminação da magia no mundo.’ Agora, não havia espécie alguma de meio para se obter a graça de Deus, cuja obtenção era possível no mundo medieval através da participação nos sacramentos da igreja” (AZEVEDO, 2004, p. 39). A única forma aceitável de alcançar esta graça seria exclusivamente pela fé. Através do princípio *Sola Fide*, “a Reforma intentou garantir principalmente ‘o direito e a capacidade de

---

<sup>84</sup> “Os Princípios Protestantes [...] são consolidados com as grandes confissões da chamada segunda geração do Protestantismo Europeu, [...] e distinguem protestantes de católicos e orientavam o perfil da Reforma. [...] Três documentos destacam-se neste processo: as noventa e cinco teses de Lutero, a Confissão de Augsburg e a Declaração de fé de Westminster. Em todos estes documentos, a Bíblia (considerada a Sagrada Escritura) é o ponto de partida e a base para as demais doutrinas e declarações” (NUNES, 2007, p. 10 e 11). “Esta teologia respondia certamente, às necessidades religiosas de seu tempo, sem o que ela não teria conhecido o sucesso que foi o seu” (*Ibid.*, p. 9).

<sup>85</sup> “A Reforma opõe-se ao controle dogmático do pensamento religioso pela igreja em nome da autoridade das Escrituras’. Os pais da Reforma insistem que ‘nenhuma autoridade humana (nem mesmo a da igreja) pode pretender a posse ou a interpretação da verdade do evangelho’, tomando como estando ‘além de toda sabedoria humana’, ‘invariavelmente corrompida’ por essas mesmas interpretações” (NIEBUHR *apud* AZEVEDO, 2004, p. 32).

<sup>86</sup> “Se isto é novo, o velho continuou: os homens emanciparam-se dos padres, porém não dos terrores do pecado, do padre interiorizado em suas consciências” (HILL *apud* AZEVEDO, 2004, p. 47).

cada alma se apropriar da graça de Deus pela fé’, sem a interposição de qualquer instituição restritiva dessa graça” (AZEVEDO, 2004, p. 32). Através da proclamação da salvação recebida na justificação pela fé, “Lutero catalisou os anseios [...] dos seus contemporâneos, então insatisfeitos com a resposta sacramental (isto é, operação da salvação pelas obras) organizado pela Igreja Católica” (AZEVEDO, 2004, p. 46).

Por trás da supremacia da Bíblia, e sendo, na verdade, a fonte da legitimidade desta hegemonia escriturística, estava a autoridade do próprio Deus<sup>87</sup>, expressa por meio de dois outros princípios da Reforma. O primeiro deles, *Solus Cristhus* é uma ênfase na concepção de que a mediação do homem com Deus se faz por meio de Jesus Cristo. Por meio deste princípio, “o monge de Erfurt [Lutero] dispensou uma instituição cuja mediação era vista por muitos como tendo fracassado, e mesmo que não tivesse, era preferível, na concepção humanista, ser mediado pelo próprio Deus (isto é, não ser mediado)” (AZEVEDO, 2004, p. 46; *acréscimo nosso*). Se, de um lado, este princípio definiu Cristo como o princípio e o meio, de outro, com *Soli Deo Gloria*, a Reforma apontou para Deus como o fim último de todas as coisas. “O próprio Reformador [Lutero] ensinou que ‘todas as coisas foram criadas por nós, a fim de que reconheçamos o Autor e agradeçamos sua bondade para conosco” (CALVINO *apud* AZEVEDO, 2004, p. 39).

Com isto se estabeleceu uma ética de vida pautada na vivência dos princípios cristãos que, embora não servisse mais como critério decisivo para a salvação do indivíduo, passou, contudo, a funcionar como distinção social do povo protestante e esteve aliada também ao desenvolvimento de uma nova forma de vida em sociedade. “O protestantismo originário favoreceu o surgimento do espírito moderno, especificamente por sua ética do trabalho, segundo a qual a atividade, e não o ócio ou o lazer, contribui para aumentar a glória de Deus” (WEBER *apud* AZEVEDO, 2004, p. 40). A ética protestante<sup>88</sup> ultrapassava o mundo religioso e invadia todas as áreas da vida, e até mesmo a esfera dos negócios. “À medida que se foi estendendo a influência da concepção de vida puritana [...] ela favoreceu o desenvolvimento

---

<sup>87</sup> “Sobre a alma, Deus não pode e não quer deixar ninguém governar a não ser somente ele. Por conseguinte, se a autoridade secular se atreve a impor uma lei à alma, aí ela interfere no regime divino” (LUTERO *apud* AZEVEDO, 2004, p. 34).

<sup>88</sup> “O ideal perfeccionista continuou em vigor e acarretou a identificação da mensagem cristã da salvação com a perfeição moral dos membros individuais. O calvinismo, com seus elementos perfeccionistas (embora não professe o perfeccionismo), produziu um tipo de ética protestante em que a santificação progressiva é a meta da vida cristã. Isto lhe permitiu formar personalidades fortes, com grande autocontrole. Ansiosos por observar em si mesmos os sintomas de sua eleição, eles produziram estes sintomas mediante aquilo que se chamou de ‘ascetismo intramundano’, isto é, mediante o trabalho, o autocontrole e a repressão da vitalidade, sobretudo do sexo. Estas tendências perfeccionistas se fortaleceram quando o perfeccionismo dos evangélicos radicais se fundiu com os elementos perfeccionistas do calvinismo” (TILLICH, 2005, p. 674).

de uma vida econômica racional e burguesa, [...] contribuindo poderosamente para a formação da moderna ordem econômica e técnica” (WEBER, 2002, p. 130).

Ainda nos seus primórdios, estes princípios da reforma<sup>89</sup> “passaram a ser controlados por grupos que [...] acabaram recebendo o nome de denominações, as quais se ocuparam de erigir sistemas religiosos completos” (AZEVEDO, 2004, p. 48). Assim, tal qual uma árvore, a igreja protestante, plantada na Reforma do séc. XVI, apresentou, imediatamente após seu nascimento, os seus primeiros ramos, os diversos novos agrupamentos religiosos de caráter protestante. Além do luteranismo clássico, também se desenvolveram, a partir do puritanismo inglês, as denominações congregacional, batista, metodista e mitigadamente a presbiteriana, que são as versões pilares do protestantismo (AZEVEDO, 2004, p. 38)<sup>90</sup>. “Não há dúvida de uma ‘perda de unidade primordial do protestantismo’, a era dourada da unidade logo se esfacelou em fragmentos. Sua múltipla origem geográfica, cultural e histórica tornou o protestantismo distinto desde o início” (MCGRATH, 2012, p. 457).

Mas uma coisa é certa, que o ímpeto de reforma no interior da Igreja Católica, assim como uma pequena semente, depois de muitas tentativas<sup>91</sup>, finalmente germinou e floresceu a partir do ato de Lutero. É evidente que o terreno já estava preparado e o ambiente era favorável para o florescimento deste movimento, mais tarde reconhecido como protestantismo, cujos ramos cresceriam e se espalhariam pelos quatro cantos da terra. As sementes da fé protestante, que são os seus princípios fundantes, continham em si o *espírito da reforma*, a essência (caráter) de todo o organismo que viria a se desenvolver a partir de sua implantação. Estes fundamentos é que definiriam as características da igreja protestante, o seu potencial de crescimento e de ramificação, a quantidade e variedade de frutos, sua adaptação a cada ambiente, e até mesmo a capacidade de renovação do movimento, em face à possibilidade de futuras crises.

---

<sup>89</sup> “Os princípios acabaram se subordinando às doutrinas, e o indivíduo protestante tornou-se o que se submete a estas doutrinas mesmo que ignorante do princípio que as deveria ter gerado” (AZEVEDO, 2004, p. 48).

<sup>90</sup> “As primeiras (preocupações) de Lutero resultaram num protestantismo de espírito. [...] Os desdobramentos europeus do seu movimento transformaram-no num protestantismo de estado, nos países onde os princípios reformados se tornaram hegemônicos, sejam de contorno luterano, presbiteriano ou anglicano” (AZEVEDO, 2004, p. 48).

<sup>91</sup> Fazemos aqui uma analogia biológica entre as tentativas dos vários movimentos pré-Reforma e os desafios para a germinação de uma semente. “Para ter uma ideia, 95% das sementes morrem antes de germinar. Da pequena porcentagem que supera essa primeira etapa, apenas 5% sobrevive ao primeiro ano de vida. Há perigos durante toda a trajetória: falta de água ou de nutrientes no solo, variações inesperadas de temperatura, ventos fortes ou mesmo a poluição” (MUNDO ESTRANHO, 2014).

## 2.2. Rebornos do protestantismo? A “Nova Reforma Protestante” da Época

*“Aprendam a lição da figueira:  
quando seus ramos se renovam  
e suas folhas começam a brotar,  
vocês sabem que o verão está próximo.”*

*- Mateus 24.32*

09 de agosto de 2010. A revista semanal brasileira Época, em sua edição nº. 638, publicou uma matéria de capa intitulada **“Os novos evangélicos”** (ALEXANDRE, 2010a). A reportagem noticiava o surgimento de um movimento revolucionário dentro da igreja evangélica brasileira, em oposição à hegemonia das instituições neopentecostais. De acordo com o texto, essas vozes críticas que se erguem no meio evangélico não constituem “um movimento coordenado ou orquestrado por alguma liderança central. Ele é resultado de manifestações espontâneas, que mantêm a diversidade entre as várias diferenças teológicas, culturais e denominacionais de seus ideólogos.”<sup>92</sup> O movimento foi denominado pela revista como “Nova Reforma Protestante”.

Para este grupo evangélico emergente, “a igreja protestante (ao menos sua face mais espalhafatosa e conhecida) chegou ao novo milênio tão encharcada de dogmas, tradicionalismos, corrupção e misticismo quanto a Igreja Católica que Martinho Lutero tentou reformar no século XVI.” A maior parte das suas críticas é dirigida aos neopentecostais, que têm sido atualmente a face mais visível e popular dos protestantes brasileiros, principalmente devido aos seus intensos investimentos nos horários pagos no rádio e na TV, através dos quais convocam ouvintes e telespectadores a encherem suas “grandes e imponentes catedrais e ‘cultos shows’”. Propagando a visão de que a igreja é ‘a casa de Deus’, essas “denominações investem milhões em grandes e luxuosas catedrais”, lideradas por pastores que “são considerados ungidos pelo Senhor, com acesso preferencial a Deus e às suas revelações”.

As doutrinas neopentecostais também têm sido alvo de contestação. Ensinamentos como a “confissão positiva” e a “teologia da prosperidade” têm produzido fiéis dispostos a crer e contribuir financeiramente “na expectativa de que sua fidelidade possa constringer Deus a resolver seus problemas pessoais.” As práticas religiosas misturam manipulação psicológica, misticismo e rituais afro-brasileiros, vocabulário herdado da teologia triunfalista do Antigo Testamento, e comércio de bênçãos espirituais bastante semelhante à venda de

---

<sup>92</sup> Este tópico foi construído por meio da seleção de trechos da matéria da revista Época. Portanto, todas as citações foram extraídas da mesma fonte (ALEXANDRE, 2010a), a fim de reproduzir o discurso oficial, que será posteriormente analisado.

indulgências pela Igreja Católica à época da Reforma Protestante. Para os “novos evangélicos”, este modelo neopentecostal de igreja “não tem laços históricos, teológicos ou éticos com os evangélicos”, sendo “mais influenciado pela sociedade de consumo que pelos ensinamentos da Bíblia”.



FIGURA 4 - Capa da revista *Época* sobre “Os novos evangélicos”, edição de agosto de 2010

Fonte: ALEXANDRE, 2010a.

As incoerências não são enxergadas apenas por quem está do lado de dentro da igreja evangélica; a própria “sociedade já se fartou de tanto escândalo”. De um lado, o comércio “gospel” une os truques de marketing ao linguajar “evangeliquês”, fazendo da religião “um produto a oferecer, que precise ocupar espaço no mercado”. O “mundo”, em contrapartida, é apresentado como o território do diabo, sendo a igreja “o único lugar onde os crentes podem se proteger de sua influência”, e a Bíblia a “arma de convencimento” aos descrentes. Do lado da política, o escândalo fica por conta das bancadas evangélicas no Congresso, “que existem para conseguir facilidades para sua denominação e sustentar impérios eclesiásticos”. “Acusações de evasão de divisas, tráfico de armas e formação de quadrilha” têm sido frequentes na igreja evangélica brasileira, revelando que muitos “não se lastreiam na preservação de valores de ética ou correção, apesar de professarem o evangelho”. Todos esses fatos só contribuem para que a imagem da igreja na mídia seja realmente “um escracho”.

Os “novos evangélicos” se queixam por não se sentirem representados por “esse fenômeno religioso que pretende ser rotulado de cristianismo” divulgado diariamente na mídia. “O problema é que não há nenhum órgão que regule ou fale em nome de todos os evangélicos, então ninguém tem autoridade para dizer o que é uma legítima igreja evangélica” Isso tem levado a que muitos deste grupo de protestantes revolucionários procurem se distinguir dos atuais “evangélicos”, não só na diferenciação das crenças e das práticas, mas até mesmo das nomenclaturas. “Para superar o desgaste dos termos, algumas igrejas preferem ser chamadas de ‘comunidades’, os cultos são anunciados como ‘reuniões’ ou ‘celebrações’”, os músicos definem seu trabalho “apenas como ‘música feita por cristãos’, não mais como ‘gospel’”, “e até a palavra ‘evangélico’ tem sido preterida em favor de ‘cristão’ – o termo mais radical”.

Os evangélicos da reportagem da revista *Época* também são críticos daquilo que chamam de “religiosidade institucionalizada”, com seus “ritos, doutrinas, tradições, dogmas, jargões e hierarquias”. Para eles, as instituições religiosas, assim como as demais instituições da sociedade, “vieram da modernidade com a credibilidade arranhada”, estando atualmente “sob profundo processo de revisão”. Igualmente o movimento evangélico brasileiro, descrito como “eclesiocêntrico”, que estaria “visceralmente em colapso”. Nesse pacote são condenados tanto “o ostracismo das igrejas históricas tradicionais”, que dizem suas “verdades bíblicas, mas presas a um formato ultrapassado”, como os “cultos barulhentos e hábito de orar em línguas estranhas” dos pentecostais. A institucionalização de forma geral é vista pelos “novos evangélicos” como estrutura formalista, moralista, sectarista, ultrapassada, vazia de conteúdo e utilidade, além de servir para manipular as pessoas.

De acordo com a reportagem, estes “novos evangélicos” estariam unidos não apenas nas críticas que realizam, mas também na “reinvenção da igreja evangélica”, “buscando a essência da espiritualidade cristã que acabou diluída ao longo dos anos”. A proposta, inspirada naquela dos reformadores do séc. XVI, seria “uma versão brasileira mais modesta do que a Igreja Católica viveu nos tempos da Reforma Protestante. Desta vez, porém, dirigida para a própria igreja protestante.” Para os “novos evangélicos”, o primeiro passo para esse novo “protestantismo à brasileira” seria despir “os ensinamentos cristãos de todo aparato institucional”, a fim de “tirar o cristianismo das mãos da estrutura da igreja e devolvê-lo para a imaterialidade do espírito.”

Mas ao mesmo tempo em que promovem o fim das instituições religiosas tradicionais, esses grupos criam também novas formas de perpetuar a crença evangélica. Este novo modelo de religiosidade é baseado no cristianismo primitivo e caracteriza-se pela prática da fé “em

pequenos grupos de oração, comunhão e estudo da Bíblia”, organizados nas casas, ou até em ambientes mais alternativos, como “cafés, museus, praias ou pistas de skate”. São reuniões simples e informais, onde líderes e leigos “passam a ocupar o mesmo nível hierárquico” e “a Bíblia é a ferramenta que norteia as relações”. “No meio dessa busca pela essência da fé cristã, muitas das práticas e discursos que eram característica dos evangélicos começaram a ser considerados dispensáveis, ou até condenáveis.”

Para os novos evangélicos, “a espiritualidade cristã sempre teve a missão de resgatar a pessoa e fazê-la interagir e transformar a sociedade”. Esse raciocínio antissectário se espalha desde a liturgia e reflexão teológica, até a música, cultura e política, levando a uma “nova inserção social evangélica”, mais sensível a ações sociais e que visa a “expressar o Reino de Deus” em todas as áreas da vida. “O trânsito entre o ‘secular’ e o ‘sagrado’ é uma das características mais fortes desses novos evangélicos”. Eles também expressam sua religiosidade conectados à internet, onde “trafegam entre assuntos tão diversos como teologia, política, televisão, cinema e música popular”, propondo um diálogo entre o cristianismo e a cultura. Esta nova “visão descomplicada de comunidade cristã” tem atraído principalmente cristãos insatisfeitos vindos de outras igrejas, descritos na reportagem como “uma certa elite intelectual, um público mais bem informado, universitário, mais culto que os telespectadores que enchem as igrejas populares”.

Independente do que seja realmente este movimento “novos evangélicos”, uma coisa é certa: ele é sinal de novos tempos no interior da igreja evangélica brasileira. Com a perda das suas folhas (cristãos desvinculados das igrejas), deterioração dos frutos (crise do neopentecostalismo) e a estagnação das raízes e ramos (redução do crescimento dos tradicionais e pentecostais), a árvore de origem protestante, plantada em território brasileiro a partir das sementes do protestantismo (princípios da reforma), experimenta hoje um momento crucial no seu ciclo de vida. Ao contrário do que era previsto, o colapso e definhamento desta árvore, o que aparentemente tem ocorrido é uma nova fase de reflorescimento, como uma espécie de “primavera” após uma estação crítica. Este rebento que brota diante da árvore decadente, embora ainda discreto e limitado, dá amostras de grande potencial. Mas apenas o tempo provará se este rebento logo murchará e desaparecerá, ou se irá vingiar e se estabelecer, transmitindo seus “genes”<sup>93</sup> às gerações futuras (MCGRATH, 2012, p. 455).

Antes, no entanto, de tirarmos quaisquer conclusões sobre este fenômeno de suposta “Nova Reforma Protestante à brasileira”, é preciso primeiramente proceder a alguns

---

<sup>93</sup> “Os ‘códigos genéticos’ – no caso do protestantismo, o conjunto de instruções para interpretar a Bíblia” (MCGRATH, 2012, p. 455).

questionamentos. Trata-se realmente de um novo broto na árvore da igreja evangélica brasileira (ruptura), ou é só uma expressão diferenciada dos ramos que já existem (continuidade)? Se é novo, de onde surge este rebento? Surge ligado à árvore, como sendo mais um entre os ramos (outra denominação evangélica), ou separado dela, sinalizando o aparecimento de uma nova árvore (novo movimento religioso)<sup>94</sup>? Este rebento conserva o *espírito da reforma*, ou seja, a identidade, o procedimento e os princípios protestantes? Sejam quais forem as respostas para estes questionamentos, podemos nos basear nesta ideia: que, assim como uma árvore, a igreja evangélica tem demonstrado também uma capacidade incrível de regeneração diante de situações de crise, sempre que encontra condições apropriadas. Esta parece ser a sua dinâmica de vida, o seu padrão de funcionamento: “um interminável ciclo de nascimento, maturação, envelhecimento e morte, levando a renovação e à reformulação” (MCGRATH, 2012, p. 457).

### 2.3. “*Semper reformanda*”: O *modus operandi* da reforma

*“Tempora mutantur, nos et mutamur in illis.”*  
- **Ovídio**<sup>95</sup>

A “Nova Reforma Protestante” é realmente “nova”? Os “novos evangélicos” constituem-se em ruptura e ineditismo ou são apenas continuidade de uma tendência já existente? Como determinar qual tipo de movimento religioso é realmente “novo”? São considerados “novos” apenas aqueles movimentos que surgem na contemporaneidade? Uma religião só é tida como “nova” por sua excentricidade e originalidade, ou podem ser tidos como “novos” também aqueles movimentos que surgem no interior das grandes tradições religiosas estabelecidas?

Não apenas as causas da emergência dos novos movimentos religiosos (NMRs) são bastante diversas, mas também as próprias “interpretações de seus significados e importância

---

<sup>94</sup> Às vezes parece independente, porque parece propor um novo organismo (“nova igreja protestante”). Outras vezes parece brotar em meio aos ramos já existentes e que haviam perdido a folhagem, não sendo idêntico a estes, contudo conservando semelhanças em muitos aspectos. E, ao mesmo tempo, parece também germinar entre as raízes, quando se caracteriza como movimento não de ruptura, mas de retorno aos princípios. Mas, independente de onde parta, é evidente que este movimento dos “novos evangélicos” surge contrastando fortemente com os frutos incompatíveis da árvore (neopentecostais).

<sup>95</sup> “Os tempos estão mudando e nós mudamos com eles” (MCGRATH, 2012, p. 472). Adágio atribuído ao poeta romano Publius Ovidius Naso (43 a.C. - 17 ou 18 d.C.).

variam muito. Para alguns, os NMRs representam novos tempos e ares nas mudanças religiosas. Para outros, simplesmente desarmonia e confusão” (GUERRIERO, 2006, p. 40). Esta complexidade de sentidos se manifesta inclusive na tarefa de definição do conceito. À medida que fomos apresentando aqui os diferentes entendimentos sobre estas questões, faremos também uma avaliação do caso descrito como “novos evangélicos”, a fim de perceber qual classificação é a mais adequada (se é que de fato devem ser classificados). A decomposição do conceito de “novo movimento religioso” facilita a observação e análise de cada um dos elementos.

Em primeiro lugar, na definição do termo “**novo**”, fica evidente que uma *demarcação relacionada ao tempo* se mostra bastante limitada à própria sociedade em que tais fenômenos estão inseridos, ao seu grau de desenvolvimento histórico, de modo que é impossível traçar uma delimitação única que venha a ter aplicação universal<sup>96</sup>. Demarcar um recorte temporal pode acabar excluindo muita coisa relevante, desviando o foco da questão principal, e não expressando adequadamente o sentido do termo. Outro modo de significar o “novo” é distinguindo-o pela *diferença teológica* em relação às religiões tradicionais, “pelo distanciamento de suas mensagens e símbolos diante dos padrões culturais estabelecidos. Quanto maior a ruptura, mais nítido seria o caráter de novidade desse movimento” (GUERRIERO, 2006, p. 19 e 20). De modo que, nesta acepção, a novidade se refere ao exótico, à disparidade. Porém, com este tipo de classificação, aqueles movimentos religiosos que fossem mais similares às religiões estabelecidas acabariam passando despercebidos, como por exemplo, os próprios movimentos de revitalização internos a grandes tradições religiosas.

Difícilmente uma religião surge do nada. [...] Praticamente todas surgem a partir daquelas já existentes, como a ruptura ou oposição praticada por pessoas que acreditam que sua religião não é mais verdadeira, se corrompeu ou fugiu dos princípios e não é mais fiel à revelação original. A partir daí, funda-se uma nova corrente, que traz um novo caminho (GUERRIERO, 2006, p. 21).

Isto abre para outra problemática inferida do significado dos NMRs: qual o grau de ruptura que uma corrente alternativa precisa ter em relação à tradição religiosa da qual é

---

<sup>96</sup> O autor Silas Guerriero (2006, p. 37 e 38) comenta sobre a dificuldade de limitação temporal dos NMRs: “Alguns autores definem o ‘Novo’ como posterior à Segunda Grande Guerra. Outros, após as décadas de 1950 ou 1960. Ou até mesmo a de 1970. [...] Muitos podem ter surgido antes, mas permaneceram inexpressivos até essa data.” Há também autores europeus que definem um período muito mais amplo, incluindo os NMRs que surgiram nos últimos séculos e que continuam até hoje. “É preciso olhar para cada sociedade que estamos estudando, ou seja, localizar o fenômeno. Não há sentido algum falar em religiões novas de dois séculos na sociedade brasileira. [...] Por outro lado, incluir religiões mais recentes do século XX, mas que tenham forte penetração social e se tornaram religiões de caráter universal, como a umbanda ou o kerdicismo, também não faz sentido” (*Ibid.*, p. 39).

proveniente?<sup>97</sup> A resposta a esta pergunta pode ser decisiva para a inclusão ou não daqueles movimentos que nascem no interior das religiões dominantes, que bebem das suas tradições e carregam fundamentos semelhantes. Alguns dos movimentos geralmente incluídos “não são independentes e guardam uma ligação estreita com uma tradição religiosa estabelecida (por exemplo, diversos grupos cristãos). A novidade, nesse caso, está na proposta de um *novo comportamento ético e de novos rituais*” (GUERRIERO, 2006, p. 31; *grifo nosso*).

Esta análise cabe no caso dos “novos evangélicos”, em que o termo “novos” leva a pensar que esses grupos com visões alternativas (aos neopentecostais) seriam mais recentes em termos de tempo. Segundo o reverendo Augustus Nicodemus Lopes<sup>98</sup> (2011a, p. 27), um dos líderes religiosos citados na reportagem<sup>99</sup>, “é um equívoco histórico, pois ‘novos evangélicos’ se aplica mais exatamente a grupos como a IURD, Renascer e Igreja Mundial, e não àqueles que reagem a tais grupos.” A verdade é que, historicamente, a maioria dos grupos rotulados de “novos” (episcopais, presbiterianos, batistas, assembleianos) são bem mais antigos que os neopentecostais a quem combatem. “Esses grupos neopentecostais cresceram tanto e influenciaram tanto a mídia e a opinião pública que viraram o padrão [...] e quem não é como eles e quer mudanças é visto como o novo, a novidade” (LOPES, 2011a, p. 27). De modo que, embora se caracterize como a face da igreja evangélica mais visível atualmente no Brasil, o neopentecostalismo está longe de ser uma “velha” tradição religiosa (impossível, com pouco mais de 40 anos de existência!<sup>100</sup>), e mais distantes ainda estão esses grupos anti-neopentecostalismo da definição de “novos” (alguns deles têm séculos de existência, com raízes históricas na Reforma do século XVI<sup>101</sup>).

---

<sup>97</sup> Vale ressaltar que o entendimento do que é tradição ou novidade religiosa varia de acordo com o contexto de cada país e cultura. “Quando falamos em NMR, parece não haver dúvidas, portanto, de que não estamos falando das religiões mais tradicionais e fortemente estabelecidas no seio da sociedade. Dificilmente denominaremos uma corrente nova, interna à Igreja Católica, por exemplo, como um novo movimento religioso. [...] Em alguns outros países, por exemplo, o pentecostalismo poder ser visto como enquadrado ao lado dos demais NMRs. Por outro lado, uma religião nova à nossa sociedade, porém enraizada em uma tradição milenar oriental, como o budismo tibetano, será, certamente, denominada NMR” (GUERRIERO, 2006, p. 36). Portanto, “a novidade religiosa é sempre relativa ao tempo e ao lugar em que surge” (*Ibid.*, p. 41).

<sup>98</sup> “Pastor presbiteriano (IPB), mestre e doutor em Interpretação Bíblica (África do Sul, Estados Unidos e Holanda), professor de exegese, Bíblia, pregação expositiva no Centro Presbiteriano de Pós Graduação Andrew Jumper, da IPB, autor de vários livros.” (LOPES, 2005) Augustus Nicodemus foi um dos líderes evangélicos citados na reportagem, sobre a qual ele teceu um comentário em seu blog *O Tempora! O Mores!*, sendo o mesmo posteriormente publicado como um capítulo do seu livro *O Ateísmo Cristão e outras ameaças à igreja*.

<sup>99</sup> Entre os entrevistados da matéria da *Época* estão os líderes evangélicos: Ricardo Gondim, Ed René Kivitz, Ricardo Quadros Gouveia, Miguel Uchôa, Ricardo Agreste, Mark Carpenter, Robinson Cavalcanti, Ricardo Gouveia, Valter Ravara, Carlos Bezerra Jr., fora outros que foram apenas mencionados (Marina Silva, Augustus Nicodemus Lopes, Caio Fábio, etc.).

<sup>100</sup> O neopentecostalismo “começa na segunda metade dos anos 70, cresce e se fortalece no decorrer das décadas de 80 e 90” (MARIANO, 2012, p. 32).

<sup>101</sup> LOPES, 2011a, p. 27.

Outro equívoco que pode ocorrer é pensar que os “novos protestantes” são excêntricos em termos de fundamento teológico. Mas na prática se observa justamente o oposto: se comparados às raízes do protestantismo, os grupos neopentecostais é que, na verdade, estão distantes do padrão. Nas palavras do bispo Anglicano Robinson Cavalcanti (*apud* ALEXANDRE, 2010a, p. 90), entrevistado na reportagem: “Eles (os neopentecostais) é que não deveriam ser chamados de evangélicos [...] Eles é que não têm laços históricos, teológicos ou éticos com os evangélicos”. Dada a impossibilidade de desassociar esta palavra do movimento neopentecostal, o que acontece é que alguns (não todos, evidentemente) indivíduos das outras igrejas preferem ser chamados de outras formas (“cristãos”, por exemplo), numa tentativa de superar o desgaste do termo “evangélico”. Não existe, portanto, como se pode perceber, uma reivindicação por parte desses “novos protestantes” que sejam reconhecidos e denominados de tal maneira, como se fossem uma novidade. Antes, pelo contrário, trata-se de uma rotulagem que lhes é atribuída pela própria reportagem.

“Novo” é um termo que pode ter diferentes significações estratégicas dependendo do lugar de fala e do interesse de quem o utiliza, se uma denominação imposta ou uma autodenominação. A palavra “novo” pode deixar de ser um termo neutro e adquirir *conotação positiva ou pejorativa*. “Para os conservadores, o novo pode significar uma maneira pejorativa para desmerecer um movimento, dizendo que ele não é sério. Para outros, no entanto, pode ser bandeira de marketing, anunciando uma novidade a algo que ficou ultrapassado” (GUERRIERO, 2006, p. 38). No caso dos “novos evangélicos”, o que se pode ver é que os grupos mencionados mantiveram-se em sua maioria contrários ao rótulo<sup>102</sup>, como fez Caio Fábio<sup>103</sup>, um dos líderes protestantes que criticou posteriormente a postura da revista: “A mídia tem esse poder de dar a impressão que é, e não é. Aí a gente fica trabalhando com

---

<sup>102</sup> Reproduzimos aqui as opiniões de três dos pastores evangélicos mencionados na reportagem que afirmam não se enquadrar na categoria “novo evangélico”, inventada na matéria. **Ed René Kivitz** (BRENDDES, 2010): “Eu me considero apenas um cristão tentando ser coerente no mundo em que vive, com a tradição religiosa que recebeu e na posição que ocupa na sociedade.” **Augustus Nicodemus** (LOPES, 2011a, p. 27): “Eu não me considero um ‘novo evangélico’, e sim um bem antigo, com raízes históricas na Reforma do século 16 e raízes teológicas nas Escrituras Sagradas.” **Caio Fábio** (BOCELLI, 2010): “Apesar de a gente ter sido citado positivamente nisso aqui, mas eu não quero fazer parte disso aqui... Os que foram mencionados nessa matéria... tinham que ter vergonha de aceitar esse negócio de ‘novos evangélicos’... São os ‘novos reclamantes’, e não os ‘novos protestantes’... O que é realmente novo que está acontecendo, não é noticiado.” (Para Caio Fábio, a maior parte dos nomes trazidos na matéria como “novos evangélicos” são, na verdade, velhas personalidades do “meio gospel”, aos quais ele se refere com o termo “bundões”.)

<sup>103</sup> Caio Fábio “é Psicanalista Clínico, escritor e pregador do Evangelho. [...] Em 1998 [...] divorciou-se da mãe de seus filhos, teve seu nome envolvido num escândalo das ilhas Cayman. [...] ‘O Caminho da Graça’ [é um] movimento que ele criou ao mudar-se para Brasília em 2004” (D’ARAÚJO, 2009).

categorias ilusórias, do mesmo modo que o 11 de setembro criou de todo islâmico um radical, quando na verdade não tem nada disso acontecendo” (BOCELLI, 2010)<sup>104</sup>.

A revista *Época* foi realmente a única neste episódio que parece de alguma maneira ter obtido vantagem com tal rotulação: proveito mercadológico, pois uma notícia que anuncia “ineditismo” e polêmica (como esta da fragmentação e disputas internas no protestantismo brasileiro) busca claramente o interesse do público, e conseqüentemente, o aumento da venda de exemplares. É o que conclui Ed René Kivitz<sup>105</sup> (BRENDDES, 2010), outro pastor citado na matéria, em entrevista dada posteriormente (07 de setembro de 2010) ao site *Irmãos.com*: “O tema da reportagem é um tema de impacto jornalístico e necessário pra vender revista... Palavra de bom senso não vende, polêmica vende.” Ainda na mesma entrevista, o teólogo não se opôs à ideia de que a matéria tivesse sido produzida propositalmente, pelo fato de a revista *Época* pertencer às organizações Globo, cuja emissora de TV tem perdido audiência para os televangelistas neopentecostais dos outros canais: “Afirmar que a reportagem nasce com essa motivação, é exagerado... Mas na nossa sociedade, não existem relações vazias de interesses: interessa pra eles divulgar que a igreja evangélica não é só aquilo, como interessa pra nós, e interessa a todo mundo.” (BRENDDES, 2010)

Podemos concluir, com base na análise acima executada, que esta tal “Nova Reforma Protestante” não se constitui como **novidade**, embora seja claramente um fenômeno de **renovação**<sup>106</sup> religiosa.

---

<sup>104</sup> Caio Fábio também sugere ter sido a reportagem escrita por algum “repórter amigo” do movimento protestante, referindo-se ao jornalista Ricardo Alexandre: “Deve fazer parte do corpo editorial da revista, deve ser um carinha que frequenta uma igreja e vê uma coisa nova e diz: Puxa, isso é diferente, vamos mostrar? É uma tentativa de crente dentro da redação, pautando pra ver se diferencia esses ‘novos evangélicos’ dos ‘velhos evangélicos’, cuja sigla hoje é detida pelo [Edir] Macedo [líder da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), representante maior do neopentecostalismo no Brasil]” (BOCELLI, 2010; *acréscimo nosso*). De início, o jornalista Ricardo Alexandre negou qualquer envolvimento religioso pessoal no período da execução da matéria: “Não congrego em nenhuma das comunidades citadas na reportagem e nunca havia sequer conversado com nenhum dos pastores antes de começar a reportagem” (ALEXANDRE, 2010b) Posteriormente, porém, o jornalista se autoidentifica, em reportagem à Carta Capital em 07 de setembro de 2014, como “membro da Igreja Batista Água Viva em Vinhedo, interior de São Paulo” (ALEXANDRE, 2014).

<sup>105</sup> “Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, pastor presidente da Igreja Batista de Água Branca – SP, idealizador do Fórum Cristão de Profissionais” (IBAB, 2011). O pastor Kivitz foi um dos entrevistados para a matéria, tendo seu nome citado várias vezes, e muitas de suas falas reproduzidas. Na reportagem Ed René é tratado como “um dos mais discutidos pensadores do movimento protestante no Brasil”.

<sup>106</sup> O sufixo “-ação” transmite a noção de dinâmica, processo, fenômeno (FERREIRA, 1986, p. 136).

### 2.3.1. Dinâmica de reforma: Rupturas e continuidade

*“O padrão que surgiu do desenvolvimento do protestantismo é o que parece ser um interminável ciclo de nascimento, maturação, envelhecimento e morte, levando a renovação e à reformulação.”*

*- Alister McGrath<sup>107</sup>*

“O sol pode incitar movimento – mas esquece-se facilmente que o sol nasce de novo no dia seguinte” (MCGRATH, 2012, p. 472)<sup>108</sup>. Assim ocorre com toda observação que é realizada sobre um ponto isolado. Ao nos debruçarmos diante de um momento de mudança na trama histórica, somos imediatamente impelidos a classificar tal ruptura como inédita, única e “novidade”. Mas o que se poderia realmente chamar de “novo”, caso pudéssemos tomar a história por outro ângulo, agora transcendente e holístico, passando a enxergá-la em toda a sua conjuntura? O que se “vê na história da humanidade [é] ‘não somente uma continuidade da aprendizagem progressiva, mas também um desenvolvimento religioso-moral’” (DILTHEY *apud* AZEVEDO, 2004, p. 52). Como disse o sábio bíblico, “não há nada novo debaixo do sol”<sup>109</sup>.

Da mesma forma pode ser compreendido o protestantismo, cujos momentos de ruptura, aparentemente divorciados, revelam-se, na verdade, como elos de uma extensa corrente de continuidade. “O protestantismo teve seus momentos no passado; e os terá de novo no futuro” (MCGRATH, 2012, p. 472). Um olhar mais abrangente evidencia que estes pontos vão se inscrevendo no traçado da história do protestantismo não de maneira estritamente linear e progressiva, mas revelando-se como etapas de uma **dinâmica de reforma**, marcada pelo perpétuo retorno, de forma que “o padrão que surgiu do desenvolvimento do protestantismo é o que parece ser um interminável ciclo” (MCGRATH, 2012, p. 457).

<sup>107</sup> MCGRATH, 2012, p. 457.

<sup>108</sup> Nossa visão do Sol em um dia inteiro nos leva a interpretar seu desempenho como: nascente, auge e poente. Mas um olhar extraterreno sobre o astro conduz a percepção de que ele não efetua qualquer movimento; nós, na Terra, é que nos movemos; nascente-poente são apenas pontos na eterna continuidade solar.

<sup>109</sup> “O sol se levanta e o sol se põe, e depressa volta ao lugar de onde se levanta. O vento sopra para o sul e vira para o norte; dá voltas e mais voltas, seguindo sempre o seu curso. Todos os rios vão para o mar, contudo o mar nunca se enche; ainda que sempre corram para lá, para lá voltam a correr. Todas as coisas trazem cansaço. O homem não é capaz de descrevê-las; os olhos nunca se saciam de ver, nem os ouvidos de ouvir. *O que foi tornar a ser, o que foi feito se fará novamente; não há nada novo debaixo do sol. Haverá algo de que se possa dizer: ‘Veja! Isto é novo!’? Não! Já existiu há muito tempo; bem antes da nossa época*” (BÍBLIA, Livro de Eclesiastes 1:5 a 10; *grifo nosso*).

Assim como as ondas do mar, que nos deixam uma nítida sensação de eterno ciclo de ‘início e quebra’ constantes, no movimento [protestante] [...] transparecem ondas que quebram e ressurgem. Variam apenas em seu tamanho e duração. No fundo, são águas do mesmo mar, completando seu duradouro ciclo (BITUN, 2012, p. 147; *acréscimo nosso*).

A sociologia da religião demonstra que esta continuidade da dinâmica de rupturas não ocorre apenas no protestantismo, mas que os fenômenos religiosos em sua totalidade operam igualmente de acordo com este processo cíclico, “de nascimento, maturação, envelhecimento e morte, levando a renovação e à reformulação” (MCGRATH, 2012, p. 457). Este entendimento tem possibilitado aos estudiosos da religião expor o processo de formação de novos movimentos religiosos dentro de um encadeamento lógico, que nos permite “perceber o percurso mais ou menos comum das religiões que começam carismáticas e terminam institucionalizadas” (PASSOS, 2006, p. 57). Deste modo,

a sequência *carisma-rotina-instituição*, sugerida por Weber, fornece um percurso mais ou menos regular por que passam as religiões. [...] Não se trata de um esquema fixo nem de tipos concretos que possamos encontrar tais quais na realidade, mas de um roteiro ideal que nos permite compreender as dinâmicas concretas, quase sempre marcadas pela mistura e por processos complexos de transformação (PASSOS, 2006, p. 64 e 65)<sup>110</sup>.

O primeiro ponto do percurso da religião é o seu o **momento carismático**, “marcado pela espontaneidade, pela participação intensa dos membros, pela euforia do culto e pela ausência de códigos e regras. É o momento de puro carisma” (PASSOS, 2006, p. 53). O momento fundacional é desencadeado geralmente pelas promessas de salvação e pela comunicação da experiência pessoal do(s) líder(es) religioso(s) fundador(es) (PASSOS, 2006, p. 52), cuja autoridade está relacionada ao seu “carisma”, que pode ser algum dom divino extraordinário (ações sobrenaturais) ou mesmo a sua capacidade para agregar um grupo de seguidores (autoridade). “Os fundadores das religiões são portadores de carisma pessoal que rompem com as estruturas já estabelecidas, oferecendo uma nova mensagem de salvação que se opõe, quase sempre, à autoridade instituída” (PASSOS, 2006, p. 57). Nesta primeira geração a comunidade religiosa é marcada pela informalidade, sectarismo e participação intensa dos (ainda poucos) discípulos, reunidos em torno da centralidade da mensagem, da crença em eventos sobrenaturais e das regras de vida aceitas coletivamente.

<sup>110</sup> “Devemos chamar a atenção para não tomarmos essa sequência como um percurso obrigatório para todas as religiões. Podemos, na verdade, encontrar religiões que já nasceram completamente institucionalizadas, sobretudo aquelas fundadas em moldes empresariais, como ocorre hoje em dia com algumas igrejas neopentecostais. Por outro lado, outras desaparecem antes de se institucionalizarem e até antes mesmo de se rotinizarem em seus carismas. Por certo, encontraremos também aquelas que conseguem combinar, de alguma forma, carisma e instituição à medida eu a grande instituição se abre para movimentos de revigoramento do carisma original” (PASSOS, 2006, p. 56).

“Parece ser verdade que as novidades se desgastam com o tempo e, para continuarem existindo, necessitam de uma estrutura de amparo que permita sua subsistência nas gerações posteriores” (PASSOS, 2006, p. 52). Igualmente com o carisma, que embora seja uma força revolucionária, agregadora e reorientadora, revela-se como experiência temporária, que exige renovação constante. “O carisma se desgasta historicamente. É o que Weber chama de rotinização do carisma que, para continuar existindo, terá de racionalizar-se ou de tradicionalizar-se” (PASSOS, 2006, p. 58). Uma segunda etapa da dinâmica religiosa é, portanto, o **momento de rotinização**, para o qual podem concorrer tanto fatores internos como externos (PASSOS, 2006, p. 59).

“O carisma rotinizado tende a tradicionalizar-se e a racionalizar-se a partir do momento em que o grupo busca formas de preservação e continuidade de sua experiência fundacional, organizando um sistema com estruturas e regras” (PASSOS, 2006, p. 60)<sup>111</sup>. Neste ponto a religião atinge o auge do seu desenvolvimento, quando a experiência religiosa se estrutura para continuar subsistindo historicamente. Esta etapa é chamada de **momento de institucionalização**, quando a organização sectária começa a transformar-se em igreja, criando uma conduta coletiva mais uniforme e assumindo “caráter de instituição educacional e disciplinar com o propósito de levar a nova geração à conformidade com os ideais e costumes que se tornaram tradicionais” (NIEBUHR *apud* AZEVEDO, 2004, p. 26). “A institucionalização assegura a coesão do grupo em torno de visões e de práticas religiosas que o caracterizam como distinto dos demais e do conjunto da sociedade” (PASSOS, 2006, p. 55).

Mas a dinâmica religiosa não se fecha na etapa de institucionalização. Segue-se geralmente um **momento de crise**, que pode ocorrer tanto nos pequenos grupos sectários em seus primeiros tempos carismáticos, como até mesmo diante do grupo religioso já totalmente institucionalizado no formato eclesiástico. No primeiro caso, algumas ocasiões típicas de crise interna são: a morte do líder, que instaura o problema da sucessão; o crescimento do grupo religioso, que gera o risco de dispersão numérica (PASSOS, 2006, p. 59); a ameaça de extinção do carisma original do movimento (MCGRATH, 2012, p. 457); entre outras. São estas situações que geralmente ocasionam no ajuntamento religioso (seita) um ímpeto de organização nos moldes de instituição, a fim de preservar “a dinâmica e energia originais do

<sup>111</sup> A institucionalização se dá em duas etapas, que podem acontecer simultaneamente ou não, ou ainda apenas uma delas pode ocorrer. Primeiramente, a *tradicionalização* do carisma, “a forma mais elementar de institucionalização religiosa, uma vez que se torna palavra sagrada que deve ser preservada e repetida” (PASSOS, 2006, p. 54). A organização religiosa tradicional acontece, quase sempre, misturado com o estágio da *burocratização*, que é “o grau mais estruturado da organização religiosa quando ela configura um quadro que se legitima por sua racionalidade interna e própria. [...] Quanto mais burocratizada, mais estabelecidos os papéis, mais normatizadas as regras de funcionamento. As regras são impessoais e as funções, regidas pelo princípio da competência” (*Ibid.*, p. 62 e 63)

movimento” (MCGRATH, 2012, p. 457). Neste aspecto, o momento crítico conduz geralmente à institucionalização<sup>112</sup>.

No segundo caso, quando o ponto crítico ocorre justamente diante da instituição religiosa já estabelecida (igreja), pode ser um sinal de que novos tempos estão por vir. “Quando essas igrejas adotam posturas em direção a um desenho mais confortável e mais sofisticado [...] do seu interior irrompem outros grupos, a pretexto de retomar a vocação originária da igreja” (AZEVEDO, 2004, p. 25). Isto acontece porque, “para muitos, a institucionalização acaba traindo o ideal original e castrando a experiência de salvação com suas estruturas e normas, o que faz com que no seio das instituições religiosas haja, quase sempre, movimentos de retorno ao carisma” (PASSOS, 2006, p. 53). Este tipo de crise é o que pode conduzir o grupo a um novo momento carismático<sup>113</sup>.

O ciclo então recomeça, com um novo momento carismático (**renovação do carisma**) na instituição religiosa, quando do seu interior emergem “movimentos de retorno ao carisma original” (PASSOS, 2006, p. 67). Este período de efervescência pode conduzir o grupo religioso a dois resultados principais: movimentos que protestam por renovação no interior da instituição (continuidade), ou para fora da instituição (ruptura). O primeiro aspecto reflete a visão do espírito de **reforma como “reparação”** das estruturas, ou seja, renovação da organização religiosa tradicional. “O sistema organizacional se sobrepõe às experiências religiosas com suas normas e suas regras estabelecidas, de forma que qualquer carisma que eventualmente irrompa fica circunscrito ao sistema de regras da instituição” (PASSOS, 2006, p. 63). Exemplo disto são os movimentos internos à tradição católica romana, “que se renova hoje, e vai da ‘Tradição, Família e Propriedade’ a células de modelo pentecostal, como a Renovação Carismática, até as unidades mais sociais e, no limite, politicamente aguerridas, como [...] as Comunidades Eclesiais de Base” (BRANDÃO, 2012, p. 98 e 99).

O segundo aspecto aponta para a **reforma como “reconstrução”**, ou seja, quando se configuram cismas e estabelecimento de organização(ões) religiosa(s) autônoma(s). “O carisma se autonomiza plenamente, por inadequação e insubordinação institucional, e é expurgado como herético pela própria instituição-mãe” (PASSOS, 2006, p. 63). “É o caso típico dos cismas sofridos pela Igreja Católica, sobretudo com as reformas do século XVI” (PASSOS, 2006, p. 67), que originaram a religião protestante. “A origem do protestantismo repousa no que, em última instância, foi uma incontrolável explosão de energia criativa

---

<sup>112</sup> O arrefecimento do carisma e dissolução do grupo também são um resultado possível.

<sup>113</sup> Como também é possível que o grupo não desenvolva seu ímpeto carismático, findando por fortalecer ainda mais suas estruturas tradicionais e burocráticas.

dirigida à renovação espiritual e à reforma institucional da Igreja” (MCGRATH, 2012, p. 457). A nova religião protestante, no entanto, também não ficou livre desta herança separatista, pois

o(s) protestantismo(s) daí resultante(s) conserva(ra)m esta tensão. O percurso interno das igrejas protestantes de igual modo mantém o paradigma: começam orientadas pelo profetismo (interessadas no protesto, na Reforma da sua igreja e do mundo) e passam para o denominacionalismo (preocupados com a expansão da igreja e com a manutenção da doutrina estabelecida) (AZEVEDO, 2004, p. 48).

Depois de um período estável de institucionalização, as novas denominações protestantes também tornam a experimentar tensionamentos e ímpetos carismáticos. “No interior das novas igrejas, as insatisfações voltam e se cristalizam em novas tendências sectárias; *o protestantismo vive uma espécie permanente de mito do eterno retorno*” (AZEVEDO, 2004, p. 26; *grifo nosso*).

Esta tendência fragmentária protestante é marcante no campo religioso brasileiro<sup>114</sup>. E para além do protestantismo, “a luta<sup>115</sup> entre os defensores da instituição – da ortodoxia doutrinal e moral e da própria estrutura burocrática – e os reformadores – volta ao carisma original e revisão das estruturas institucionais – ocorrerá, inevitavelmente no cristianismo” (PASSOS, 2006, p. 67) e em qualquer outra “experiência religiosa historicamente encarnada em mediações culturais e políticas” (PASSOS, 2006, p. 67). A análise da dinâmica religiosa nos permite, portanto, concluir que “a tensão entre carisma e instituição é um dado histórico e sociológico das grandes tradições religiosas” (PASSOS, 2006, p. 66 e 67).

<sup>114</sup> “Atualmente essa dinâmica cultural nos coloca questões como, [por exemplo,] a [...] dos limites, continuidades ou rupturas entre protestantismo-pentecostalismo-neopentecostalismo” (CAMPOS, 2004, p. 120; *acréscimo nosso*). A nova corrente neopentecostal, por exemplo, oriunda do movimento pentecostal, “começa a sofrer dos mesmos ‘males’ de sua genitora, tendo que assistir perplexa, ao mesmo tempo que relutante, o nascimento de outras igrejas fundadas por líderes egressos de seus próprios quadros. Estas igrejas, por sua vez, surgem com o mesmo desejo das ‘igrejas mães’, com a mesma vontade de crescer e disputar como verdadeiras ‘concorrentes’ um espaço que possa chamar de ‘seu’. Apesar de saírem com um discurso de desagravo aos seus ‘antigos’ líderes, que a seu modo de ver perderam a ‘pureza da fé’, estas novas denominações passam a reproduzir, de forma sutil ou exagerada, as mesmas características de suas antigas igrejas, disputando a difícil navegação pelos mesmos mares agitados do efervescente campo religioso brasileiro” (BITUN, 2012, p. 124). Assim, “em todo o pentecostalismo está latente um potencial de desordem, que desafia os líderes a um permanente controle. Naturalmente, na medida em que os movimentos se institucionalizam e se rotinizam, esse potencial de desordem tende a diminuir a um nível sustentável” (MENDONÇA, 2004, p. 72).

<sup>115</sup> “Pierre Bourdieu definiu essa luta como ‘campo religioso’, ou seja, como antagonismos de forças em torno do monopólio dos bens religiosos” (PASSOS, 2006, p. 66 e 67). Para o sociólogo, “campo” é a representação do “mundo social em forma de um espaço. [...] Os agentes e grupos de agentes são assim definidos pelas suas posições relativas neste espaço” (BOURDIEU, 1998, p. 132 e 133). Em todos os campos sociais, esses agentes e grupos “estão envolvidos numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme aos seus interesses” (*Ibid.*, p. 11).



**FIGURA 5 – Protesto dos “novos evangélicos” reivindicando retorno ao carisma bíblico. “Da web às ruas. Blogueiros que organizam a Marcha pela ética, um movimento de protesto incrustado dentro da Marcha para Jesus, promovida pela Renascer.”**

Fonte: REDONDO, 2010.

Assim sendo, um típico fenômeno religioso como é este dos “novos evangélicos” não poderia escapar à imensa configuração da dinâmica religiosa. Assim como ocorre nas experiências religiosas de modo geral, os “novos evangélicos” também demonstram estar inseridos no processo cíclico *carisma-rotina-instituição*, revelando-se como uma faceta dinâmica (e não estática) da atividade religiosa. Ao invés de ser propriamente uma “novidade” religiosa, indicando, com isso, um resultado concreto e objetivo ao final de um processo sócio-histórico-religioso, este movimento caracteriza-se, na verdade, por ser apenas mais uma etapa em meio a um interminável *processo* de “renovação” religiosa do protestantismo, apontando, assim, para uma *ação* ainda em curso. A etapa que representam é propriamente a de *renovação do carisma*, que ocorre no interior de uma instituição religiosa (no caso, a igreja evangélica brasileira) e após um momento de crise (declínio do movimento neopentecostal).

Munidos da intenção de retornar a um *carisma* supostamente perdido, os “novos evangélicos” tomam como referência ideais religiosos vários, sejam estes os ideais declarados como sendo da *Reforma Protestante* do séc. XVI (crítica à corrupção da instituição religiosa oficial, admissão do cristianismo como ética de vida, atuação dos crentes para transformação da sociedade, intersecção dos domínios sagrado e secular, etc.), ou os valores do *cristianismo primitivo* (vivência religiosa mais simples, íntima e espiritual, agrupamentos pequenos e não institucionalizados, etc.), ou ainda os ensinamentos das *Escrituras Sagradas* (“Evangelho puro e simples”, preceitos religiosos escritos e racionais superiores às práticas mágicas e rudimentares, “Palavra de Deus” acima das tradições humanas, etc.).

Desta forma, podemos concluir que os “novos evangélicos”, embora não representem uma “nova Reforma”, no sentido de que não são um acontecimento totalmente inédito e inovador no seio da igreja protestante brasileira; mas ainda assim são “reformistas”, pois promovem a *dinâmica de reforma*: processo de demolição/reconstrução das estruturas religiosas. Através deste movimento dos “novos evangélicos” podemos compreender de forma prática que, em se tratando de fenômenos religiosos, “não há rupturas totais, [...] mas sim continuidades a serem trabalhadas, sínteses compiladas sucessivamente sempre a partir de materiais antigos, mas em resposta a desafios históricos e concretos operantes sobre um grupo social em momentos específicos” (CAMPOS, 1997, p. 19).

A metáfora arbórea é oportuna aqui mais uma vez, pois cada árvore também opera segundo uma dinâmica própria (*modus operandi*), que é definida por fatores tanto internos como externos a ela. Esta dinâmica constitui-se de um perpétuo retorno de momentos; etapas de crise e de renovação são fases normais do seu ciclo de vida. O mesmo pode ser observado se estendermos esta analogia novamente ao caso da igreja evangélica brasileira, cuja dinâmica de desenvolvimento também revela a grande “capacidade do movimento de adaptação e mudança” (MCGRATH, 2012, p. 456): um momento considerado crítico (o murchar e cair das folhas, por exemplo) não é o fim da árvore, mas apenas sua fase de reorganização<sup>116</sup>, que logo será superada por um momento de renovação (nascimento de novas folhas, florescimento e frutificação), etapa esta que também não é inédita (outras fases de renovação já a antecederam) e muito menos perene (outras fases semelhantes a sucederão). Sendo assim, quaisquer afirmações sobre novos movimentos religiosos devem ser feitas sempre com muita cautela, pois é um grande “risco imaginar-se que cada nova geração reinventa a religião como se nada tivesse havido antes” (CAMPOS, 1997, p. 23).

---

<sup>116</sup> “Entre os vários significados da palavra ‘crise’, encontrados nos dicionários, há termos e expressões como ‘deslocamento’, ‘ruptura de equilíbrio anterior’, ‘momento perigoso’ ou ‘momento decisivo’” (CAMPOS, 2013, p. 128).

## 2.4. “*Ecclesia reformāta*”: O *modus essendi* da reforma

“*Lupus pilum mutat, non mentem.*”

- *Erasmus de Roterdā*<sup>117</sup>

Qual o caráter desta tal “Nova Reforma Protestante” (que, como foi observado, de ‘nova’ praticamente nada tem<sup>118</sup>)? Tratar-se-ia ainda de “protestantismo”, ou poderíamos caracterizá-la como uma outra forma de expressão religiosa? Os “novos evangélicos” formam uma religião diferente e autônoma, ou podem ser definidos como apenas mais uma corrente da igreja evangélica brasileira? Ou se trataria ainda somente de um fenômeno religioso disperso e passageiro? Como determinar a estrutura e caráter de um movimento religioso? Um movimento religioso é unificado, definido e coeso, ou pode compor-se de inúmeras expressões religiosas diversificadas?

Após uma ponderação sobre o termo “novo”, pode-se perceber semelhante dificuldade na definição do que é um “**movimento religioso**”. Em linhas gerais, podemos considerar como religioso todo aquele movimento que oferece ensinamento teológico sobre a existência de coisas sobrenaturais e que oferece respostas para algumas das grandes questões religiosas, como existência de uma divindade, de um mundo espiritual, o sentido da vida, a realidade pós-morte, etc. Abrindo a discussão sobre a expressão “movimento religioso”, podemos perceber que este tem um sentido em muitos aspectos similar aos conceitos de “seita” ou “culto”<sup>119</sup>:

Agrupamento religioso diferente daqueles tradicionais, geralmente nascidos a partir de um protesto contra uma ordem estabelecida. Os termos *seita* e *culto* representam uma ruptura, uma separação diante das crenças, práticas e instituições religiosas. Em geral rechaçam a autoridade dos líderes, [...] bem como a da própria instituição. Em geral, toda religião, em seu início, foi uma seita. Assim, o próprio cristianismo foi uma seita judaica (GUERRIERO, 2006, p. 28).

Cada estudioso traz perspectivas diferentes e características adicionais à definição de seitas. Max Weber, por exemplo, estudou seita como um tipo ideal: trata-se de uma comunidade voluntária de eleitos, de caráter local e relativamente pequena. Ernest Troeltsch

<sup>117</sup> “O lobo muda o pelo, mas não a sua natureza.” Adágio atribuído a Desiderius Erasmus (1466-1536) [Erasmus, Adágia 3.3.19] (KOCHER, 2015).

<sup>118</sup> Vale ressaltar que o movimento dos “novos evangélicos”, apesar de não se constituir como novidade em termos de fenômeno religioso, possui ainda algumas características inovadoras, como, por exemplo, sua inserção na internet.

<sup>119</sup> “Há estudiosos que fazem uma separação entre seita e culto. Enquanto este último é todo novo agrupamento religioso, ainda pouco estruturado, a seita é uma cisão de uma grande religião” (GUERRIERO, 2006, p. 29).

propõe que a seita é uma comunidade fraterna diretamente vinculada às classes dominadas, cujo comportamento sectário é indiferente ao mundo exterior ou em constante tensão com ele. Bryan Wilson percebeu justamente o oposto na sua observação das seitas atuais: “não se trata de opor-se à estrutura social, mas de acentuar certas características deste mundo, aglutinando elementos novos e suprimindo outros” (GUERRIERO, 2006, p. 32). Este último pensamento se encaixa mais com a realidade dos NMRs contemporâneos, que “não rejeitam a sociedade mais ampla e fazem uso dela para seus próprios interesses. [...] A separação radical da sociedade não é mais uma marca característica” (GUERRIERO, 2006, p. 34). Apesar das diferenças pontuais, todos três concordam no termo seita como antagônico ao conceito de igreja, e por conta desta oposição adquiriu um caráter pejorativo<sup>120</sup>.

Analisando as características principais de uma seita, podemos notar a relação do termo com a definição de movimentos religiosos, e, a partir daí, questionar até que ponto o conceito se adequa com a ideia de uma suposta “Nova Reforma Protestante”. Com este procedimento de correlação dos conceitos, podemos notar algumas particularidades principais do caso aqui apresentado: esses cristãos chamados de “novos”, ao contrário do comportamento sectário característico, não rompem de forma radical com o mundo exterior (pelo contrário, promovem um diálogo entre sagrado e a cultura), não se afastam de uma religião tradicional (pelo contrário, alguns grupos protestam até por um retorno à tradição, e não o rompimento com ela), e em sua maioria não são grupos religiosos pequenos e pouco estruturados (exceto os “sem-igreja”).

A reportagem pode dar a impressão aos leitores de que esses grupos evangélicos reacionários estão unidos entre si e que formam um grupo coeso (como uma igreja ou seita, um movimento, uma denominação, uma corrente, etc.). Tal ideia está longe de ser a verdade. Pelo contrário: o acordo entre os chamados “novos evangélicos” se restringe a dois pontos principais: “rejeição às doutrinas e práticas das igrejas neopentecostais e desejo por uma mudança profunda nos atuais rumos da igreja evangélica brasileira” (LOPES, 2011a, p. 26). Mas eles não estão unidos e não se aceitam mutuamente, “concordam apenas que é preciso uma mudança, mas discordam entre si quanto ao modelo de igreja que deve ocupar o lugar dessas seitas” (LOPES, 2011a, p. 29).

---

<sup>120</sup> “O termo seita foi muito utilizado pela Igreja Católica quando se referia à proliferação dos grupos religiosos que se separaram do protestantismo. [...] Havia o intuito de mostrar uma diferença com relação a essas igrejas. [...] Esta divisão [...] é carregada de conotação pejorativa, pois parte do pressuposto de que Igreja é uma agremiação correta, enquanto seita é menos verdadeira ou, no mínimo, algo menor.” (GUERRIERO, 2006, p. 30) “A conotação negativa que o termo seita foi adquirindo no meio social como maneira de desprezar a religião do outro e impor a sua como a única verdadeira” (*Ibid.*, p. 34).

Além disso, é necessário ressaltar que há muitos grupos que não se enquadram nas definições clássicas de religião, ou mesmo que rejeitam o tipo formal de organização religiosa, tornando-se impraticável uma adequação num conceito fechado como “seita” ou “movimento religioso”. Cabe aqui o exemplo dos “sem-igreja”, que são o novo tipo de religiosidade que surge no contexto atual da igreja evangélica brasileira. Este fenômeno também foi mencionado na reportagem da revista *Época* sob o mesmo amplo e impreciso rótulo de “novos evangélicos”. Os “desigrejados”, sendo cristãos que desistiram completamente de qualquer coisa que se pareça com uma igreja, constituem-se como movimento de desinstitucionalização da religião, indo ao encontro do fortalecimento de um tipo de “emocionalismo comunitário [...] como contraponto e repulsa a uma religião intelectual, com doutrina e teologia formalizadas” (ALBUQUERQUE, 2004, p. 140).

Além desses “sem-igreja”, entre os demais evangélicos chamados de “novos” temos ainda as igrejas em células sem liderança oficial, igrejas com liturgia inclusiva, e também “aqueles que desejam apenas expurgar o modelo tradicional de igreja dos acréscimos indevidos em sua doutrina, culto e prática” (LOPES, 2011a, p. 29). De modo que é perceptível a inexistência de uma uniformidade em nível de organização e coesão internas entre os ditos “novos evangélicos”. Eles compartilham apenas da crítica ao modelo atual, mas não de uma proposta ideal de instituição religiosa; “concordam apenas que é preciso uma mudança, mas discordam entre si quanto ao modelo de igreja que deve ocupar o lugar dessas seitas” (LOPES, 2011a, p. 29).

Por fim, chamamos a atenção para o entendimento mais aprofundado da existência de conflitos internos ao tal “movimento dos novos evangélicos”. Por ser este um rótulo bastante abrangente, que engloba quase todos os evangélicos (exclui, na verdade, apenas os neopentecostais e outros evangélicos que não critiquem abertamente o neopentecostalismo), acaba também contraindo a mesma complexa fragmentação interna da “velha” igreja evangélica brasileira, com conflitos entre os seus diversos segmentos. Entre os “novos protestantes” há desde os que têm raízes históricas ou influências da Reforma Protestante do séc. XVI (presbiterianos, batistas, episcopais, congregacionais e independentes), os pentecostais (de igrejas como Assembleia de Deus, Congregação Cristã no Brasil e O Brasil Para Cristo), os pequenos grupos, as igrejas em células, e até os novos cristãos sem-igreja. Segundo o teólogo Ed René Kivitz,

a igreja evangélica brasileira não existe: existem centenas de igrejas evangélicas no Brasil. O que acontece é que um segmento dessa igreja que é mais visível na televisão, no rádio, ganha contornos caricatos, e aí se toma a parte pelo todo. Então, o que existem são centenas de expressões da fé

evangélica no nosso país, e a revista *Época* pegou apenas um recorte pequeno... Essa versão de igreja evangélica divulgada pela reportagem interessa ao público da revista, e não reflete o que é a igreja evangélica no Brasil em hipótese alguma (BRENDES, 2010).

Essa diversidade não convive tão pacificamente, as divergências de ideias e práticas não são raras. Os sem-igreja, por exemplo, questionam as igrejas institucionalizadas; a doutrina e prática são diferentes entre pentecostais e protestantes tradicionais; os liberais discordam em termos teológicos dos cristãos fundamentalistas; os conservadores taxam o seu oposto de “cristãos libertinos”; isto sem falar nas divergências em doutrinas específicas como: predestinação e livre-arbítrio, dons espirituais, convivência com a cultura secular, tipo de hierarquia e governo eclesiástico, isto só para citar algumas<sup>121</sup>. Chamar todos estes grupos tão diversos de iguais e tentar uni-los por um único ideal e sob o título de “Nova Reforma Protestante”, é obviamente ignorar que, na prática, não haveria grandes mudanças, mas apenas se perpetuariam as dissensões e facções. “É aquela velha história. Grupos contrários se unem contra um inimigo comum e após vencê-lo começam a brigar entre si. A luta comum contra as igrejas da teologia da prosperidade está longe de representar uma nova Reforma” (LOPES, 2011a, p. 30).

Por fim, embora o conceito seja difuso, elástico e impreciso, podemos encontrar alguns consensos e a uma definição válida. Para o autor Silas Guerriero (2006, p. 39), novos movimentos religiosos são “todos os grupos espirituais que são claramente novos em relação às correntes religiosas tradicionais da cultura abrangente e possuem um grau de organização característico de um grupo religioso formal.” A partir desta conceituação final fica claro que este fenômeno denominado pela reportagem da Revista *Época* de agosto de 2010 como “novos evangélicos” *não se trataria de um novo movimento religioso*<sup>122</sup>. No entanto, persistem os questionamentos: o que são então esses “novos protestantes”? São uma seita, culto, comunidade, igreja, doutrina, corrente ou denominação evangélica?

---

<sup>121</sup> Augustus Nicodemus (2011, p. 29), por exemplo, como representante de um segmento da igreja protestante (Igreja Presbiteriana do Brasil), manifesta sua divergência e reprovação a outros setores evangélicos: “Se por um lado as seitas neopentecostais espalham um falso evangelho deformado pela teologia da prosperidade, há os que também propagam um evangelho distorcido pelo liberalismo teológico e por heresias antigas. [...] A reportagem [...] retrata os neopentecostais como a raiz de todos os males no meio evangélico, esquecendo o dano feito pelos liberais, pelos defensores de outro deus e pelos libertinos.”

<sup>122</sup> Até que ponto uma categorização de movimentos religiosos auxilia ou atrapalha a compreensão sobre o fenômeno religioso na sociedade moderna (como, por exemplo, este dos “novos evangélicos”) (GUERRIERO, 2006)? Se, por um lado, a classificação pode atrapalhar na análise das características específicas de comportamento ou de crença, por outro lado, há um ganho em tratar esses grupos como um todo, pois ajuda a pensar as possibilidades sociais da insurgência do fenômeno.

Mesmo entre tantas imprecisões, podemos afirmar uma coisa como certa, a saber: que os “novos evangélicos” são claramente *protestantes* (mantém o caráter da Reforma Protestante), embora não se constituam como **um outro (movimento do) protestantismo**<sup>123</sup>.

#### 2.4.1. Caráter da Reforma: A continuidade de uma ruptura

*“O futuro do protestantismo repousa precisamente no protestantismo ser o que o protestantismo realmente é.”*

- Alister McGrath<sup>124</sup>

“Qual é a essência do protestantismo?” (MCGRATH, 2012, p. 457). Quais são as características verdadeiramente essenciais na religião protestante, à vista de sua multiplicidade de crenças e manifestações? Podemos mesmo dizer que, “apesar da fragmentação em múltiplas igrejas e a difusão geográfica em todos os continentes, existe uma identidade protestante comum?” (MASI, 2013). Como anteriormente demonstrado, a complexidade do movimento já existia ainda à época da Reforma, empreendida como foi, por “grandes personalidades, que, em diferentes países e com peculiaridades individuais, exerceram influência conjunta. Ela é heterogênea, no sentido de ser uma expressão de individualidades ricas e diferentes, que agiram sem o domínio de uma autoridade única” (AMARAL *apud* NUNES, 2007, p. 7). Sendo assim, se entendermos ser a identidade de um movimento religioso a estrutura formada por numerosos elementos,

‘como a referência ao passado, o vínculo a um lugar, os sistemas de crenças, ideias, normas e valores, e o senso de identificação coletiva’, poder-se-ia dizer, com base em uma herança partilhada, [...] que *existem tantas identidades protestantes quantas são as formas que o protestantismo assumiu no mundo contemporâneo* (MASI, 2013; *grifo nosso*).

Seriam estas múltiplas identidades “‘rostos’ distintos porque se trata de diferentes sujeitos? Ou são ‘máscaras’ de um sujeito único e, neste caso, qual é o rosto que se oculta atrás dessas máscaras?” (BONINO, 2003, p. 7 e 8). Não foram poucos os que já se empenharam na busca por este caráter real e único em meio ao imenso repertório de facetas deste sujeito que é o protestantismo (NUNES, 2007). Sendo quase consenso atualmente entre os pesquisadores que o protestantismo é, de fato, “um campo diverso, porém mantenedor de

<sup>123</sup> O sufixo “-ismo” transmite a noção de sistema, corrente, movimento (FERREIRA, 1986, p. 972).

<sup>124</sup> MCGRATH, 2012, p. 472.

uma identidade passível de estudo. [...] [Há] nos vários protestantismos uma convergência teológica que possibilita falarmos de Reforma Protestante e mesmo de um perfil protestante” (NUNES, 2007, p. 7).

E não podia ser diferente no campo religioso brasileiro na sua expressão protestante – a igreja evangélica – onde “mesmo a diversidade de igrejas e denominações tão diferentes em suas práticas e crenças são vistas dentro de espectro maior do campo protestante” (NUNES, 2007, p. 8). No Brasil, o protestantismo se assemelha a um “caleidoscópio” (NUNES, 2007, p. 8), constituído por fragmentos europeus e, sobretudo, norte-americanos, refletidos em multiformes combinações, “em que igrejas são formadas, se dividem e se unem a outras construindo assim *um tipo especial de protestantismo*” (NUNES, 2007, p. 8; *grifo nosso*). “E nem por isso é um protestantismo menor [...], pois no interior de cada denominação há um protestantismo completo, que não admite reparos” (AZEVEDO, 2004, p. 24).

“Inegavelmente [...] há inspirações e princípios que nortearam os acontecimentos, e que, lhes dá uma feição unitária” (NUNES, 2007, p. 7). A **identidade protestante**, portanto, foi definida ainda em seu *princípio* (sementes), na Reforma Protestante do séc. XVI, sendo constituída por seus *princípios* (valores fundamentais), os “Cinco Solas” (a Bíblia, Cristo, a Glória de Deus, a Graça e a Fé). A partir daí, no interior de cada igreja oriunda do protestantismo, “teologia e prática verdadeiras são as consideradas fiéis às próprias origens, identificadas com as origens do próprio cristianismo” (AZEVEDO, 2004, p. 26). Estes princípios também funcionam como distintivos, formando “uma identidade ou perfil protestante capaz de se contrapor ao grupo de igrejas, formas e manifestações que se autodenominam evangélicas” (NUNES, 2007, p. 8)<sup>125</sup>.

A partir deste raciocínio podemos dizer que, de forma geral, o fenômeno dos “novos evangélicos” mantém os princípios definidos como protestantes. Dizemos isto, claro, a partir uma generalização, uma vez que alguns grupos podem ter posturas diferenciadas em relação a um ou outro destes pontos fundamentais da Reforma. Estas diferenças ocorrem porque, em algumas denominações, os fundamentos da Reforma “ficaram mais como símbolos do que declarações normativas de fé” (NUNES, 2007, p. 8). Os grupos protestantes mais liberais citados na matéria, por exemplo, podem não conservar a mesma ênfase sobre a centralidade da Bíblia que se faz presente nas denominações mais tradicionais, também mencionadas no

---

<sup>125</sup> O Neopentecostalismo, por exemplo, é um movimento que, apesar de sua herança protestante e sua autodenominação como “evangélico”, afasta-se definitivamente do protestantismo. “O fato é que os Princípios Protestantes (tal e qual foram estabelecidos) não são mais encontrados no Neopentecostalismo e, por este motivo, não podem ser utilizados como liame de justificação deste novo movimento com o Campo Protestante” (NUNES, 2007, p. 18 e 19).

texto. Apesar de algumas variações maiores ou menores, podemos sustentar que este fenômeno dos “novos evangélicos” certamente conserva o caráter protestante reformado, e assumimos como base para esta conclusão a sua oposição declarada ao neopentecostalismo, movimento este que se caracteriza pelo evidente desvio em relação à Reforma Protestante<sup>126</sup>. Se os “novos protestantes” são contrários à deturpação dos princípios, são, portanto, favoráveis à sua manutenção.

No próprio texto da matéria encontramos elementos que corroboram este alinhamento dos “novos protestantes” aos “Cinco *Solas*” da Reforma Protestante. Em primeiro lugar, eles são descritos como vozes críticas influenciadas “pelos ensinamentos da Bíblia” (ALEXANDRE, 2010a, p. 86), cuja “preocupação é simplesmente anunciar o evangelho” (ALEXANDRE, 2010a, p. 91), e que reivindicam um retorno a um “evangelho puro e simples”<sup>127</sup> (*Sola Scriptura*). Também são apresentados como movimento “cristocêntrico”, “que tenta tirar o cristianismo das mãos da estrutura da igreja [...] e devolvê-lo para a imaterialidade das coisas do espírito” (ALEXANDRE, 2010a, p. 92), seguindo a “proposta de Jesus, materializar o amor ao próximo no dia a dia” (ALEXANDRE, 2010a, p. 92) (*Solus Christus*). Os “novos evangélicos” buscam manter a mesma proposta dos reformadores, que é “perceber o cristianismo como algo feito para viver na vida cotidiana” (ALEXANDRE, 2010a, p. 92) e para “expressar o Reino de Deus” (ALEXANDRE, 2010a, p. 92) (*Soli Deo Gloria*). Eles também se posicionam de forma contrária à atual igreja evangélica, “tão encharcada de dogmas, tradicionalismos, corrupção e misticismo quanto a Igreja Católica que Martinho Lutero tentou reformar no século XVI” (ALEXANDRE, 2010a, p. 91). Em contrapartida, propõem uma “busca pela essência da fé e da espiritualidade cristã” (ALEXANDRE, 2010a, p. 88), que acabou diluída ao longo dos anos (*Sola Fide* e *Sola Gratia*).

---

<sup>126</sup> “A teologia e prática doutrinária afasta o Neopentecostalismo do Protestantismo e decreta sua ruptura. [...] Esta ruptura se dá pela negação dos Princípios do Protestantismo: substitui-se a graça salvífica (eterna) pela perda contínua da graça (sempre necessária novamente), a fé redentora e pessoal pela fé como ato de dar e cobrar, e a escritura como base de orientação pela escritura como manual de bênçãos e situações de prosperidade. Por isso, segundo Mendonça, não há como falar de Protestantismo no Neopentecostalismo” (NUNES, 2007, p. 16).

<sup>127</sup> Conceito proposto em obra homônima (em inglês ‘*Mere Christianity*’) pelo teólogo cristão C. S. Lewis, na qual ele se esforça por provar que “existe uma forma conceitual transdenominacional de cristianismo, que deve ser estimada. [...] No entanto, o fato de ser ou tornar-se cristão exige comprometimento com uma forma específica desse cristianismo básico. O ‘cristianismo puro e simples’ poderia ter a primazia em relação a denominações individuais. No entanto, essas denominações são essenciais para a tarefa de viver uma vida cristã. Lewis não estava defendendo o ‘cristianismo puro e simples’ como se essa fosse a única forma autêntica de cristianismo. Sua argumentação era que, em vez disso, o cristianismo subjaz a todas essas outras formas de cristianismo e as alimenta” (MCGRATH, 2013).

Mas, para além destes *princípios* (tanto as origens como os distintivos) já conhecidos, “o protestantismo tem um outro princípio cujo valor transcende todas as suas realizações” (MASI, 2013): o seu **caráter de reforma**, cujo lema, também descrito por uma expressão em latim (“*Ecclesia reformata semper reformanda est*”), poderia muito bem ser considerado como um **sexto “Sola”, o “Sola Reforma”** (Somente a Reforma). Segundo este mote, “a igreja reformada (oriunda da Reforma Protestante) sempre deve ser reformada” (*tradução nossa*), sugerindo que “o protestantismo possui uma capacidade única e inerente de inovação, renovação e reforma baseada em seus próprios recursos internos” (MCGRATH, 2012, p. 472). Ou seja, mais do que apenas uma dinâmica cíclica típica de todos os fenômenos religiosos, “esses ciclos de revisão e renovação parecem ser um *aspecto integral da identidade protestante*” (MCGRATH, 2012, p. 458; *grifo nosso*).

O “princípio protestante”, isto é, a natureza do protestantismo em si, induz a criar uma nova Igreja, assim que uma Igreja anterior se torne obsoleta ou tão logo nasçam novas exigências em novas regiões. [...] Graças ao mesmo princípio, nenhuma posição é definitiva, cada reforma é reformável, cada meta alcançada é apenas uma etapa de uma meta sucessiva (*ecclesia semper reformanda*). [...] Isso explica a tendência do mundo protestante a se renovar, multiplicar, visar à instrução, imprimir dinamismo a todo contexto em que se insira, a também espalhar esse dinamismo religioso a diversos setores, como o econômico, o político e o social (MASI, 2013).

Conforme constatamos a partir de uma análise das sementes do protestantismo, “o movimento caracteriza-se desde o início pela divergência e pela diferença” (MCGRATH, 2012, p. 457). De modo que este “princípio de reforma permanente”, ou **“princípio protestante”** (TILLICH, 2005) já se faz presente desde o evento inaugural do protestantismo: o seu rompimento com a Igreja Católica. “O protestantismo começou como uma negação. Por isto, protestantismo...” (AZEVEDO, 2004, p. 24). O que implica dizer que, o protestantismo, “embora seja claramente contínuo a outras versões de cristianismo e tenha relação com elas” (MCGRATH, 2012, p. 455), apresenta alguma variação essencial em relação às demais, justificando a sua separação. “Essa mudança aparentemente pequena [...] levou a uma compreensão muitíssimo distinta da dinâmica da vida cristã e remodelou os contornos da fé cristã” (MCGRATH, 2012, p. 456).

Deste momento fundacional em diante, o mesmo “espírito de reforma” passou a nortear todos os desenvolvimentos futuros do protestantismo, sendo “a fonte crítica e dinâmica de todas as realizações protestantes” (MASI, 2013). “Pertence ao caráter geral da santidade das igrejas o fato de possuírem em si mesmas o princípio reformador: as igrejas são santas, mas somente em forma de um ‘apesar de’ ou de um paradoxo” (TILLICH, 2005, p.

619). De tal forma que, além de continuar operando como forma de crítica à realidade fática e de crítica às outras instituições religiosas, este princípio reformador/protestante também passou a funcionar como instrumento de (auto)crítica ao próprio movimento protestante. Ou seja, este princípio do protestantismo “se pretende a uma crítica constante à Reforma do século 16” (AZEVEDO, 2004, p. 51). “O poder da autocrítica no princípio protestante capacita o protestantismo a reconhecer a liberdade do Espírito em relação às igrejas, inclusive em relação às igrejas protestantes” (TILLICH, 2005, p. 689). Assim, as disputas pela legitimidade dentro do campo religioso protestante são uma expressão do seu autocrítico, por meio do qual os grupos divergentes argumentam em contraponto ao discurso dominante, buscando construir um novo consenso baseado em outros ideais.

O princípio protestante, que tem origem no substantivo protesto, dos “protestantes” contra as decisões da maioria católica, tem em si a pretensão humana e definida contra qualquer pretensão absoluta que se eleve a favor de uma realidade relativa, mesmo que essa pretensão venha de uma Igreja protestante. O princípio protestante é o juiz de toda realidade religiosa e cultural, inclusive da religião e da cultura que se define protestante (TILLICH *apud* MASI, 2013).

Mas é preciso ressaltar aqui que este espírito de protesto, assim como já observado anteriormente em relação à dinâmica de reforma, também não é uma exclusividade do protestantismo. “Não se pode limitá-lo a uma única definição, não se esgota em nenhuma religião histórica, não se identifica com a estrutura religiosa da Reforma ou do primeiro cristianismo... Transcende-as todas, assim como transcende qualquer forma de cultura” (TILLICH *apud* MASI, 2013). O “princípio protestante” se constitui como uma expressão da “vitória sobre as ambiguidades da religião, sua profanação e demonização. É protestante, porque protesta contra a auto-elevação trágico-demoníaca da religião e liberta a religião de si mesma para outras funções do espírito humano” (TILLICH, 2005, p. 687). Mas, apesar de estar presente (em formas e intensidades variadas) em qualquer uma das religiões e culturas, “presente como uma força viva, dinâmica e inexaurível” (TILLICH *apud* MASI, 2013), o fato é que o princípio de protesto recebe maior ênfase na religião historicamente denominada “protestante”, a ponto de lhe ser uma característica fundamental, parte integrante da sua identidade e distintivo em relação às demais religiões. Sendo assim, o protestantismo histórico apresentará este “princípio protestante” de modo especial.

Este princípio da reforma permanente é que tem possibilitado a proliferação do protestantismo por meio da sua constante reformulação. Ao longo da história, não foram raras as vezes em que a diversidade protestante degenerou “em desvio, forçando assim a exclusão daqueles que, depois, seguiriam em frente para formar novos agrupamentos protestantes,

contribuindo mais ainda para a fragmentação do protestantismo” (MCGRATH, 2012, p. 462). “Como se constata, a capacidade de fragmentação e organização de novos grupos evangélicos é grande. [...] Algumas motivações corroboram para aguçar essa tendência de fragmentação dos evangélicos em grupos denominacionais” (FIGUEIREDO FILHO, 2005, p. 46). Entre as motivações para o constante ímpeto de reforma e cisma protestante destacamos aqui algumas que são características inerentes e particulares do próprio movimento, que constroem sua identidade e que o fazem distinto de outras religiões, mas que também têm sido determinantes para os inúmeros movimentos separatistas desde a sua fundação<sup>128</sup>.

Em primeiro lugar, a religião protestante é marcada pela **descentralização**, ou seja, “o protestantismo [...] não tem poder centralizador nem autoridade institucional para regulamentar ou limitar seus desenvolvimentos” (MCGRATH, 2012, p. 471); “não há um único claro padrão, gene ou paradigma protestante controlando sua formação” (MCGRATH, 2012, p. 457). Esta característica se torna decisiva para a dispersão do movimento, já que, “sem uma agência protestante central de validação equivalente ao Vaticano, não há um meio exequível pelo qual esse fenômeno de renovação possa ser controlado” (MCGRATH, 2012, p. 466). Esta independência das instituições protestantes está diretamente relacionada à própria independência dos sujeitos, baseada no ideal luterano da liberdade individual de todos os cristãos, segundo o qual se “nega um centro religioso de onde possa existir administração da salvação dos homens; [se] afirma o sacerdócio universal, o que possibilita uma aproximação pessoal da divindade; e [se] orienta e estimula o livre exame das Escrituras” (FIGUEIREDO FILHO, 2005, p. 49; *acréscimos nossos*). O **individualismo** protestante “contém em si as sementes da desintegração” (FIGUEIREDO FILHO, 2005, p. 49), pois “faz com que o indivíduo se julgue acima de qualquer igreja, reforçado pelo fato de que sua conversão se dá frequentemente fora da igreja, o que produz conflito dentro das igrejas” (MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 1990, p. 33).

Por outro lado, apesar deste aparente rompimento com as instituições, o protestantismo ainda sustenta uma forte cultura de **denominacionalismo**, “na medida em que

---

<sup>128</sup> As várias motivações aqui abordadas não são excludentes. Em um mesmo caso é possível localizar motivações diferentes. Mas estes certamente são apenas alguns dos motivos, e não os únicos. Podemos mencionar, além das motivações aqui mencionadas, também fatores externos ao protestantismo, como a própria conjuntura sócio-política, que pode favorecer “uma religiosidade popular potencialmente pulverizada que subverte os controles institucionais” (FIGUEIREDO FILHO, 2005, p. 52). Há também as motivações relativas à época em que o protestantismo está inserido. A nova lógica mercadológica, por exemplo, na qual as instituições religiosas também se inserem, é uma preocupação contemporânea que tem fortalecido o ímpeto fragmentário protestante, já que “os grupos denominacionais que são orientados por esta lógica geralmente não têm uma atitude de cooperação com outras igrejas, situando-as em contexto de competição” (*Ibid.*, p. 56).

o indivíduo, ao mesmo tempo que se julga acima da igreja, é chamado a lealdade para com a sua denominação” (MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 1990, p. 33). Esta característica, embora pareça apontar para um fortalecimento da igreja institucional, na verdade conduz ao oposto disto: as igrejas protestantes tendem a se reforçar de forma independente, o que gera um “conflito permanente entre elas, prejudica o sistema de lealdade necessário e o progresso das denominações” (MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 1990, p. 33).

Merece atenção também o potencial de fragmentação relativo à própria **política eclesiástica**: “divisões tendem a ocorrer a partir do desempenho pessoal de líderes que têm poder de influência sobre determinado grupo” (FIGUEIREDO FILHO, 2005, p. 54). Assim, a organização eclesiástica do protestantismo também consta entre os fatores para a sua crise, uma vez que conflitos no interior da própria denominação também são desencadeadores de cismas. “A morte do líder fundador pode resultar em fragmentações nas gerações seguintes dos fiéis. Conflitos entre lideranças podem ocasionar a formação de novos grupos. O carisma pessoal tem sido usado para convencer pessoas a fundarem grupos evangélicos” (FIGUEIREDO FILHO, 2005, p. 55 e 56).

Além destes fatores relativos à organização eclesiástica, cooperam igualmente para a fragmentação protestante os aspectos de caráter doutrinário. O primeiro deles, já aqui mencionado, é a **centralidade da Bíblia** para a fé protestante. “As denominações sempre entenderam que a leitura da Bíblia conduz ao desenvolvimento pessoal e social, [...] vendo a Bíblia como instrumento de renovação ética. Muitos conflitos dentro das igrejas se devem a visões divergentes a respeito do papel da Bíblia” (MENDONÇA & VELASQUES FILHO, 1990, p. 33 e 34). Em conjunto com o uso da Bíblia, outro componente desse conflito é a (suposta) **liberdade de pensamento**, segundo a qual o indivíduo tem autonomia no acesso às Escrituras Sagradas. “Sendo a verdade descoberta pela leitura da Bíblia, e tendo o protestantismo no livre exame um princípio claro, não se corre o risco de diversas leituras levarem a diversas interpretações? Neste caso o cisma seria o resultado óbvio” (FIGUEIREDO FILHO, 2005, p. 49).

Porém, como observado, esta liberdade é apenas aparente, pois, prevendo as dúvidas, o relativismo e os cismas, as principais correntes protestantes elaboraram suas próprias confissões de fé, que fornecem uma interpretação do texto bíblico *a priori*. Desta forma, o que há de fato é uma “livre leitura do texto bíblico, mas não há livre interpretação. A tarefa intelectual do protestantismo tem se detido no repetir, a produção teológica não é investigativa e crítica, mas contemplativa” (FIGUEIREDO FILHO, 2005, p. 49). De modo

que, entre a gama de motivos que levam à diversidade, há também, paradoxalmente, o próprio **dogmatismo teológico**.

A vocação protestante para as denominações, para as seitas, para o cisma, portanto, não pode ser interpretada como uma expressão de liberdade. A verdade é o oposto. É porque o protestante habita uma linguagem, e esta linguagem é rigorosamente definida, que qualquer falar desviante provoca uma crise e uma ruptura. É porque o universo protestante é intelectualmente compacto, sem espaços livres, sem indefinições, sem dúvidas, que qualquer leitura divergente dos evangelhos é sentida como ato de rebelião que deve ser resolvido com a saída voluntária do dissidente ou a sua expulsão. Não é a liberdade intelectual que cria os cismas. O oposto é a verdade. (ALVES *apud* FIGUEIREDO FILHO, 2005, p. 50).

Em suma, todas essas características aqui mencionadas nos remetem ao potencial de protesto e reforma do protestantismo enquanto expressão religiosa, tendência esta que, com o passar dos séculos, “se transformou numa realidade inequívoca: as muitas faces do protestantismo não param de criar novas faces. [...] Alguns pressupostos da Reforma Protestante [...] provocaram mais individualismo do que a unificação” (FIGUEIREDO FILHO, 2005, p. 49). No entanto, a existência de crítica e divergência no interior de uma corrente religiosa de maneira alguma significa que haja um rompimento com a religião, pelo contrário, esses grupos insurgentes discordam apenas da interpretação religiosa que tem sido hegemônica, mas, ao mesmo tempo, concordam em um “retorno ao sagrado”, a renovação de uma ética religiosa supostamente perdida. O protesto religioso sempre se dará dentro de um quadro existente, apontando para a manutenção da crença. Continuará sendo a fé o alicerce da crítica religiosa, de modo que todos os conteúdos são examinados à luz das convicções religiosas fundamentais; e isto faz parte da própria natureza do sagrado.

Podemos, então, interpretar um movimento religioso como este dos “novos evangélicos” como definitivamente alinhado ao caráter protestante por conservar também (e principalmente) esta outra característica fundamental do protestantismo, o seu princípio de reforma. Seja quando propõem “uma igreja mutante para um mundo mutante” (ALEXANDRE, 2010a, p. 88), ou quando clamam “Voltemos ao evangelho puro e simples!” (ALEXANDRE, 2010a, p. 92), estes cristãos com as suas reivindicações e propostas apenas comprovam que “faz parte da essência do protestantismo examinar-se, renovar-se, respondendo ao seu ambiente, de um lado, e à própria leitura da Bíblia, de outro” (MCGRATH, 2012, p. 471).<sup>129</sup> A tendência à reforma, intrínseca ao protestantismo, estará,

---

<sup>129</sup> “As Escrituras Sagradas – testemunhas catalogadas da revelação – e a *ecclesia*, continuadora da mensagem salvífica, deparam-se com as mais diversas situações históricas e adquirem significados e estruturas novos que, por um lado, podem ofuscar o carisma primordial e, por outro, despertar novas interpretações sobre o mesmo

portanto, sempre presente, sejam os grupos protestantes progressistas ou tradicionais, indicando que transformações podem ocorrer tanto em direção ao futuro, como tendo por referência o passado<sup>130</sup>.

Diante da análise aqui realizada, podemos concluir que os “novos protestantes” conservam grandes semelhanças com as sementes do protestantismo, o que significa algo importante, a saber: não é que sejam mais um momento inaugural de um outro movimento religioso (como a revista *Época* erroneamente interpretou), mas sim que continuam mantendo o mesmo caráter das origens do movimento protestante. Assim sendo, os “novos evangélicos” representam muito mais a continuidade de uma ruptura passada (Reforma) que uma nova ruptura (nova reforma). São mais uma fase normal (primavera) da mesma árvore de origem protestante, do que uma nova árvore que estaria substituindo uma outra supostamente velha e falida (a igreja evangélica brasileira). Podemos então dizer que se trata apenas da mais *nova expressão* protestante no século XXI no território brasileiro, mas que ainda continua a ser o *mesmo* protestantismo.

## 2.5. “Novos evangélicos”? Por uma definição provisória

*“Mais qu’est-ce que signifie...? répéta le petit prince qui, de sa vie, n’avait renoncé à une question, une fois qu’il l’avait posée.”*

*- Antoine de Saint-Exupéry<sup>131</sup>*

Insistimos mais uma vez (e pela última vez) na questão principal deste capítulo, tal qual faria o famoso príncipezinho dos contos infantis. Pois é muito importante que, sempre que possível, obtenhamos algumas conclusões das investigações que promovemos. Pois bem, se é que podemos chegar a uma resposta para tal questão, ela seria basicamente a seguinte: “novos evangélicos” não é nada disto que foi dito ao seu respeito, mas, ao mesmo tempo, também é tudo isto. São igrejas estabelecidas, são denominações tradicionais e novas, são

---

carisma. É a tensão permanente entre o novo e o velho, a busca de coerência entre as estruturas instituídas e o momento fundacional, a luta entre o carisma e o poder” (PASSOS, 2006, p. 68).

<sup>130</sup> “Disso também deriva uma contínua dialética entre pulsões inovadoras e freios conservadores; entre posições liberais, inclinadas ao relativismo teológico e permeáveis à cultura moderna, e posições conservadoras que, mesmo influenciadas pelo pensamento bíblico, ainda assim resistem em posições consolidadas que, em casos extremos, levam ao fundamentalismo” (MASI, 2013).

<sup>131</sup> “Mas o que significa...? Repetiu o príncipezinho, que nunca na sua vida renunciara a uma pergunta, uma vez que a tivesse feito” (SAINT-EXUPÉRY, 1999, p. 60; *tradução nossa*).

também pequenas comunidades ou mesmo indivíduos isolados. É um movimento supra-denominacional difuso, heterogêneo, não sistemático, não coeso, e, em certo ponto, desunido, divergente e conflituoso. Constituem-se como uma corrente de pensamento crítica (anti-neopentecostalismo) e reformista (pró-mudança), mas sem um objetivo definido e um padrão único de referência para esta “reforma”. Mas também é algo que existe na prática, que intervém na realidade (de outra maneira, não teriam sido notados pela reportagem): são livros, são *posts* na internet, são manifestações nas ruas. É um fenômeno cuja proposta é nova (porque, afinal, os neopentecostais a quem combatem também são recentes), mas baseada em uma antiga referência (a própria tradição cristã e as escrituras sagradas, embora com suas diversas interpretações).

Não é por acaso que tal movimento contestatório esteja emergindo no seio da igreja evangélica brasileira exatamente neste momento crítico. “As razões pelas quais ‘crítica’ e ‘crise’ estão etimologicamente aparentadas têm a ver com o fato de o pensamento crítico encontrar o seu fundamento numa insuficiência do mundo” (FERREIRA & VIZER, 2007, p. 10). Assim, se a dissecação de um movimento religioso como este dos “novos evangélicos” pode nos acrescentar algo, é o seguinte: oferece-nos um panorama válido e conclusões pertinentes sobre a atual fase que a igreja no Brasil atravessa, qual seja: é um momento de crise, sim, mas que também pode ser de crescimento, reflorescimento e adaptação a uma nova estação. “A propensão intrínseca à reformulação, investigação e adaptação” (MCGRATH, 2012, p. 456) demonstrada na história do protestantismo “não parou e tudo indica que há mudanças à espera no futuro” (MCGRATH, 2012, p. 458).

Diante de toda a contextualização desenvolvida no presente capítulo, nos sentimos mais seguros para realizar adaptações necessárias na nomenclatura deste movimento, identificado e denominado midiaticamente como “novos evangélicos” e “nova Reforma Protestante brasileira”. Na verdade, não nos cabe aqui uma definição definitiva (para ser bem redundante), porque, afinal, o termo “novos evangélicos” é apenas um imenso guarda-chuva que abriga uma pluralidade de cristãos. Nossa intenção, é claro, é apenas decidir uma terminologia mais adequada para referenciá-los no decorrer deste trabalho.

Como já discutido, “novo(s)” é definitivamente um termo carregado de complicações. Já a palavra “evangélico(s)” continua a ser apropriada, justamente por se referir à instituição religiosa da qual descendem (a igreja evangélica brasileira). Mas “protestante” é um vocábulo ainda melhor para o movimento, justamente pela ambiguidade: pode fazer referência tanto à sua origem religiosa (protestantismo), como ao seu caráter crítico/contestatório/reformista. A expressão “reforma”, por sua vez, especialmente se agregada ao termo “protestante”, sugere

imediatamente o evento do século XVI, associação que aqui pretendemos evitar, porque, como já verificado, não se trata de uma versão moderna da ruptura religiosa protagonizada por Lutero, mas sim de apenas mais um dos desdobramentos daquele episódio histórico.

Assim, optamos por adotar a expressão “primavera protestante brasileira” para descrever não apenas os grupos cristãos noticiados na reportagem da revista *Época*, mas todos os recentes desenvolvimentos desta árvore brasileira de origem protestante que conservam o caráter protestante (isto é, os princípios protestantes e a tendência ao protesto e à reforma) e que direcionam suas críticas à atual crise do neopentecostalismo brasileiro. O protestantismo, como demonstra sua história, é marcado por pontos de ruptura inseridos na grande linha de continuidade. Deste modo, julgamos que a palavra “primavera” é mais adequada do que “reforma” porque nela está embutida “a união de mudança e permanência, que chamamos de *ritmo*” (LEWIS, 2009, p. 128; *grifo nosso*)<sup>132</sup>.

“Sim, estamos na primavera da igreja! Tudo começa a brotar e florescer timidamente” (ANGE, 1999, p. 20). Assim como a primavera, que se renova continuamente, “este padrão de desenvolvimento [protestante] continuará no futuro. Não obstante, o resultado disso não pode ser previsto” (MCGRATH, 2012, p. 456; *acréscimo nosso*). “Algumas dessas comunidades tornar-se-ão árvores robustas; outras serão flores das quatro estações. [...] No decurso da história, algumas atravessaram os séculos, enquanto outras floresceram tão-só no espaço de uma primavera eclesial” (ANGE, 1999, p. 58). Mas uma coisa é certa: a sociedade contemporânea, caracterizada principalmente por ser a era da globalização, da informação e das novas tecnologias, será (e já tem sido) decisiva no desenvolvimento desses movimentos religiosos, assim como já tem influenciado tantas outras “primaveras” dos mais variados movimentos sociais ao longo do mundo.

---

<sup>132</sup> Esta acepção de ruptura/continuidade foi usada pelo escritor e teólogo C. S. Lewis em um de seus romances religiosos: “Os humanos vivem dentro do tempo, e vivenciam a realidade numa sucessão de eventos. Para experimentar o suficiente dessa realidade, portanto, eles precisam ter experiências com várias coisas diferentes; em outras palavras, eles precisam passar por mudanças. E, já que precisam de mudanças, [...] [Deus] fez com que elas fossem para eles algo prazeroso. [...] Mas como Ele não deseja que eles façam da mudança, [...] um fim em si, Ele contrabalançou neles o amor pela mudança com o amor pela permanência. Ele conseguiu satisfazer ambos os gostos no próprio mundo que Ele criou, através da *união de mudança e permanência, que chamamos de ritmo*. [...] [Deus] lhes dá as estações. Cada estação é diferente e ainda assim igual todos os anos” (LEWIS, 2009, p. 127 e 128; *acréscimos nossos*).

### 3. “PRIMAVERA PROTESTANTE BRASILEIRA”: OS MOVIMENTOS EVANGÉLICOS CONTRA-HEGEMÔNICOS NA INTERNET

*“Cada estação é diferente e ainda assim igual todos os anos, de tal modo que a primavera sempre parece uma novidade e, ainda assim, é percebida como uma repetição de um tema imemorial.”*

- C. S. Lewis<sup>133</sup>

A primavera é convencionalmente considerada como a estação das flores. De fato, a palavra “primavera” (do latim *primo vere*, “primeiro verão” ou “princípio do verão”) indica aquele período do ano que sucede o inverno e antecede o verão, caracterizado por temperatura e umidade moderadas, reprodução dos animais, crescimento e reflorescimento da flora terrestre<sup>134</sup>. No entanto, para além do seu sentido original, o termo “primavera” é comumente usada também com acepções poéticas ou figuradas. Assim, a juventude é alcunhada de “primavera da vida”, cada aniversário passa a ser como “mais uma primavera”, e “primaveril” será algo ou alguém jovem, colorido e florido. No cerne de todos esses sentidos da palavra, porém, reside uma só essência: primavera equivalerá sempre a “novidade, época primeira, aurora” (FERREIRA, 1986, p. 1392 e 1393), indicando um momento de (re)nascimento e desenvolvimento. Ainda em outras línguas, a mesma significação permanece<sup>135</sup>. Já dizia Alberto Caeiro (um dos heterônimos do poeta Fernando Pessoa): “Gostava agora de poder julgar que a primavera é gente. [...] Mas a primavera nem sequer é uma cousa: *é uma maneira de dizer*” (PESSOA, 2015; *grifo nosso*).

Foi a partir desta semente conceitual que floresceu mais uma acepção extraoficial para “primavera”, agora, porém, de caráter completamente politizado, reformista e revolucionário: a **primavera dos movimentos sociais**. Não é por acaso que o termo “primavera” foi utilizado

<sup>133</sup> LEWIS, 2009, p. 127 e 128.

<sup>134</sup> No hemisfério sul a primavera inicia-se no equinócio de setembro e termina no solstício de dezembro, e no hemisfério norte inicia-se no equinócio de março e termina no solstício de junho. Mas a verdade é que nem sempre há flores nesta época do ano, pois há regiões no planeta (zonas tropicais, equatoriais, polares e desérticas, por exemplo) em que nem mesmo há a estação da primavera, pelo menos não desta forma bem definida.

<sup>135</sup> “Em inglês [...] a palavra *spring* também tem o significado de ‘começar, originar, emergir’. Em alemão diz-se *Frühling*, mas também *Frühjahr*. [...] *Früh* significa ‘cedo, início, manhã’; *Jahr* é ano. [...] Em francês, *printemps* tem origem em *prins* (‘primeiro’ em francês antigo) e *temps* (‘tempo’), portanto o ‘primeiro tempo’ (do ano). A primavera em basco, *udaberri*, inclui a palavra *uda* (‘verão’) e *berri* (‘novo’). [...] Em bretão *nevezamzer* tem origem nas palavras ‘novo’ e ‘tempo’. Nas línguas bálticas, lituano e letão, primavera diz-se *pavasaris*, que significa ‘começo do verão’” (SANTOS, 2015).

em diversos momentos da história em referência a ondas revolucionárias<sup>136</sup>. Assim tivemos a “Primavera dos Povos” na Europa no séc. XIX; a “Primavera de Praga” em 1968 na então Checoslováquia; a “Primavera de Pequim” em 1977 na China, e atualmente (a partir de 2011) a “Primavera Árabe” no Oriente Médio; só para citar alguns exemplos. Isso sem falar nas inúmeras “revoluções” cujos nomes remetem a flores e cores primaveris, desde a “Revolução dos Cravos” (Portugal, 1974), até as mais recentes “revoluções coloridas”<sup>137</sup> nos Estados da antiga URSS: “Revolução das Rosas”, “Revolução das Tulipas” e “Revolução Laranja”.

Tudo isto demonstra que não é nada incomum a ideia da primavera como a estação dos movimentos sociais. De fato, “são eles que, no velho terreno da história, lançam sementes que renovam rumos e horizontes, cultivando iniciativas inovadoras e criativas e fazendo por todos os lados germinar botões que, cedo ou tarde, hão de desabrochar em flor” (GONÇALVES, 2003). Obviamente, o fato de darem-se nomes de flores e primaveras às revoltas civis pode ocultar a intenção de representar de modo heroico (e até um tanto poético) estas iniciativas populares. Entretanto, independente de receberem ou não títulos primaveris, é evidente que os movimentos sociais como um todo representam para a sociedade aquilo que a primavera representa para a natureza: um momento de esperança, renovação e crescimento. De modo geral, podemos então dizer que este sentido político de “primavera” se refere às frentes populares que são fruto de aspirações por reformas sociais profundas.

Os movimentos sociais representam uma forma específica e historicamente diferenciada de organização social, surgida nos fins do século XIX, como manifestação de setores sociais fundamentalmente urbanos que cobraram consciência de ser encontrados sujeitos em condições de vida não só injustas ou restritivas, mas, além disso, compartilhadas por um setor ou grupo social identificável e identificado. Os MS representam em princípio a expressão dialética e manifesta da complexidade, a diversidade e a agitação social. Uma forma de ação social que pretende justamente transformar as condições objetivas de seu ‘ambiente’ (FERREIRA & VIZER, 2007, p. 45).

Os movimentos sociais brotam, sobretudo, no fértil terreno das crises da modernidade, onde se “deu passos essenciais no pilar da regulação, mas deixou inacabado o pilar da emancipação, faltando cumprir promessas de cidadania e de alargamento de direitos”

<sup>136</sup> Não avaliaremos aqui as motivações, consequências, e posturas políticas adotadas em cada uma dessas revoluções. Importa, porém, para a presente argumentação apenas o fato de que há inúmeras e diversificadas ondas contestatórias e reformistas que estão nominalmente associadas a esta acepção política de “primavera”.

<sup>137</sup> “Além de processos semelhantes, o que faz dessa série de movimentos um grupo uniforme é o objetivo declarado pelos opositores e pelas massas que os apoiaram: instaurar o processo de democratização. [...] Os autores divergem quanto ao papel efetivo representado pelo apoio ocidental às Revoluções Coloridas – alguns argumentam que essas revoluções foram de facto patrocinadas pelos Estados Unidos, enquanto outros defendem que o papel ocidental, embora importante, dependeu da existência prévia de movimentos opositores nativos. Em todos os casos, todavia, é reconhecida a importância do apoio ocidental, especialmente frente à oposição russa a qualquer mudança no *status quo* dos países da região” (ORTEGA, 2009, p. 6)

(FERREIRA & VIZER, 2007, p. 10). Estas insatisfações plantaram a semente fundamental para o florescimento das ações coletivas, qual seja: o ideal da justiça social. Movidos por este objetivo, os indivíduos “buscam a transformação das condições de opressão e sofrimento [...] com vistas à efetivação de um mundo em que todos possam ter dignidade e seus direitos de cidadania respeitados” (PERUZZO, 2011, p. 25). As grandes agregações humanas que são promovidas na busca deste ideal constituem um tipo comunitário totalmente diferenciado: a “comunidade de ideias”, que vai além da mera proximidade física, mas “se funda em identidades, ação conjugada, reciprocidade de interesses, cooperação, sentimento de pertença, vínculos duradouros e relações estreitas entre seus membros” (PERUZZO, 2011, p. 24).

Na atual conjuntura social observamos o desabrochar de novas e diferentes formas de organização popular, que se pautam “em função das condições econômicas, políticas e sociais críticas deste novo milênio” (FERREIRA & VIZER, 2007, p. 44). Estes novos movimentos sociais caracterizam-se, sobretudo, pela “força política de oposição ao sistema hegemônico” (PAIVA, 2011, p. 33) e pela defesa da “nova geração de direitos centrada na diferença e na diversidade” (FERREIRA & VIZER, 2007, p. 12). Com isso, as novas militâncias conseguem transitar entre o particular e o universal: concentram sua luta de forma “guetificada” em uma pauta específica (emancipação feminina, questão racial, meio ambiente, desigualdade social, gênero e sexualidade, etc.), mas também conservam um anseio de abrangência universal para os conceitos de igualdade, liberdade e cidadania.

Esses novos movimentos sociais se expressam em uma dupla dimensão argumental. Por um lado, em defesa e construção paulatina de um universo de discurso coletivo e ‘universalista’, assentado sobre valores como Direitos Humanos. [...] A segunda linha de discurso argumental aparenta ir em sentido contrário: [...] os discursos e valores particulares buscam um reconhecimento dentro dos espaços públicos de ação e de expressão (as ruas, as praças, às vezes os meios de comunicação (FERREIRA & VIZER, 2007, p. 31).

De fato, “na atualidade, a mídia tem sido a variável que mais influencia na estrutura social de maneira mais definitiva” (PAIVA, 2011, p. 31). Assim, parece tornar-se imprescindível “a compreensão também por parte dos movimentos sociais de que hoje o ambiente midiático define de maneira decisiva suas formas de atuação” (PAIVA, 2011, p. 34). Para o bem ou para o mal, a mídia<sup>138</sup> sempre aparece na história<sup>139</sup> como decisiva para as

---

<sup>138</sup> “A palavra ‘mídia’ vem do latim *medium*, que significa meio, canal, conexão entre dois pontos. O plural de *medium* é *media*. [...] Foi adotando a pronúncia inglesa de *media* que chegamos à palavra ‘mídia’, usada como substantivo feminino e no singular. [...] Usaremos a palavra mídia nesse trabalho por ser um termo mais utilizado em nosso cotidiano e por já estar linguisticamente enraizado em nosso cotidiano e [...] em nossa língua. Convencionalmente o termo mídia é utilizado no sentido restrito de ‘meios de comunicação de massa’, mas

revoluções populares, sobretudo em sociedades marcadas por momentos de forte tensão e fragmentação. Os meios de comunicação se transformaram em um verdadeiro campo de disputa do poder, onde quase todos os atores sociais almejam estar. “No caso dos atores sociais com grandes capitais econômicos ou políticos, o ‘desejo/interesse’ se materializa em estratégias, negociações, ou aquisições de meios de forma exclusiva” (FERREIRA & VIZER, 2007, p. 48). Os demais grupos, privados desta participação comunicacional, buscam formas alternativas de resistência, inclusive na própria mídia. Assim, dependendo de quem obtenha o controle do processo, os meios de comunicação podem servir tanto como “suportes ideológicos dos sistemas hegemônicos de pensamento, mas também como lugares de produção de estratégias conflituais que visam reformular o processo social” (FERREIRA & VIZER, 2007, p. 13).

Isto pode ser claramente observado nos diferentes tipos de movimentos do corpo social surgidos nesta era da informação e globalização, pois “a velocidade da comunicação induz fatores de concentração de poder nas sociedades contemporâneas, mas curiosamente induz resistências, improbabilidades, contingências, oportunidades apenas previstas” (FERREIRA & VIZER, 2007, p. 18). As novas tecnologias da informação, especialmente a internet, despontam como o mais recente e surpreendente marco do desenvolvimento comunicacional, e vêm assumindo, conseqüentemente, o centro deste campo de disputa do poder, onde agora cabem tanto os atores hegemônicos tradicionais como também, e sobretudo, aqueles até então excluídos do campo midiático, que agora são realmente capazes de exercer oposição ao sistema, inclusive à própria mídia. Assim, da mesma forma que os meios convencionais, a internet é concebida “como mais uma arena de lutas e conflitos pela hegemonia, vale dizer, de batalhas permanentes pela conquista do consenso social e da liderança cultural-ideológica” (MORAES, 2007, p. 1).

“Em boa medida, o paradigma emergente no século XXI vai demarcando novos modos de relação entre a militância, novas formas de ativismo social e os meios de comunicação” (FERREIRA & VIZER, 2007, p. 36). A incorporação de novas tecnologias nas

---

devemos levar em conta que falar em mídia significa falar em mediações em uma perspectiva mais ampla. Nos estudos de comunicação, mídia geralmente constitui qualquer suporte material que estabeleça uma conexão entre dois pontos ou mais com a finalidade de transmitir ou receber informações” (KLEIN, 2006, p. 80 e 81).

<sup>139</sup> Desde o início do uso da prensa de Gutemberg para imprimir periódicos (por volta do séc. XVIII) e do estabelecimento do jornal impresso como primeira mídia de massa, já havia relatos de usos políticos da mídia, seja para promover ou combater movimentos populares. Exemplo disso são as revoltas ocorridas ainda naquela época: “Com a crise das monarquias europeias, o estalo da Revolução Francesa e os movimentos de independência americanos, começaram a aparecer os medos ambivalentes sobre a influência da imprensa e a ‘perturbação da ordem pública’, assim como as primeiras expressões populares, em massa, de protesto e de violência sociais, sobretudo nas cidades consideradas foco privilegiado para a imprensa” (FERREIRA & VIZER, 2007, p. 26).

estratégias de luta se torna então a marca principal dos movimentos sociais no novo milênio, determinando a mais nova expressão da “primavera” político-social: o engajamento via internet. “A ‘militância *online*’, que busca a disseminação de ideias e o máximo de intercâmbios, tem sido frequentemente apontada como um marco desta era, que, por meio de suas *home pages*, reinterpreta as informações também divulgadas pelos jornais e redes de televisão” (PAIVA, 2011, p. 36). As revoluções mais recentes (a nível nacional e global) que carregam essa alcunha de “primavera” são justamente casos exemplares de nações ou comunidades em que a internet entrou quebrando barreiras de silêncio impostas pela mídia tradicional e questionando decisões governamentais (nos países de governos democráticos), ou até mesmo rompendo o controle estatal sobre a informação e derrubando ditaduras governamentais (nos estados com regimes ditatoriais). “Países em que a sociedade civil e o jornalismo fizeram uso ativo das novas tecnologias de informação viveram em seguida uma transição democrática radical ou uma significativa solidificação de suas instituições democráticas” (HOWARD *apud* CASTELLS, 2013, p. 106).

É o caso da “Primavera Árabe”, um conjunto de manifestações e revoluções espontâneas ocorridas desde 2011 no Oriente Médio e norte da África, que se tornaram historicamente singulares por constituírem-se como a primeira série de insurreições políticas totalmente mediadas digitalmente. As novas mídias tiveram papel causal nos levantes árabes por terem “fornecido a infraestrutura fundamental de um movimento social diferente dos outros que haviam surgido. [...] Foi por causa dessas bem-desenvolvidas redes digitais que líderes cívicos conseguiram mobilizar para o protesto um número tão grande de pessoas” (HOWARD & HUSSAIN *apud* CASTELLS, 2013, p. 106). Já a nível nacional, vivemos mais recentemente (a partir de 2015) o apogeu dos levantes feministas que passaram a ser chamados “Primavera das Mulheres”, mobilizando mulheres de todas as gerações e classes sociais, que “foram às ruas e se expressaram nas redes sociais, [...] dispostas a lutar contra toda forma de opressão, violência e assédio dos homens. [...] [especialmente] contra o conservadorismo do Presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), e seus pares” (SILVA, PIRES & PEREIRA, 2015, p. 11; *acrécimo nosso*). Ambos os casos são demonstrações de movimentos sociais que começaram “com organização, debate e convocação à rebelião pela internet, prosseguindo e se configurando no espaço urbano” (CASTELLS, 2013, p. 106).

Fenômenos semelhantes podem também ser identificados atualmente nos movimentos de cunho religioso, o que não é nenhuma surpresa, pois “se a tecnologia, em especial a revolução digital, modifica o modo de pensar as coisas, isso não acabará por dizer respeito

também de certo modo à fé e sua comunicação?” (SPADATO, 2012, p. 27). E, de fato, as mais diversas expressões de fé ao redor do mundo têm migrado para o ambiente digital, enxergando a internet e as novas tecnologias como mais uma extensão para a religiosidade já vivida nos templos e na vida cotidiana. É o caso das mais recentes tendências protestantes que afloram neste terreno da comunicação em rede, como a igreja emergente<sup>140</sup> e os sem-igreja<sup>141</sup> (já abordados no primeiro capítulo deste trabalho). Mas, para além da mera confessionalidade, as tecnologias da comunicação também têm sido empregadas religiosamente como ferramentas de contestação, engajamento e transformação da realidade. Pois se a presente cultura digital tem contribuído para o florescimento de novos movimentos sociais de caráter nitidamente reivindicatório e revolucionário, isso continua a ser válido no caso do ativismo religioso. Cabe aqui o exemplo dos blogueiros protestantes (denominados de “novos evangélicos” na reportagem da revista *Época*, e já discutidos no segundo capítulo), que, por meio da internet, exercem forte oposição às novas igrejas midiáticas.

Partindo de tal pressuposto, nos questionamos: estes internautas evangélicos podem também ser considerados parte da primavera político-social contemporânea? De que forma a inserção dos protestantes na internet potencializa a tendência que estes já possuem ao protesto religioso e à reforma eclesial? De que forma o poder da mídia convencional, em contraste com as potencialidades das novas mídias digitais, tem sido decisivo para estas disputas religiosas contemporâneas? Destinamos o presente capítulo justamente ao aprofundamento destas discussões. A análise do fenômeno religioso que aqui consideramos como a “primavera protestante brasileira”, demandará a seleção de um fragmento específico deste movimento, a fim de compreender em maior profundidade a sua faceta de engajamento midiático, neste caso, através da internet. Assim, a partir de agora faremos a opção por trazer o foco do trabalho exclusivamente aos blogueiros “protestantes”, cujo “protesto” refere-se tanto ao seu potencial de crítica como também à sua herança religiosa do protestantismo.

Um olhar mais atento ao atual contexto social revelará que, em meio a um inverno frio e rigoroso de devastação, desabrocham por toda parte os brotos de renovação, tornam a crescer as árvores verdejantes de esperança e cantam com vigor os pássaros que anunciam mudanças. Tudo indica que está chegando a tão proclamada estação da primavera. Como

---

<sup>140</sup> “Uma das características visíveis da igreja emergente está no seu uso da linguagem e na sua forma de manifestação de culto [...] para a geração que cresce nos tempos contemporâneos, [para quem] a comunicação precisa acontecer em forma de rede, como um site na internet, onde as possibilidades de continuidade são inúmeras e, na verdade, ninguém sabe onde ela vai terminar” (MEISTER, 2006, p. 109; *acréscimo nosso*).

<sup>141</sup> “Os cristãos sem-igreja [...] acompanham mensagens e reflexões pela internet. [...] Vivem sem a experiência comunitária e não desejam ser ‘vidraça’ ou alvo de críticas – semelhantes às que fazem em seus artigos, *posts* em blogs, livros ou *tweets*” (BOMILCAR, 2012, p. 24).

profetizou Cecília Meireles (1998, p. 366): “A primavera chegará, mesmo que ninguém mais saiba seu nome, nem acredite no calendário, nem possua jardim para recebê-la”. Pois bem, a despeito do nome com que lhes batizem, o caso é que “milhares de organizações e movimentos ocupam ruas e campos, tomam páginas de jornais e espaço nos meios de comunicação social. [...] A primavera dos movimentos sociais proclama em volta alta que, se a gente quiser e se organizar, ‘um outro mundo é possível’” (GONÇALVES, 2003).

### 3.1. Comunicação e poder: Hegemonia nas mídias de massa convencionais

*"Invierno, [...] algún día nos reconoceremos, cuando la magnitud de tu belleza no caiga sobre el hombre, cuando ya no perfores el techo de mi hermano, cuando pueda acudir a la más alta blancura de tu espacio sin que puedas morderme, pasaré saludando tu monarquía desencadenada. Me sacaré el sombrero bajo la misma lluvia de mi infancia porque estaré seguro de tus aguas: ellas lavan el mundo [...] y bajan hasta el fondo donde la primavera duerme. Tú la estremeces, [...] la despiertas, [...] y de pronto la vemos en la altura con su nuevo vestido y sus antiguos ojos verdes."*

*- Pablo Neruda, Oda al Invierno<sup>142</sup>*

As estruturas de poder estão enraizadas na composição da sociedade, aliás, todo o processo de (trans)formação da sociedade é permeado pela dinâmica das relações de poder. Entendemos **poder** como esta “capacidade estrutural de um ator social impor a sua vontade sobre outro(s) ator(es) social(s). Todos os sistemas institucionais refletem as relações de poder, bem como os limites para estas relações como negociados por um processo histórico de dominação e contra-dominação” (CASTELLS, 2007, p. 2; *tradução nossa*). O poder, portanto, está em constante disputa: as relações de poder são naturalmente diversas, contraditórias e conflituosas, pois são reflexo da sociedade, esta pluralidade de atores sociais (indivíduos e grupos) com valores e interesses diversos e, muitas vezes, até opostos.

<sup>142</sup> “Inverno, [...] algum dia nos reconheceremos, quando a magnitude de tua beleza não recair sobre o homem, quando já não perfurares o telhado do meu irmão, quando eu possa ir à mais alta brancura do teu espaço sem que possas morder-me, passarei saldando a tua monarquia desacorrentada. Levarei o chapéu sob a mesma chuva da minha infância, porque estarei seguro de tuas águas: elas lavam o mundo [...] e descem até o fundo, onde a primavera dorme. Tu a estremeces, [...] a despertas, [...] e de repente a vemos nas alturas com seu novo vestido e seus velhos olhos verdes.” Ode ao Inverno (NERUDA, 2005, p. 116 e 117; *tradução nossa*).

Para entender melhor este tema, é indispensável fazer referência aos escritos do filósofo marxista Antonio Gramsci<sup>143</sup> (1891 - 1937) sobre a hegemonia. Para além do sentido usual da palavra, que é entendida como dominação ou governo político é empregada em geral para as relações entre nações, Gramsci desenvolve o conceito de hegemonia<sup>144</sup> e o estende também às relações entre classes sociais e, especialmente, à definição de uma classe dominante (WILLIAMS, 1977, p. 108; *tradução nossa*). Nas aplicações que fez do termo em seus textos, pretendia, de forma geral, designar um poder que é resultado da combinação entre a persuasão<sup>145</sup> (direção intelectual e ética) e a coerção<sup>146</sup> (poder político). Em outras palavras,

muito toscamente, [...] podemos definir a hegemonia como um espectro inteiro de estratégias práticas pelas quais um poder dominante obtém o consentimento ao seu domínio daqueles que subjuga. Conquistar a hegemonia, no parecer de Gramsci, é estabelecer liderança moral, política e intelectual na vida social, difundindo sua própria ‘visão de mundo’ pelo tecido da sociedade como um todo, igualando, assim, o próprio interesse com o da sociedade em geral (EAGLETON, 1997, p. 107 e 108).

Gramsci considera que a hegemonia não é um poder que emana somente da infraestrutura (forças e relações de produção), mas que procede principalmente da superestrutura (poderes políticos, sociais e culturais). “Tal fio analítico afasta-o das concepções economicistas do marxismo. [...] Para Gramsci, a relação entre ‘vontade humana (superestrutura) e a estrutura econômica’ ocorre dialeticamente” (SIMIONATTO, 2008, p. 89) Além disso, Gramsci visualiza uma separação fundamental da superestrutura<sup>147</sup>,

---

<sup>143</sup> “A obra de Antonio Gramsci foi executada debaixo de grandes dificuldades em uma prisão fascista entre 1927 e 1935. [...] Seu trabalho é um dos principais momentos determinantes na teoria cultural marxista” (WILLIAMS, 1977, p. 108).

<sup>144</sup> “Para o grego antigo, hegemonia era um termo militar. Etimologicamente, deriva do antigo grego *eghestai*, que significa conduzir, guiar, liderar. *Eghemoneuo* implica estar à frente, comandar, ser o senhor. Por *eghemonia*, entendia-se a direção do exército. Hegemônico era, assim, o chefe militar, o comandante do exército. Também é possível notar a utilização do termo na Grécia antiga para designar a supremacia de uma cidade frente às demais. Essa ideia alcança a modernidade com o entendimento de dominação pelo consentimento e aceitação do dominado. Lênin utiliza o termo hegemonia pela primeira vez em um escrito, em janeiro de 1905, no início da Revolução Russa. Aí o termo ainda se enquadra no âmbito da teoria política. [...] Entretanto, o argumento da ação hegemônica, desenhado pelo pensador marxista italiano Antonio Gramsci, é aquele que mais adequadamente se aproxima da compreensão do que significa a soberania de uma forma social. A ideia de hegemonia, tal como é entendida por Gramsci, permite que o olhar coteje não apenas o aspecto político, mas também, e em igual medida, o caráter formativo da cultura” (PAIVA, 2011, p. 29 e 30).

<sup>145</sup> “1) do consenso ‘espontâneo’ dado pelas grandes massas da população à orientação impressa pelo grupo fundamental dominante à vida social, consenso que nasce ‘historicamente’ do prestígio (e, portanto, da confiança) obtido pelo grupo dominante por causa de sua posição e de sua função no mundo da produção” (GRAMSCI, 2006, p. 21).

<sup>146</sup> “2) do aparelho de coerção estatal que assegura ‘legalmente’ a disciplina dos grupos que não ‘consentem’, nem ativa nem passivamente, mas que é constituído para toda a sociedade na previsão dos momentos de crise no comando e na direção, nos quais desaparece o consenso espontâneo” (GRAMSCI, 2006, p. 21).

<sup>147</sup> “Podem-se fixar dois grandes ‘planos’ superestruturais: o que pode ser chamado de ‘sociedade civil’ (isto é, o conjunto de organismos designados vulgarmente como ‘privados’) e o da ‘sociedade política ou Estado’, planos que correspondem, respectivamente, à função de ‘hegemonia’ que o grupo dominante exerce em toda a

entendendo “que Estado = sociedade política + sociedade civil, isto é, a hegemonia encorajada da coerção” (GRAMSCI *apud* SOUZA, 2013, p. 23; *tradução nossa*) Ou seja, o Estado é um equilíbrio da

sociedade política (ou ditadura, ou aparato coercitivo para conformar a massa das pessoas de acordo com o tipo de produção e da economia de um dado momento) [...] com a sociedade civil (ou hegemonia de um grupo social sobre a inteira sociedade nacional exercida através das chamadas organizações privadas, como a igreja, os sindicatos, a escola, etc.) (GRAMSCI *apud* SOUZA, 2013, p. 12; *tradução nossa*).

A partir desta concepção, Gramsci conclui que o poder hegemônico se exerce não apenas através das instituições políticas (ou aparelho repressivo do Estado, A.R.E.), mas se concretiza principalmente através das organizações civis (reconhecidos por Althusser como aparelhos ideológicos do Estado, A.I.E.). Desta forma ele propõe (não sem algumas incoerências<sup>148</sup>) a primazia da sociedade civil sobre a sociedade política na definição da hegemonia. O seu trabalho foi singular, portanto, porque “se opunha ao mecanismo simplista da análise marxista e atribuía grande importância ao papel da ideologia<sup>149</sup>” (MARTINO, 2005, p. 42). A ideologia no pensamento gramsciano consiste na relação orgânica entre conhecimento e ação, ou seja, a concepção que determinado grupo social possui da realidade a partir do lugar que ocupa na sociedade, e as normas de conduta que lhe são correspondentes (SIMIONATTO, 2008, p. 98 e 99).

Tomando-se em consideração que a hegemonia só pode ser alcançada pela obtenção do consenso dos grupos sociais subalternos, e considerando-se que este consenso não é espontâneo, torna-se evidente que, a fim de legitimar-se como hegemônica, a classe dominante se esforçará por “educar” os grupos dominados em sua visão de mundo. Só assim a

---

sociedade e àquela de ‘domínio direto’ ou de comando, que se expressa no Estado e no governo ‘jurídico’” (GRAMSCI, 2006, p. 20 e 21).

<sup>148</sup> “Gramsci erra ao localizar a hegemonia apenas na ‘sociedade civil’ em vez de [também] no Estado, pois a forma política do Estado capitalista é ela própria um órgão vital de tal poder. [...] Devemos notar [...] que as instituições coercitivas de uma sociedade - exércitos, tribunais de justiça e o resto - devem elas mesmas conquistar o consentimento do povo para operar com eficiência, de modo que a oposição entre coerção e consentimento possa, até certo ponto, ser desconstruída” (EAGLETON, 1997, p. 106; *acréscimo nosso*).

<sup>149</sup> “A categoria-chave no trabalho de [...] Gramsci não é a ideologia, mas a hegemonia, e vale a pena ponderar a distinção entre esses dois termos. [...] Há uma diferença imediata ante o conceito de ideologia, já que está claro que as ideologias podem ser impostas à força. [...] Mas a hegemonia também é uma categoria mais ampla que a ideologia: inclui a ideologia, mas não pode ser reduzida a ela. [...] A hegemonia, então, não é apenas um tipo bem-sucedido de ideologia, mas pode ser decomposta em seus vários aspectos ideológicos, culturais, políticos e econômicos. A ideologia refere-se especificamente à maneira como as lutas de poder são levadas a cabo no nível da significação, e, embora tal significação esteja envolvida em todos os processos hegemônicos, ela não é em todos os casos o nível dominante pelo qual a regra é sustentada. [...] Se o conceito de hegemonia expande e enriquece a noção de ideologia, também empresta a esse termo, em outras circunstâncias um tanto abstrato, um corpo material e um gume político. E com Gramsci que se efetua a transição crucial de ideologia como ‘sistema de ideias’ para ideologia como prática social vivida, habitual” (EAGLETON, 1997, p. 105, 106 e 107).

classe dirigente poderá gerar no povo um sentimento de identificação (ao sugerir suas causas particulares como se fossem os interesses de todas as classes sociais), criar um inimigo exterior comum (contra o qual precisam se unir e lutar em nome da “felicidade geral da nação”) e suscitar a submissão como algo natural e conveniente (ao supor que a sociedade é um todo orgânico sem desigualdades sociais), inibindo assim a potencialidade revolucionária popular. “É preferível, no todo, que o poder permaneça convenientemente invisível, disseminado por toda a textura da vida social e, assim, “naturalizado” como costume, hábito, prática espontânea. Assim que o poder mostra seu jogo, pode transformar-se em objeto de contestação política” (EAGLETON, 1997, p. 108). Por isso “Gramsci destaca o papel fundamental que a cultura passa a ter para consolidar a direção intelectual e moral da burguesia” (SOUZA, 2013, p. 25).

Ao associar a “hegemonia à arena da ‘sociedade civil’, Gramsci pretende designar todo o espectro de instituições intermediárias entre o Estado e a economia” (EAGLETON, 1997, p. 106). Então, para Gramsci, a luta pelo poder estava localizada nessas “grandes organizações populares do tipo moderno, que representam as ‘trincheiras’, as fortificações permanentes da guerra de posições” (GRAMSCI *apud* SOUZA, 2013, p. 22; *tradução nossa*). Se a classe hegemônica é a que se mantém no poder pelo consentimento das massas e não apenas pela força coercitiva, logo, será também aquela que detém não só o poderio econômico e/ou político, mas que tem, sobretudo, o controle dos meios de difusão da ideologia, quais sejam: “escolas, famílias, igrejas, meios de comunicação e todo o resto” (EAGLETON, 1997, p. 108). Contudo, como se observa, quem geralmente possui um destes tipos de poder, geralmente também detém todos (ou quase todos) os outros. Assim, a classe hegemônica é aquela que tem poder intelectual, moral, político e econômico, e utiliza todos a seu favor. “Enquanto totalidade, a hegemonia significa, portanto, a unificação da estrutura e da superestrutura, da atividade de produção e de cultura, do particular econômico e do universal político” (SIMIONATTO, 2008, p. 95).

Eis o ponto principal desta abordagem: se, a partir da compreensão do funcionamento da hegemonia, concluímos que “o processo decisivo de formação da sociedade [...] é a dinâmica das relações de poder, [...] então as relações de poder, em nosso contexto social e tecnológico, são em grande parte dependentes do processo de comunicação socializada” (CASTELLS, 2007, p. 3; *tradução nossa*). Como se pode ver, os meios de comunicação estão incluídos nisto que Gramsci denominou “aparelhos privados de hegemonia, já que a mídia ajuda na construção e na manutenção da hegemonia” (RESENDE *apud* SOUZA, 2013, p. 62). E a comunicação vai muito além da simples ideia de que se trata apenas das redes de

emissoras de televisão, de rádio ou ainda de jornais (PAIVA, 2011, p. 31). O império midiático é um imenso campo de “significações públicas, no qual se convive, cotidianamente, com um alto grau de densificação tecnológica na produção de discursos sociais” (PAIVA, 2011, p. 28).

Na sociedade contemporânea, já não perguntamos se a mídia é o quarto ou o primeiro poder. Sabemos que o complexo sistema de comunicação está entrelaçado, vinculado desde a origem ao núcleo central da sociedade. [...] Entre os produtores e receptores a cultura midiática não é instrumental, mas constitutiva da estrutura social. Ela deixa de ser veiculante, de representação, para ser vicária, organizativa, formuladora. [...] O campo das mídias vai não só mediando os demais campos sociais como se autonomiza, mostrando, apresentando, objetivando o mundo e os indivíduos de outros campos sociais a partir de si (BERGE, 2007, p. 26)<sup>150</sup>.

Ao constatarem que os meios de comunicação figuram entre os principais difusores de ideologias, os grupos dominantes passaram a enxergá-los como ferramentas ideais para vencer o combate pela hegemonia. Daí decorre uma acirrada disputa pelo “monopólio dos órgãos de opinião pública [...] de modo que uma só força modele a opinião, e, portanto, a vontade política nacional, desagregando os que discordam numa nuvem de poeira” (SIMIONATTO, 2008, p. 92). Sendo assim, podemos dizer que, sobretudo no contexto atual com os imensos avanços tecnológicos nos sistemas de comunicação, as mídias de massa tornam-se as principais “trincheiras” de combate pela hegemonia, uma vez que, embora não sejam “as detentoras do poder, mas elas constituem, em geral, o espaço onde o poder é decidido” (CASTELLS, 2007, p. 5; *tradução nossa*). “Os meios de comunicação se apresentam, assim, como as novas forças produtivas dos palcos simbólicos, a que quase todos os atores sociais desejariam aceder” (FERREIRA & VIZER, 2007, p. 48).

E neste palco midiático onde se encenam as relações de poder, a religião<sup>151</sup> agora atua no papel de protagonista. “A religião é considerada um conjunto simbólico distribuído via mídia, assim como qualquer outro faz o mesmo uso do espaço da imprensa para disputar a hegemonia na sociedade civil” (MARTINO, 2005, p. 9). Compreender a religião desta forma

<sup>150</sup> Essa capacidade representa um momento único na história da humanidade, porque nem as religiões, nem a política, nem qualquer outro sistema responsável pela normatização das relações sociais conseguiu atingir um espectro tão amplo de atuação e tão eficazmente determinar a conduta padronizada de toda uma sociedade. [...] Isto significa, portanto, reconhecer que todas as atividades e relações, mesmo aquelas que historicamente definiam a existência do indivíduo, como [...] a religião, são modificadas pela forma social midiaticizada. (PAIVA, 2011, p. 31).

<sup>151</sup> “A religião, afirma Gramsci, ‘foi e continua a ser’ uma necessidade, uma forma necessária da vontade das massas populares, uma forma determinada de racionalidade do mundo e da vida, fornecendo os quadros gerais para a atividade prática real’. Dos teóricos marxistas, Antonio Gramsci foi sem dúvida quem estudou as relações entre religião e sociedade. [...] A sociedade civil, [...] segundo Gramsci, seria responsável pela reprodução das sociedades capitalistas. A religião seria, desse modo, uma instância de conservação e reprodução das condições vigentes” (MARTINO, 2005, p. 41 e 42).

possibilita que se perceba a existência de uma verdadeira luta em processo no campo de batalha da comunicação. A mídia, “longe de ser apenas um meio de divulgação, passa a ser a principal arma nessa batalha pelos fiéis. O uso ostensivo dos meios de comunicação tornou-se uma condição fundamental de existência e manutenção das atividades religiosas na sociedade atual” (MARTINO, 2003, p. 7). E, de fato, as mídias, enquanto instrumentos de comunicação de ideologias, acabaram por servir como a melhor estratégia na competição religiosa. Assim, para uma instituição religiosa, conseguir espaço nas mídias de massa hoje em dia, é o mesmo que estabelecer-se como o grupo hegemônico.

Hoje em dia observamos o fracasso das antigas profecias de que “a religião seria substituída pelas novas tecnologias e o mundo do entretenimento. [...] Parece que a condição humana e as condições reais de existência não permitiram sepultar Deus. E as religiões (velhas e novas) perceberam esse ‘mercado potencial’ e a ele se dedicaram” (BERGE, 2007, p. 29). Atualmente, “paralelamente à evolução técnica dos meios e ao seu crescimento em nossa sociedade, notamos uma intensificação da presença religiosa na mídia, especialmente no rádio e na televisão” (KLEIN, 2006, p. 17). Se o início do relacionamento foi marcado por uma tímida aproximação, em que as denominações religiosas utilizavam a mídia como uma mera ferramenta de evangelismo, tornando-se a si mesmas midiaticamente modificadas; agora, no entanto, firmou-se um sólido casamento entre a religião e os meios de comunicação, gerando como fruto um novo formato de “igreja eletrônica”, geneticamente midiática.

### 3.1.1. “Igreja eletrônica”: A midiaticização das instituições religiosas

*“Rádios, TVs, auditórios lotados  
Ouvindo o evangelho da marcha ré.  
A morte se esconde atrás dos templos,  
Tudo é vaidade.”*

*- João Alexandre, ‘Tudo é Vaidade’*

Na Grécia antiga, o local onde os juízes reuniam-se para suas deliberações era chamado de areópago<sup>152</sup> (do grego antigo *Ἀρειος πάγος*, “colina de Ares”, o deus grego da

---

<sup>152</sup> O areópago era “uma elevação rochosa na cidade de Atenas, a noroeste da Acrópole. Este morro pertenceu a (Ares) Marte e era chamado ‘Colina de Marte’; assim conhecido, porque, segundo a estória, Marte [...] foi julgado por um assassinato, diante de doze deuses como juízes. Este era o local aonde os juízes eram convocados a reunir-se, os quais, por designação de Sólon, tinham jurisdição sobre ofensas capitais, (como assassinato

guerra). Foi para este tribunal de assuntos seculares que, de acordo com episódio bíblico (BÍBLIA, Livro de Atos dos Apóstolos 17:16 a 34), “o apóstolo Paulo foi guiado, não para defender a si mesmo perante os juízes, mas para expressar sua opinião sobre assuntos divinos para uma multidão expressiva reunida ali” (STRONG, 2002, p. 1224). Dois mil anos depois, o Papa São João Paulo II, em sua encíclica *Redemptoris Missio*, criou a figura dos “novos areópagos”, numa referência, agora, aos meios de comunicação de massa, “resgatando da cultura grega e atualizando para este tempo o sentido e a importância de um espaço onde se discutem as ideias e se decidem os rumos da sociedade pós moderna” (HARTMANN, 2005, p. 152). Nas palavras do santo padre, “não basta utilizar esses meios para difundir a mensagem cristã, [...] é necessário também integrar essa mensagem na ‘nova cultura’ criada pelos modernos meios de comunicação” (SPADATO, 2012, p. 23) Atualmente, poucas décadas depois do conselho papal, acompanhamos a “vertiginosa ascensão aos areópagos pós-modernos” (HARTMANN, 2005, p. 152), nos quais a religião se instala não mais como testemunha ocasional, mas agora como “areopagita”, membro cativo na tribuna comunicacional.

A história da evangelização via meios de comunicação eletrônicos tem seu berço nos Estados Unidos e a ela nos remetemos para compreender o conceito de **igreja eletrônica**. Embora os programas religiosos na televisão sejam a marca maior deste fenômeno, eles são apenas a continuação de um processo que já tinha décadas de experiência no rádio. Ainda no início da década de 1920, protestantes conservadores norte-americanos “usaram o rádio para pregar seu evangelho à moda antiga para a nação. Ao longo dos anos eles aprenderam a criar mensagens interessantes e atraentes, cultivar uma plateia de apoiadores do programa, e distribuir sua programação em todo o país” (SCHULTZE, 1988, p. 289; *tradução nossa*). Embora tenha sido escassa a ocorrência de conversões entre não-cristãos, “essas rádios evangélicas ajudaram a organizar as próprias instituições religiosas e a estabelecer uma identidade nacional” (SCHULTZE, 1988, p. 289; *tradução nossa*).

Nas décadas de 1950 e 1960, com a introdução da televisão no país, os grupos religiosos também se mudaram para a programação no novo meio. Houve um crescimento tanto no número como também no tamanho dos programas evangélicos independentes transmitidos em horários comprados. Essas mudanças aceleraram ainda mais nos anos 1970. Foi o terreno fértil para o surgimento de famosos evangelistas como Billy Graham, Oral Roberts e Jerry Falwell. “Foram estes evangelistas independentes, apoiados pelo público, que

---

intencional, incêndio culposo, envenenamento, ofensa maliciosa e quebra dos costumes religiosos estabelecidos). A própria corte era chamada de Areópago por causa do lugar onde ela estava” (STRONG, 2002, p. 1224).

vieram a assumir as ondas religiosas nas décadas de 1960 e 1970 e ganharam o apelido de ‘igreja eletrônica’” (HORSFIELD, 2003, p. 12; *tradução nossa*).

Para o teólogo Hugo Assman (1986, p. 16), o primeiro a estudar *A Igreja Eletrônica e seu Impacto na América Latina*, este conceito<sup>153</sup> indica o “intenso e crescente uso dos meios eletrônicos, especialmente da TV, por lideranças religiosas, quase sempre fortemente personalizadas e relativamente autônomas em relação às denominações cristãs convencionais”. Ele se refere ao avassalador crescimento da inserção dos grupos religiosos nos meios de comunicação social, majoritariamente dos evangélicos, que surpreendeu os seguimentos religiosos mais conservadores da sociedade. Assmann vê a igreja eletrônica<sup>154</sup> apenas como mais um instrumento ideológico que legitima a dominação do capitalismo na sociedade latino-americana. Os grupos religiosos em geral entendem este fenômeno como parte de um processo de midiatização da religião, a serviço da evangelização. Mas a igreja eletrônica tem um significado muito mais profundo:

Não é simplesmente que algumas igrejas têm usado a mídia para projetar seus sermões para um público maior ou usaram uma variedade de meios e gêneros para chegar a muitos setores novos do público. Pelo contrário, [...] o significado é que algumas igrejas têm sido capazes de transformar o rádio e a televisão em uma nova ‘mediação’ fundamental para a experiência religiosa. Ou seja, o meio não é simplesmente uma ampliação física da voz, mas sim adiciona uma nova grande dimensão para contato religioso, a celebração religiosa e a experiência religiosa pessoal (HOOVER; LUNDBY, 1997, p. 109; *tradução nossa*).

A partir da década de 1980, este fenômeno já bastante difundido nos Estados Unidos, encontrou ampla oportunidade de expansão no Brasil e em outros países latino-americanos. A igreja eletrônica se estendeu pelo restante do continente através do uso intensivo dos meios de comunicação de massa pelas igrejas pentecostais. “A igreja eletrônica tem sido parte de uma verdadeira revolução cultural na América Latina: a conversão de milhões de católicos para o mundo das igrejas mais fundamentalistas, como a pentecostal” (HOOVER; LUNDBY, 1997, p. 109; *tradução nossa*). O fenômeno latino se assemelha em alguns aspectos e em outros se diferencia do norte-americano. As mensagens religiosas coincidem nos seus conteúdos: tratam das inseguranças, medos e incertezas, e propõem soluções através dos “milagres” e promessas

---

<sup>153</sup> “O conceito de ‘igreja eletrônica’, assim como costuma ser empregado nos EUA, tem uma peculiaridade que torna difícil sua transposição, sem mais, à nossa realidade. Designa um fenômeno bastante peculiar e característico da realidade norte-americana” (ASSMAN, 1986, p. 16). “Mas não há dúvida de que a infraestrutura tecnológica dos grandes centros religiosos de produção televisiva dos EUA e a acumulação de experiências que tais centros fizeram serão ponto de referência para avanços neste campo, mesmo em nosso contexto brasileiro” (ASSMAN, 1986, p. 18).

<sup>154</sup> Outros termos são também utilizados por Hugo Assmann (1986, p. 19) para definir este fenômeno: “Marketing da Fé”, “Religião Comercial”, “Assembleia Eletrônica” e “Messianismo eletrônico”.

de salvação. Mas na América do Norte o público-alvo dos programas é a classe média; já na América Latina, estes são mais direcionados a um público de baixo poder aquisitivo.

Assim como no caso norte-americano, a programação religiosa brasileira também começou no rádio, embora no princípio ainda sem as características que marcam a igreja eletrônica. No início a participação da religião era mais discreta, através do arrendamento de horários restritos nas emissoras de rádio. A utilização da televisão por grupos religiosos brasileiros remonta à década de 1960, também com a prática de aluguel de horários. Desde o seu início acompanhou o modelo de programação religiosa consagrada nos Estados Unidos. Assim, a relação da religião com as emissoras de radiodifusão se dá inicialmente através de um tipo de *apropriação parcial*, ou seja, por meio da transmissão de programas religiosos em horários arrendados em diversos veículos seculares.

Posteriormente, várias instituições cristãs foram pouco a pouco ganhando a propriedade de concessões para a administração de emissoras próprias. Um outro tipo de relação entre religião e mídia começa a ganhar espaço: a *apropriação total*, através da aquisição (direta ou indireta) de veículos de comunicação. “A mídia religiosa [...], antes restrita a horários extremos, encontra-se espalhada durante toda a programação, não estando mais restrita a horários determinados” (MARTINO, 2005, p. 86). Pregar religião para as massas tornou-se empreendimento caro e exigente, terreno para líderes com qualidades típicas de empresários. Destaca-se que “a participação dos evangélicos na mídia eletrônica cresce bastante com sua influência política cada vez maior no cenário nacional (o que passa a valer como moeda de troca nas concessões de rádio e TV)” (KLEIN, 2006, p. 158).

Embora as igrejas da linha tradicional tenham se destacado pelo pioneirismo com a mídia religiosa no Brasil, foram os pentecostais<sup>155</sup> que obtiveram maior êxito, principalmente a partir da década de 1950. Mas o investimento em mídias não é uma exclusividade das denominações evangélicas; a conquista de espaços do rádio e da televisão se mostra uma das facetas da disputa do campo religioso como um todo. Já no final da década de 1980, com o surgimento do neopentecostalismo no Brasil e com a aquisição da TV Record pela Igreja Universal<sup>156</sup>, é que de fato se pode falar de uma igreja eletrônica em atuação no país. Para essas igrejas neopentecostais, apropriar-se dos meios de comunicação é uma maneira de reforçar o seu status social, para que atinjam um grau de legitimação semelhante ao detido

---

<sup>155</sup> É interessante a mudança de mentalidade dos pentecostais em relação ao rádio: “nas décadas anteriores havia uma clara aversão, a ponto de chamarem o rádio de ‘caixote do diabo’” (GOMES, 2011, p. 3).

<sup>156</sup> “A IURD é a denominação evangélica que mais tem relações com a mídia. Embora o pioneirismo pertença a outras igrejas, foi a Universal que pela primeira vez adotou táticas agressivas de proselitismo pelos meios de comunicação” (MARTINO, 2005, p. 160).

pelas igrejas estabelecidas. O agressivo proselitismo neopentecostal compeliu as igrejas tradicionais, que também passaram a competir por espaços na mídia.

[Mas], enquanto as igrejas históricas, que desde sempre produziram seus impressos e programas de rádio, agora buscam apropriar-se da televisão na expectativa de adequação aos novos tempos e de manutenção de seus fiéis, fazendo um arranjo entre suas mensagens tradicionais e os novos formatos, as novas religiões nascem prontas para a televisão – este é seu habitat. As igrejas tradicionais buscam entre seus padres e pastores aqueles mais aptos a comunicar-se via televisão. A igreja eletrônica faz sua tele-pregação como tele-pregadores, que discorrem sobre a tele-fé, propõem tele-romarias e fazem curas tele-religiosas (BERGE, 2007, p. 29 e 30; *acréscimo nosso*).

Ocorre, então, um duplo processo de *mediatização das religiões* tradicionais (igrejas históricas que se adaptam para usar a mídia como instrumento de sua mensagem religiosa) e de nascimento de novas *religiões midiáticas* (igrejas que já nascem fundidas, produzidas geneticamente pela mídia, quais sejam: as igrejas neopentecostais) (ENDO, 2007, p. 29). Essas novas denominações já nascem como “Igrejas de Mercado” (ENDO, 2007, p. 31), valendo-se, na disputa por fiéis/consumidores, das mesmas noções mercadológicas (marketing, concorrência, público-alvo, etc.). “Esta real ou aparente contradição nos objetivos – evangelização/lucro – leva os atores religiosos a adaptar-se às exigências das diferentes mídias” (HARTMANN, 2005, p. 160), e, quanto melhor adaptadas, mais conseguem granjear a adesão de significativas levas de fiéis oriundos de outras religiões.

Outro marco desta nova religião midiática foi a substituição da presença física no espaço do templo pelo culto eletrônico. Enquanto “as igrejas históricas chamavam os fiéis aos ofícios religiosos, nunca para substituí-los; para as telerreligiões os templos são o setting da TV” (BERGE, 2007, p. 31). A partir daí “uma nova igreja é criada, universal e virtual. Os templos são os próprios lares; os púlpitos são os aparelhos de televisão; o sinal da pertença ao grupo se expressa no consumo” (GOMES, 2010, p. 31). As novas configurações de culto e missa inspiram-se na teatralização das programações midiáticas. “Em tudo isso, o mais importante é o espetáculo. O culto perde o mistério do sagrado para revestir-se da transparência da mídia, onde a imagem é tudo. Replica-se, na igrejas, a lógica da sociedade do espetáculo” (GOMES, 2010, p. 32).

E neste espetáculo entram em cena os porta-vozes que falam a milhões. Como o que importa no universo do evangelho mediatizado é ter carisma, influência e eficiência, “um grande número de pregadores, nem sempre estudioso e preparado, partiu para os microfones” (ALMEIDA, 2010, p. 35). “Nunca observamos tantas celebridades midiáticas no campo religioso. Artistas que se converteram, padres cantores e grupos de música gospel que

rivalizam com astros pop em vendagem de discos, apresentadores de TV, etc.” (KLEIN, 2006, p. 94). Estes representantes das igrejas “se preocupam, mais do que serem modelos éticos, em manter alta a visibilidade de sua imagem” (KLEIN, 2006, p. 94). E a imagem que projetam é a de “semideuses, gigantes e heróis da fé”, arrebanhando “legiões de seguidores incondicionais e acríticos” (ALMEIDA, 2010, p. 28 e 29).

No momento, cerca de vinte homens e mulheres religiosos determinam os rumos da mídia religiosa no Brasil, entre eles seis famílias. [...] Para onde se inclinarem inclinar-se-á uma multidão extremamente influenciável por microfones, luzes e câmeras. Estamos na era do marketing, da mídia e da persuasão da imagem. Vinte rostos proeminentes e superexpostos que, se não conduzem, influenciam a religião no Brasil. A mídia fez isso! (ALMEIDA, 2010, p. 47).

O novo tipo de religião midiática (neopentecostalismo) encerra sua força justamente no fato de que congrega dois aparelhos privados hegemônicos: o religioso e o midiático (MARTINO, 2005, p. 43). A conexão entre essas duas grandes instituições contribui para reforçar a hegemonia de ambas, garantindo a dominação de classe e reforçando o modelo capitalista. “Longe de ser apenas um meio de divulgação, [a mídia] passa a ser a principal arma nessa batalha pelos fiéis” (MARTINO, 2005, p. 7). Para as religiões, conseguir espaço nas grandes mídias de massa, seja através da veiculação de programas ou aquisição de concessões públicas, é, portanto, o mesmo que estabelecer-se como o grupo dominante, uma vez que se tem a capacidade de atingir maior público com sua mensagem evangelizadora. Graças a essa conveniente associação é que, em dias atuais, a igreja eletrônica se mantém hegemônica, e o discurso religioso não perdeu a sua influência sobre o imaginário popular.

Como se vê, o casamento dos meios de comunicação com as instituições religiosas produziu mudanças de ambos os lados. Neste processo de transição da era da mídia religiosa para a emergência de uma nova religião midiática, operou-se uma “dupla contaminação entre a esfera do religioso e a midiática, isto é, os formatos midiáticos se apropriam de elementos do ritual religioso, submetendo-os a uma estética própria, e, simultaneamente, a religião midiática e a mídia é sacralizada” (MIKLOS, 2012, p. 9). A partir do fenômeno da igreja eletrônica, mídia e religião passam, então, a formar um conglomerado complexo, numa relação de interdependência.

Esta relação, no entanto, não se encerra aí, pois “o fenômeno religioso não está mais enclausurado, mas explode nas mais diferentes práticas e formas midiáticas” (GOMES, 2010, p. 15). Portanto, “podemos e devemos, sem deixar de reconhecer um olhar atento aos discursos dominantes nas mídias, considerar os debates, polêmicas e contradiscursos que se manifestam nos seus conteúdos” (FERREIRA & VIZER, 2007, p. 13). É preciso voltar os

olhos para aquelas iniciativas periféricas, que não aparecem nos grandes templos e emissoras, observando como se dá esta relação também no âmbito dos pequenos grupos religiosos e dos formatos alternativos de mídia.

### 3.2. Comunicação e contra-poder: Movimentos sociais na *mass self-communication*

*"Primavera, muchacha, te esperaba! Toma esta escoba y barre el mundo. Limpia con este trapo las fronteras, sopla los techos de los hombres, escarba el oro acumulado y reparte los bienes escondidos, ayúdame cuando ya el hombre esté libre de miseria, polvo, harapos, deudas, llagas, dolores, cuando con tus transformadoras manos de hada y las manos del pueblo, cuando sobre la tierra el fuego y el amor toquen tus bailarines pies de nácar, cuando tú, primavera, entres a todas las casas de los hombres, te amaré sin pecado..."*

*- Pablo Neruda, Oda a la Primavera<sup>157</sup>*

Comunicação e informação são ferramentas fundamentais tanto de poder e dominação, como também de contra-poder e mudança social. **Contra-poder** se refere à “capacidade de um ator social para resistir e desafiar as relações de poder que são institucionalizadas” (CASTELLS, 2007, p. 2). Segundo esta concepção, há uma espécie de “lei natural da sociedade”, segundo a qual, sempre que há poder (dominação), há também contra-poder (resistência à dominação). Ou seja, ambos existem em todas as sociedades (de todos os lugares e épocas), em todos os campos (político, cultural, econômico, psicológico, religioso, etc.), sob formas diferentes e com intensidades variáveis. Assim sendo, a sociedade civil não se constitui “somente como lugar de enraizamento do sistema hegemônico de dominação, mas também como espaço a partir do qual esse sistema é desafiado’ pelos grupos empenhados em ‘subverter a hegemonia’ [...] e abrir possibilidades de construção de um projeto emancipador” (ACANDA *apud* SIMIONATTO, 2008, p. 103).

Partindo dos mesmos escritos gramscianos que tratam sobre hegemonia, o que eles teriam a nos dizer sobre uma “contra-hegemonia”? Gramsci, na verdade, não chega a formular

<sup>157</sup> “Primavera, companheira, te esperava! Toma este vassoura e varre o mundo. Limpa com este trapo as fronteiras, sopra os telhados dos homens, escava o ouro acumulado e distribui os bens escondidos, ajuda-me quando já homem estiver livre de miséria, poeira, trapos, dívidas, feridas, dor, quando com tuas transformadoras mãos de fada e as mãos do povo, quando sobre a terra o fogo e o amor tocarem teus bailarinos pés de nácar, quando tu, primavera, entrar em todas as casas dos homens, te amarei sem pecado...” Ode à Primavera (NERUDA, 2005, p. 220; *tradução nossa*)

tal categoria, mas deixa esta noção subentendida em suas obras, conforme autores posteriores viriam a concluir (WILLIAMS, 1977; EAGLETON, 1997). Mas a concepção de tais forças contra-hegemônicas acompanha uma óbvia questão: como a contra-hegemonia se exerce na prática, diante de poder tão “hegemônico”? Em outras palavras,

como a classe operária assumirá o poder em uma formação social em que o poder dominante está sutil e difusamente presente em todas as práticas habituais diárias, intimamente entrelaçado com a própria “cultura”, inscrito na própria textura de nossa experiência, da pré-escola ao salão do velório? Como combatemos um poder que se tornou o “senso comum” de toda uma ordem social em vez de um poder que é amplamente percebido como alheio e opressivo? (EAGLETON, 1997, p. 106)

Primeiramente é preciso atentar para o fato de que as estruturas internas da hegemonia são altamente complexas, e sua análise concreta revela algumas particularidades fundamentais. *A hegemonia é dinâmica, não estática.* “Uma hegemonia vivida é sempre um processo. Não é, exceto analiticamente, um sistema ou estrutura. É um complexo percebido de experiências, relacionamentos e atividades, com pressões e limites específicos e cambiantes” (WILLIAMS, 1977, p. 112; *tradução nossa*). *A hegemonia é efêmera, e precisa ser renovada.* “Ela não existe apenas passivamente como uma forma de dominação. Ele tem continuamente de ser renovada, recriada, defendida, e modificada. Ela também é continuamente resistida, limitada, alterada, desafiada pelas pressões” (WILLIAMS, 1977, p. 112; *tradução nossa*). *A hegemonia é dominante, mas não absoluta.* “Qualquer hegemonia, no amplo sentido político e cultural [...], embora, por definição, seja sempre dominante, nunca é total ou exclusiva. Em qualquer momento, formas alternativas ou diretamente opostas de política e cultura existem como elementos significativos na sociedade” (WILLIAMS, 1977, p. 113; *tradução nossa*). *A hegemonia é (comb)ativa, não passiva.* “A hegemonia nunca é uma conquista definitiva. [...] Ela é inseparável dos sobretos da luta. [...] Assim, qualquer poder governante é forçado a travar combate com forças contra-hegemônicas de maneiras que provam ser parcialmente constitutivas de seu próprio domínio” (EAGLETON, 1997, p. 107).

Assim, percebemos que a hegemonia é uma noção inerentemente relacional, cuja própria existência já prevê o seu oposto. “Temos, então, que adicionar ao conceito de hegemonia os conceitos de contra-hegemonia e de hegemonia alternativa, os quais são elementos reais e persistentes da prática” (WILLIAMS, 1977, p. 112 e 113; *tradução nossa*). Gramsci reconhece que uma hegemonia alternativa pode envolver muitas formas diferentes de luta, para além dos campos político e econômico propriamente ditos, mas que esta é sempre ativa e revolucionária, “com capacidade de modificar e alterar uma dada estrutura social”

(PAIVA, 2011, p. 30). Portanto, um grupo contra-hegemônico, numa definição bastante simplificada, seria exatamente uma classe que é subalterna, mas, ao mesmo tempo, potencialmente hegemônica.

“As origens de qualquer hegemonia alternativa são realmente difíceis de definir. Para Gramsci elas brotam de uma classe trabalhadora, [...] que se torna uma classe [...] potencialmente hegemônica, contra as pressões e limites de uma hegemonia existente e poderosa” (WILLIAMS, 1977, p. 110 e 111; *tradução nossa*). Assim, se fôssemos elaborar o percurso que uma classe subalterna atravessa até conquistar status de hegemônica, segundo o pensamento gramsciano, o seu ponto de partida seria precisamente um momento de crise de legitimidade da classe dirigente da sociedade. A partir daí, as classes subordinadas atuam, primeiramente, em ruptura com a ideologia da classe dominante, e, em seguida, com a substituição por sua própria concepção coerente e crítica do mundo a partir do lugar histórico-social que ocupam, e, por fim, com o engajamento político, desenvolvendo seus próprios aparelhos civil e estatal, a fim de se contraporem ativamente ao sistema hegemônico. Por priorizar, então, a influência ideológica sobre a intervenção político-militar, Gramsci entendia que a cultura é, por excelência, o “instrumento de emancipação política das classes subalternas, o amálgama, o elo de ligação entre os que se encontram nas mesmas condições e buscam construir uma contra-hegemonia” (SIMIONATTO, 2008, p. 94).

Conforme já foi exposto, na sociedade contemporânea a comunicação é o campo por excelência de disputa do poder, qualquer intervenção no espaço público exige presença no espaço midiático. Isto implica dizer que também é neste ambiente onde o contra-poder reside. “Assim, ao mesmo tempo em que se dá uma enorme concentração dos centros de produção de fluxos comunicacionais, torna-se cada vez mais evidente a existência de grupos minoritários<sup>158</sup>, com [...] visões do mundo e cultura própria, que necessitam ter acesso aos meios” (FERREIRA & VIZER, 2007, p. 18). Estes “atores sociais excluídos das possibilidades de fala” buscam propor, “mesmo dentro do círculo do discurso midiático”, “novos cenários de sentido” (PAIVA, 2011, p. 135), além de “construir e manter meios próprios que divulguem suas ideias e suas políticas” (FERREIRA & VIZER, 2007, p. 33).

---

<sup>158</sup> “Parte-se do conceito qualitativo de minoria como uma posição (ao invés da entificação quantitativa e substancialista de um grupo humano) marcada no interior do campo de luta pela hegemonia, isto é, pela dominação consensual. As identificações com posições nomeadas, como ‘mulheres’, ‘negros’, etc., são minorias na medida em que emergem contra-hegemonicamente” (PAIVA, 2011, p. 35). “Assim, a partir da ideia do padrão hegemônico e da forma determinante, aporta-se nas mídias diversos outros esquemas possíveis que subsistem como sistemas minoritários, formas menores, produções desimportantes, diferentes e, conseqüentemente, sem maior referencialidade na estrutura social” (PAIVA, 2011, p. 30).

A comunicação dos movimentos sociais tem recebido diversos nomes<sup>159</sup>, mas em todos eles um mesmo sentido político: “o fato de tratar-se de uma forma de expressão de setores empobrecidos da população, mas em processo de mobilização visando suprir suas necessidades de sobrevivência e de participação política com vistas a estabelecer a justiça social” (PERUZZO, 2011, p. 10) Esta comunicação a partir do social não consiste em um tipo específico de mídia, mas em um processo comunicacional pertencente ao povo (controle), proveniente do povo (produção), protagonizado pelo povo (representação), dirigido pelo povo (decisão) e destinado ao povo (recepção).

A noção de uma **mídia radical** (DOWNING, 2002) aplica-se perfeitamente para definir uma comunicação popular contra-hegemônica, tanto em sociedades onde a hegemonia exerce a autocensura por meio dos profissionais da mídia convencional, mas “especialmente sob regimes repressores e estritamente reacionários” (DOWNING, 2002, p. 49). Desconfiados dos meios de comunicação de massa convencionais, os movimentos sociais “compartilham muitas posturas com os meios radicais” (FERREIRA & VIZER, 2007, p. 33), que encontram espaço justamente nas “outras modalidades de formatos e de meios de comunicação característicos dos novos tempos: [...] rádios comunitárias, fanzines, canais comunitários na televisão a cabo, blogs, sites alternativos, etc.” (PERUZZO, 2011, p. 14).

A mídia radical cumpre alguns importantes papéis para estes movimentos populares: garantir um “espaço para participação democrática do ‘povo’” (PERUZZO, p. 13), servir como “instrumento político das classes subalternas para externar sua concepção de mundo” (PERUZZO, 2011, p. 13), fazer com que “o povo tome consciência de sua realidade” (KAPLÚN *apud* PERUZZO, 2011, p. 11), “tentar quebrar o silêncio, refutar as mentiras e fornecer a verdade” (DOWNING, 2002, p. 47), fazer “denúncia dos dispositivos de poder e das condições de criação de injustiças” (FERREIRA & VIZER, 2007, p. 33), alterar as “condições desumanas de sobrevivência”, “o injusto”, “o opressor”, “a inércia histórica” (PERUZZO, 2011, p. 11), construir “uma sociedade igualitária e igualmente justa” (PERUZZO, 2011, p. 13), entre outras funções.

É importante observar que nesta atual “era das turbulências” (PAIVA, 2011, p. 34), “a ascensão da política insurgente não pode ser separada do surgimento de um novo tipo de espaço na mídia: o espaço criado em torno do processo de *mass self-communication*”

---

<sup>159</sup> “A comunicação popular representa uma forma alternativa de comunicação e tem sua origem nos movimentos populares dos anos 970 e 1980, no Brasil e na América Latina como um todo. [...] A comunicação popular foi também denominada de alternativa, participativa, horizontal, comunitária, dialógica e radical, dependendo do lugar social, do tipo de prática social e da concepção dos estudiosos. Porém, o sentido político é o mesmo” (PERUZZO, 2011, p. 10)

(CASTELLS, 2007, p. 8 e 9; *tradução nossa*) Esta nova forma de troca de informações socializada surge como contraponto e incremento às mídias de massa convencionais. A *mass self-communication* é tanto comunicação de massa (*mass communication*), porque atinge uma audiência global, como também é comunicação individual (*self communication*), porque cada indivíduo não apenas controla a recepção, mas também gera o conteúdo e dirige a distribuição. Esta nova forma de se comunicar só é possível por meio das tecnologias revolucionárias que permitem a organização em redes e a conexão à internet, quebrando a lógica unidirecional clássica “um-muitos” e inaugurando a fórmula “muitos-muitos”.

No entanto, mesmo sendo tecnologias poderosas, as mídias digitais são incapazes de impor conteúdos e determinar efeitos, como se pretendia na mídia convencional. Mas, em vez disso, elas permitem que haja diversidade e independência dos fluxos de comunicação, favorecendo a construção de sentidos plurais na mente do público. As tecnologias digitais encorajam a capacidade de criação e facilitam uma expressão cultural e de linguagens: cada um pode fazer a sua própria informação (liberação do polo emissor). A Internet também surge como ferramenta de união e mobilização de atores diversos (conexão generalizada) com um mesmo objetivo de mudança da realidade social, uma oportunidade de discordar e agir, para a formação de uma nova consciência (reconfiguração). Assim, “sempre que há emissão livre (liberdade de vozes, de opinião, de ideias) e conexão (de pessoas ou grupos) há sempre mudança” (LEMOS, 2005, p. 5).

Consequentemente, a internet e as novas tecnologias da informação oferecem um campo ideal de disputa e uma arma política poderosa para os novos movimentos sociais, onde se pode sugerir, expor e debater ideias alternativas. “A emergência da *mass self-communication* oferece um meio extraordinário para movimentos sociais e indivíduos rebeldes para construir sua autonomia e confrontarem as instituições” (CASTELLS, 2007, p. 12; *tradução nossa*). As mídias digitais se tornam um ambiente favorável para o florescimento de tais grupos, pois encontram nessas plataformas meios de “desafiar e destronar o domínio cultural e a liderança (= hegemonia) de suas classes dominantes com uma visão alternativa coerente e convincente a respeito de como a sociedade poderia organizar-se” (DOWNING, 2002, p. 47). Sob a pressão das novas relações de poder, as sociedades evoluem e mudam, construindo, desconstruindo e reconstruindo suas instituições.

Por conta disto, “a internet representa, muitas vezes, o papel de meio radical” (FERREIRA & VIZER, 2007, p. 35). A apropriação de novas tecnologias da comunicação desempenha “com mais clareza da noção do acesso à comunicação como direito humano”

(PERUZZO, 2011, p. 17), já que agora todos podem exercer a prerrogativa universal básica<sup>160</sup> de receber, produzir e distribuir informação. “São partidos políticos, ONGs, movimentos sociais, sindicatos e até grupos guerrilheiros que descobriram esse ambiente interativo e descentralizado” (OLIVEIRA, 2011, p. 110 e 111), sendo vários os motivos que levam estes grupos a preferirem a comunicação via Internet. Entre os “trunfos das novas tecnologias da comunicação” (WOLTON, 2007, p. 84), temos: a facilidade para a produção de conteúdo, as várias possibilidades de difusão de ideias, a democratização do acesso à informação, a velocidade de transmissão e recepção de mensagens, a potencialização do diálogo, o barateamento de custos, o alcance global, a variedade de formatos, entre outras vantagens.

A incorporação das novas tecnologias inaugurou importantes mudanças nas configurações das mobilizações populares. Emergem novos tipos de comunidade, as “minorias flutuantes”<sup>161</sup>, onde persistem “o sentimento de pertença, a participação, a conjunção de interesses e a interação”, mas “a noção de lócus territorial específico como elemento estruturante de comunidade está superada” (PERUZZO, 2011, p. 24). Muda-se, deste modo, o público-alvo: “de uma comunicação dirigida a pequenos grupos e centrada nos aspectos combativos dos movimentos populares, passou-se – aos poucos – a ampliar seu alcance” (PERUZZO, 2011, p. 14 e 15). O discurso mais contestatório, no sentido político-ideológico, “foi cedendo espaço a discursos e experiências mais realistas e plurais [...] e incorporando o lúdico, a cultura e o divertimento com mais desenvoltura” (PERUZZO, 2011, p. 17), e a combatividade do movimento ganha agora um caráter mais midiático, se impondo “com radicalidade no efêmero instante em que dura o evento” (PAIVA, 2011, p. 36).

Os movimentos sociais, obviamente, não nasceram com a tecnologia e nem existem apenas no domínio da internet. Pelo contrário, “os movimentos sociais escaparam de seu confinamento no espaço fragmentado de lugares e aproveitaram o espaço global dos fluxos”

---

<sup>160</sup> “Uma visão de sociedade deve necessariamente ter as pessoas no seu centro e a compreensão dos direitos e necessidades fundamentais do cidadão e da humanidade. As metas da sociedade devem estar baseadas no princípio de justiça social, política e econômica. Neste sentido, a participação de cidadãos ativos e informados é a chave para a construção de uma sociedade digital” (JAMBEIRO, 2005, p. 65). Atualmente, no entanto, a realidade é que nem todos têm esse potencial comunicacional garantido, pois ainda não há inclusão digital total, real e efetiva no Brasil. A hegemonia (histórica, cultural, política, econômica e midiática) tem sido a principal das variáveis no retardamento deste processo. “Inclusão social, pois, pressupõe formação para a cidadania, o que significa que as tecnologias de informação e comunicações devem ser aprendidas e utilizadas tendo em vista [...] a democratização dos processos sociais, maior transparência do governo e mobilização da população quanto a sua responsabilidade na administração dos serviços públicos” (JAMBEIRO, 2005, p. 65).

<sup>161</sup> “Minorias flutuantes são aquelas surgidas no âmbito de um novo ativismo social, caracterizado pela união entre comunidades efêmeras e ciberespaço. Flutuante significa, assim, transitoriedade da ação de um grupo específico no campo da luta” (PAIVA, 2011, p. 35). “O fato de serem flutuantes não significa, de forma alguma, que sejam inconsistentes ou ainda que não possam vir a ter uma presença efetiva como força contra-hegemônica. [...] Algumas vezes, essas minorias flutuantes transmutam-se em movimentos bastante atuantes e capazes de mexer efetivamente com a lógica dominante” (PAIVA, 2011, p. 36).

(CASTELLS, 2007, p. 13; *tradução nossa*), de modo que este novo espaço digital é uma junção do espaço de fluxos (virtual) e do espaço de lugares (real). A mobilização social, manifestação do contra-poder, é uma característica inerente à própria sociedade, anterior a qualquer tecnologia de mídia. Com a atual crise de legitimidade política que atinge diversos estados-nação, temos assistido nos últimos anos ao fortalecimento de inúmeros movimentos sociais, com suas próprias formas de se manifestar e as mais diversas e contrastantes ideologias, mas todos eles tendo geralmente dois pontos em comum: a presença no ciberespaço e a oposição aos efeitos do sistema capitalista global.

Um exemplo desta operação do contra-poder na *mass-self communication* são os movimentos sociais de ideologia religiosa, aqueles grupos/indivíduos, que, discordando dos sistemas políticos e culturais dominantes, ou até mesmo das próprias instituições religiosas hegemônicas, utilizam-se das novas possibilidades midiáticas para propagar seus ideais diferenciados, sendo considerados, portanto, contra-hegemônicos. Mesmo tendo caráter religioso e, portanto, estreitamente ligados à tradição e manutenção de estruturas sociais, esses movimentos também podem ser considerados como alternativos e revolucionários.

Muitas vezes, os movimentos sociais e políticos insurgentes reafirmam os valores e as formas tradicionais, por exemplo, a religião, a família patriarcal ou a nação, que se sentem traídos na prática, apesar de estarem inscritos na vanguarda das instituições. Em outras palavras, os movimentos sociais podem ser progressivos ou reacionários ou simplesmente alternativos, sem adjetivos. Mas em todos os casos, são ações coletivas intencionais que visam alterar os valores e interesses institucionalizados na sociedade, o que é equivalente a modificar as relações de poder. (CASTELLS, 2007, p. 12; *tradução nossa*)

Assim, não apenas a oposição e a ruptura são características da mobilização social, mas também a (re)afirmação de identidades, o fortalecimento de instituições e a proposição de modelos alternativos de sociedade, que tornaram-se a razão de ser de muitos desses fenômenos de transformação social, inclusive no campo da religião. Conforme já foi observado, quando grupos sociais se utilizam do suporte digital como forma de resistência, de expressão de ideias e de intervenção mais decisiva, eles na verdade estão expondo no domínio virtual transformações que já estão em operação no “mundo real”, no seio da sociedade. No caso da religião, podemos entender manifestações deste tipo como um símbolo do período de transição que as instituições religiosas atravessam<sup>162</sup>. Cabe aqui, portanto, um questionamento

---

<sup>162</sup> Com a secularização da sociedade, “a instituição religiosa perdeu progressivamente a prerrogativa legitimadora de suas práticas em determinados universos sociais” (MARTINO, 2005, p. 31), desencadeando inúmeras transformações no sagrado. Podemos citar aqui, por exemplo, a *quebra do monopólio religioso*, quando não existe mais uma religião absoluta que se impõe sobre as demais e sobre a sociedade; o *pluralismo*

a ser considerado: “em que medida e sob quais procedimentos, a comunicação, mediada pelos equipamentos eletrônicos e, mais recentemente, informáticos de tempo real, relaciona-se com as atuais transformações no campo das experiências religiosas?” (MIKLOS, 2012, p. 8).

### 3.2.1. “Blogosfera protestante”: Os novos movimentos evangélicos *online*

*“Me apontaram as cercas e os muros  
Eu quis o caminho, roguei pela vida  
E vou subvertendo o mundo  
Amando a esperança que salta os muros...”*

*- Palavrantiga, ‘Sobre o mesmo chão’*

Para além das paredes, edificações, fronteiras e locais sagrados: igreja (do grego εκκλησια, “chamados para fora”) significa, literalmente, um grupo de pessoas convocadas para fora de seus lares para se reunirem em algum lugar público. “Era uma palavra comum, numa cidade grega livre, para a assembleia legal de todos aqueles que possuíam o direito de cidadão, para a discussão de assuntos públicos” (STRONG, 2002, p. 1803). O termo ganhou sua conotação religiosa quando utilizado entre os primeiros cristãos, passando a indicar, num contexto local, uma “assembleia de cristãos reunidos para adorar em um encontro religioso”, ou, num sentido universal, “a totalidade dos cristãos dispersos por todo o mundo” (STRONG, 2002, p. 1322). Assim, a noção de igreja cristã, desde os seus primórdios, transcende a territorialidade, pois é composta por “aqueles que em qualquer lugar, numa cidade, vila, etc., constituem um grupo e estão unidos em um só corpo” (STRONG, 2002, p. 1322).

“É interessante notar como toda invenção – após a roda – que permitiu ao homem intensificar as comunicações e as trocas, [...] tenha sido considerada revolucionária” (SPADATO, 2012, p. 16). Essa dimensão de “revolução” se dá pela relevância social das inovações, cujas transformações afetam até os setores mais tradicionais da sociedade, como a própria igreja. Ainda no século I, as primeiras comunidades cristãs foram estabelecidas a partir do compartilhamento dos escritos apostólicos e o cristianismo se espalhou através das cópias destes textos sagrados. No século XV, Gutemberg, com a sua imprensa de tipos

---

das ofertas de sentido e de crença; o *relativismo religioso*, com a demarcação do espaço religioso como de caráter particular e subjetivo; a *liberdade religiosa*, que envolve tanto a liberdade individual de escolha, como também a liberdade institucional de formação de novos grupos e movimentos; a *racionalização e laicização* das práticas e crenças religiosas, pela aproximação cada vez maior entre sagrado e profano e a própria substituição da visão de mundo religiosa pela racionalidade científica; e a *desinstitucionalização*, que é a perda do poder institucional sem, contudo, a perda do poder das crenças e da vivência religiosa.

móveis, amplificou a voz divina, de modo que pudesse ser ouvida em todo o mundo. “As transformações culturais, políticas e econômicas que emergiram da Reforma Protestante e que têm afetado o curso da civilização ocidental desde então foram alimentadas em grande parte pelo advento [deste] extraordinário dispositivo” (HEWITT, 2005, p. 47; *tradução e acréscimo nossos*). No século XX, a radiodifusão desponta como mais uma tecnologia comunicacional a serviço da mensagem religiosa. “A união do ímpeto missionário cristão com o poder irradiador dos meios eletrônicos [...] proporcionariam, com menos esforço, a possibilidade de acelerar a ordem de ir e fazer discípulos em todas as nações” (KLEIN, 2006, p. 144).

O raiar de um novo milênio compartilha também “o nascimento de uma revolução na tecnologia da comunicação” (HEWITT, p. 47; *tradução nossa*). De modo que, se é certo que cada mídia anterior assumiu lugar de relevo para as religiões, do mesmo modo ocorre com “a rede mundial de computadores, [que] tornou-se uma ferramenta comunicacional fundamental de existência e manutenção das atividades religiosas da sociedade atual” (MIKLOS, 2012, p. 41). Por conseguinte, se “os movimentos sociais do século XXI (ações coletivas deliberadas que visam a transformação de valores e instituições da sociedade) manifestam-se na e pela internet, o mesmo pode ser dito [...] de movimentos religiosos. [...] O ciberespaço tornou-se uma ágora<sup>163</sup> eletrônica global” (CASTELLS, 2003, p. 114 e 115).

No entanto, para que a religião realmente tenha relevância nesta nova revolução comunicacional, não é suficiente usar as tecnologias “para difundir a mensagem cristã e o magistério da igreja, mas é necessário integrar a mensagem nesta ‘nova cultura’ criada pelas modernas comunicações” (SPADATO, 2012, p. 23). São os usos e apropriações dos indivíduos, “não como usuários apassivados, mas sim como fiéis consumidores-produtores de sagrado” (SBARDELOTTO, 2011, p. 148), que permitirão “a existência do sagrado, sua ressignificação e remodelagem na linguagem e nos espaços da internet” (GOMES *apud* SBARDELOTTO, 2011, p. 135). Ao invés de opor as mídias aos indivíduos, a revolução comunicacional atual “admite a possibilidade de os agentes sociais irem recorrendo às próprias mídias, através de uma intervenção cada vez mais direta na decodificação, recepção ativa e até na produção de mensagens” (FERREIRA & VIZER, 2007, p. 14).

É o caso do fenômeno que aqui iremos analisar, a “primavera protestante brasileira”. É fato, já aqui debatido e estabelecido, que existe no campo religioso brasileiro uma imensa heterogeneidade de personagens e grupos que se autodenominam “evangélicos”, que pode

---

<sup>163</sup> Ágora (do grego ἀγορά) “assembleia”, “lugar de reunião” (derivada do grego ἀγείρω, “reunir”). É um termo grego que indica a reunião de qualquer natureza, especialmente de pessoas, bem como o local em que acontece a assembleia, seja “para debate público, para eleições, para julgamento, para comprar e vender [ou] para todos os tipos de negócios” (STRONG, 2002, p. 1158).

abranger desde as igrejas protestantes mais tradicionais e históricas, passando pelos pentecostais e até mesmo o neopentecostalismo, sendo este último o grupo de maior destaque atualmente. Dentro deste campo religioso brasileiro de origem protestante há uma espécie de disputa, não necessariamente por poder, riqueza ou maior número de seguidores, mas sim pela legitimidade dos seus discursos. E os meios de comunicação, enquanto instrumentos de difusão de ideais, acabam por servir a esses propósitos. Conseguir espaço nas grandes mídias de massa, hoje em dia, é o mesmo que estabelecer-se como o grupo *hegemônico*, uma vez que se tem a capacidade de atingir maior público com sua mensagem.

Os que divergem do discurso dominante e não têm espaço nesses veículos tradicionais (por diversos motivos, que vão desde a falta de recursos financeiros, até mesmo a falta de interesse por estes espaços midiáticos) são relegados ao plano de *subalternos*. Há, no entanto, aqueles pequenos grupos que, também discordando dos discursos hegemônicos, utilizam-se das novas possibilidades midiáticas para propagar seus ideais diferenciados, sendo considerados, portanto, *contra-hegemônicos*. As mídias digitais alternativas se tornam, portanto, o ambiente mais favorável para o florescimento desses grupos evangélicos (auto)críticos. O fato de serem contra-hegemônicos, no entanto, não significa que eles rompam com os ideais evangélicos, mas sim que eles discordam com a interpretação que tem sido a mais divulgada.

“Todo esse fenômeno é ilustrado, na prática, pela existência de inúmeros sites que oferecem possibilidades para novas práticas religiosas” (SBARDELOTTO, 2011, p. 132). É o caso desta recente proposta religiosa de denunciar os absurdos feitos em nome da fé e sugerir um retorno a um “cristianismo puro e simples”, que tem sido praticada em muitas páginas que povoam a **“blogosfera protestante”**<sup>164</sup>, as quais, mesmo sem estarem agrupadas entre si, revelam esta tendência de retorno a uma ética protestante supostamente perdida. A reportagem da revista *Época* intitulada de “Os novos evangélicos” destacou a existência de páginas na internet criadas com esse propósito: “Sites como *Pavablog*, *Veshame Gospel*, *Irmãos.com*, *Púlpito Cristão*, *Caiofabio.net* ou *Cristianismo Criativo* fazem circular vídeos, palestras e sermões e debatem doutrinas e notícias com alto nível de ousadia e autocrítica” (ALEXANDRE, 2010a, p. 92; *grifo nosso*).

Nesses sites e blogs pode ser encontrada uma grande variedade de conteúdos (textos, vídeos, reportagens, áudios, etc.). Entre os temas e pontos de vista sugeridos estão até aqueles

---

<sup>164</sup> Em seu trabalho de pós-graduação Silva (2013) desenvolve o conceito de “blogosfera evangélica”. Apropriamo-nos aqui desta noção para propor um recorte mais específico: a “blogosfera protestante”, que será assim considerada por duas razões principais: 1) proveniência da tradição religiosa do protestantismo; 2) tendência ao protesto e reforma. Para um desenvolvimento do tema, conferir o próximo capítulo deste trabalho.

que tradicionalmente não são discutidos nos grandes veículos e nas instituições religiosas oficiais, mas que passam a ter vez e voz nas novas mídias. “A maior parte desses blogueiros trafega entre assuntos tão diversos como teologia, política, televisão, cinema e música popular. O trânsito entre o ‘secular’ e o ‘sagrado’ é uma das características mais fortes desses novos evangélicos” (ALEXANDRE, 2010a, p. 92). “Assim, a rede [...] cada vez mais diz respeito à vida do crente e influi em sua capacidade de compreensão da realidade e, portanto, da fé e de seu modo de vivê-la” (SPADATO, 2012, p. 22).

“O advento da internet foi fundamental para pastores, seminaristas, músicos, líderes religiosos e leigos decidirem criar seus próprios sites, portais, comunidades e blogs” (ALEXANDRE, 2010a, p. 91). Com os suportes digitais, mesmo indivíduos que não são autoridades religiosas ou especialistas em teologia podem produzir conteúdo, opinar e debater sobre religião. As mídias digitais encorajam a capacidade de criação e facilitam a expressão cultural e de linguagens: cada um pode fazer e disseminar a sua própria informação. “O fiel não apenas se conecta ao sistema e se apropria do que lhe é oferecido [...], mas também interfere nesse sistema, altera-o, constrói sua experiência religiosa em seu interior, enviando informações concretas relacionadas à vivência da fé e recebendo contrapartidas” (SBARDELOTTO, 2011, p. 143).

Os blogueiros cristãos compreendem que “a espiritualidade cristã sempre teve a missão de resgatar a pessoa e fazê-la interagir e transformar a sociedade” (ALEXANDRE, 2010a, p. 92). Portanto, sua intenção ao utilizar as potencialidades das mídias digitais é justamente romper com “o ostracismo da igreja histórica tradicional” e “perceber o cristianismo como algo feito para viver na vida cotidiana, [...] e não dentro das quatro paredes de um templo” (ALEXANDRE, 2010a, p. 92). Através da internet se fundam novas formas comunitárias, na tentativa de fazer da igreja cristã uma verdadeira “assembleia para fora” rompendo os muros da instituição, e alcançando o mundo. “As novas comunidades não se estruturam por uma localização geográfica, em que seus membros são definidos pela sua coexistência em um mesmo determinado espaço físico, mas sim por uma ambiência fluida em que faz parte dessa comunidade quem a ela tem acesso” (SBARDELOTTO, 2011, p. 149).

Além de representarem uma movimentação contra-hegemônica em relação à corrente religiosa que tem sido dominante (neopentecostal), estes blogueiros protestantes também se constituem como um típico caso da *mass self-communication* em que há ruptura com a lógica dos meios de comunicação de massa tradicionais. É o que pode ser observado nas palavras do pastor Kivitz (*apud* ALEXANDRE, 2010a, p. 89 e 90), em sua entrevista dada à reportagem:

A mídia trata os evangélicos como um fenômeno social e cultural. Para fazer uma crítica assim, basta ter um pouco de bom-senso. [...] Eu faço uma crítica diferente, visceral, passional, porque eu sou evangélico. E não sou isso que está na televisão, nas páginas policiais dos jornais. A gente fica sem dormir, a sofre e chora esse fenômeno religioso que pretende ser rotulado de cristianismo.

Frustrados com a forma como têm sido retratados na mídia hegemônica, e também com o uso desses veículos pelas grandes igrejas, os evangélicos decepcionados estão promovendo através dos seus sites e blogs “uma relação com o Divino muito diferente daquela divulgada nos horários pagos da TV” (ALEXANDRE, 2010a, p. 86). O que está em jogo na *mass self communication* “nada mais é do que a emergência de vozes e discursos, anteriormente reprimidos pela edição da informação pelos *mass media*” (LEMOS, 2005, p. 2).

Mas grande mídia também presta atenção a esses movimentos insurgentes nas mídias alternativas, e para eles direciona seus olhares e esforços. No contexto da cultura digital, “o que já foram consideradas atividades marginais passaram a ser cada vez mais normais, com [...] as instituições de massa rotineiramente reconsiderando seus métodos a fim de incorporar esse local alternativo de atividade cultural” (JENKINS, 2009, p. 349). Ao dedicar a capa de uma edição especialmente a estes (assim chamados) “novos evangélicos”, a revista *Época* demonstra aproximação para com as iniciativas emergentes na sociedade e manifestas por meio do ciberespaço. A repercussão da reportagem, de certa forma, teria contribuído pelo menos para causar alguns arranhões nas tradicionais representações midiáticas do “mundo gospel” e nos estereótipos sobre os evangélicos. Para alguns dos indivíduos ali retratados, a matéria de fato representou “um avanço na maneira em que a mídia em geral trata os evangélicos, como se fossem todos farinha do mesmo saco” (LOPES, 2011a, p. 26).

Por outro lado, esses grupos da mídia alternativa demonstraram sua relevância, ao ponto de serem pautados na mídia hegemônica. Tradicionalmente nos noticiários laicos o tema religião “é relativamente pouco explorado. Exceto em momentos de crise ou na presença de fenômenos estranhos [...], o assunto nunca vem à tona” (MARTINO, 2003, p. 7). É provável que tenha sido esta a primeira vez que essas reações contrárias às igrejas neopentecostais, já abertamente veiculadas por muitos sites, blogs e livros cristãos, foram ouvidas por um veículo da grande mídia. “Os movimentos sociais da era da informação [...] estão amplamente utilizando os meios de *mass self-communication*, embora eles também interfiram nos meios de comunicação *mainstream*, para tentarem influenciar a opinião pública em geral” (CASTELLS, 2007, p. 12; *tradução nossa*).

É importante também levar em conta que, no meio midiático, nenhuma decisão é tomada de modo acidental, desinteressado ou por motivações puramente altruístas. Ora, sendo a revista *Época* um veículo de mídia pertencente às Organizações Globo, não é de surpreender a produção de uma matéria que engrandeça um movimento evangélico que vai de encontro às igrejas midiáticas. A participação das igrejas evangélicas nos meios de comunicação tem sido uma preocupação constante desde a aquisição da Rede Record pela Igreja Universal do Reino de Deus, uma vez que “a passagem do seu controle acionário para as mãos de arrivistas ‘fanáticos’, com um enorme poder sobre as massas, era percebido como um fator de risco os detentores do monopólio da comunicação social no país” (CAMPOS, 1997, p. 187). A cada dia, o aparecimento de novas “igrejas eletrônicas” vem “perturbar o mundo da mídia e acirrar os ânimos da concorrência pelo controle da produção simbólica” (CAMPOS, 1997, p. 187). Assim, torna-se totalmente compreensível este novo tipo de retrato dos evangélicos, dado o persistente interesse midiático por derrotar a concorrência religiosa, agora tentando contar com novos aliados infiltrados nas próprias fileiras inimigas.

Todas estas peculiaridades demonstram que a “cultura da convergência está sendo moldada pelo crescente contato e colaboração entre as instituições de mídia consagradas e as emergentes” (JENKINS, 2009, p. 347). Hoje em dia, na disputa entre poder e contra-poder na sociedade, coexistem o uso dos meios unidirecionais de comunicação de massa e o uso da *mass self-communication* pelos grupos concorrentes. Neste relacionamento entre mídias novas e tradicionais, o autor ressalta duas forças opostas e em constante conflito: o poder da mídia de marginalizar e o poder dos internautas de negar. “Marginalizar” é a réplica do poder dos meios de massa ao contra-poder do público internauta; “negar” é a tréplica do público à mídia. A **marginalização** ocorre quando “todas ou quase todas as iniciativas e contribuições (mesmo quando estas assumem formas manifestamente alternativas ou de oposição), estão, na prática, ligadas à [forma] hegemônica; e a cultura dominante, por assim dizer, produz e limita suas próprias formas da contracultura” (WILLIAMS, 1977, p. 114; *tradução e acréscimo nossos*). A **negação** tem lugar quando acontece o oposto, quando “autênticas rupturas dentro e fora [do processo cultural hegemônico] [...] (em condições sociais específicas que podem variar de isolamento extremo a cisões pré-revolucionárias e até legítima atividade revolucionária) têm muitas vezes de fato ocorrido” (WILLIAMS, 1977, p. 114; *tradução e acréscimo nossos*).

Transportando estas noções para o caso aqui analisado, observamos que a atitude de generalizar, estereotipar e denominar como “novos evangélicos” todos os grupos de origem protestante que se opõem ao neopentecostalismo foi uma forma de marginalização promovida

pela grande mídia (no caso, a revista *Época*) aos conteúdos e movimentos provenientes das novas mídias. “A velha mídia ainda define que tipos de expressão cultural são *mainstream* através de sua capacidade de amplificar o impacto de alguns conteúdos gerados pelos usuários, enquanto rotula outros como ‘fora dos padrões’” (JENKINS, 2009, p. 352). Ou seja, a hegemonia midiática de certa forma tenta impor limites, e “pode ser bem-sucedida neutralizando, alterando ou até incorporando” (WILLIAMS, 1977, p. 114; *tradução nossa*) as iniciativas alternativas e/ou de oposição.

Por outro lado, embora ao fazer essa diferenciação entre “evangélicos neopentecostais” e os “novos evangélicos” a revista tenha atendido (em parte) às expectativas do público, mas no geral a resposta dos leitores a esta “nova reforma protestante” foi negativa<sup>165</sup>. “Assim, o processo cultural não deve ser assumido como meramente adaptativo, extensivo, e incorporativo” (WILLIAMS, 1977, p. 114; *tradução nossa*). A grande mídia não pode mais ignorar o poder da cultura digital participativa para criticar e negar suas marginalizações. “Seria errado ignorar a importância das obras e ideias que (embora claramente afetadas pelas limitações e pressões hegemônicas) são, pelo menos em parte, significativas rupturas destas, [...] e que, em seus elementos mais ativos, resistem como independentes e originais” (WILLIAMS, 1977, p. 114; *tradução nossa*).

Entretanto, nem tudo são flores nesta “primavera dos movimentos religiosos”. Embora o engajamento via web demonstre um grande potencial revolucionário, mas ainda permanecem algumas desconfianças relativas a esta potencialidade. Primeiramente, devido ao próprio fato de que esta fusão entre a lógica tecnológica (inovação) e a lógica teológica (tradição) “coloca desafios interessantes para a própria compreensão do cristianismo, evidenciando [...] possíveis incompatibilidades” (SPADATO, 2012, p. 23). Nesta equação, a variável religião tem demonstrado ficar em desvantagem, pois, enquanto as tecnologias seguem se potencializando, o sagrado precisa cada vez mais se adaptar para acompanhar o ritmo imposto pela nova cultura digital, muitas vezes renunciando algumas de seus atributos, a fim de ter sempre espaço reservado e relevante na sociedade.

Outro ponto problemático nessa relação é que há um desconhecimento sobre a real dimensão, abrangência e capacidade desse novo tipo de comunicação de massa. “Será que todos os públicos conseguem aceder?”; “Quais os que são castigados pelo silêncio midiático?”; “Será que a presença dos agentes sociais garante por si só a cidadania?”; “Como

---

<sup>165</sup> Algumas destas críticas já foram expostas no capítulo 2. 3. Mas, além dos pastores Ed René Kivitz, Augustus Nicodemus Lopes e Caio Fábio, outros personagens retratados na reportagem também teceram importantes críticas ao texto.

adaptar a gramática dos movimentos sociais à gramática das mídias?” (FERREIRA & VIZER, 2007, p. 15). Estes são questionamentos que seguem ecoando, pois a cada dia constatamos que, embora seja realmente possível construir nestas novas mídias “espaços para novas formas de ativismo, novas militâncias”, há também que se levar em conta a necessidade de “existência de condições apropriadas” (FERREIRA & VIZER, 2007, p. 16).

Além das dificuldades elencadas, também persiste “algum cepticismo relativo a um estilo de contestação e de ativismo” típico das novas tecnologias, que se assenta “em identidades débeis, que exigem um escasso compromisso, e que se despolitizam prematuramente” (FERREIRA & VIZER, 2007, p. 16). O que se nota na movimentação política na internet, o que vale também para o engajamento religioso, é que “na maioria das vezes, a expressão de suas radicalizações não ultrapassa o ambiente retórico e as explosões verbais. Ou seja, a manifestação se expressa apenas no ambiente discursivo e de espetacularização midiática” (PAIVA, 2011, p. 35). Resta saber, portanto, se os muitos “protestos” realmente se transformarão em efetivas “reformas” (políticas, sociais, eclesiásticas, etc.).

Se a “primavera protestante brasileira” realmente se encaixa no fenômeno histórico que aqui denominamos de “primavera dos movimentos sociais”, só o tempo poderá revelar. Mas uma coisa é certa: o atual florescimento de mobilizações sócio-políticas diante das novas tecnologias comunicacionais já tem, de fato, alcançado o âmbito religioso. Hoje em dia, a fusão sagrado-internet tem operado mudanças em ambas as esferas, “vemos, entretanto, apenas sinais e sombras daquilo que está por nascer na interface mídia-religião” (SBARDELLOTTO, 2011, p. 150). Sempre haverá, obviamente, resistências provenientes da tradição, da institucionalização e do dogmatismo. Mas é bem provável que, num futuro próximo, tais manifestações religiosas consigam transcender mais efetivamente o domínio cibernético, efetuando mudanças significativas e perenes nas instituições religiosas estabelecidas. “A primavera! O clima meteorológico pode frear sua evolução, contudo nenhuma geada tardia pode impedir sua eclosão” (ANGE, 1999, p. 20).

#### 4. “CIBER-APOLOGÉTICA”: UMA ANÁLISE DA BLOGOSFERA PROTESTANTE BRASILEIRA

*“Quem conhece a Deus não pode ouvir e se calar,  
Tem que ser profeta e sua bandeira levantar.  
Transformar o mundo é questão de compromisso...”*  
- João Alexandre, ‘Em nome da justiça’

A palavra “profeta”, nos escritos antigos, designava o “intérprete de oráculos ou de outras coisas ocultas” (STRONG, 2002, p. 1663). Profetizar, portanto, seria este dom de proferir discurso que emana da inspiração divina e que declara os propósitos divinos, de modo que o posto de profeta não cabe apenas ao prenunciador de eventos futuros, mas também se estende aos pregadores, professores, poetas ou qualquer indivíduo que cumpre a função de “ensinar, refutar, reprovar, admoestar, confortar outros” (STRONG, 2002, p. 1663) com base nos conselhos divinos. A “voz dos profetas” foi ouvida em vários momentos da história, “denunciando a mentira, o engano, os poderes – ocultos ou declarados, [sendo] ‘a voz da verdade e a ética insubordinável’” (VIZER, 2007, p. 34). Nas escrituras bíblicas, depois de tantos importantes profetas veterotestamentários, aparece João Batista, a “voz que clama no deserto” (BÍBLIA, Evangelho segundo João 1:23), proclamando Jesus Cristo como o esperado Messias, mas também protestando a favor dos princípios divinos e contra os erros, motivo pelo qual chegou a ser lançado na prisão e, em seguida, decapitado.

Este ímpeto de protesto (princípio protestante) é “uma manifestação do espírito profético, [...] transcende toda igreja particular e é uma expressão da comunidade espiritual. Ele [...] continua efetivo em toda igreja como poder que impede que a profanação e demonização destruam completamente as igrejas cristãs” (TILLICH, 2005, p. 687). Foi assim que, ao longo do desenvolvimento da igreja cristã, esta “voz profética” se oficializou na própria teologia, por meio da disciplina denominada **apologética**<sup>166</sup>, estudo que se propõe justamente a “mostrar que a verdade bíblica pode ser reconhecida como verdadeira e que é capaz de sobreviver e prosperar mesmo sob intenso ataque intelectual” (BECKWITH; CRAIG & MORELAND, 2006). Para isto, a apologética segue dois métodos principais: um de afirmação, “conhecido como apologética clássica, que envolve compartilhar provas e evidências de que a mensagem cristã é verdade”; e outro de negação, “conhecido como

---

<sup>166</sup> Termo derivado da palavra grega apologia (απολογία), “defesa verbal, discurso em defesa, uma afirmação ou argumento raciocinado” (STRONG, 2002, p. 1217).

apologética pressuposicional, que envolve confrontar as pressuposições (ideias pré-concebidas, suposições) por trás das posições anticristãs” (GOT QUESTIONS, 2016).

Assim, seja promovendo a “verdade” ou combatendo as “heresias”<sup>167</sup>, “a teologia protestante, em nome do princípio protestante, [...] protesta contra a identificação de nossa preocupação última com qualquer criação da igreja” (TILLICH, 2005, p. 53), ao mesmo tempo em que, através do seu próprio testemunho, busca restaurar aquilo que realmente deve ser o mais importante, isto é, “sua própria espiritualidade” (TILLICH, 2005, p. 53). Por este motivo, a apologética é vista, sobretudo nos meios protestantes, como “uma ordem dada à igreja”, não podendo “ser ignorada pelos fiéis seguidores de Cristo” (BECKWITH; CRAIG & MORELAND, 2006), já que é parte do próprio testemunho da espiritualidade da igreja. Tanto os profetas quanto os reformadores, e todos os demais apologistas (que, por definição, são aqueles que lutam para defender a fé) são tidos por verdadeiros soldados nesta “guerra espiritual”<sup>168</sup>, dispostos a “batalhar pela fé uma vez por todas confiada aos santos” (BÍBLIA - Epístola de Judas 1:3). “Eles combatem as falsas ideias, destroem especulações levantadas contra o conhecimento de Deus. [...] Não é surpresa, portanto, que [...] geralmente associem apologética a conflito. Os combatentes não conversam. Eles lutam” (BECKWITH; CRAIG & MORELAND, 2006).

Nos nossos dias torna-se cada vez mais “comum uma ‘voz no deserto’, que [...] cresce e legitima-se, chegando à Internet e aos meios de tecnologias de informação e comunicação” (VIZER, 2007, p. 34). A internet, enquanto mídia radical<sup>169</sup>, cumpre o papel de “megafone” para as vozes dos novos arautos da profecia, que se tornam “representantes da verdade e da justiça como os profetas do Antigo Testamento”, ao fazerem “pública sua ‘denúncia’”, e intervirem “no espaço público com sua verdade” (VIZER, 2007, p. 34). Este “empoderamento”<sup>170</sup> midiático dos sujeitos é que lhes outorga, no âmbito da religião, autoridade praticamente profética, para pronunciarem os discursos sagrados em sua “**ciber-**

<sup>167</sup> O conceito de “heresia” adquiriu conotações pejorativas ao longo do desenvolvimento da igreja. “Originalmente empregada para significar os desvios da doutrina eclesial oficial, esta palavra passou a significar, com o estabelecimento do direito canônico, uma quebra da lei doutrinária da igreja. Quando o direito canônico passou a fazer parte da lei estatal, os hereges se tornaram criminosos. A perseguição aos hereges deturpou o sentido original, justificado, da palavra ‘heresia’ no que isso tem a ver com nossas reações conscientes, e mais ainda com as inconscientes” (TILLICH, 2005, p. 626 e 627).

<sup>168</sup> Conforme o direcionamento bíblico: “Pois a nossa luta não é contra pessoas, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais” (BÍBLIA - Carta de Paulo aos Efésios 6:12).

<sup>169</sup> “Uma alternativa que constitui a forma mais atuante da audiência ativa e expressa tendências de oposição, abertas e veladas, nas culturas populares” (DOWNING, 2002, p. 33 e 34).

<sup>170</sup> “Empoderamento, de *empowerment*, em inglês, quer dizer participação popular ativa com poder de controle e de decisão nos processos sociais [...], e, como tal também a apropriação de meios de comunicação. O desafio atual é justamente avançar no empoderamento qualitativo e amplo das novas tecnologias de comunicação” (PERUZZO, 2011, p. 23).

**apologética**<sup>171</sup>, defendendo propósitos divinos e/ou condenando poderes malignos. Este é o caso do fenômeno aqui analisado, a “primavera protestante brasileira”, estação em que florescem por toda parte “novos profetas”, cujas trombetas são seus “blogs apologéticos”, cuja causa é a “ética protestante”<sup>172</sup> e cujo alvo é o retorno ao “cristianismo puro e simples”.

“Se Lutero foi o grande protagonista da revolução protestante de outrora e a imprensa foi, em grande parte, responsável pela sua popularização, hoje é o blogueiro quem tem despontado como figura proeminente no cenário evangélico” (SILVA, 2013, p. 35), desta vez, porém, utilizando os recursos do ciberespaço nessa empreitada revolucionária. De modo que “o movimento de inserção do blogueiro no contexto evangélico pode ser entendido [...] como um momento de descentralização institucional e de democratização do poder de ação que encontra suporte na autonomia do crente em sua relação com Deus” (SILVA, 2013, p. 18) Com efeito, é o engajamento desses fiéis internautas que tem superado as iniciativas individuais isoladas, e já toma corpo, formatando-se como uma verdadeira “blogosfera protestante”<sup>173</sup>, esta que caracteriza-se pelo resgate e perpetuação da tradição religiosa do protestantismo e também por uma forte tendência ao protesto religioso e à reforma eclesial.

A partir da construção de um panorama atual sobre a igreja evangélica brasileira, da contextualização sobre a dinâmica e o caráter do protestantismo, e do aprofundamento teórico nas questões de hegemonia, contra-hegemonia e tecnologias da comunicação, o passo seguinte nesta dissertação é observarmos como todas estas dimensões se entrecruzam na blogosfera protestante brasileira. Através da observação das páginas evangélicas críticas na internet, este trabalho avança na possibilidade de sistematização e categorização dos dados, para posterior análise.

---

<sup>171</sup> Ou “apologética cibernética”, a exemplo das propostas de outros autores: “ciber-religião” (MIKLOS, 2012) e “ciberteologia” (SPADATO, 2012).

<sup>172</sup> Conforme observamos no primeiro capítulo deste trabalho, Max Weber em sua obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, “equacionou as relações entre o discurso protestante e a ideologia capitalista, mostrando a influência mútua dessas duas ‘visões de mundo’” (MARTINO, 2005, p. 29). Ele aponta a ética protestante como sendo esta determinação religiosa da conduta na vida que se tornou “um dos elementos determinantes da ética econômica” (WEBER *apud* MARTINO, 2005, p. 39) que gerou a racionalização da produção, a valorização do rendimento econômico e as formações de capital em forma de empresa. Por exemplo, a concepção de lucro, que até então era tido como inaceitável e obstáculo à salvação, depois passando a ser apenas tolerado como necessidade para conviver neste mundo, vem por fim, sob a influência do novo pensamento protestante do séc. XVII, a ser tido como um dever e uma vocação (WEBER, 2002, p. 76 e 77). Também podemos observar a transformação da prática religiosa do ascetismo (WEBER, 2002, p. 116): do isolamento do mundo a fim de viver a santidade, para a santificação através da atuação no mundo. Weber argumenta no sentido de que uma transformação de pensamento religioso origina também uma alteração nas práticas seculares.

<sup>173</sup> “No Brasil os primeiros blogs evangélicos surgiram por volta de 2004-2005. [...] No período que compreende os anos de 2006 e 2007 há um crescimento significativo no número de blogs evangélicos que vem a consolidar a formação de uma verdadeira blogosfera evangélica” (SILVA, 2013, p. 46).

Os blogs mencionados na reportagem da revista *Época* serviram como o ponto de partida para esta pesquisa, que não se restringe a este *corpus*, mas abrange também outras páginas na web com a mesma proposta de (auto)crítica à igreja evangélica. Portanto, entendemos como primordial a seleção dos blogs protestantes a serem analisados em meio à imensidão que é o ciberespaço brasileiro, sendo imprescindível que se estabeleça uma justificativa metodológica coerente para a escolha de apenas algumas páginas no vasto universo da blogosfera protestante.

Se, “em qualquer estudo que se empreenda, o tema da metodologia é importante, no caso dos estudos sobre mídia e religião, o estabelecimento de pressupostos metodológicos torna-se fundamental” (GOMES, 2010, p. 16). Ainda mais em se tratando de um estudo que tem a internet tanto como “objeto de pesquisa (aquilo que se estuda), quanto local de pesquisa (ambiente onde a pesquisa é realizada) e, ainda, instrumento de pesquisa (ferramenta para coleta de dados sobre um tema ou assunto)” (FRAGOSO, RECUERO E AMARAL *apud* SILVA, 2013, p. 25). É o caso da presente proposta de pesquisa, cujo tema (o fenômeno religioso) por si só é “complexo, fluido e arredo” (GOMES, 2010, p. 16), além de ser realizada sobre (objeto), com (método) e em (local) um meio de comunicação (internet/mídias digitais) de “caráter dinâmico e ilimitado” (COSTA & SALMITO, 2014, p. 1).

Diante dessa complexidade inerente à pesquisa, “a tarefa de efetuar uma delimitação neste objeto de estudo exigiu o desenvolvimento de um método específico” (COSTA & SALMITO, 2014, p. 1). Não é de hoje que “a busca de um método adequado [...] tem desafiado o trabalho desenvolvido pelos pesquisadores de mídia e religião” (GOMES, 2010, p. 16), cujos métodos geralmente são devedores daqueles utilizados pelas Ciências da Comunicação. Mas a tendência mais recente nesta área de estudos é “o compartilhamento e a fusão de metodologias” (GOMES, 2010, p. 16), ou ainda a “explicitação de metodologias que emergem do próprio objeto” (GOMES, 2010, p. 16).

Para a pesquisa e o avanço do próprio campo da Comunicação, é fundamental cada vez mais criarmos nosso próprio caminho metodológico e torna-lo público. Não apenas para organização textual, mas para cumprir dois objetivos muito caros: 1) valorizar o próprio objeto da pesquisa, visto que os objetos e temas de pesquisa inúmeras vezes recebem uma metodologia pré-pronta a se ir aplicando indistintamente; e 2) ampliar o próprio campo de pesquisa em comunicação com invenções de método (COSTA & SALMITO, 2014, p. 2).

Assim sendo, o procedimento aqui estabelecido será baseado em um método de investigação da comunicação na internet que foi desenvolvido ainda no ano de 2012 pela própria pesquisadora, em conjunto com outros estudantes e professores, durante participação

em projeto de monitoria vinculado ao curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Cariri (UFCA) no Ceará, graduação cursada pela mesma no período de 2010 a 2013. Baseamo-nos aqui no artigo escrito por esta autora, “Trajetória para definição do recorte metodológico para o mapeamento das mídias digitais da Região Metropolitana do Cariri” (COSTA & SALMITO, 2014), o qual é uma descrição metodológica minuciosa de todo o caminho percorrido pela equipe até obter um objeto de estudo razoável no contexto webcomunicacional local. Esta trajetória para definição das páginas na internet que seriam “mapeadas” na referida região incluiu desde “leitura e embasamento teórico; visualização e compilação de diversas páginas na web; elaboração de questionário padronizado abrangendo diversos aspectos da plataforma digital; e até mesmo buscas pela opinião de especialistas no assunto” (COSTA & SALMITO, 2014, p. 3).

Ao longo deste caminho metodológico diversas possibilidades foram cogitadas, como: classificação de páginas por categorias predefinidas, *survey* com estudantes do curso sobre suas páginas mais acessadas, compilação difusa e assistemática, solicitação de uma contagem oficial de páginas junto ao site *Registros.br*, busca por comunidade oficial de blogueiros, busca de informações junto às próprias companhias administradoras dos domínios (no caso dos blogs, seriam empresas como *Blogspot*, *Wordpress*, *Tumblr*, *Uol*, etc.), entre outras tentativas. Todas estas, no entanto, foram detectadas como improváveis. O procedimento finalmente instituído foi, portanto, fruto de um processo longo (cerca de três meses até a decisão final), coletivo (equipe de sete pessoas, entre professores e estudantes) e minucioso (um esforço teórico e prático). Partimos deste método cuidadosamente desenvolvido para definirmos também os principais blogs protestantes brasileiros que serão aqui analisados.

#### 4.1. Visão panorâmica da blogosfera protestante brasileira

*“1. Paisagem circular vista de um ponto central ou mais alto. 2. Grande quadro circular disposto de tal modo que permite a um espectador, colocado em seu centro, ver objetos representados como se estivesse situado em um ponto elevado. 3. Estudo amplo e aprofundado de certa matéria. 4. Visão de um assunto em toda a sua amplitude.”*

*- Definição de ‘panorama’ no dicionário<sup>174</sup>*

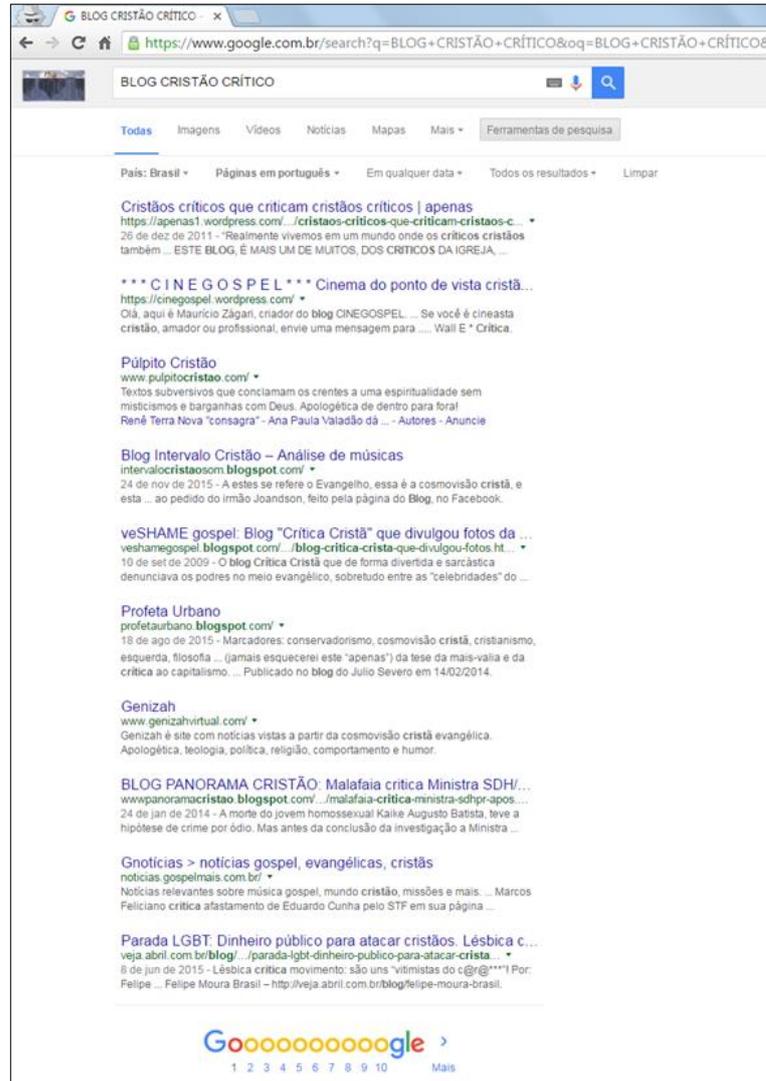
A primeira etapa metodológica consiste na definição do **corpus ampliado** da pesquisa. O método que aqui propomos para saber quais são páginas protestantes na internet que recebem mais acessos consiste essencialmente na digitação da expressão “BLOG CRISTÃO CRÍTICO” em um site popular de pesquisa, para obter as páginas que são efetivamente as mais acessadas. Isso foi testado pela pesquisadora diversas vezes, em dias, computadores, e situações diferentes, obtendo resultados semelhantes, ou com poucas variações ao compararem-se os dados colhidos. “Os mecanismos de busca têm como prioridade a indexação do maior volume de documentos da web, buscando o máximo de acesso, a indexação automática e a recuperação e apresentação dos resultados baseados em critérios de relevância” (YAMAOKA, 2006, p. 153). O site de pesquisa inicialmente utilizado foi o *Google*, o de uso mais comum mundialmente (quase 90% das buscas do planeta), mas também foram testados outros buscadores, como o *Bing* e o *Yahoo*, o segundo e o terceiro mais utilizados, respectivamente (VELOSO, 2011). Porém os resultados do *Google* mostraram-se mais úteis, uma vez que não foram incluídos tantos sites de propaganda e também porque mantiveram um maior número de blogs protestantes, que são as páginas que de fato importam para esta pesquisa.

Uma vez selecionada a plataforma de busca, o passo seguinte foi definir o limite desta pesquisa online. Após a colocação das palavras-chave “BLOG CRISTÃO CRÍTICO” foram registrados todos os resultados considerados “mais relevantes”, de acordo com os critérios da ferramenta de pesquisa, obtidos nas três primeiras páginas, cada uma mostrando cerca de 10 resultados, totalizando assim os 30 primeiros. A busca foi executada no próprio computador da pesquisadora, mas utilizando o recurso “página anônima” do navegador *Google Chrome* no idioma “português” e país “Brasil”. Vale lembrar que, além dos blogs selecionados através deste método de pesquisa, foram incluídos no *corpus ampliado* também as páginas

---

<sup>174</sup> AULETE, 2016.

mencionadas na reportagem da revista *Época*, as quais podem certamente ser colocadas entre os “blogs cristãos críticos” mais acessados no Brasil, quer tenham recebido destaque no país após a referência da revista, quer tenham sido referenciadas na reportagem justamente devido à sua proeminência nacional.



**FIGURA 6 -** Captura de tela da pesquisa “BLOG CRISTÃO CRÍTICO” na plataforma de buscas *Google*.  
Fonte: GOOGLE, 2016.

Cada uma das palavras da supracitada expressão foi cuidadosamente escolhida a fim de gerar os resultados mais adequados para este trabalho de análise. O termo “BLOG”<sup>175</sup> indica que é apenas este tipo de página na internet que desejamos analisar (e não sites institucionais, de notícias, de consulta, de redes sociais, etc.). Já o vocábulo “CRISTÃO”

<sup>175</sup> Blog (contração do termo inglês *web log*, “diário na web”) é uma “publicação facilitada por ferramenta na Internet, normalmente associada a uma estrutura de pequenos textos com ordem cronológica inversa” (RECUERO, 2010, p. 178), com a possibilidade de interação com os leitores através de comentários.

foi escolhido em vez de “evangélico” ou “protestante” porque geralmente é assim que estas páginas preferem se autoidentificar: como blog “‘cristão’, o termo mais radical” (ALEXANDRE, 2010a, p. 90); mas também porque, realizando a pesquisa com estas outras expressões similares, os resultados obtidos foram em menor quantidade (com “evangélico”, a pesquisa encontrou apenas quatro páginas relevantes; com “protestante”, nenhum resultado) e também mais dispersos (com “blog evangélico crítico”, a pesquisa encontrou principalmente sites evangélicos institucionais e blogs de “fofoca gospel”; com “blog protestante crítico” apareceram apenas sites de notícias e páginas de outras religiões que comentavam sobre o protestantismo). E, por fim, optamos pelo adjetivo “CRÍTICO” porque é a esse tipo de blog que esta pesquisa se destina, então o termo foi incluído a fim de evitar resultados divergentes.

Assim, a partir da definição das fronteiras da pesquisa, foi feita uma filtragem dos resultados exibidos, para a definição do *corpus* ampliado, segundo os seguintes critérios:

- a) **Eliminação das páginas que possuam menos de um milhão de acessos**, uma vez que, sendo a intenção da pesquisa selecionar as páginas de destaque a nível nacional, é mister que se excluam aqueles sites menos visitados.
- b) **Eliminação das páginas que não existiam no ano de 2010**, data da publicação da reportagem da revista *Época*. Tal critério será melhor desenvolvido no próximo tópico deste capítulo, que se destina à definição do *corpus* restrito da pesquisa.
- c) **Eliminação das páginas que consistem em iniciativas isoladas de indivíduos**; neste caso, nossa opção é apenas por sites administrados por grupos de pessoas. Esta estratégia visa justamente evitar aquelas páginas de conteúdo mais intimista e subjetivo, optando por veículos nos quais se expressam sínteses de vozes.
- d) **Eliminação das páginas que não pertençam a indivíduos evangélicos**. Uma vez que o trabalho se concentra na análise da crítica dos evangélicos à própria igreja evangélica (autocrítica), a escolha de páginas conduzidas por pessoas de fora deste grupo desviaria o foco da pesquisa. Nesta categoria se incluem sites seculares de notícias, páginas de outras religiões, bem como páginas que não tratem sobre religião.
- e) **Eliminação das páginas evangélicas institucionais** (que representam oficialmente igrejas, ministérios, editoras, seminários, etc. ou páginas de notícias do “mundo gospel”), as quais se destinam primordialmente à promoção de instituições evangélicas, e não à crítica destas.
- f) **Eliminação das páginas evangélicas que se destinam a crítica de produtos de arte** (música, cinema, literatura, etc.). Fazemos esta observação porque tais resultados apareceram nas buscas efetuadas, e, obviamente, não é este o tipo de crítica evangélica

que o presente trabalho se destina a analisar. A ênfase dos blogs aqui selecionados deve estar na crítica religiosa a indivíduos e/ou instituições evangélicas.

- g) **Eliminação das páginas que não se estruturam em formato de blog.** Estamos cientes da dificuldade em definir a diferença entre sites e blogs apenas pelo próprio domínio (o endereço na internet). Para a classificação que assumimos aqui nos basearemos, então, nas suas características<sup>176</sup>. A utilização de sites e blogs simultaneamente dificultaria os trabalhos da pesquisa, uma vez que estes possuem formatos distintos entre si, exigindo cada um deles um instrumental de análise diferenciado. A decisão de analisar apenas blogs (nesse caso, não incluindo os sites), permite a utilização de um instrumental metodológico uniformizado, bem como executar o cruzamento e a comparação dos resultados.

Portanto, as principais páginas na categoria “BLOG CRISTÃO CRÍTICO”, obtidas através dos filtros elencados, foram as seguintes (cf. APÊNDICE C – Tabela 3): *Púlpito Cristão*, *Veshame Gospel*, *Genizah*, *Crentassos*, *Bereianos* e *O Tempora! O Mores!*. Além destes blogs, temos aqueles mencionados pela reportagem da revista *Época*: os blogs *Veshame Gospel* e *Púlpito Cristão*, como se pode perceber, também saíram nos resultados da busca online. Já os sites *CaioFábio.net*, *Irmãos.com*, *Cristianismo Criativo* (se encontra atualmente indisponível) e *Pavablog* (não tem a religião como tema central e, apesar do nome, não se estrutura como um blog), não serão incluídos porque, repetimos, são websites e não blogs. Deste modo, o *corpus* ampliado da nossa pesquisa consiste nos seis blogs protestantes brasileiros acima referidos.

---

<sup>176</sup> **CARACTERÍSTICAS DOS BLOGS:** 1) *Objetivo:* Informar e interagir com pessoas interessadas no tema do blog. 2) *Estrutura:* posts ordenados por data, classificados por categorias e dispostos na página inicial. 3) *Conteúdo:* Mais informal e focado em um tema específico. Atualizado com grande frequência. 4) *Quem gerencia:* Em geral, uma ou mais pessoas especializadas no tema com total autonomia de publicação. 5) *Interação com o público:* Os comentários são a grande característica dos blogs. Os visitantes podem comentar os posts e dar opiniões, seja contra ou a favor do conteúdo. 6) *Desenvolvimento:* É possível criar um blog em minutos usando plataformas gratuitas de blogs, dispensando conhecimentos tecnológicos específicos. **CARACTERÍSTICAS DOS SITES:** 1) *Objetivo:* Informar produtos/serviços da empresa e potencializar negócios. 2) *Estrutura:* Navegação mais rígida e formal. Possui uma homepage para destacar as principais áreas do site. 3) *Conteúdo:* Mais formal e com fluxo de aprovação mais rígido. Atualizado com pouca frequência. 4) *Quem gerencia:* Área de marketing. Muitos são estáticos e dependem de produtoras web para ter seu conteúdo alterado. 5) *Interação com o público:* A interação com o site em geral são através de e-mails ou formulários de contato. 6) *Desenvolvimento:* Envolve a participação de muitas pessoas e exige mais conhecimentos tecnológicos. Em geral, é desenvolvido por agências digitais. (SARDINHA, 2009).

#### 4.1.1. *Púlpito Cristão*

“Apologética de dentro para fora.”

- Slogan do blog ‘*Púlpito Cristão*’

O primeiro *post* do *Púlpito Cristão* (www.pulpitocristao.com) é de 26 de outubro de 2008, escrito por **Leonardo Gonçalves**, que, além de editor e colunista do blog, é missionário e diretor dos projetos *Piura* e *Buena Tierra* e pastor da *Iglesia Bautista Misionera* em Piura, no Peru. Sua proposta inicial era criar um espaço com “textos subversivos que conclamam os crentes a uma espiritualidade sem misticismos e barganhas com Deus” (GONÇALVES, 2008). Apesar de a página não estar vinculada a nenhuma denominação religiosa específica, a sua linha argumentativa, porém, representa o pensamento protestante histórico e a teologia reformada<sup>177</sup> no Brasil, propondo-se a “defender o evangelho puro e simples, combater as heresias modernas, promover entretenimento e difundir a teologia bíblica/reformada de uma maneira descomplicada, interessante e acessível” (GONÇALVES, 2008). Embora nos *posts* do blog *Púlpito Cristão* as discussões teológicas estejam sempre presentes, os colunistas garantem que não se direcionam aos teólogos apologistas, mas sim aos frequentadores comuns das igrejas evangélicas.

Além do fundador, há mais dez colaboradores oficiais no blog: **Antognoni Misael** (editor), policial militar, professor de história e música, membro da Igreja Presbiteriana de Guarabira - PB e editor também do blog *Arte de Chocar*; **Ruy Cavalcante** (editor e colunista), professor na Igreja Batista Restauração em Rio Branco - AC, professor de teologia, funcionário público e editor do blog *Intervalo Cristão*; **Renato Vargens** (colunista), pastor, conferencista internacional, escritor e pastor da Igreja Cristã da Aliança em Niterói - RJ e editor do blog *Renato Vargens*; **Geremias Couto** (colunista), pastor, jornalista, escritor, missionário, professor de teologia, fundador e presidente da Assembleia de Deus - Centro Missionário Cristão; **José Bernardo**, (colunista) pastor, escritor, conferencista e presidente da Agência Missionária de Mobilização Evangelística (AMME) e do ministério Salva Vidas; **Jorge Noda** (colunista), pastor colaborador da Igreja Presbiteriana Renascer, em Campina

---

<sup>177</sup> Retornamos aqui ao conceito de “Igrejas Reformadas”, mencionado no segundo capítulo desta dissertação, para lembrar que este termo se refere à família de denominações protestantes que aceita oficialmente os princípios definidos como “da reforma”. Nesta acepção, “reformado” seria sinônimo de “calvinista”, indicando o cristão protestante que segue as confissões de Fé Reformada, que incluem os “Cinco Solas” e os Cinco Pontos do Calvinismo.

Grande - PB, conferencista, escritor e professor de teologia; **Rodrigo Ribeiro** (colunista), advogado, pós-graduado em teologia, membro da IV Igreja Presbiteriana em Campina Grande - PB e editor do blog da *UMP da Quarta*; **Wesley Moreira** (colunista) graduado em teologia, atualmente mora nos Estados Unidos onde pastoreia a igreja *World Harvest Church*; **Jussara Teixeira** (colunista), jornalista, assessora de imprensa e membro da Igreja Batista do Povo; e **Mikaella Campos** (colunista), jornalista, membro da Primeira Igreja Batista em Jardim Camburi, Vitória - ES e editora do blog *Minha vida em Cristo Sem Heresias*.

Tendo sido uma das páginas citadas entre os “novos evangélicos” da revista *Época*, o líder do blog, Leonardo Gonçalves, além de reproduzir o texto na íntegra, também elogiou a matéria como “extremamente importante, pois nela fez-se distinção entre a liderança corrupta, mensaleira e vergonhosa, e crentes sinceros - ainda que imperfeitos, demonstrando que nem todo mundo é farinha do mesmo saco-gospel” (GONÇALVES, 2010). No entanto, também fez questão de ressaltar divergências com alguns dos líderes religiosos mencionados na reportagem:

Não endossamos, sob nenhuma hipótese, o *open theism*<sup>178</sup> (ou teologia relacional - pintam o poço, mas a água é a mesma) que transparece nos textos do Ricardo Gondim e de Ed René Kivitz, ao mesmo tempo que nos identificamos com Paulo Romeiro, Augustus Nicodemus e Ricardo Agreste, bem como apoiamos a marcha pela ética evangélica, realizada por Paulo e Vera nos dois últimos anos. Somos conservadores em nossa teologia, embora amplamente abertos ao debate cultural e novas perspectivas missiológicas. Definitivamente não somos um grupo de teólogos liberais querendo modificar o cristianismo; somos cristãos apaixonados que buscam viver e ensinar a essência perdida do evangelho de Cristo (GONÇALVES, 2010).

Atualmente a página possui mais de 4.400 postagens e quase de 4.600 seguidores<sup>179</sup>. Os *links* de todas as postagens são também compartilhados na página do blog na rede social *Facebook*, que conta com quase 90 mil seguidores. Há também *links* para compartilhamento no *Twitter* e *Google Plus*. No alto da página há um painel em que se revezam três imagens, onde se podem ler as seguintes frases: “Gente cansada de ter a sua fé manipulada”; “Não se deixe manipular pelos falsos profetas da modernidade, pelos pregadores shows e animadores de auditório”; e “Nossa fé não está estabelecida em pastores, mas em Cristo. Isso nos basta!”.

<sup>178</sup> “‘Teísmo aberto’, também conhecido como ‘teologia da abertura’ e ‘abertura de Deus’, é uma tentativa de explicar a relação entre o pré-conhecimento de Deus sobre os fatos e o livre arbítrio dos homens. Os argumentos do teísmo aberto são essencialmente estes: (1) seres humanos são verdadeiramente livres, (2) se Deus soubesse o futuro absolutamente, os seres humanos não poderiam ser verdadeiramente livres, (3) portanto, Deus não sabe absolutamente tudo sobre o futuro” (GOT QUESTIONS, 2016).

<sup>179</sup> Todos os dados numéricos mencionados neste capítulo (número de seguidores, de postagens, de acessos, de comentários, de “curtidas” nas redes sociais, etc.) bem como os títulos das postagens mais acessadas referem-se à data de 5 mai. 2016, dia em que foram coletadas as informações para os perfis dos blogs protestantes.

O blog veicula conteúdo publicitário na barra lateral direita: divulgação de blogs e eventos parceiros e propagandas aleatórias da própria plataforma do blog.

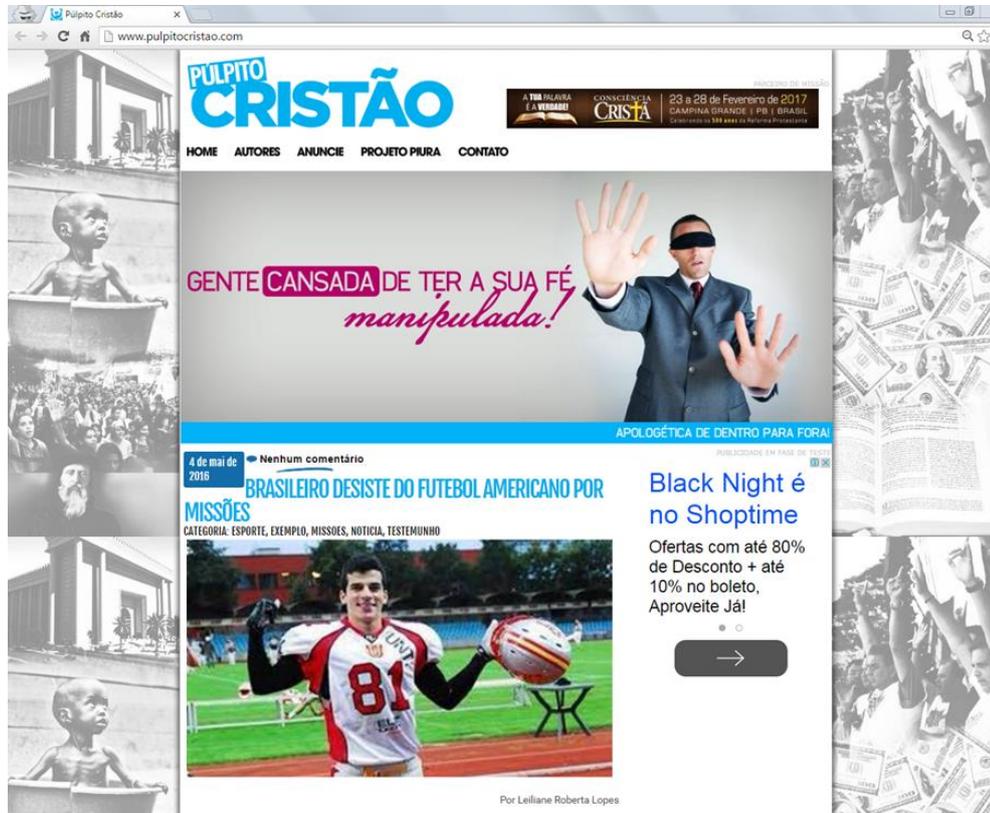


FIGURA 7 - Captura da página inicial do blog *Pulpito Cristão*.

Fonte: GONÇALVES *et al.*, 2016.

Também são exibidas na base da página as principais *tags* (uma espécie de etiquetagem dos *posts* por assuntos, para facilitar a busca): algumas mencionam assuntos criticados no blog, como “Neopentecostalismo”, “Teologia da Prosperidade”, “Seitas e heresias”, “Homossexualismo” [*sic*], “Música Gospel”, “Adoração Extravagante”<sup>180</sup>, “TURD”, “Teologia Liberal”, já outras apontam propostas dentro da ortodoxia cristã, como “Sociologia e Filosofia Cristã”, “Missão Integral”<sup>181</sup>, “Teologia Contemporânea”,

<sup>180</sup> “Adoração Extravagante” (2004) é o nome do livro da cantora australiana Darlene Zschech, integrante do Ministério de Louvor Hillsong Live. Com o tempo a expressão passou a indicar também o movimento musical/religioso que “afirma a necessidade de uma adoração sincera, abundante, espontânea, totalmente guiada pelo Espírito de Deus. Para estes a palavra ‘extravagante’ fala da atitude do adorador, a qual deve sobrepujar os padrões formais e expressar sua adoração em termos de liberdade e espontaneidade” (VARGENS, 2010).

<sup>181</sup> A Teologia da Missão Integral (TMI) pode ser resumida no lema “o Evangelho todo, para o homem todo, para todos os homens”, indicando que “onde ‘o Evangelho todo’ é compreendido como o poder de Deus para a Salvação de todo o que crê, assim como o poder de Deus para interferir na estrutura da sociedade [...] pela promoção da justiça; [...] onde ‘o homem todo’ é a compreensão do ser humano como ser complexo, com potencial cognoscente, religioso, fabril, econômico, social, político, comunitário, lúdico, artístico - que a tudo afeta e por tudo é afetado; [e] onde a proposição ‘todos os homens’ compreende a totalidade das nações humanas, que devem ser alcançadas pelo anúncio do evangelho do Reino de Deus, tanto no âmbito pessoal-

“Evangelismo”, “Cristianismo em ação”, e há também aquelas que revelam uma tendência cômica, como “Bizarrices”, “De arrancar o sabiá do tóco” [*sic*], “Não ouço nem a pau” e “Humor”. A página também exhibe os quatro *posts* mais visualizados:

- **“Ana Paula Valadão dá profetada<sup>182</sup> para Marina Silva e coleciona mais uma ‘derrota espiritual’ da Lagoinha”** (6 out. 2014, total de 259 comentários): artigo a respeito de um controverso vídeo da cantora gospel Ana Paula Valadão, que pronunciou uma suposta profecia divina durante culto evangélico na Igreja Batista da Lagoinha em Belo Horizonte - MG. No vídeo ela declara que a igreja evangélica brasileira iria conquistar as eleições de 2014. Suas palavras foram, “Nós estamos indo, Satanás, para a política brasileira, e as portas do inferno não prevalecerão contra a igreja do Senhor<sup>183</sup>. [...] É chegada a hora da igreja” (DIANTE DO TRONO OFICIAL, 2014). Esta declaração foi feita no meio do período eleitoral, no mesmo ano em que a candidata evangélica Marina Silva estava concorrendo à presidência pelo Partido Verde (PV), sendo, no entanto, derrotada. O autor da postagem, Antognoni Misael, reprovou o acontecimento: “Não mudaremos a nossa nação com atos proféticos, declarações de poder ou por uma batalha espiritual, e sim por uma vida reta, quebrantada onde Cristo deve ser o centro e as Escrituras Sagradas suficientes para nosso viver” (MISAEL, 2014a).

- **“Thalles Roberto afirma: ‘Estou acima da média porque estou entre fracos’ e parte para o meio secular”** (18 jul. 2015, total de 123 comentários<sup>184</sup>): O blog noticia que Thalles Roberto, um dos músicos gospel mais influentes no Brasil, fez declarações polêmicas durante apresentação em evento evangélico. O cantor afirmou ter recebido um “novo chamado de Deus”, e que a partir de então não se apresentaria apenas nas igrejas, mas iria fazer mais eventos seculares. Thalles ainda afirmou ter ouvido de Deus as seguintes palavras: “Você está acima da média porque você está no meio de gente fraca. Quero ver você estar acima da média lá fora” (PÚLPITO CRISTÃO, 2015). Ainda segundo a notícia, as

---

familiar, como no âmbito da organização sócio-política” (RAMOS, 2014). A TMI tem sido rejeitada por alguns setores protestantes conservadores, sendo acusada de filiação marxista.

<sup>182</sup> “Profetada” é uma variação linguística do termo “profecia”, porém distinta deste no seu valor. Enquanto a “profecia” indica “predição do futuro, presságio, oráculo, predição por inspiração divina”, enfatizando sua autoridade, precisão e efetividade, a “profetada”, por sua vez, mesmo sendo também um substantivo derivado do verbo “profetar” (predizer, prever), acabou ganhando nos meios religiosos um sentido pejorativo. “As ‘profetadas’, palavra moderna criada para sinalizar uma profecia duvidosa - são imitação da verdadeira mensagem de Deus com a principal diferença: não tem a revelação de Deus; pode ser de origem humana ou mesmo satânica” (NOGUEIRA, 2005).

<sup>183</sup> A cantora faz uma referência à declaração de Cristo em BÍBLIA - Evangelho segundo Mateus 16:17.

<sup>184</sup> Somatório de todos os comentários exibidos na página da postagem: os da própria plataforma do blog mais aqueles feitos na página da rede social *Facebook*.

declarações do artista geraram muita revolta entre os evangélicos presentes no evento, bem como entre outros cantores gospel.

- **“Renê Terra Nova consagra sua mãe como apóstola matriarca do útero profético”** (14 mar. 2015, total de 104 comentários): A matéria, copiada do portal Gospel Mais ([www.gospelmais.com.br](http://www.gospelmais.com.br)), é sobre o autointitulado apóstolo e patriarca Renê Terra Nova que publicou uma foto de sua mãe no seu perfil na rede social *Instagram*, anunciando que ela seria “reconhecida apóstola matriarca”, por ser “a mulher do útero profético apostólico”. Renê Terra Nova é líder do Ministério Internacional da Restauração (MIR), uma igreja neopentecostal brasileira que segue estritamente o Antigo Testamento. A postagem trazia também um tom de gracejo: “É pra acabá de vez rs Essa é de arrancar sabiá do tóco [*sic*]. Renê Terra Nova, o vice-deus das ovelhas apostólicas, consagra a própria mãe a Apóstola-Matriarca. [...] Nem Maria mãe de Jesus teve o útero tão colocado em tamanha santidade” (CHAGAS, 2015).

- **“Pastora Lana Holder promove primeira Balada ‘Gay Gospel’ #CORRAM”** (8 mai. 2014, total de 147 comentários): postagem sobre o evento promovido pela Igreja Cidade de Refúgio na capital de São Paulo, comunidade fundada por Lanna Holder e sua esposa Rosania Rocha. Segundo a pastora, o intuito do evento era evangelizar e proclamar aos homossexuais o amor de Deus por eles. No vídeo do evento a pastora afirmou que, apesar das carícias serem permitidas na festa, mas bebidas alcoólicas e relações sexuais antes do casamento não eram recomendadas, pois, segundo ela, “a proposta é evangelizar e não trazer a libertinagem”. O autor da postagem, Antognoni Misael, comentou ironicamente: “Ou seja, na ‘bíblia’ da Holder o primeiro milagre de Jesus teria sido transformar vinho em suco de goiaba numa festa de casamento entre dois homens: um judeu e um samaritano (??). Pasmem!” (MISAEL, 2014b) O texto do blog traz ainda comentários com referências bíblicas reprovando o evento, considerado “afronta ao Evangelho de Jesus Cristo” (MISAEL, 2014b).

#### 4.1.2. *VeShame Gospel*

*“Ai do mundo, por causa dos escândalos; porque é necessário que venham escândalos, mas ai daquele homem por quem o escândalo vem!”*

*- Mateus 18:7<sup>185</sup>*

O *VeShame Gospel* ([www.veshamegospel.blogspot.com.br](http://www.veshamegospel.blogspot.com.br)) foi criado em novembro de 2008 por três jovens evangélicos: **João Paulo Fernandes da Silva**, que é professor de história, **Avelar Guedes Junior** (também editor do blog *Não, obrigado!* - [www.nao-obrigado.blogspot.com.br](http://www.nao-obrigado.blogspot.com.br)) e **Guilherme Nathanli Beserra**, ambos são servidores públicos nas áreas de direito e ciências da computação, respectivamente. Os três são amigos desde a adolescência, frequentam igrejas da corrente Batista Regular na região do Cariri - CE e compartilham do interesse pelo estudo da Teologia. Além dos três fundadores, em 2010 também passou a fazer parte do grupo o blogueiro de Fortaleza - CE, Thiago Matso, do site *Profetirando* ([www.profetirando.com.br](http://www.profetirando.com.br)), mas este logo saiu por incompatibilidade de estilos: sua proposta era mais humorística, não teológica (sua última postagem no *VeShame Gospel* é de maio de 2011). Apesar de os autores pertencerem a determinada corrente religiosa, eles, no entanto, afirmam escrever em nome dos evangélicos para o público em geral: “São coisas que a gente tem vergonha como evangélicos, de que as pessoas vejam e pensem que fazer e ser isso é ser evangélico. Mas essas coisas na verdade não têm nada a ver com o Evangelho” (GUEDES JR *apud* COSTA & FRANÇA JR, 2013).

O conteúdo diversificado do *VeShame Gospel* está costurado por uma mesma temática: denunciar tudo que há de “aberrações e heresias do meio evangélico, as quais passavam por ortodoxia e eram rotuladas de ‘pregações do evangelho’, ‘louvores’, ‘ministrações’, ‘unções’<sup>186</sup>, ‘ministérios’ etc., inventadas e propagadas por pessoas ditas ‘evangélicas’, [...] com a etiqueta ‘gospel’” (GUEDES JR, 2010). Este propósito está estampado no próprio nome do blog: a palavra “vexame”, sinônimo de “vergonha”, combinada com “*shame*”, que também significa “vergonha” em inglês, um mistura redundante de idiomas com a intenção de reforçar a mensagem. Isso em associação ao termo

<sup>185</sup> Versículo tema do blog *VeShame Gospel*.

<sup>186</sup> De “ungir”, consagrar (algo ou alguém) a Deus por derramamento de óleo (STRONG, 2002, p. 634). Hoje em dia o termo se popularizou nos meios evangélicos, indicando uma capacitação sobrenatural dada pelo Espírito Santo, concedendo dons ou autoridade especial a alguém.

“*gospel*”, palavra inglesa para “Evangelho”, que atualmente serve como etiqueta comercial do movimento evangélico.



**FIGURA 8 - Captura da página inicial do blog *VeShame Gospel*.**

Fonte: SILVA, GUEDES JR & BESERRA, 2012.

A ideia do blog surgiu despreziosamente: João Paulo foi convidado por sua igreja para ministrar um estudo bíblico sobre a influência do movimento neopentecostal na igreja evangélica atual. Durante a preparação para o estudo, ele descobriu uma grande quantidade de material (textos, vídeos, reportagens, áudio, panfletos, entrevistas, etc.) que ilustrava as aberrações de algumas igrejas em termos de ensino e prática. Da necessidade de organizar e arquivar todas essas informações surgiu a ideia de criar uma página na internet. O blog, que começou então como uma apresentação num *datashow*, hoje conta com mais de 500 seguidores, um total de 996 postagens e quase 400 mil visitas, além de ter sido mencionado em um veículo de circulação nacional (revista *Época*). Os criadores do *VeShame Gospel* também comentaram a menção do blog na revista, numa avaliação positiva da reportagem:

Nós do *Veshame Gospel* tivemos uma grande surpresa de ter visto nosso blog citado nessa reportagem da Revista *Época*. Nunca foi algo pretendido por nós, desde o início, alcançar popularidade na rede, muito menos a ponto de ser lembrados por uma revista de grande circulação nacional. Entretanto, agradecemos a Deus que isto tenha acontecido porque, no fim das contas, o nosso objetivo é que todos

conheçam o Evangelho e as falsificações dele, e que saibam distinguir muito bem entre as duas coisas, para que a verdade de Deus não passe por palhaçadas e mentiras (GUEDES JR, 2010).

A página do *VeShame Gospel* pode ser acessada normalmente e continua recebendo comentários, apesar de encontrar-se desatualizada desde outubro de 2012, data da última postagem. As postagens são agrupadas por temas bem criativos, como por exemplo: “A moda gospel que vem por aí”, “Ah, o passado, esse troço que ninguém apaga!”, “Comércio da Fé”, “E assim caminha a humanidade”, “Enquanto isso na sessão do descarrego”<sup>187</sup>, “Na loja gospel mais perto de você”, e “Solta o verbo, caro leitor!”. “Apesar de este ser um blog crítico, ele também oferece alternativas e propostas dentro da ortodoxia e da cultura, um pouco de humor (porque ninguém é de ferro) e materiais para reflexão” (GUEDES JR, 2010). Isso pode ser visto em seções como: “Ainda tem gente de Deus”, “Devocional” e “História de nossos hinos e cânticos”. Há também *links* para a página do blog na rede social *Twitter*, para outros blogs do mesmo gênero, além de um mural para mensagens dos visitantes. A página também traz um *banner* de membro da Comunidade Nacional de Blogueiros Cristãos (CNBC). Na barra lateral aparecem as postagens mais buscadas:

- **“Sai do CORPO e entra no PORCO, jááááá!!!!”** [*sic*] (jan. 2010, 31 comentários): Postagem com vídeo onde um autointitulado bispo realiza exorcismo em seus fiéis, direcionando os “demônios” das pessoas para um porco<sup>188</sup>, levado ao templo para esta sessão de descarrego espiritual. Através de uma montagem feita pelos autores do blog, o animal comenta: “Sinceramente, ninguém merece passar por isto...” (SILVA, 2010).

- **“Marco Feliciano chora em rede nacional e afirma que foi o Caio Fábio quem o convidou”** (nov. 2009, 23 comentários): Texto sobre a discussão entre dois pastores famosos no meio gospel: Caio Fábio, líder do ministério ‘Caminho da Graça’, psicanalista clínico e escritor, conhecido pelo envolvimento em escândalos sexuais e financeiros nos anos 1990; e Marco Feliciano, líder da Catedral do Avivamento, igreja neopentecostal ligada à Assembleia de Deus, eleito deputado federal em 2010 pelo Partido Social Cristão (PSC) e conhecido pela oposição ferrenha ao movimento gay. “Mais do mesmo...” (SILVA, 2009d), é o comentário dos autores.

<sup>187</sup> Referência cômica aos cultos com exorcismos, curas e “libertação espiritual” realizados todas as terças-feiras pela Igreja Universal e denominados de “sessão espiritual do descarrego”, com versões similares em outras denominações neopentecostais.

<sup>188</sup> Numa clara referência ao episódio em que Jesus liberta um homem atormentado por uma “legião de espíritos imundos”, direcionando estes demônios para uma manada de porcos (BÍBLIA - Evangelho segundo Marcos 5:1 a 16).

- **“Da série ‘Vamos pensar um pouco’: O Cristão pode ir no motel ou não?”** [*sic*] (nov. 2009, 64 comentários): texto de Alexandre Fernandes copiado do site Gospel Prime ([www.gospelprime.com.br](http://www.gospelprime.com.br)), onde se discute a conveniência de um cristão frequentar motel, local este, segundo o texto, associado à imoralidade e infidelidade. “EU VOU E ME AMARRO!!”, comenta o autor da postagem, “um quarto sem barulho, bonito, cheiroso, com cama redonda [...], sem pensar nos filhos, nos problemas, no trabalho, apenas pelo prazer da privacidade e pelo sexo que é a necessidade íntima do casal é claro. Sexo entre casados é abençoado por Deus” (FERNANDES *apud* SILVA, 2009b).

- **“Cantora ‘evangélica’ Pamela – ‘Eu quero muito, muito mais!’”**<sup>189</sup> (ago. 2009, 154 comentários): *post* reproduzido do blog Crítica Cristã, com fotos “polêmicas” da cantora gospel Pamela consumindo bebidas alcoólicas e em poses sensuais. O autor do texto analisa as fotos: “Pamela é mesmo uma levita<sup>190</sup> que só bebe da *Shekinah*<sup>191</sup>, que tem a Marca da Promessa<sup>192</sup> com um *piercing* no umbigo. [...] Esta mulher de Deus é próspera! Possui fartos seios de Abraão<sup>193</sup> mesmo que estes sejam de silicone, lota a mala do carro só com coisa boa...” (CRÍTICA CRISTÃ *apud* SILVAa, 2009).

- **“Esclarecimento - EU NÃO ODEIO A ANA PAULA VALADÃO!”** (jun. 2009, 68 comentários): resposta do blogueiro João Paulo Fernandes a um leitor que o acusou de odiar o ministério Diante do Trono e a sua principal representante, a cantora Ana Paula Valadão. “Não tenho nada pessoal contra Ana Paula Valadão. Apenas não concordo com muitas coisas que ela faz, [...] as atitudes inescrupulosas desse grupo, que vêm envergonhando aqueles que zelam pelo verdadeiro Evangelho de Cristo” (SILVA, 2009c).

---

<sup>189</sup> Referência à música da própria cantora, “Quero Muito Mais” (álbum “Sal e Luz”, 2006).

<sup>190</sup> “Levita”, originalmente, é o membro da tribo hebraica sacerdotal “descendente de Levi separada especialmente por Deus para o seu serviço” (STRONG, 2002, p. 515). Porém atualmente o termo tem se popularizado no meio evangélico, designando os músicos evangélicos e instrumentistas das igrejas (também chamados de “ministros de louvor”).

<sup>191</sup> O termo é oriundo da junção das palavras hebraicas שָׁכַן *Shakan* (habitar) + יְיָ *Yahh* (Jah, Javé na forma reduzida) = שְׁכִינָה *Sh èkanyah* = habitação do Senhor. A palavra *Shekinah* não aparece nos originais da Bíblia, escritos em grego e hebraico. Porém o conceito está no ensinamento de que Deus habita no meio do seu povo. Hoje em dia a palavra ainda é usada indicando a “glória do Senhor”.

<sup>192</sup> Referência à música e álbum “Marca da Promessa” (2007), da banda gospel Trazendo a Arca.

<sup>193</sup> Referência equivocada à parábola de Cristo sobre o rico e o Lázaro (BÍBLIA – Evangelho segundo Lucas 16:22), onde, após a morte, o pobre mendigo é conduzido por Deus para o descanso eterno no Seio de Abraão. Assim, a expressão “seio de Abraão” se refere a um lugar espiritual, e não à parte do corpo feminino.

### 4.1.3. *Genizah*

*“Do Hebraico: גניזת ‘depósito’ ou ‘lixeira’. É um local em sinagogas onde se guardavam cópias incorretas de livros sagrados, [...] pois o costume proibia o simples descarte de escrito com o nome de Deus. Genizahs em armários secretos e porões escondidos, também serviram, em momentos de perseguição ou desterro, como esconderijos para Escrituras Sagradas. Por conta disto, foi em genizahs perdidas no tempo que arqueólogos encontraram relíquias importantes.”*

*- Significado de ‘Genizah’<sup>194</sup>*

O blog cristão *Genizah* ([www.genizahvirtual.com](http://www.genizahvirtual.com)) está *online* desde abril de 2009, sendo administrado por três colaboradores principais. **Danilo Fernandes**, o fundador do blog, define-se como consultor de marketing, facilitador digital, protestante, “estagiário de teólogo meia boca e palhaço semi-profissional” (FERNANDES, 2009). **Rubinho Pirola**, o cartunista do blog, é ex-professor universitário, consultor de marketing e comunicação, considera-se “clérigo-cristão-reformado, socialista” e “calvinista de esquerda” (PIROLA, 2009), sendo proveniente da I Igreja Presbiteriana em Uberlândia - MG, e tendo sido, na mesma cidade, o coordenador da Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida<sup>195</sup>. Durante muitos anos também foi administrador do blog **Hermes Fernandes**<sup>196</sup>, bispo pela comunhão internacional de tradição anglicana/episcopal, além de escritor, conferencista, ativista, doutor em ciência da religião e considera-se defensor da teologia reformada. Além desses, o blog conta com dezenas de outros colaboradores.

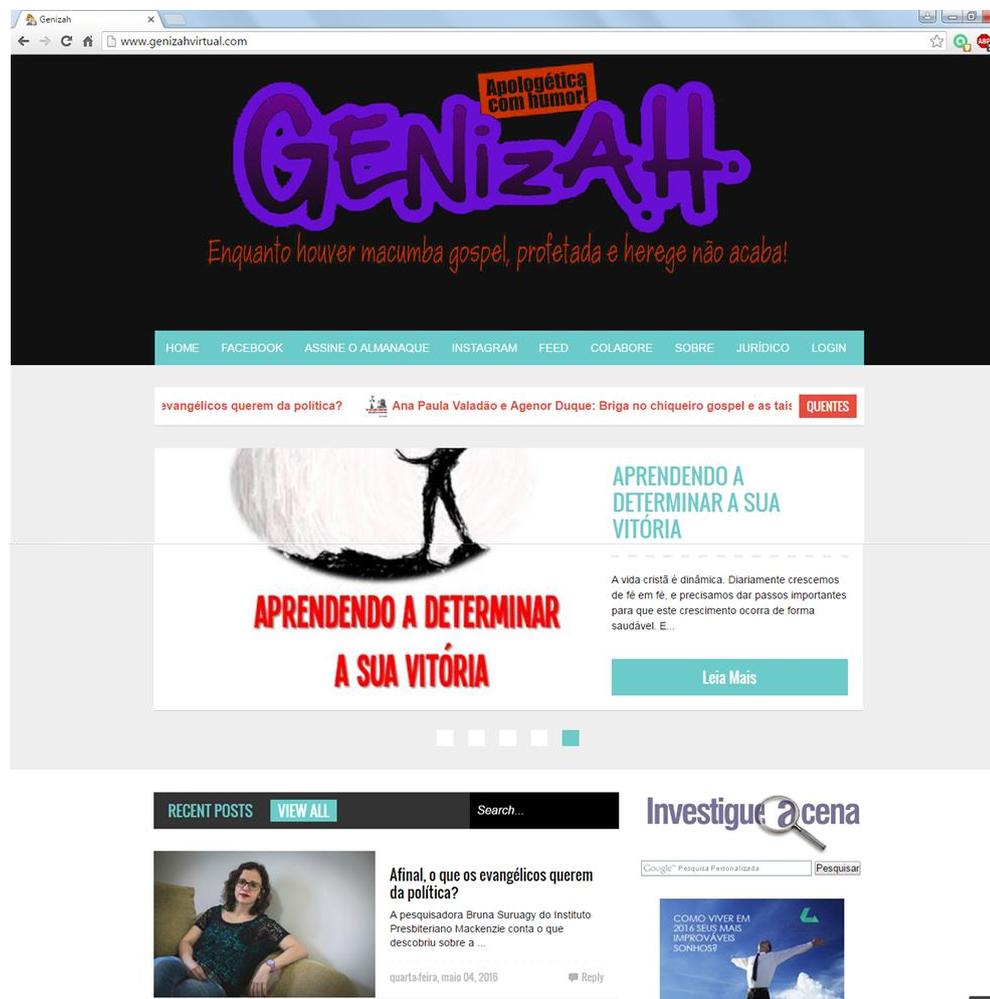
O slogan oficial do *Genizah* é: “Apologética com humor. Enquanto houver macumba, profetada gospel e herege, não acaba!”. A página é definida como “não-denominacional”, já que cada colaborador pertence a uma denominação diferente, porém existe uma orientação editorial oficial, qual seja: combater o “marketing igrejeiro” e “a cena gospel *trash* travestida de avivamento”, promovendo a “beleza do cristianismo bíblico e a ética protestante” (GENIZAH, 2016). No perfil oficial, o blog é descrito como uma “*genizah* virtual”, uma

<sup>194</sup> (GENIZAH, 2016). Pronuncia-se “Genizá”.

<sup>195</sup> Movimento nacional fundado em 1993 pelo sociólogo Herbert de Souza, o “Betinho”.

<sup>196</sup> Recentemente (17 mai. 2016) o fundador do blog *Genizah*, Danilo Fernandes, declarou sua ruptura com o bispo Hermes Fernandes: “É evidente que Hermes comprou a agenda completa da esquerda e defende agora todas as causas progressistas. Depois de defender a promoção da ideologia de gênero nas escolas e a precoce sexualização infantil, que acompanha as mesmas cartilhas e conteúdos programáticos dos educadores esquerdistas, não demora, veremos Hermes Fernandes casando gays em sua congregação e defendendo o aborto” (FERNANDES, 2016).

espécie de “depósito” de “notícias sobre a igreja evangélica, cristianismo, apologética, teologia, heresias, política, religião, comportamento e humor” (GENIZAH, 2016). Os nomes das sessões do blog são personalizados, seguindo este gênero humorístico da página: o leitor é convidado a seguir os perfis nas redes sociais por meio dos tópicos “Curta a subversão” (*link* para o *Facebook*, página que conta com quase de 46,5 mil membros) e “Persiga-me no *Twitter*” (perfil com mais de 46 mil seguidores), pode também pesquisar o conteúdo da página na opção “Investigue a cena”, visitar os sites parceiros no *link* “Comparsas”, e ler as postagens mais visualizadas do blog, disponíveis nas sessões “Babados recentes” e “Arquivo do processo”.



**FIGURA 9 - Captura da página inicial do blog Genizah.**

Fonte: FERNANDES *et al.*, 2016.

O blog veicula alguns *banners* com anúncios de produtos evangélicos, e disponibiliza o *Genizah Almanaque*, uma revista digital gratuita. Há também na página uma aba denominada “Jurídico”, onde há esclarecimentos sobre direitos autorais, comentários de

terceiros, liberdade religiosa e de crítica, uma vez que o responsável pelo blog (Danilo Fernandes) já esteve envolvido em disputas judiciais, como no processo envolvendo ofensas ao então ministro da Pesca e bispo da Igreja Universal, Marcelo Crivella (PATURY & ESPERANDIO, 2014). Entre os quase sete mil *posts* do blog, os de maior audiência são:

- **“Ativistas do Femen fazem obscenidade com crucifixo em ato contra o Papa no Vaticano”** (14 nov. 2014, total de 20 comentários<sup>197</sup>): Notícia copiada do portal *Terra* ([www.terra.com.br](http://www.terra.com.br)), sobre protesto realizado por três mulheres do grupo feminista Femen diante do Vaticano contra a visita do papa ao Parlamento europeu. Nas imagens elas exibiam seios nus, crucifixos nos ânus e frases provocativas para denunciar o que consideram um “ataque à secularização” na Europa. O autor da postagem comentou: “Queria ver estas vadias fazerem isto em Meca...” (cidade sagrada para os muçulmanos) (GENIZAH, 2014).

- **“Pastor transa com cantora assembleiana e as imagens caem na rede. Os pentecostais piram!”** (21 mai. 2015, total de 147 comentários): Comentário sobre vídeo e imagens de suposto caso extraconjugal entre um ex-pastor da Igreja Presbiteriana Renovada e uma jovem jornalista e cantora da Igreja Assembleia de Deus. O autor do *post* comenta: “Grupos de pastores pró-família se juntam no congresso onde se sabe que a maioria ‘gosta tanto de família’ que já estão na segunda e na terceira. Adulteram de noite e defendem a família de dia [...] e depois vão acusar os gays de promiscuidade” (GENIZAH, 2015).

- **“Ofendido com o *[sic]* transexual crucificado na Parada Gay?”** (8 jun. 2015, total de 188 comentários): Texto de Hermes Fernandes comentando a encenação da crucificação de Jesus durante a Parada Gay na Avenida Paulista, São Paulo - SP, episódio que causou polêmica entre cristãos de diversas denominações. O autor comenta: “Não me senti nem um pouco ofendido ao ver um *[sic]* transexual pregado numa cruz. Afinal, Jesus não morreu somente por héteros. Na cruz, Ele Se identificou com os excluídos [...] e ao fazê-lo, assumiu em Si todos os nossos pecados, [...] inclusive sexuais” (FERNANDES, 2015).

- **“Sete coisas que Deus NÃO disse, mas todo mundo acha que Ele disse...”** (13 abr. 2015, total de 79 comentários): Texto de Mário Persona, colaborador do blog, onde menciona várias citações atribuídas a Deus, mas que na verdade estão ausentes ou são contraditórias aos textos bíblicos. Entre as frases contestadas estão: “Deus quer que você seja feliz”, “Somos todos filhos de Deus”, “Quando você morrer o céu ganhará mais um anjo”, “Todos os caminhos levam a Deus”, e “Não importa em que você crê, contanto que tenha fé” (PERSONA, 2015).

---

<sup>197</sup> Somatório de todos os comentários exibidos na página da postagem: os da própria plataforma do blog mais aqueles feitos na página da rede social *Facebook*.

#### 4.1.4. *Crentassos*

“Produções subversivas.”

- Descrição do blog ‘Crentassos’

O “Coletivo Crentassos Produções Subversivas” foi criado por **Cristiano Machado**, que é técnico em informática, acadêmico de filosofia e pastor na Igreja do Armazém, em Curitiba - PR, sendo as primeiras postagens do blog referentes a novembro de 2009. Além do fundador, a página também conta com a participação de diversos outros colunistas, entre os quais: Alexandre Milhoranza, Gustavo Nering, Alexandre Parabocz, Jonatha Zimmer, Tamyres Palma Zimmer, “Santo Irgo”, Juliano Ferreira, Thiago Paiva e, o mais conhecido entre eles, **Ariovaldo Carlos Junior**, que é pastor da Igreja Manifesto Missões Urbanas (Ministério Sal da Terra) em Uberlândia - MG, administra o site *Hadoukens de Ariovaldo Jr* ([www.ariovaldo.com.br/](http://www.ariovaldo.com.br/)) e ficou famoso por fazer uma tradução “*freestyle*” da Bíblia. Embora sejam membros das mais diversas igrejas, desde as mais tradicionais, como a Igreja Evangélica Luterana do Brasil e a Convenção Batista Brasileira, até as comunidades alternativas supracitadas, todos estes colunistas afirmam-se seguidores da teologia reformada, interessados por apologética, e entusiastas da teologia da Missão Integral. Os autores do blog chamam a atenção por seu visual, *hobbies*, linguagem e hábitos diferenciados do estereótipo evangélico tradicional; por isto eles se autoreferenciam como “subversivos”, “alternativos”, “emergentes”, “progressistas” e até mesmo “anarquistas” (LELLES, 2015).

O *Crentassos* se direciona a todos os assuntos relacionados ao mundo cristão, declarando-se “um blog pra gente de verdade... gente q fala coisa boa, e está preocupada com o futuro da igreja protestante no Brasil e no mundo, mas também fala abobrinha só pra dar risada a toa... [sic]” (CRENTASSOS, 2016). Apesar de contar com textos e artigos, o ponto forte do blog são mesmo os *podcasts* (arquivo de áudio digital distribuído via internet) e *vlogs* (abreviação de *videoblog*, um tipo de blog em que os conteúdos predominantes são os vídeos). Entre os principais *vlogs* e *podcasts* estão: *Na minha fecal opinião* ([www.youtube.com/user/Crentassos/featured](http://www.youtube.com/user/Crentassos/featured)), do Cristiano Machado, e *Bíblia Free Style Vlog* ([www.youtube.com/user/bibliafreestyle](http://www.youtube.com/user/bibliafreestyle)), de Ariovaldo Jr; *PODCrent* e *Teologia de Boteco*. Outras sessões do blog são: “FilmaSSos” [sic], “Frases para pensar”, “Músicas do

mundo<sup>198</sup> que me edificam”, “NMMDV” (Não me mate de vergonha), “Red Comments” (comentários sobre notícias do “mundo gospel”), etc. Há também links para blogs parceiros e para a página do blog no *Facebook*, que conta com mais de 15 mil curtidas. Entre os mais de 600 artigos do blog, os seguintes são os mais lidos:

- **“#Artigo – ‘O segundo filho de Deus’”** (28 ago. 2012, 154 comentários): *post* de Cristiano Machado sobre o suposto novo filme do humorista Renato Aragão, “O segundo filho de Deus”. A produção tornou-se polêmica devido às especulações de que se trataria de uma história paralela aos evangelhos, onde Jesus teria falhado em sua missão, e o personagem Didi Mocó viria ao mundo para fazer o que o primeiro Cristo não conseguiu. (Na verdade, existe apenas o roteiro, cujo título foi modificado para “O segredo da Luz” devido ataques direcionados ao artista em sites evangélicos, mas o filme nunca chegou a ser iniciado.) Sobre o episódio, o autor da postagem defende que o Brasil é um país laico, e que, por isto, Renato Aragão “tem pleno direito de escrever, atuar, produzir e etc. [...] A questão é: Vamos continuar dando publicidade gratuita para ele nas nossas TLs<sup>199</sup>, fazendo com q um filme q *[sic]* estaria fadado a ser mais um, torne-se alvo de grandes debates teológicos?” (MACHADO, 2012).

- **“Gays vão para o inferno ou para o céu?”** (22 jan. 2014, 146 comentários): Cristiano Machado comenta os conflitos entre os grupos LGBT<sup>200</sup> e os pastores evangélicos. No início do texto ele condena o que chama de “manipulação das massas” promovida pelos líderes de ambos os movimentos, mas ressalta principalmente os erros dos cristãos: “Se gays vão para o inferno por serem gays, eu me pergunto: e os líderes evangélicos que manipulam pessoas utilizando o texto bíblico?” (MACHADO, 2014). Mas ao final do texto ele conclui: “Mesmo que meus amigos LGBT saibam que eu considero isso um pecado, que eles possam contar comigo. [...] Se eles vão deixar de ser gay *[sic]* ou não, cabe ao Espírito Santo, e não a mim” (MACHADO, 2014). “Se os gays vão para o inferno ou para o céu? Não sei... Se dependesse de mim, ninguém ficaria de fora...” (MACHADO, 2014).

- **“Não me mate de vergonha – hino de louvor e adoração à Ana Paula Valadão”** (23 set. 2010, 109 comentários): Comentário sobre vídeo com fãs da cantora gospel homenageando-a por meio de uma canção. O autor da postagem ironiza: “Um grupo de

<sup>198</sup> “Músicas do mundo” é uma expressão usada no meio evangélico para designar as músicas seculares, que não são produzidas por evangélicos e nem direcionadas a este público (produção musical fora do ramo gospel).

<sup>199</sup> Sigla popular para *timeline*, literalmente “linha do tempo”, referindo-se à organização cronológica das postagens e atualizações nas redes sociais.

<sup>200</sup> LGBT, ou ainda LGBTTT, é a sigla para “Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros”, numa referência a todas as orientações sexuais e manifestações de identidades de gênero minoritárias.

LOUVOR cantando uma musiquinha para ninguém mais ninguém menos q [sic] a padroeira dos ministros de louvor... N. Sra.<sup>201</sup> Ana Paula Valadão da Lagoinha!” (CRENTASSOS, 2010) “Não tenho nada contra ela ou qualquer membro da família DDT<sup>202</sup>, [...] minhas críticas, são sempre contra linhas de pensamentos teológicos” (CRENTASSOS, 2010).

- **“Cura gay – Bíblia Freestyle #9”** (26 jun. 2013, 107 comentários): Postagem de Ariovaldo Jr com vídeo onde explica o projeto conhecido como “cura gay” (PDC 234/2011). No vídeo ele defende o projeto de lei, o qual afirma ser mal interpretado pela população, embora também afirme que não está do lado dos líderes políticos evangélicos. “Esse papo furado de que não existe ‘ex-gay’ tá [sic] sendo apregoado pelos homossexuais, e isso é muito perigoso. Nós como cristãos deveremos defender a posição da liberdade, qual é: ‘Olha, a bíblia diz assim, mas você é livre para fazer aquilo que quiser’” (CARLOS JR, 2013).



**FIGURA 10 - Captura da página inicial do blog Crentassos.**

Fonte: MACHADO *et al.*, 2016.

<sup>201</sup> Sigla para “Nossa Senhora”, título dado pelos católicos a Maria, mãe de Jesus Cristo.

<sup>202</sup> Sigla que corresponde tanto ao nome do ministério de louvor do qual a cantora participa (Diante do Trono), como também (numa menção cômica) ao pesticida diclorodifeniltricloroetano.

#### 4.1.5. Bereianos

*“Os bereianos eram mais nobres do que os tessalonicenses, pois receberam a mensagem com grande interesse, examinando todos os dias as Escrituras, para ver se tudo era assim mesmo.”*

*- Atos 17:11<sup>203</sup>*

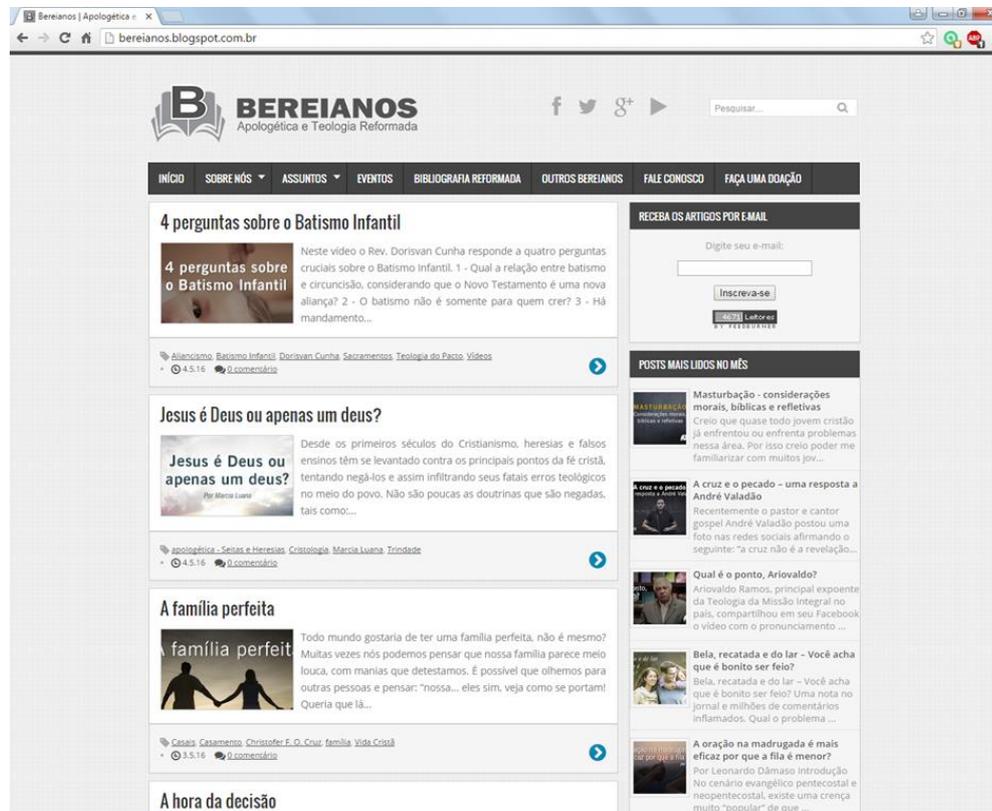
O blog *Bereianos* foi fundado em agosto de 2006, e conta com três editores principais: **Ruy Marinho**, diretor de arte, designer gráfico, teólogo e membro da I Igreja Presbiteriana de Goiânia - GO, além de articulista para outros blogs, como o *Púlpito Cristão*; **Dênis Monteiro**, teólogo e membro da Igreja Presbiteriana do Estoril em São Bernardo do Campo - SP; e **Fabrcio Tavares**, tradutor, professor e membro da Igreja Reformada Ortodoxa em Juiz de Fora - MG. Segundo os autores, o blog foi criado com o propósito de “defender o evangelho contra as seitas, heresias, dos abusos eclesiais e das distorções bíblicas que comprometem a ortodoxia cristã, bem como auxiliar a pregação do evangelho através de um correto preparo teológico e apologético, sob o ponto de vista reformado” (BEREIANOS, 2016). Sua postura religiosa oficial é, portanto, alinhada à tradição reformada (declaram a crença nos “cinco Solas”) e calvinista (defendem os cinco pontos do calvinismo - TULIP).

Os assuntos das postagens são agrupados em *tags*, sendo as principais aquelas relativas a debates doutrinários, como: “Teologia Reformada”, “Apologética - Defesa da fé”, “Denúncias - Falsas Doutrinas”, “Neopentecostalismo”, “Vida Cristã”, “Soberania de Deus”, “Liderança Eclesiástica”, “Soteriologia” (disciplina teológica sobre a salvação), “*Sola Scriptura*” (um dos princípios da Reforma Protestante), “Hermenêutica” (estudo da interpretação dos textos religiosos), “Eleição” (não se trata de política, mas da doutrina calvinista segundo a qual Deus chama seus “eleitos” para a salvação), etc. Além destes administradores, o blog também conta com colaborações de outros blogueiros da mesma linha teológica. Entre as sessões do blog estão: “Bibliografia Reformada Básica”, “Declaração de Fé”, “Faça uma doação”, “Outros Bereianos” (lista de sites e blogs recomendados), “Eventos” (divulgação de encontros, conferências, fóruns e outros eventos do meio protestante reformado brasileiro), “Jurídico” (base legal, com tópicos sobre direitos autorais, sobre liberdade de crença religiosa e de debates teológicos e também sobre críticas à homossexualidade), “Siga-nos no Facebook” (página com quase 19 mil seguidores), “Arquivo

---

<sup>203</sup> Versículo que serviu de inspiração para o nome do blog *Bereianos*. Nesta passagem, Paulo elogia os cristãos da cidade de Bereia na Macedônia, porque eles recebiam as palavras do apóstolo sempre com senso crítico.

do blog” (mais de quatro mil *posts* agrupados cronologicamente) e “Posts mais lidos do mês”, onde constam as seguintes postagens mais acessadas:



**FIGURA 11 - Captura da página inicial do blog Bereianos.**

Fonte: MARINHO, MONTEIRO & TAVARES, 2016.

- **“Masturbação - considerações morais, bíblicas e refletivas”** (25 abr. 2016, total<sup>204</sup> de 19 comentários): Texto de Bruno dos Santos Queiroz, no qual discorre sobre a prática da masturbação sob um ponto de vista moral, bíblico e psicológico, definindo aquilo que ele mesmo chama de “estimulações eróticas conscientes e de livre agência” como um desvio ético do ideal da sexualidade, uma violação dos princípios de castidade das escrituras bíblicas, e que os sujeitos abstêmios, em vez de patológicos e reprimidos, seriam, na verdade, os mais conscientes da própria sexualidade e capazes de encontrar um nível transcendente de felicidade. “A luta contra a masturbação ajudará um jovem (ou mesmo adulto) cristão a conhecer melhor sua própria sexualidade. [...] Saber controlar e administrar seus próprios desejos sexuais é uma manifestação da dignidade humana, enquanto imagem do Criador” (QUEIROZ, 2016).

<sup>204</sup> Somatório de todos os comentários exibidos na página da postagem: os da própria plataforma do blog mais aqueles feitos na página da rede social *Facebook*.

- **“A cruz e o pecado – uma resposta a André Valadão”** (12 abr. 2016, total de 31 comentários): Pedro Franco comenta episódio em que o pastor e cantor gospel André Valadão postou uma foto nas redes sociais com a seguinte legenda: “a cruz não é a revelação do nosso pecado, é a revelação do nosso valor” (FRANCO, 2016). O autor da postagem se declara assustado, “tamanho o absurdo da afirmação” (FRANCO, 2016). Em seguida ele demonstra, com base nos textos bíblicos, a incoerência da referida frase, e conclui: “Não há embasamento bíblico para esse ‘evangelho autoajuda’, que exalta o homem como se ele tivesse alguma importância. O louvor ao homem é feito pelo Humanismo e não pelo Cristianismo. A fé cristã trata do louvor e da glória exclusivos de Deus” (FRANCO, 2016).

- **“Qual é o ponto, Ariovaldo?”** (16 abr. 2016, total de comentários): Texto de Thiago Oliveira em que dá sua opinião sobre postagem no *Facebook* de Ariovaldo Ramos, principal expoente da Teologia da Missão Integral no Brasil. O referido *post* consiste em um vídeo com o pronunciamento da presidenta Dilma Rousseff sobre o processo de impedimento de seu governo, acompanhado da legenda: “Esse é o ponto!”. Desde o início da disputa política o líder religioso declarou-se como defensor “da democracia e contra o golpe” e encabeça movimento entre os evangélicos que se opõem ao impeachment, lançando inclusive um “Manifesto de Evangélicos pelo Estado de Direito - Iniciativa do Missão na Íntegra” (MISSÃO NA ÍNTEGRA, 2016). Em resposta, o autor do comentário discorre sobre o que julga serem mentiras no discurso da presidenta, atribui à mesma crimes de responsabilidade fiscal, aponta incoerências do governo do Partido dos Trabalhadores - PT, defende o impedimento como legítimo e, por fim, questiona as preferências políticas do Pr. Ariovaldo. “Por que um pastor ainda replica essas mentiras? Cadê o *ethos* do cristianismo? Foi engolido pela ideologia? Maldita intoxicação política! Sabe qual é o ponto, caro Ariovaldo? A nossa lealdade política [...] não pode concorrer com a lealdade ao Evangelho” (OLIVEIRA, 2016).

- **“Bela, recatada e do lar – Você acha que é bonito ser feio?”** (22 abr. 2016, total de oito comentários): Posicionamento da blogueira Renata Veras, do blog *Mulher em Apuros*, à polêmica em torno do artigo publicado na revista *Veja* de 18 de abr. 2016 com o título: “Marcela Temer: bela, recatada e ‘do lar’” (LINHARES, 2016), que discorria sobre o cotidiano da esposa de Michel Temer, o (então) vice presidente do Brasil (que assumiu a presidência em 12 de maio de 2016, após afastamento da presidenta Dilma Rousseff) e seu relacionamento conjugal, promovendo-a como um “tipo feminino ideal”. A autora do comentário se indigna com os que reprovaram a reportagem, e defende cada um dos adjetivos mencionados, inclusive com versículos bíblicos. “O movimento [feminista] que conseguiu

convencer as mulheres de que liberdade e felicidade só seriam conseguidas através da completa libertinagem. [...] Beleza, recato e domesticidade não são valores opressores, limitadores e discriminatórios” (VERAS, 2016; *acréscimo nosso*).

- “**A oração na madrugada é mais eficaz por que a fila é menor?**” (19 mar. 2014, total de comentários): Leonardo Dâmaso desmente a crença bastante popular no cenário evangélico pentecostal e neopentecostal de que a oração feita durante a madrugada é mais eficaz do que a oração feita em outros períodos do dia. Após uma longa análise de alguns textos bíblicos que mencionam orações feitas no horário mais cedo do dia, o autor conclui: “Deus nos orientou em sua palavra que devemos praticar a oração de forma constante, sem cessar. [...] O poder não está na oração e no horário em que são feitas, mas no Deus que ouve e responde as orações” (DÂMASO, 2014).

#### 4.1.6. *O Tempora! O Mores!*

“*Que tempos os nossos! E que costumes!*”

- Cícero<sup>205</sup>

Em dezembro de 2005 foi postado o primeiro texto no blog *O Tempora! O Mores!*, página que hoje conta com 3,5 mil seguidores e mais de 3 milhões de visitantes. O blog foi criado e é gerenciado por três representantes da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB): Dr. **Augustus Nicodemus Lopes**, pastor da Primeira Igreja Presbiteriana de Goiânia - GO, vice-presidente do Supremo Concílio da IPB e presidente da Junta de Educação Teológica; **Solano Portela**, que é escritor, teólogo, pregador e professor na Igreja Presbiteriana de Santo Amaro - SP, e diretor educacional dos Colégios Presbiterianos Mackenzie; e o Dr. **Mauro Meister**, que pastoreia a Igreja Presbiteriana da Barra Funda, em São Paulo - SP, preside o Conselho de Educação Cristã e Publicações da IPB e atua como diretor executivo da Associação Internacional de Escolas Cristãs (ACSI).

Augustus Nicodemus foi um dos líderes evangélicos citados na reportagem, sobre a qual teceu comentários em seu blog: “Eu não me considero um ‘novo evangélico’ e sim um bem antigo, com raízes históricas na Reforma do séc. XVI e teológicas nas Escrituras Sagradas. Não tem nada de ‘novo’ em nosso desejo de ver o antigo Evangelho ser pregado

---

<sup>205</sup> Tradução do título do blog *O Tempora! O Mores!*.

corretamente em nossa pátria” (LOPES, 2010). O pastor também apontou diversas incoerências históricas, sociológicas e teológicas da matéria, mas reconheceu que de certa forma a publicação representou algum progresso no reconhecimento dos evangélicos perante a sociedade: “O artigo representa um avanço na maneira como a mídia em geral trata os evangélicos, como se fossem todos farinha do mesmo saco. E farinha imprestável” (LOPES, 2010). A reportagem “reuniu depoimentos de líderes evangélicos de diversos segmentos [...] e mostrou como todos eles concordam numa coisa: sua rejeição às doutrinas e práticas das igrejas neopentecostais e o desejo por uma mudança profunda nos atuais rumos da igreja evangélica brasileira” (LOPES, 2010).



**FIGURA 12 - Captura da página inicial do blog *O Tempora! O Mores!***

Fonte: LOPES, PORTELA & MEISTER, 2016.

Segundo a descrição da página, o blog é voltado a “reflexões fortuitas de alguns calvinistas sobre praticamente tudo, com destaque a temas de religião, cultura e valores morais”. O blog *O Tempora! O Mores!* exhibe sessões como: “Nossas indicações”, “Links e sites importantes”, “Blogs fraternos”, “Links de conteúdo”, “Bibliografia Reformada Básica” e “Educação Cristã - Bibliografia”, onde fazem referência a livros, textos, sites e blogs com as mesmas convicções religiosas e que, por isto, recomendam aos leitores. No blog consta também uma página com o texto em inglês da “Declaração de Fé da Fraternidade Reformada

Mundial”, organização que promove a união entre igrejas reformadas calvinistas conservadoras em todo o mundo. Dos quase 700 textos do blog, constam entre as “postagens populares”:

- **“Amy Winehouse e Lula”** (23 jul. 2011, 96 comentários): Texto de Augustus Nicodemus, com uma reflexão sobre a morte por overdose da famosa cantora Amy Winehouse, aos 27 anos; mas também sobre uma declaração do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva: “Bobagem, isso que inventaram que os pobres vão ganhar o reino dos céus. Nós queremos o reino agora, aqui na Terra. [...] O rico já está no céu, aqui. Porque um cara que levanta de manhã todo o dia, come do bom e do melhor, viaja para onde quer, [...] esse já está no céu” (LOPES, 2011b). O reverendo compara as duas situações e conclui: “Caro Luiz Inácio, o inferno não está ausente na vida das celebridades, dos milionários e dos poderosos. [...] Eu também posso lhe apresentar gente pobre que é feliz, que tem um casamento abençoado, filhos honestos. [...] Céu e inferno não se definem em termos de riqueza e pobreza” (LOPES, 2011b).

- **“Como assim, ‘não toqueis no ungido do Senhor...’?!”** (8 abr. 2013, 30 comentários): Augustus Nicodemus interpreta algumas passagens bíblicas que trazem a expressão “não toqueis nos ungidos do Senhor”. Em muitas igrejas evangélicas essa frase tem sido interpretada como um princípio bíblico referente aos pastores e líderes a ser cumprido em nossos dias, indicando que tais lideranças não podem ser acusadas, questionadas, contrariadas, criticadas ou combatidas. Após a exposição e análise dos textos bíblicos, o reverendo conclui “os verdadeiros ungidos por Ele [Deus] para o trabalho pastoral não respondem às discordâncias, críticas e questionamentos calando a boca das ovelhas [...] mas com trabalho, argumentos, verdade e sinceridade” (LOPES, 2013; *acréscimo nosso*).

- **“Respostas a Argumentos Usados em Favor da Ordenação de Mulheres”** (23 jan. 2014, 58 comentários): O pastor Nicodemus dessa vez busca analisar e refutar, baseando-se, nos escritos bíblicos, os principais argumentos empregados em favor da ordenação feminina para o ministério pastoral. No texto ele defende o modelo bíblico de patriarcado, argumenta que as mulheres, embora não sejam inferiores aos homens, têm, contudo, papéis distintos determinados por Deus e que “o ensino de que as mulheres devem estar submissas à liderança masculina nas igrejas e na família, sem ocupar posições de liderança e governo, é o princípio permanente e válido para todas as épocas e culturas” (LOPES, 2011c).

- **“Agora gays podem casar na igreja presbiteriana dos Estados Unidos (PCUSA)”** (20 jun. 2014, 23 comentários): Nicodemus comenta a sobre a aprovação da alteração na sua

Constituição da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (PCUSA), que em vez de “o casamento é entre um homem e uma mulher”, passou então a dizer “o casamento é entre duas pessoas”, alteração feita para acomodar os casais homossexuais que desejam ter cerimônia religiosa realizada por pastores/pastoras presbiterianos. No texto ele faz questão de diferenciar a denominação norte-americana da corrente presbiteriana brasileira da qual faz parte, e também reprovava a atitude da PCUSA: “Esse é mais um passo na direção da apostasia. [...] Ela traiu sua herança presbiteriana e o que é mais importante, traiu o Cristianismo bíblico. O reverendo atribui a mudança da instituição religiosa à sua abertura para o ensino do liberalismo teológico, visão doutrinária que, segundo ele, coloca as escrituras bíblicas debaixo da crítica histórica e cultural, diminuindo o seu *status* de palavra de Deus. Por fim, o pastor alerta para a possibilidade de fenômeno semelhante ocorrer nas igrejas do Brasil: “O campo está sendo preparado no Brasil para que em breve evangélicos passem a considerar a homossexualidade como sendo uma questão pessoal e secundária, abrindo assim a porta para ordenação de gays [...] e para a realização de casamento gay nas igrejas” (LOPES, 2014).

- **“Carta a Um Jovem Evangélico que Faz Sexo com a Namorada”** (23 jul. 2008, 90 comentários): Mais um texto de Augustus Nicodemus, dessa vez uma carta a um jovem fictício, aconselhando-o a que interrompa as relações sexuais pré-maritais, prática que ele considera como “imoralidade sexual”. Para defender sua posição, o autor argumenta, fundamentado em versículos da Bíblia, que o casamento é “o procedimento padrão, legal e estabelecido por Deus para pessoas que desejam viver juntas. [...] Adultério, prostituição e fornicação, embora tendo nuances diferentes, têm em comum o fato de que são relações sexuais praticadas fora do casamento” (LOPES, 2008)

## 4.2. Visão detalhada da blogosfera protestante brasileira

*“1. Enquadrar (assunto) em close-up. 2. Mostrar ou representar como que de muito perto, ou com detalhes. 3. Ver de perto; (ir até um lugar para) saber pessoalmente ou presenciar diretamente o que acontece.”*

*- Definição de ‘dar um close’ no dicionário<sup>206</sup>*

A partir da definição do *corpus* ampliado, a pesquisa prossegue na definição do *corpus restrito*, para a análise das postagens destes blogs protestantes. O primeiro passo é a seleção de determinado período temporal; neste caso, optamos por observar apenas o conteúdo produzido nestas páginas da web no **mês de outubro do ano de 2010**. O ano de 2010 foi escolhido por três motivos principais: 1) *2010 foi o ano da reportagem da revista Época*, matéria que registrou um período de florescimento desta blogosfera protestante, que fez menção a vários indivíduos e grupos minoritários, porém influentes no campo evangélico e que, por estas razões, motivou a presente pesquisa; 2) *2010 foi o ano do último Censo do IBGE sobre as religiões*, o retrato mais atualizado e completo até o presente momento sobre o campo religioso nacional, e que apontou para importantes mudanças no cenário evangélico brasileiro; por ter sido 3) *2010 foi ano de eleições nacionais*, momento crucial para o país, inclusive pela grande participação dos evangélicos no contexto político, com seus líderes engajando-se em vários postos de poder (nas câmaras, nos governos, e até na concorrência pela presidência da república, através da candidata evangélica Marina Silva) e suas convicções religiosas influenciando os mais diversos campos sociais. O mês de outubro foi escolhido também por três razões principais: 1) *outubro foi o mês crucial do período eleitoral*, com o primeiro turno ocorrendo no dia 3 e o segundo turno no dia 31; 2) *outubro é considerado o mês da Reforma Protestante*, que completou 493 anos no dia 31 de outubro de 2010; 3) *outubro é posterior à data da reportagem “Os novos evangélicos” da revista Época*, mais precisamente dois meses depois, de modo que a discussão sobre a matéria já não mais era pauta dos *posts* nestes blogs aqui analisados.

A partir da definição deste recorte temporal, obtivemos 243 *posts* em outubro de 2010, divididos nos seis blogs protestantes: 48 no *Púlpito Cristão*; 9 no *VeShame Gospel*; 118 no *Genizah*; 26 no *Crentassos*; 39 no *Bereianos*; e 3 no *O Tempora! O Mores!* (cf. APÊNDICE D - Tabelas 4 a 9). Seleccionadas as postagens, o passo seguinte é proceder a uma análise mais

---

<sup>206</sup> AULETE, 2016.

aprofundada deste conteúdo, que se apresenta em diferentes formatos (texto, imagem, charge, vídeo, *podcast*, etc.) e gêneros (notícia, crônica, argumentação filosófica, artigo de opinião, resenha, infográfico, reportagem, entrevista, etc.). O método que aqui propomos para observação detalhada destas páginas que representam a blogosfera protestante brasileira é a identificação da recorrência dos *topoi* discursivos segundo alguns critérios:

- a) **Mapear as temáticas mais recorrentes** nos textos (política, humor, arte, cultura, teologia, etc.);
- b) **Localizar os maiores alvos das críticas** (personalidades, instituições, ideologias, doutrinas, práticas, etc.);
- c) **Identificar as principais propostas de mudança** para a igreja evangélica brasileira, sugeridas pelos autores no contexto das correntes religiosas em que estão inseridos.

#### 4.2.1. Temas das postagens

*“Tanta coisa sobre o que dizer...  
Tudo é tema, visto a olho nu...  
Mas a pena escreve apenas:  
J-E-S-U-S.”*

*- Stênio Március, ‘Palavra Poema’*

Embora o propósito central dos blogs protestantes seja a discussão sobre a temática religiosa, esta abordagem, no entanto, pode ser realizada das mais diversas formas, cada uma delas refletindo a personalidade destas páginas. De tal modo que é possível “afirmar que há tantos tipos de páginas quanto há vários tipos de blogueiros, afinal de contas ‘cada cabeça é um mundo’” (SILVA, 2013, p. 47). Assim, quer miremos o fenômeno religioso a partir de diferentes pontos de vista, quer observemos diferentes fenômenos a partir de uma visão religiosa, os blogueiros protestantes estão todos conectados (ainda que não oficialmente agrupados) por um mesmo “espírito”, que se expressa em variadas formas de atuação<sup>207</sup>.

Portanto as páginas protestantes podem ser decompostas em algumas categorias, de acordo com o tipo de enfoque acerca do tema religião. Partindo de uma observação das postagens referentes a outubro de 2010, definimos alguns temas secundários (já que o tema

<sup>207</sup> “Há diferentes tipos de dons, mas o Espírito é o mesmo. Há diferentes tipos de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. Há diferentes formas de atuação, mas é o mesmo Deus quem efetua tudo em todos” (Primeira epístola de Paulo aos Coríntios 12:4-6).

primordial é, obviamente, a religião). Estes subtemas dos blogs foram determinados a partir do modelo de um jornal impresso, que se compõe de várias editorias, de acordo com os conteúdos e abordagens mais comuns (política, economia, cultura, arte, notícias internacionais, coluna social, comportamento, etc.). Este tipo de subdivisão foi o que melhor se ajustou ao tipo de informação encontrada nos blogs aqui selecionados, os quais, por funcionarem como meios de comunicação produzidos coletivamente, guiados por uma visão editorial oficial (protestantismo) e voltados para um público interno (os membros das igrejas evangélicas, especialmente), podem também ser considerados como uma espécie de mídia “institucional” religiosa (sim, entre aspas, pois, como se observa, estas páginas não representam uma instituição religiosa específica, embora se identifiquem com as ideias de determinadas correntes religiosas e se dediquem a defendê-las e promovê-las). Assim, apropriamo-nos destas editorias jornalísticas padrão para, com as devidas adaptações e metaforizações, demonstrar aqui as temáticas mais recorrentes na blogosfera protestante brasileira no período selecionado (cf. APÊNDICE D), quais sejam:

**1) POLÍTICA.** (37 de 243 postagens = 15%) Tendo sido o mês aqui escolhido (outubro) o momento decisivo do processo eleitoral em 2010, que mobilizou todos os setores da nação para a escolha dos representantes nas assembleias legislativas e cargos executivos estaduais e federais, esta pauta política, conseqüentemente, não foi menos importante para os grupos religiosos, que se dedicaram fervorosamente aos debates eleitorais. De modo que a temática política é uma das mais abordadas também nos blogs protestantes no referido período. Obviamente que esta discussão é realizada sob uma ótica religiosa, se concentrando principalmente nas pautas morais e nas posições ideológicas dos candidatos e conferindo uma posição secundária aos demais temas: economia, saúde, educação, infraestrutura, assistência social, cultura, etc. Nos blogs que dedicaram mais postagens à discussão política sazonal, o assunto foi assinalado pela etiqueta “Eleições 2010”, como é o caso do *Púlpito Cristão*.

**2) NEGÓCIOS (DA FÉ).** (24 de 243 postagens = 10%) Uma temática bastante recorrente nos blogs protestantes brasileiros é a discussão sobre os fatos relativos ao “mercado religioso”, ou seja, àquelas atividades espirituais que, paradoxalmente, se destinam à geração de lucros. Este tipo de comercialização do sagrado não é nenhuma novidade, mas tem se fortalecido nos últimos tempos na igreja evangélica brasileira devido a dois fenômenos principais: 1) a emergência das igrejas neopentecostais que operam como verdadeiros “empreendimentos religiosos” (CAMPOS, 1997), uma vez que se estruturam não mais como

igrejas, mas sim como empresas; e 2) o estabelecimento do “mercado gospel”, destinado à produção, distribuição e consumo de bens e serviços religiosos e para o público evangélico. No blog *VeShame Gospel*, esta pauta “econômica” está organizada na *tag* “Comércio da Fé”.

**3) COMPORTAMENTO (CRISTÃO).** (78 de 243 postagens = 32%) Outro número considerável de *posts* da blogosfera protestante é dedicada à promoção do padrão protestante de moral e bons costumes, numa abordagem mais direta, compartilhando argumentos e evidências de que a cosmovisão cristã seria a melhor e mais verdadeira (apologética clássica). Tais produções são conhecidas nos meios cristãos pelo nome de “devocionais”, que consistem basicamente em reflexões sobre a espiritualidade e a vida do cristão, geralmente baseados em trechos bíblicos, que são interpretados e adaptados ao contexto do fiel. Este tipo de exposição bíblica serve para aconselhamento sobre desafios cotidianos, correção de erros de conduta e promoção de um padrão cristão de pensamento, moral e bons costumes (ortodoxia). Tais textos podem ser de variados gêneros textuais (crônicas, artigo de opinião, testemunho, etc.) e geralmente estão agrupados nestes blogs pelas *tags* “Comportamento”, “Devocional”, “Reflexões Profundas”, “Para Refletir”, entre outras.

**4) PATRULHA (BÍBLICA).** (28 de 243 postagens = 11,5%) Grande parte das postagens dos blogs protestantes é dedicada justamente ao “protesto”: denúncia, exortação, reprovação e confrontação às ideologias, grupos e práticas anticristãs. Estes textos são de postura visivelmente ofensiva, destinados, sobretudo, a apontar e desmascarar os desvios no padrão estabelecido (heterodoxia). Tais escritos se encaixam no tipo de apologética que executa uma defesa da religião por meio de uma postura de negação, onde os apologistas são vistos como soldados e guerreiros batalhando contra os “crimes religiosos” e pela segurança da fé. A contestação das seitas e heresias é *tag* em vários blogs, como: “apologética - pressuposicionalismo”, “falsas doutrinas”, “seitas e heresias”, “apostasia” e “denúncias”.

**5) MUNDO (NÃO-CRISTÃO).** (11 de 243 postagens = 4,5%) Nos veículos seculares a seção do “Mundo” corresponde a informações internacionais, sobre eventos estrangeiros ao país onde está sediado o meio de comunicação. Porém nos meios evangélicos a expressão “do mundo” indica toda a cultura secular, ou seja, tudo aquilo que não é cristianismo. No Novo Testamento a palavra “mundo” aparece como tradução de dois termos gregos, *κοσμος* (*kosmos*) e *αιων* (*aion*), significando “governo”, “sistema”, “século”, “espírito da época”, “geração”, “humanidade” e “afazeres e bens terrestres” (STRONG, 2002, p. 1170, 1471 e

1810), porém carregando uma conotação bastante negativa: o “mundo” é chefiado por Satanás e, por isto, alienado de Deus, incrédulo, pagão e hostil à causa de Cristo<sup>208</sup>. Por conseguinte, no caso dos blogs protestantes, consideramos como “do mundo” aquelas discussões que não tratam de assuntos “domésticos” à cultura cristã, mas que abordam a cultura que lhe é “estrangeira”, bem como as relações entre ambas (sejam de diplomacia ou de conflito). Entre os tópicos que abordam esta temática estão: “Pós-modernidade”, “Cultura”, “Secularismo”, “Música Secular” e “Mundanismo”.

**6) ENTRETENIMENTO.** (29 de 243 postagens = 12%) Histórias em quadrinhos, charges, piadas, curiosidades, ilustrações e poesias com temáticas religiosas foram elencadas na categoria “entretenimento”, que nos blogs protestantes aparece nas *tags* “Curiosidade”, “Humor”, ou naquelas que trazem títulos cômicos, como “Não ouço nem à pau”, “De arrancar o sabiá do tôco” [*sic*] (ambas no *Púlpito Cristão*) “Da série Brasil Alfabetizado”, “Enquanto isso na sessão do descarrego...”, “Ah, o passado, esse troço que ninguém apaga...” (no blog *VeShame Gospel*), entre outras.

**7) COMUNICADO.** (19 de 243 postagens = 8%) Avisos, declarações ou informações oficiais da equipe editorial do blog destinadas ao conhecimento público. Os comunicados podem divulgar eventos (palestra, curso, entrevista, congresso, etc.), convocar para campanhas (sorteios, abaixo assinado, mobilização humanitária, campanha de oração, etc.), anunciar acontecimentos oficiais (novos colunistas, novas parcerias, participação dos editores em eventos, etc.). Em alguns blogs este tipo de conteúdo é marcado pelas *tags* “Papo de blogueiro”, “avisos do blog”, etc.

**8) CELEBRIDADES (GOSPEL).** (22 de 243 postagens = 9,5%) Se no jornalismo um dos critérios de noticiabilidade é a referência a pessoas que integram a elite e o poder, o mesmo pode ser dito em relação aos blogs protestantes, onde as personalidades ricas, poderosas, famosas e influentes do mundo da religião (especialmente da igreja evangélica brasileira) recebem uma maior cobertura noticiosa. Esta espécie de “coluna social gospel” divulga informações (e, muitas das vezes, até boatos) sobre pastores, bispos, reverendos,

---

<sup>208</sup> Deste modo os cristãos, baseados nos textos bíblicos, consideram-se como “estrangeiros e peregrinos no mundo” e pertencentes a uma outra “nação eleita”, “geração santa”, “povo exclusivo de Deus” (BÍBLIA - Primeira epístola de Pedro 2:9 a 11), aconselhados a fugir das filosofias, tradições e princípios mundanos (BÍBLIA - Carta de Paulo aos Colossenses 2:8), ao mesmo tempo em que são exortados a permanecer no mundo (BÍBLIA - Evangelho segundo João 17: 14 a 18) desenvolvendo um estilo de vida diferenciado (BÍBLIA - Carta de Paulo aos Romanos 12:1 e 2).

padres, cantores, e até mesmo “apóstolos”, “profetas” e “patriarcas” modernos, os quais se tornam os principais alvos das postagens em tais blogs, que também lhes dedicam alguns marcadores, como “Apostolado Contemporâneo”, “Falsos Profetas” e “Liderança”.

**9) CULTURA E ARTE.** (18 de 243 postagens = 7,5%) Análise ou recomendação de produtos ou eventos de arte que sejam cristãos (produzidos por cristãos) ou “cristianicamente aprovados” (produzidos por não-cristãos, mas que representem e/ou não transgridam a cosmovisão cristã). Entre as produções artísticas (religiosas ou seculares) divulgadas e/ou analisadas (por meio de resenhas ou reflexões) nos blogs estão: livros, músicas, blogs, filmes, eventos, programas de TV, etc. Vale ressaltar que a indicação cultural pode ser solicitada (anúncio pago ou gratuito) e/ou espontânea (os editores recomendam por experiência e aprovação próprias). As dicas culturais geralmente aparecem nos blogs sob os marcadores: “dica do *Genizah*”; “divulgação” (no blog *Púlpito Cristão*); “Músicas do Mundo q me Edificam” [*sic*], “FilmaSSos” [*sic*], Frases pra pensar (no blog *Crentassos*), entre outros.

Obviamente que, dependendo do blog, a ênfase pode ser dada em um destes temas. São os casos do *Púlpito Cristão*, cuja abordagem foi mais centrada na temática “política” (33% dos *posts*), do *Genizah*, que trata principalmente do “comportamento cristão” (46% do total), do *Bereianos*, cujo destaque se dá na “patrulha bíblica” (quase 50% das postagens), e do *Crentassos*, que aborda mais frequentemente recomendações de “cultura e arte” (33% dos textos). (O número de postagens no *VeShame Gospel* e *O Tempora! O Mores!* é insuficiente para determinarmos alguma tendência temática). Além disso, é importante destacar que algumas postagens foram mais difíceis de categorizar, seja por abordarem mais de um assunto no texto (neste caso, dedicamos mais de uma categoria), seja por não se encaixarem perfeitamente em nenhuma das seções aqui definidas. Outra observação importante é que não há nos blogs protestantes uma separação estrita entre fatos e opiniões. Muito raramente uma notícia vem desacompanhada do comentário, até mesmo porque, por se tratar de uma mídia “institucional” religiosa, ela irá reproduzir a ideologia da corrente religiosa a que segue o corpo editorial.

#### 4.2.2. Alvos dos protestos

*“Eia, ao combate, vós, ó crentes;  
Os inimigos destroçar!  
Em cada dia, o que confia  
Ao lado de Jesus lutar!  
Eia, ao combate, firmes, fortes  
E corajosos, avançar!  
O Onipotente é suficiente  
Para à vitória nos guiar!”*

- *‘Eia, ao combate!’*, Hino 474 - Cantor Cristão

Sendo “protestantes”, os blogs têm por propósito fundamental exercer o “protesto” contra aquilo ou aqueles a que se contrapõem, manifestando, portanto, uma postura bem mais ofensiva que defensiva. Embora sustentem que sua batalha é absolutamente espiritual, não raras vezes os cristãos elegem alvos bastante reais e concretos para seus ataques: são ideologias, governos, instituições, religiões, indivíduos e até mesmo outros cristãos: tudo e todos que eles julguem estar fora dos padrões do “cristianismo puro e simples”. Por conseguinte, os próprios blogueiros protestantes, “também acabam sendo geradores de conflitos. Eles funcionam como uma ponte entre a comunidade religiosa e a sociedade, podendo atuar tanto como ponto de equilíbrio destas tensões, mas também como epicentro gerador das mesmas” (SILVA, 2013, p. 41). A partir da observação das 243 postagens de outubro de 2010, prosseguimos a análise elencando em cada uma delas os maiores pontos de contestação (cf. APÊNDICE D). A partir de um cruzamento destes dados, obtivemos aqui um inventário daqueles que são considerados os principais “inimigos” da fé cristã, de acordo com esses blogueiros que se autoproclamam porta-vozes e defensores do cristianismo bíblico. Para uma melhor visualização, organizamos os alvos dos protestos em algumas categorias:

1) **SECULARIZAÇÃO.**<sup>209</sup> Conforme anteriormente observado, o conflito entre o cristianismo e a sociedade secularizada é uma constante. A palavra “secularização”, oriunda do latim *saeculum*, que significa “século”, “época”, com o tempo adquiriu também outros

<sup>209</sup> Secularização, numa breve definição, consiste em um movimento de aproximação cada vez maior dos fenômenos religiosos com as práticas laicas, promovendo uma reconfiguração da religião. Porém o desenvolvimento de uma “ação religiosa progressivamente voltada para este mundo” (WEBER, 2000, p. 279), se dá paralelamente a um “mundo cada vez mais afastado da ação religiosa”, ou seja, a secularização é também “o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos” (BERGER *apud* FIGUEREDO FILHO, 2005, p. 38). De tal forma que, com a secularização, a religião desempenhou papel decisivo para a emergência da modernidade, mas depois, do mesmo modo, “o progresso teria tirado o lugar preponderante da religião no mundo” (MARTINO, 2005, p. 25).

significados, como “o mundo”, “a vida do mundo” e “o espírito do mundo”. Mas, nos setores eclesiais, o termo foi largamente difundido com um sentido negativo, como algo mundano e hedonista. Deste modo, para os blogueiros protestantes, tudo que está relacionado à cultura secular pode ser visto como inimigo da fé.

a) **Características atribuídas<sup>210</sup> à sociedade contemporânea.** Entre as noções mais criticadas pelos cristãos, estão: **“moral anticristã” (18 vezes<sup>211</sup>)** (associada a uma tolerância ao pecado, e à libertação para vícios e imoralidade); **“pecaminosidade” (11)** (a “natureza pecaminosa” que foi transmitida a toda a humanidade após o “pecado original”); **“preocupações terrenas” (8)** (em contraste com a espiritualidade); **“relativismo” (6)** (desvalorização da existência de uma verdade absoluta); **“desinstitucionalização” (2)** (sinal de crise para as instituições religiosas); **“pragmatismo” (2)** (vulgarmente considerado como a filosofia que faz das consequências práticas o critério da verdade); **“hedonismo” (3)** (o conceito ético que alega que o prazer é o bem supremo); **“humanismo” (7)** (a crença de que o homem é o valor mais alto do universo); o **“racionalismo” (5)** (conceito epistemológico que ressalta as explicações racionais, neste caso, dispensando a fé), e também o seu oposto **“irracionalismo” (3)** (uma forma final de ceticismo, noção de um universo sem significado e absurdo); **“consumismo” (3)**; **“individualismo” (2)**; **“interesses egoístas” (31)**; **“avidez por novidades” (9)**; **“avidez pela fama” (3)**; a proximidade do fiel com a **“cultura secular” (7)** (ou cultura “do mundo”, mundanismo, secularismo) e, paradoxalmente, também a **“separação entre sagrado e secular” (5)** (em algumas das reflexões mais lúcidas dos blogs esta abrupta ruptura sagrado-profano é considerada como desvantagem, pois institui uma falsa dicotomia entre as duas esferas, distanciando os cristãos das pessoas não-cristãs e da cultura secular sob um falso pretexto de desviar-se de um “mundo pagão”<sup>212</sup>).

b) **Teorias, ciências e sistemas de ideias.** Nas postagens são observadas críticas às **“ciências” (2)** como um todo, sejam elas naturais, como o **“evolucionismo” (2)**, ou humanas, tais como **“psicologia” (1)** e **“sociologia” (1)**. Também são contestados alguns

<sup>210</sup> É importante destacar que se trata de uma associação de ideias que é promovida nos próprios meios cristãos, mas que nem todas estas categorias estão de fato relacionadas entre si. Além disso, muitos destes significados atribuídos partem de um senso cristão comum, e nem sempre correspondem realmente aos conceitos históricos e socialmente construídos. Para algumas destas definições no contexto dos próprios religiosos, contamos com o apoio de *Introdução à Filosofia - uma perspectiva cristã* (GEISLER & FEINBERG, 1996).

<sup>211</sup> O número de ocorrências de cada um das categorias nos 243 textos selecionados funciona apenas como estimativa, não sendo, portanto, uma contagem exata. Em uma só postagem vários temas podem ser alvos de críticas, como também há aquelas críticas que não são tão evidentes, estando implícitas nos textos.

<sup>212</sup> Para Gomes, (2010, p. 27), “nem o religioso é só religioso, nem o profano é só profano. As religiões que afirmam uma postura monocular na realidade fecham para si as condições de possibilidade de falar para o ser humano moderno e para dimensionar corretamente a sociedade que emerge nesse início de milênio”.

sistemas de pensamento tradicionais ou contemporâneos, como: o *“iluminismo”* (1) (movimento intelectual do séc. XVIII, caracterizado pela centralidade da ciência e da razão); o *“marxismo”* (3) (tratado como ideologia ateia, com base nas conclusões de Marx de que a religião é o “ópio das massas”); o *“capitalismo”* (3) (considerado anticristão quando se resume à busca do lucro a qualquer custo, sem justiça e respeito), a *“americanização”* (3) (incorporação irrefletida e irrestrita da cultura norte-americana); a *“autoajuda”* (3) (aponta o indivíduo como capaz de solucionar seus próprios conflitos, excluindo a dependência da ação de Deus); e outras supostas *“ideologias anticristãs”* (5).

2) **HETERODOXIA.** São consideradas heterodoxas as práticas e crenças que são opostas aos padrões, normas ou dogmas estabelecidos por um grupo, neste caso, o grupo da blogosfera protestante, cujos princípios são baseados em dois fundamentos: as escrituras bíblicas e a teologia reformada.

a) **Condutas desaprovadas.** Chama atenção nos blogs principalmente a ênfase dada na condenação de tendências e práticas relacionadas à sexualidade dos indivíduos: *“promiscuidade sexual”* (10); *“adultério”* (2); *“sexo pré-conjugal”* (3); *“relacionamentos amorosos com não-cristãos”* (2)<sup>213</sup>; *“aborto”* (14) e *“homossexualidade”* (11) (mencionada nos blogs como “homossexualismo”) são questões consideradas “desvio de conduta” e “pecado contra Deus”, e que permanecem tabus entre os blogueiros protestantes (assim como entre a imensa maioria dos evangélicos). Outros procedimentos também desaprovados são: *“drogas”* (2); *“consumo de bebidas alcoólicas”* (2); *“destruição da família”* (2); *“mentira”* (9); *“indecência”* (2); *“negligência quanto aos estudos”* (4); *“culto ao corpo”* (2); *“insubmissão”* (2) (obstinação, desobediência e rebeldia contra autoridade, seja humana ou divina); e *“intolerância”* (6) (os cristãos consideram que, numa sociedade que se considera “tolerante”, o cristianismo bíblico não tem sido tolerado).

b) **Condutas desaprovadas no âmbito da igreja evangélica.** Entre as atitudes dos próprios cristãos que são mais criticadas estão: *“disputas religiosas”* (16) (conflitos internos de uma igreja, conflitos entre líderes eclesiásticos, conflitos entre igrejas ou também entre religiões); *“fanatismo”* (5) (quando um religioso é intolerante e não exerce amor ou respeito) e *“alienação política e social”* (10) (quando os cristãos não se engajam em causas pelo bem comum da sociedade). Também são mencionadas práticas

<sup>213</sup> Esta prática é conhecida entre os evangélicos pelo nome de “jugo desigual”, numa referência a BÍBLIA – Primeira epístola de Paulo aos Coríntios 6:14.

consideradas escandalosas para um padrão tradicional de liturgia protestante: **“irreverência no culto”** (11) (“falta de reverência à presença de Deus”); **“emocionalismo”** (3) (valorização das emoções em detrimento da razão, o que pode ser visto em práticas como o “falar em línguas estranhas” e o “batismo com/no espírito”); **“supervalorização do louvor”** (4) (a primazia do momento de adoração musical em relação ao tempo da leitura e exposição do texto bíblico); **“exibicionismo”** (5); etc.

c) **Outras religiosidades.** São condenadas como **“seitas”** (2) tanto aquelas igrejas que são oriundas do cristianismo, como o **“Catolicismo”** (10); as **“Testemunhas de Jeová”** (1); a **“Igreja Mórmon”** (2) (ou Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos últimos Dias); a **“Igreja Adventista”** do Sétimo Dia (3); o **“Reverendo Moon”** (2) (fundador da Igreja da Unificação, na Coreia); como também todas as demais religiões: **“Islamismo”** (2); **“Hinduísmo”** (1); **“Maçonaria”** (1); **“Espiritismo”** (1); **“Religiões Afro”** (5); **“Religiões Orientais”** (1); Movimento **“Hare Krishna”** (1) (associação religiosa derivada do hinduísmo); **“WICCA”** (2) (religião neopagã oriunda de cultos europeus pré-cristãos, conhecida popularmente como “bruxaria moderna”); **“(neo)Paganismo”** (4); **“Religiões Matrifocais”** (1) (religiões baseadas em figuras e princípios femininos); **“Nova Era”** (1) (movimento por uma nova consciência humana, unindo conhecimentos metafísicos, espiritualistas, paracientíficos e animistas); **“Ecumenismo”** (2) (esforços pela união de todas as religiões); e **“outras religiões”** (4).

d) **Crenças desaprovadas em outras religiosidades.** São combatidos os dogmas católicos das **“orações pelos mortos”** (2) (aqui se incluem rituais de necromancia, adoração aos mortos e oração pela salvação de suas almas); da **“crença no purgatório”** (2) (lugar espiritual intermediário entre céu e inferno); da **“idolatria”** (10) (politeísmo, devoção a Maria, aos santos, aos mortos, etc.) e da **“transubstanciação”** (1) (crença de que, na Eucaristia, o pão e o vinho verdadeiramente transformam-se em corpo e sangue de Cristo, respectivamente; os evangélicos acreditam apenas que se trata de um rito memorial). Também há menções recriminativas às crenças relacionadas a outras religiões, como o **“misticismo”** (6) (bruxaria, magia, superstição, religiões rudimentares e primitivas, animismo, etc.); a festa de **“Halloween”** (4); os livros/filmes de **“Harry Potter”** (1) e da **“Saga Crepúsculo”** (1) (considerada exemplos de misticismo e má influência espiritual para crianças e adolescentes).

e) **Crenças desaprovadas no âmbito da igreja evangélica.** Os blogueiros revelam sua tendência autocrítica quando combatem doutrinas que estão presentes em grande parte das próprias igrejas evangélicas brasileiras: **“glossolalia”** (8) (a prática pentecostal

de “falar em línguas estranhas”); **“salvação por obras” (7)** (exigência de boa conduta do indivíduo para que possa alcançar ou manter a sua salvação); **“manipulação do sagrado” (4)** (tentativas de adequar o divino às vontades humanas); **“falta de conhecimento bíblico” (17)** (ignorância e/ou despreparo em relação às escrituras sagradas); **“heresias” (34)** (distorções intencionais, interpretações equivocadas, blasfêmias, noções erradas sobre o divino, etc.); **“cristãos judaizantes” (3)** (introdução de práticas judaicas e veterotestamentárias nas igrejas); **“arminianismo” (2)** (teologia oposta ao calvinismo desenvolvida por Jacobus Arminius, segundo o qual o ser humano tem “livre-arbítrio” para aceitar ou rejeitar a Deus); **“revelações extra-bíblicas” (2)** (tudo que é considerado “palavra de Deus” em pé de igualdade com a bíblia: livros apócrifos, supostas “profecias”, textos sagrados de outras religiões, etc.); e o **“liberalismo teológico” (9)** (movimento acusado de relativizar a autoridade divina e a veracidade da bíblia).

**3) “NEOPENTECOSTALIZAÇÃO”.** Conforme observamos no capítulo anterior, ao se constituírem como mídias religiosas contra-hegemônicas, os blogs protestantes dedicam-se essencialmente à destituição de uma hegemonia religiosa estabelecida, a qual, no contexto atual da igreja evangélica brasileira, tem sido notavelmente o neopentecostalismo. Este movimento religioso tem sido hegemônico tanto por seu maior número de igrejas e fiéis, como também por sua crescente influência na sociedade, através da inserção em esferas anteriormente estranhas aos evangélicos, como a mídia, o mercado, a cultura e a política. De modo que, ao mesmo tempo em que se multiplicam os investimentos das igrejas neopentecostais, também os setores evangélicos mais tradicionais já têm vivenciado fenômenos de “neopentecostalização” em seus próprios quadros eclesiais. Diante de tudo isto, os blogueiros procuram direcionar seus protestos aos mais diversos aspectos do movimento neopentecostal, tais como:

a) **Mercadorização do sagrado.** O mercado religioso é campeão das críticas, conforme se observa nas categorias: **“teologia da prosperidade” (19)** (crença segundo a qual o cristão possui de Deus o direito de obter prosperidade integral nesta vida); **“mercado gospel” (14)** (tudo aquilo que tem sido comercializado com a etiqueta “gospel”); **“entretenimento religioso” (6)** (indústria do entretenimento evangélico, com seus shows, artistas, ritmos, danças, marchas, etc.); **“marketing religioso” (7)** (estratégias publicitárias dos movimentos religiosos) e **“comércio da fé” (36)** (a comercialização de bens e serviços sagrados, prática que não é recente, nem está presente apenas em igrejas

neopentecostais, porém é nestas denominações que recebe ênfase e configuração especiais).

**b) Lideranças e personalidades religiosas.** Muitos líderes evangélicos são considerados pelos blogueiros protestantes como *“falsos profetas”* (28), principalmente em se tratando dos *“pastores midiáticos”* (31), aqueles que têm espaço cativo na mídia convencional, seja por serem pautados constantemente nos noticiários laicos, ou mesmo porque arrendam seus próprios horários na programação, ou ainda por adquirirem seus próprios veículos de comunicação. Entre os mais criticados estão: *“Silas Malafaia”* (9) (líder da Assembleia de Deus Vitória em Cristo); *“Edir Macedo”* (8) (líder da IURD); *“Valdomiro Santiago”* (4) (líder da Igreja Mundial); *“Sonia e Estevam Hernandes”* (2) (líderes da igreja Renascer); *“Marco Feliciano”* (7) (pastor da Assembleia de Deus e deputado federal); *“Manoel Ferreira”* (2) (presidente vitalício da convenção nacional das Assembleias de Deus no Brasil); e *“Morris Cerrulo”* (2) (pastor norte-americano conhecido por suas participações no programa televisivo do pastor Silas Malafaia, no qual sempre aparece fazendo apelos financeiros em troca de profecias de benção e prosperidade).

**c) Movimentos e instituições religiosas.** O *“neopentecostalismo”* (11) como um todo é condenado nos blogs protestantes, mas algumas igrejas em particular são frequentemente mencionadas: *“Igreja Universal”* (10); *“Igreja Mundial”* (3); *“Igreja Renascer”* (3); *“Sara Nossa Terra”* (1); *“Igreja Pentecostal dos Milagres”* (1); *“Igreja Internacional da Graça de Deus”* (1); e o movimento *“G12”*<sup>214</sup>(2). Também são criticadas as igrejas pentecostais que têm se aproximado do movimento neopentecostal: *“Assembleia de Deus”* (1); *“Assembleia de Deus Madureira”* (1); *“Assembleia de Deus Vitória em Cristo”* (2) e *“Igreja Deus é Amor”* (3).

**d) Crenças e práticas.** Além da teologia da prosperidade, outras doutrinas fundamentais do neopentecostalismo também são contestadas, bem como suas expressões práticas: *“demonização”* (5) (obsessão pelo diabo e os demônios, expressa nos cultos de “descarrego espiritual”, nas práticas de “amarrar espíritos”, quebrar “maldição hereditária”, etc.); *“pregação positiva”* (7) (ministração da palavra que enfatiza o pensamento positivo e evita assuntos tabus, como pecado, sofrimento, morte, etc.); *“misticismo evangélico”* (17) (ritos, símbolos e objetos que lembram bastante os rituais mágicos de religiões primitivas: “óleo ungido” [sic], “fogueira santa”, “água do rio

<sup>214</sup> “Governo dos 12”, modelo de crescimento adotado por muitas igrejas, através de “células” menores de doze pessoas, em que cada uma delas deve evangelizar outras doze.

Jordão”, “manto dos milagres”, purificação com sal grosso, etc.); **“atos proféticos” (6)** (o indivíduo, munido da autoridade de “profeta”, encena rituais e faz declarações que apontam para realidades espirituais e que teriam impacto no mundo físico; alguns atos proféticos comuns são: “unção com óleo”; “demarcar territórios espirituais”, “profetizar o fim da corrupção no país”, etc.); **“evangeliquês” (8)** (espécie de “dialeto” característico dos membros das igrejas evangélicas, com termos como “vaso”, “unção”, “tomar posse”, “laço”, “mistério”, “batismo de fogo”, etc.).

**4) POLITICAGEM:** É evidente que a nossa escolha de analisar as postagens do mês crucial no período eleitoral de 2010 conduziu à possibilidade de manifestação de críticas dos blogueiros protestantes relacionadas especialmente à temática político-partidária. E realmente não foram poucos os *posts* que se dedicaram a este tema. No primeiro turno (3 de outubro) a ênfase foi dada aos candidatos evangélicos que disputavam cargos eletivos, inclusive a candidata Marina Silva (na época filiada ao Partido Verde), que concorria pela primeira vez à presidência da república, ficando em terceiro lugar na votação. Já no segundo turno (31 de outubro) os comentários centraram-se na disputa entre os dois concorrentes finais à presidência: José Serra (PSDB) e Dilma Rousseff (PT), com esta última vindo a ser a vencedora das eleições. Entre os tópicos da política que foram maiores alvos de críticas estão:

a) **Mau exemplo dos evangélicos na política.** Os **“políticos evangélicos” (6)** não ficaram imunes às críticas, que também foram direcionadas às suas práticas eleitoreiras: **“falsa religiosidade” (4)**; **“corrupção”<sup>215</sup> (39)**; **“marketing eleitoral” (6)** (utilização do púlpito religioso como palanque eleitoral, igrejas e líderes que apadrinham candidatos; igrejas como “currais eleitorais”, etc.); **“conflitos com as minorias” (3)** (especialmente os movimentos feministas e LGBT); a pretensão de se autointitular **“porta-vozes dos evangélicos” (1)**; bem o direcionamento de **“críticas a Marina Silva” (2)**, considerada por muitos blogueiros como um bom exemplo de política cristã. Também foram alvos de críticas alguns pastores que, enquanto assumiam cargos políticos, tiveram seus nomes envolvidos em casos de corrupção: **“Pastor Amarildo” (1)** (PSC-TO), **“Pastor Armindo” (1)** (PSC-TO), **“André Zacharow” (1)** (PMDB-PR), **“Pastor Jorge Pinheiro” (1)** (PL/DF), **“Takayama” (1)** (PSC-PR).

<sup>215</sup> Referimo-nos aqui tanto à corrupção dentro da própria religião, como também a todas as práticas políticas criminosas: roubo, assassinato, desvio de verbas, associação criminosa, suborno, obstrução de investigação, propina, nepotismo, coronelismo, etc.

b) **Posições atribuídas à esquerda.** Embora o candidato “*Serra*” (5), representante da direita política brasileira, também tenha sido mencionado negativamente nos blogs, mas os grandes alvos das críticas foram realmente a candidata “*Dilma*” (12) e o seu partido “*PT*” (5). Ambos foram, na imensa maioria das vezes, relacionados com algumas pautas atribuídas à esquerda, supostamente oriundas de uma “doutrinação marxista”, tais como: “*assistencialismo*” (2); “*estado gigante*” (2); “*moral anticristã*” (18); “*promiscuidade sexual*” (10); “*aborto*” (14); “*drogas*” (2); e “*homossexualidade*” (11).<sup>216</sup>

c) **Estado religioso.** Em relação ao modelo de governo, foi criticada a associação entre poder político e poder religioso, tanto os benefícios estatais para as instituições religiosas, tais como o “*financiamento público de eventos religiosos*” (1); as “*concessões de emissoras para igrejas*” (3); e os “*feriados religiosos*” (1); mas também, em último caso, a possibilidade de uma “*teocracia*” (1) (nação dirigida por lideranças religiosas, uma espécie de “governo divino”).

d) **Estado antirreligioso.** Em contrapartida, também foi veementemente criticado um modelo de estado que exclua e/ou se oponha à religião, bem como as práticas consideradas de um “estado ateu”, como por exemplo: a “*perseguição religiosa*” (4); a “*censura*” (4); o “*afastamento entre religião e política*” (3); e, paradoxalmente, a “*interferência do estado na família e na igreja*” (1). (Estes cristãos entendem que, por um lado, o governo não deve abolir a interferência da religião em suas decisões, mas, por outro, não pode jamais interferir na liberdade religiosa dos crentes).

e) **Crise político-social.** Entre outras questões que foram objeto das inquietações dos blogueiros estão: “*pobreza*” (5); “*violência*” (5); “*desigualdade social*” (6); “*injustiça*” (4); “*manipulação midiática*” (2); e até mesmo a “*classe média brasileira*” (2).

---

<sup>216</sup> É importante lembrar que as categorias aqui elencadas são uma generalização a partir do conteúdo obtido nos seis blogs protestantes brasileiros mais acessados e sua produção em determinado período (outubro de 2010). Assim, pode haver diferenças na abordagem de cada uma das páginas. O blog *VeShame Gospel*, por exemplo, não tratou sobre os temas de política, sexualidade ou apologética no mês referido, assim, não podemos deduzir qual é de fato a sua posição sobre estes temas.

### 4.2.3. Propostas de reforma

*“Como seria...  
Se ao invés de falar, fizéssemos?  
Se ao invés de sonhar, agíssemos?  
Se ao invés de sentar, ficássemos de pé?  
...[há] tantos jardins pra cultivar,  
[há] tantas sementes pra plantar...”*

**- Revolution band, ‘Revolução do amor’**

Obviamente que a ideologia religiosa não cumpre um papel apenas de provedora de uma visão de mundo que, em face à realidade, pode contestá-la ou reafirmá-la. A religião atua também como “fundamentalmente orientadora das ações sociais. [...] [Assim,] há uma dupla coordenação no sentido religioso do mundo, na forma de uma justificativa completa para as contingências da vida e, mais do que isso, na estruturação da conduta individual legítima” (MARTINO, 2005, p. 39; *acrécimo nosso*). De modo que estes “impulsos práticos de ação que se encontram nos contextos psicológicos e pragmáticos das religiões” (WEBER *apud* MARTINO, 2005, p. 39) nortearão os indivíduos religiosos na formação da sua ética de conduta e nos seus projetos de sociedade ideal. Diante destas observações, partimos novamente dos conteúdos produzidos no período de outubro de 2010 nos blogs protestantes brasileiros mais acessados para definir também categorias relativas às “propostas de ação”, tanto direcionadas à própria igreja evangélica, como também à sociedade brasileira como um todo (cf. APÊNDICE D). Observamos de antemão que, ao contrário das suas críticas, que são direcionadas principalmente a alvos reais e concretos, a ênfase das propostas dos blogueiros protestantes é principalmente espiritual, apresentando sugestões sociais e políticas acanhadas e marcadamente conservadoras.

**1) REFORMA FUNDAMENTADA NA BÍBLIA:** O alicerce das reformas eclesiásticas e sociais propostas pelos blogueiros protestantes permanece sendo a **“bíblia” (52)** (também designada como “evangelho”, “palavra de Deus”, “Escrituras”, “mandamento”, “lei de Deus” etc.), considerada como a palavra inspirada e inerrante de Deus, acima da tradição, da opinião e da filosofia, e, portanto, autoridade única e suficiente para a fé e prática do cristão. Juntamente com as escrituras bíblicas está a **“sã doutrina” (11)** (também referida como “teologia” ou “ortodoxia”), que é o estudo sistemático sobre Deus a partir do que a bíblia ensina, buscando sempre a interpretação correta e rejeitando acréscimos e incoerências. A partir do conhecimento bíblico e teológico, o cristão deve buscar desenvolver sua capacidade

de “*discernimento*” (7). É também através da bíblia que é feita a divulgação da fé cristã, seja na “*pregação*” (21) (exposição da bíblia e da sua doutrina no âmbito eclesiástico ou anúncio do evangelho para a conversão dos não-protestantes).

**2) REFORMA BASEADA NO PASSADO:** As propostas de mudança apontadas pelos blogs protestantes têm como referências indivíduos, organizações e doutrinas estabelecidos numa “era de ouro” da fé cristã/protestante. São considerados bons exemplos de conduta religiosa os “*homens de Deus*” (12) (patriarcas, profetas, apóstolos, pais da igreja, reformadores e pregadores protestantes de outras épocas) e a “*igreja primitiva*” (4) (designação das comunidades cristãs entre os séculos I e IV d.C., da morte e ressurreição de Cristo até a instituição do cristianismo como religião oficial do império romano). Também são apontadas como “sãs doutrinas” a “*teologia reformada*” (5) (sistema de crenças desenvolvido na época da Reforma Protestante) e a “*teologia da missão integral*”<sup>217</sup> (2) (desenvolvida no início do século XX na América Latina).

**3) REFORMA ESPIRITUAL:** Entre os aspectos espirituais individuais considerados indispensáveis para a transformação da igreja e da sociedade estão: o “*arrependimento*” (11) (confissão e abandono da “conduta pecaminosa”); a “*mudança de vida*” (20) (ou “conversão” ao protestantismo); a “*santidade*” (20) (buscar viver sem cometer pecados e em comunhão com Deus); “*glorificação*” (11) (render glória e adoração somente a Deus); o “*desapego*” (9) (às coisas terrenas e materiais); e a “*oração*” (17). Estas atitudes, contudo, não são desenvolvidas apenas através do desempenho do cristão, mas principalmente por meio do poder divino, através do “*Espírito Santo*” (10), de “*Cristo*” (29), da “*graça*” (9), da “*fé*” (20) e da “*cruz*” (10) (que representa renúncia, sofrimento, morte, mas também ressurreição).

**4) REFORMA MORAL:** Entre os aspectos de comportamento recomendados para uma reforma genuína estão: “*moral cristã*” (12) (conjunto de valores e normas de conduta baseado na bíblia); “*obediência*” (8) (submissão à vontade de Deus); “*comunhão*” (18) (amizade e união com outros que professem a mesma fé); “*serviço*” (10) (trabalho voluntário dedicado a Deus e em benefício do próximo); “*denúncia*” (9) (protesto público contra o erro); e até mesmo “*mudança de igreja*” (1) (em caso de clara discordância com a ortodoxia) ou

<sup>217</sup> Esta proposta foi feita apenas no blog *Crentassos*. Lembramos que a Teologia da Missão Integral - TMI é uma visão teológica voltada ao engajamento dos cristãos nas mais diversas áreas da vida e que, devido à sua ênfase social, tem sido acusada por muitos grupos evangélicos de possuir ligação com a teoria marxista.

*“disciplina eclesiástica”* (2) (ato da igreja de confrontar o pecado do cristão, e que, caso não haja arrependimento, poderá culminar na exclusão do indivíduo da membresia da igreja).

**5) REFORMA POLÍTICA E SOCIAL:** Entre as sugestões de uma reforma para além do âmbito eclesiástico foram elencadas as seguintes: 1) em relação às atitudes sociais que os crentes devem ter: *“engajamento social”* (21); *“diálogo com a cultura secular”* (4); e *“distribuição da riqueza”* (3); 2) em relação à postura estatal ideal: *“estado laico”* (4); *“estado democrático”* (1); *“estado mínimo”* (1); *“liberdade religiosa”* (7); e *“liberdade de expressão”* (2); 3) em relação à atitude que a sociedade deve assumir: *“mudança social”* (7) (“conversão” da nação aos princípios bíblicos); *“voto consciente”* (6) (no caso, em relação às eleições 2010); e até mesmo *“voto em Serra”* (2) e *“voto em branco”* (1)<sup>218</sup>.

---

<sup>218</sup> Estas duas últimas propostas estiveram presentes no período de outubro de 2010 apenas nos *posts* do blog *O Tempora! O Mores!*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Os abismos por cima dos quais um grande sábio avança a passos tranquilos, como se soubesse do que está falando, mas também confessando que, no fundo, não sabe grande coisa a respeito disso.”*

*- Jacques Derrida<sup>219</sup>*

Quando este trabalho dissertativo foi proposto, lá pelos idos de setembro de 2013, muitas intenções, expectativas e pressuposições nortearam a decisão desta pesquisadora. Podemos citar pelo menos três delas aqui: 1) desmistificar o senso comum de que a igreja evangélica brasileira é uma instituição única e unida; 2) mostrar uma face da igreja evangélica diferente daquela expressão midiática oficial, que tem exibido principalmente o crente neopentecostal como padrão de indivíduo “evangélico”; 3) anunciar o surgimento de movimentos no interior da igreja evangélica que se caracterizam pela contestação (protesto) e revolução (reforma), e que se mobilizam principalmente através da internet. Hoje, quase três anos depois, com o ingresso no mestrado, a mudança para Recife - PE, o novo ambiente universitário (Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco - CAC UFPE), a comunhão em uma nova igreja evangélica (Igreja Presbiteriana no bairro Madalena), os novos relacionamentos, lugares e vivências, os muitos desafios pessoais e acadêmicos, as inúmeras leituras e trabalhos nos campos da religião e da comunicação, a transformação das convicções religiosas e visões de mundo, e, sobretudo, a longa peregrinação de realização desta pesquisa... Todas estas coisas cooperaram para que hoje esta pesquisadora pudesse reconhecer que as coisas não são bem assim.

De fato, a igreja evangélica brasileira é extremamente diversificada, assistemática e repleta de conflitos internos. Também é verdade que, para além dos neopentecostais, existem centenas de outros tipos de crentes, igrejas e fenômenos que carregam a mesma designação de “evangélicos”. Porém, é preciso tomar cuidado com toda e qualquer afirmação de “novidade” e “reforma” em se tratando de movimentos religiosos e, principalmente, deste campo religioso brasileiro de origem protestante. E em relação à “blogosfera protestante” aqui estudada, uma conclusão deste tipo se torna ainda mais equivocada. Sim, pois, conforme demonstram os resultados deste trabalho dissertativo (uma generalização a partir dos dados obtidos nos seis blogs protestantes mais acessados), os “novos evangélicos”, “novos reformadores”,

---

<sup>219</sup> DERRIDA, 2000, p. 46.

“blogueiros protestantes” (ou outro título qualquer que lhes atribuam), enfim, estes movimentos recentes na igreja evangélica brasileira **não são realmente “revolucionários”, nem em termos religiosos, muito menos políticos ou sociais.**

A exposição estatística, histórica e sociológica do protestantismo brasileiro realizada no **primeiro capítulo** desta dissertação aponta para a percepção de que, embora existam diferenças óbvias entre os diversos tipos de evangélicos brasileiros (tradicionais, pentecostais e, sobretudo, neopentecostais), contudo há similaridades que passam despercebidas, e que se tornam extremamente marcantes em momentos críticos. Sim, pois ainda que estes grupos mantenham entre si as discordâncias e conflitos em relação às interpretações e aplicações dos ensinamentos das escrituras sagradas, mas o fundamento religioso permanece o mesmo: a Bíblia como regra de fé e prática. De modo que, ao mínimo sinal de ataque externo a este padrão de verdade, todos os movimentos evangélicos (ou pelo menos a imensa maioria deles) se unem em defesa da fé. Isto pode ser observado em relação a algumas questões que têm sido tratadas de forma polêmica: drogas, aborto, prostituição, homossexualidade, marxismo/esquerdismo, feminismo, evolucionismo, outras religiões, etc. Temas estes capazes de unir até mesmo boa parte dos ditos “blogueiros protestantes” (oriundos principalmente dos grupos evangélicos tradicionais) com aqueles grupos evangélicos que são alvos de suas críticas (pentecostais e neopentecostais, por exemplo), união esta que, mesmo não sendo concreta e integral, mas é certamente ideológica e espiritual. Assim, em se tratando de uma suposta “*revolução religiosa*”, o que vemos é que a blogosfera protestante caracteriza-se não por uma nova proposta eclesial, mas sim por um forte apego às tradições (o cristianismo, os princípios da Reforma Protestante e as escrituras bíblicas).

No **segundo capítulo** deste trabalho observamos que a proclamação de um “fenômeno evangélico revolucionário” em um veículo de comunicação de circulação nacional (revista *Época*, “Os novos evangélicos”, agosto de 2010) pode ter sido produto do alinhamento entre os mais diversos tipos de interesses: *interesses midiáticos*, ao alimentar a eterna disputa entre as Organizações Globo e o grupo Record, da Igreja Universal; *interesses políticos*, ao impulsionar a candidatura de Marina Silva, uma evangélica mais moderada (mencionada positivamente na reportagem, como defensora da separação entre política e religião); *interesses pessoais e religiosos*, no caso, do jornalista Ricardo Alexandre, ao propor a divulgação de uma face mais “pura e simples” da igreja evangélica (ele posteriormente declarou-se membro de uma igreja evangélica tradicional, Igreja Batista Água Viva em Vinhedo); e também, porque não, *interesses culturais e mercadológicos*, ao promover uma cultura evangélica alternativa ao ramo gospel convencional, uma espécie de movimento

religioso “*underground*” que, embora critique o “mercado da fé” dos neopentecostais, não deixa, porém, de comercializar (obviamente que em escala e formato muito distintos) seus próprios artigos religiosos (bandas cristãs alternativas, livros apologéticos, “Bíblia Verde”, blogs protestantes, etc.), que talvez se tornem mais assimiláveis para um público secular intelectualizado, “mais bem informado, universitário, mais culto que os telespectadores que enchem as igrejas populares” (MARIANO *apud* ALEXANDRE, 2010, p. 91).

Embora estes protestantes realmente apresentem um forte potencial de contestação religiosa, esta permanece, no entanto, restrita ao âmbito discursivo, em pouco ultrapassando os limites da pregação eclesiástica, da produção teológica ou da manifestação *online*. O que se tem observado, de fato, no campo religioso brasileiro atual é ainda o florescimento daquela mesma corrente neopentecostal a qual os blogueiros protestantes tanto se esforçam em combater. Basta voltarmos o olhar para os diversos setores da sociedade: *na política*, acompanhamos diariamente a bancada evangélica (considerada a mais conservadora e fundamentalista de todos os tempos) se opondo às conquistas dos movimentos sociais; *na economia*, diante de um cenário de crise financeira, temos um mercado gospel que não tem demonstrado grandes quedas, pelo contrário, tem cada vez mais ampliado seu alcance a novas áreas de investimento; *na cultura*, os evangélicos demonstram sua força promovendo o boicote de produções seculares e a ascensão de arte e cultura “religiosamente correta”; *na mídia*, as igrejas eletrônicas conservam seus lugares cativos na programação das grandes emissoras laicas e persistem na aquisição das próprias concessões de radiodifusão, além de agora também se dedicarem à conquista de seu ciberespaço.

As questões abordadas no **terceiro capítulo** nos permitem deduzir também que há pouca evidência para caracterizar este recente fenômeno evangélico brasileiro como uma “*revolução sócio-política*”. Os blogueiros protestantes, além de não apresentarem engajamento para além do campo religioso, também são bastante acanhados e conservadores em suas visões políticas e projetos de ação social. Obviamente existem aqueles que se arriscam em ações mais concretas que o mero discurso religioso, seja protestando nas ruas, se aventurando na política (ALEXANDRE, 2010, p. 92), ou ainda propondo uma atuação religiosa mais alinhada com a luta dos movimentos populares (a Teologia da Missão Integral, por exemplo). Mas estes ainda são apenas raras exceções; a regra aplicada à imensa maioria dos ditos “internautas cristãos críticos” (à semelhança de grande parte dos evangélicos brasileiros) é ainda aquela tendência protestante tradicional (introduzida através do protestantismo de origem missionária, cf. capítulo 1.2.1.), que se caracteriza por: dogmatismo

teológico, ênfase espiritual, desinteresse pelas causas sociais, inibição política, separatismo, individualismo, tendência ao protesto, entre outros aspectos.

Além disso, os blogueiros protestantes (não todos, mas a maior parte) podem ser considerados uma continuidade moderna e tupiniquim da boa e velha “ética protestante”, a qual, desde a sua gênese, apresenta um alinhamento ao espírito do estado capitalista moderno (WEBER, 2002). A perpetuação desta “estranha aliança do cristianismo [...] com o capitalismo teletecnocientífico” (DERRIDA, 2000, p. 23) pode ser observada nos blogs protestantes pela forte crítica que fazem aos governos de inspiração marxista e às pautas sociais definidas como “de esquerda”, pela identificação ideológica com a cultura anglo-saxã (sobretudo norte-americana), pela defesa de um estado laico, democrático e liberal (que não se oponha à moral cristã e nem intervenha nas liberdades religiosas), pela proposta de minimização do poder estatal em troca de uma maior liberdade para os setores privados (família, igreja, mídia, escola, empresas, etc.), entre outras características. Embora haja realmente algumas críticas destes blogueiros protestantes às consequências do capitalismo (desigualdade social, “americanização”, consumismo, “classe média brasileira”, etc.), mas não se observa a proposição de uma ruptura efetiva com este sistema econômico.

Transportando essa análise do âmbito estritamente religioso para a totalidade da conjuntura social atual, observamos que esta tem sido também a configuração de boa parte dos movimentos digitalmente mediados da atualidade. Embora se caracterizem pelo uso das mídias alternativas, pelo engajamento da população e pela forte contestação ao sistema estabelecido, contudo, no fundo, não rompem com as estruturas mais profundas, alguns até mesmo apresentando alinhamento com elas. Nesta tão proclamada era da tecnologia e da informação, não obstante existam muitos movimentos genuinamente populares e contra-hegemônicos, há outros, porém, que são apenas fruto deste contexto comunicacional contemporâneo, onde a conexão via internet incentiva a publicização de ideias, a aglomeração social e o exercício da crítica. Basta considerarmos as últimas ondas de protestos populares em todo o mundo (“Revoluções coloridas”, “Primavera Árabe”, “Ocupe Wall Street”, etc.) e em solo brasileiro (desde as “Jornadas de junho de 2013”, o movimento “Não vai ter Copa” e a “Primavera das Mulheres”, até os protestos pró-*impeachment* da presidenta Dilma Rousseff e as novas versões das marchas reacionárias “pela intervenção militar constitucional” [*sic*] e “da família, com Deus e pela liberdade”), para percebermos como a internet é uma ferramenta neutra, podendo ser direcionada *ou não* à melhoria social, à justiça e à democracia.

Com base em tudo que foi exposto neste trabalho dissertativo, podemos considerar que, de fato, **nada há de novo na igreja evangélica brasileira**: é apenas mais do mesmo,

embora com uma nova roupagem. Permanecem, entretanto, alguns questionamentos. A religião protestante será algum dia a crença majoritária no Brasil? O neopentecostalismo continuará sendo a corrente evangélica hegemônica? As críticas dos blogueiros protestantes poderão vir a ter algum efeito prático na sociedade? Existe espaço na igreja evangélica brasileira para o desenvolvimento de movimentos de legítima contraposição aos poderes hegemônicos (político, econômico, cultural, religioso, midiático, etc.)? Seria possível um protestantismo direcionado à transformação social pela perspectiva dos grupos subalternos? Enfim, estas são apenas considerações provisórias. Outras mais ainda podem ser desenvolvidas, outros percursos de análise podem ser trilhados, outros dados podem ser acrescentados. Não nos cabem conclusões, deixamos aqui apenas inquietações. E, quem sabe, tal qual sementes, elas germinem, cresçam e floresçam em alguma primavera.

## REFERÊNCIAS<sup>220</sup>

- **BIBLIOGRÁFICAS: Publicações impressas, no todo ou em parte.**

ALBUQUERQUE, Leila Marrach Basto. **Estrutura e dinâmica dos novos movimentos religiosos.** In: Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. SOUZA, Beatriz Muniz; MARTINO, Luís Mauro (orgs.). São Paulo, SP: Paulus, 2004.

ALEXANDRE, Ricardo. **A nova reforma protestante.** In: Revista Época. Edição 638. Rio de Janeiro, RJ: Globo, 9 ago. 2010a.

ALMEIDA, João Carlos; (org.). **Imagem e Semelhança de Deus na Mídia.** São Paulo, SP: Loyola, 2010.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática latina: curso único e completo.** 29. ed. São Paulo, SP: Saraiva, 2000.

ANGE, Daniel. **A Renovação, primavera da Igreja!** São Paulo, SP: Edições Loyola, 1999.

ASSMANN, Hugo. **A Igreja Eletrônica e seu Impacto na América Latina.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

AZEVEDO, Israel Belo de. **A continuidade de uma ruptura.** In: A celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro. São Paulo, SP: Vida Nova, 2004.

BARROS, Ângela & ROBERTO, Cláudio. **Evangélicos de raiz.** Revista de História da Biblioteca Nacional. Edição nº 87. Dez. 2012. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro.

BECKWITH, Francis J.; CRAIG, William Lane; MORELAND, J. P. **Ensaio Apologético: Um estudo para uma cosmovisão cristã.** São Paulo, SP: Hagnos, 2006.

BERGE, Cristina. **Tensão entre os campos religioso e midiático.** In: Mídia e Religião na Sociedade do Espetáculo. MELO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina; ENDO, Ana Claudia Braun (orgs.). São Bernardo do Campo, SP: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.

BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional.** *International Bible Society.* 2. ed. Santo André, SP: Geográfica Editora, 2010. Edição trilingue (espanhol, inglês e português).

BITUN, Ricardo. **Continuidade nas cissiparidades: neopentecostalismo brasileiro.** In: Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro: Pentecostalismo e Neopentecostalismo. FERREIRA, João Cesário Leonel (org.). vol. 2. São Paulo, SP: Fonte Editorial, 2012.

BOFF, Leonardo. **Crise: Oportunidade de Crescimento.** Petrópolis, RJ: Vozes: 2010.

BOMILCAR, Nelson. **Os Sem-Igreja: buscando caminhos de esperança na experiência comunitária.** São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2012.

BONINO, José Miguez. **Rostos do protestantismo latino-americano.** São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

---

<sup>220</sup> De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. (org.). **Católicos, protestantes e espíritas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

CAMPOS, Breno Martins & DOLGHIE, Jacqueline Ziroldo. **Campo cristão brasileiro no século XX: declínio católico, estagnação protestante e crescimento pentecostal**. In: Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro: Pentecostalismo e Neopentecostalismo. FERREIRA, João Cesário Leonel (org.). vol. 2. São Paulo, SP: Fonte Editorial, 2012.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **“Evangélicos de missão” em declínio no Brasil – Exercícios de demografia religiosa à margem do Censo de 2010**. In: Religiões em Movimento: o Censo de 2010. TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. **Protestantismo brasileiro e mudança social**. In: Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. SOUZA, Beatriz Muniz; MARTINO, Luís Mauro (orgs.). São Paulo, SP: Paulus, 2004.

\_\_\_\_\_. **Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

CAMURÇA, Marcelo Ares. **O Brasil religioso que emerge do Censo de 2010: consolidações, tendências e perplexidades**. In: Religiões em Movimento: o Censo de 2010. TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet: Reflexões sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2013.

COLE, 2007. **Igreja Orgânica - Plantando a fé onde a vida acontece**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Habacuc, 2007.

COLEMAN, Dave & JACOBSEN; Wane. **Por que Você Não Quer mais Ir à Igreja? Uma História Sobre o Verdadeiro Sentido do Amor de Deus**. Rio de Janeiro, RJ: Sextante, 2009.

DERRIDA, Jacques. **Fé e saber: as duas fontes da “religião” nos limites da simples razão**. In: VATTIMO, Gianni; DERRIDA, Jacques; *et al* (orgs.). *A religião: o seminário de Capri*. São Paulo, SP: Estação Liberdade, 2000.

DOWNING, John D. H. **Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. 2. ed. São Paulo, SP: Editora Senac São Paulo, 2002.

EAGLETON, Terry. **Ideologia: uma introdução**. São Paulo, SP: Editora da Universidade Estadual Paulista/Editora Boitempo, 1997.

ENDO, Ana Claudia Braun; GOBBI, Maria Cristina; MELO, José Marques de (org.). **Mídia e Religião na Sociedade do Espetáculo**. São Bernardo do Campo, SP: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Jairo & VIZER, Eduardo (orgs.). **Mídia e Movimentos Sociais: Linguagens e coletivos em ação**. São Paulo, SP: Paulus, 2007.

- FERREIRA, João Cesário Leonel (org.). **Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro: Pentecostalismo e Neopentecostalismo**. vol. 2. São Paulo, SP: Fonte Editorial, 2012.
- FIGUEIREDO FILHO, Valdemar. **Entre o Palanque e o Púlpito: Mídia, Religião e Política**. São Paulo, SP: Annablume, 2005.
- FURLAN, Oswaldo Antônio. **Latim para o português: gramática, língua e literatura**. Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2006.
- GEISLER, Norman & FEINBERG, Paul. **Introdução à Filosofia: uma perspectiva cristã**. 2ª ed. São Paulo, SP: Vida Nova, 1996.
- GOMES, José Ozean. **Diversidade religiosa e mídia radiofônica: O uso das rádios comunitárias por instituições evangélicas no Brasil**. In: Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial - Ecclesiocom 2011. Universidade Metodista de São Paulo: SP.
- GOMES, Pedro Gilberto. **A metodologia como problema para a pesquisa de mídia e religião**. In: GOMES, Pedro Gilberto. *Da Igreja Eletrônica à sociedade em midiatização*. São Paulo, SP: Paulinas, 2010.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2006.
- GUERRIERO, Silas. **Novos movimentos religiosos: o quadro brasileiro**. São Paulo, SP: Paulinas, 2006.
- HAFFNER, Paul. **Mistery of the Church**. Herefordshire, England, UK. Gracewing, 2007.
- HARTMANN, Atílio I. **Religiosidades: uma nova agenda pública na construção de sentidos**. In: JAMBEIRO, Oton; BRITTOS, Valério; BENEVUTO Jr., Álvaro (orgs.). *Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia*. Salvador, BA: EDUFBA, 2005.
- HERVIEU-LÉGER, Daniele. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- HEWITT, Hugh. **Blog: understanding the information reformation that's changing our world**. Nashville Tennessee, Estados Unidos: Nelson Books, 2005.
- HOLDER, R. Ward. **John Calvin and the grounding of interpretation: Calvin's First Commentaries**. Leiden, Boston, EUA: Brill, 2006.
- HOOVER, Stewart M.; LUNDBY, Knut. **Rethinking Media. Religion, and Culture**. Califórnia, EUA: Sage Publications, 1997.
- JACOB, Cesar Romero. **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2003.
- JAMBEIRO, OTON. **Condicionantes para uma política de inclusão digital no Brasil**. In: JAMBEIRO, Oton; BRITTOS, Valério; BENEVUTO Jr., Álvaro (orgs.). *Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia*. Salvador, BA: EDUFBA, 2005.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph. 2009.
- JUBRAN, 2004. **A árvore da fé**. Revista Super Interessante. Edição nº 197, São Paulo, SP: Editora Abril S. A., fev. 2004.
- KIMBALL, Dan. **Eles Gostam de Jesus, Mas Não da Igreja. Insights das gerações emergentes sobre a igreja**. São Paulo, SP: Vida, 2011.

- KIVITZ, Ed René. **Outra Espiritualidade: Fé, Graça e Resistência**. São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2006.
- KLEIN, Alberto. **Imagens de Culto e Imagens da Mídia**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2007.
- LEMOS, André. **Cibercultura Remix**. In, Seminário “Sentidos e Processos”. No prelo, São Paulo, SP: Itaú Cultural, agosto de 2005.
- LEWIS, Clive Staples. **Cartas de um diabo a seu aprendiz**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- LIENHARD, Marc. **Martim Lutero: tempo, vida, mensagem**. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 1998.
- LOPES, Augustus Nicodemus. **O Ateísmo Cristão e outras ameaças à igreja**. São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2011a.
- MARIANO, Ricardo. **Neopentecostalismo: Sociologia do Novo pentecostalismo no Brasil**. 4. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2012.
- MARIZ, Cecília L. & GRACINO Jr; Paulo. **As igrejas pentecostais no Censo de 2010**. In: Religiões em Movimento: o Censo de 2010. TEIXEIRA, Faustino; MENEZES; Renata (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia e Poder Simbólico**. São Paulo: Paulus, 2005.
- MASI, Domenico de. **O “princípio protestante”**. In: O futuro chegou: modelos de vida para uma sociedade desorientada. Rio de Janeiro, RJ: Casa da Palavra, 2013.
- MCGRATH, Alister Edward. **Protestantismo: a próxima geração**. In: Revolução protestante. Brasília, DF: Palavra, 2012.
- MEIRELES, Cecília. **Cecília Meireles - Obra em Prosa**. Vol. 1. Rio de Janeiro, RJ: Editora Nova Fronteira, 1998.
- MENDONÇA, Antonio Gouveia & VELASQUES FILHO, Prócoro. **Evolução histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil**. In: Introdução ao Protestantismo no Brasil. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1990.
- MENDONÇA, Antonio Gouveia. **Evangélicos e pentecostais: um campo religioso em ebulição**. In: As religiões no Brasil: continuidades e rupturas. TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- \_\_\_\_\_. **O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas**. São Paulo, SP: Revista USP, set./nov. 2005. nº 67, p. 48-67.
- \_\_\_\_\_. **Protestantismo brasileiro, uma breve interpretação histórica**. In: Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. SOUZA, Beatriz Muniz; MARTINO, Luís Mauro (orgs.). São Paulo, SP: Paulus, 2004.
- MIKLOS, Jorge. **A mídia religiosa e a religião midiática**. In: Ciber-religião: a construção de vínculos religiosos na cibercultura. MIKLOS, Jorge. São Paulo, SP: Ideias & Letras, 2012.
- NERUDA, Pablo. **Odas Elementales**. Santiago, Chile: Pehuén Editores, 2005.
- OLIVEIRA, Catarina Tereza Farias de. **Produção de notícia e valorização de sujeitos, o uso da internet pelos movimentos sociais populares**. In: Comunicação e cidadania: questões

contemporâneas. BARBALHO, Alexandre; FUSER, Bruno; COGO, Denise. (org.). Fortaleza, CE: Edições Demócrito Rocha, 2011.

ORO, Ari Pedro. **O avanço pentecostal e a reação católica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

PAIVA, Raquel. **Minorias flutuantes e ativismo social: Aspectos da contra-hegemonia na sociedade midiaticizada**. In: Comunicação e cidadania: questões contemporâneas. BARBALHO, Alexandre; FUSER, Bruno; COGO, Denise. (org.). Fortaleza, CE: Edições Demócrito Rocha, 2011.

PASSOS, João Décio. **O processo de racionalização religiosa**. In: Como a religião se organiza: tipos e processos. São Paulo, SP: Paulinas, 2006.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Conceitos de Comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor**. In: Comunicação e cidadania: questões contemporâneas. BARBALHO, Alexandre; FUSER, Bruno; COGO, Denise. (org.). Fortaleza, CE: Edições Demócrito Rocha, 2011.

PRANDI, Reginaldo. **As religiões afro-brasileiras em ascensão e declínio**. In: Religiões em Movimento: o Censo de 2010. TEIXEIRA, Faustino; MENEZES; Renata (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROMEIRO, Paulo **Evangélicos em Crise: Decadência Doutrinária na Igreja Brasileira**. 4. ed. São Paulo, SP: Mundo Cristão, 1999.

\_\_\_\_\_. **Decepcionados com a graça: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal**. São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2005.

SAINT-ÉXUPÉRY, Antoine de. **Le Petit Prince**. França: Fólio France, 1999.

SBARDELOTTO, Moisés. **Interações em rituais online católicos**. In: Mídias sociais: saberes e representações. RIBEIRO, José Carlos; FALCÃO, Thiago; SILVA, Tarcísio (orgs.). Salvador, BA: UFBA, 2012.

SCHULTZE, Quentin J. **Evangelical radio and the rise of the electronic church, 1921–1948**. Journal of Broadcasting & Electronic Media. Volume 32, nº 3, pp. 289 a 306. Filadélfia, EUA: Broadcast Education Association, 1988.

SIMIONATTO, Ivete. **Sociedade Civil, hegemonia e cultura: a dialética gramsciana entre estrutura e superestrutura**. In: Comunicação e Culturas do Consumo. BACCEGA, Maria Aparecida (Org.). São Paulo, SP: Editora Atlas, 2008.

SPADATO, Antonio. **Internet entre teologia e tecnologia**. In: Ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos da rede. SPADATO, Antonio; tradução Calcida Rainho Fernandes. São Paulo, SP: Paulinas, 2012.

TEIXEIRA, Faustino & MENEZES; Renata (org.). **Religiões em Movimento: o Censo de 2010**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

TEIXEIRA, Faustino. **O Censo de 2010 e as religiões no Brasil: esboço de apresentação**. In: Religiões em Movimento: o Censo de 2010. TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. 5ª ed. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2005.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

WILLIAMS, Raymond. **Marxism and literature**. Nova York, Estados Unidos: Oxford University Press, 1977.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** Porto Alegre, RS: Sulina, 2003.

YAMAOKA, Eloi. **O uso da internet**. In. DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs.) Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2006.

- **ONLINE: Documentos na Internet**

ALEXANDRE, Ricardo. **Aprofundando a Nova Reforma Protestante**. Blog *Púlpito Cristão*. 14 set. 2010b. Disponível em: <<http://www.pulpitocristao.com/2010/09/aprofundando-nova-reforma-protestante.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

ALMEIDA, Dimas de. **As 95 teses de Martinho Lutero: controvérsia em torno da questão das indulgências**. Caderno de Ciência das Religiões. n° 15. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Portugal: Gráfica Povoense, out. 2008. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernoscienciasdasreligoes/issue/view/620>> Acesso em: 9 mar. 2016.

AULETE. **Dicionário digital Caldas Aulete**. Lexikon Editora Digital. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>> Acesso em: 4 mai. 2016.

BATISTA, Mário Sérgio. **Pelo fruto se conhece a árvore**. In: Ciências da Religião: História e Sociedade, São Paulo: Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2010, v. 8. n° 1, p. 179-197. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/1792/2384>> Acesso em: 10 set. 2015.

BELOTTI, Karina Kosicki. **Ensino Religioso entre Sons e Imagens**. Revista de Estudos da Religião. n° 2, 2004, pp. 37-48. Disponível em: <[www.pucsp.br/rever/rv2\\_2004/p\\_bellotti.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv2_2004/p_bellotti.pdf)> Acesso em: 11 set. 2015.

BEREIANOS, Equipe do. **Quem somos**. Blog *Bereianos*. Disponível em: <<http://bereianos.blogspot.com.br/p/quem-somos.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

BRONSZTEIN, Karla Regina Macena Pereira Patriota. **O Show da Fé: a religião na sociedade do espetáculo - Um estudo sobre a Igreja Internacional da Graça de Deus e o entretenimento religioso brasileiro na esfera midiática**. Tese de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, Recife - PE: 2008. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufpe.br/handle/123456789/9242>>. Acesso em: 16 out. de 2015.

CARLOS JR, Ariovaldo. **Cura gay – Bíblia Freestyle #9**. Blog *Crentassos*. 26 jun. 2013. Disponível em: <<http://crentassos.com.br/blog/2013/06/cura-gay-bfs-9.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

CASTELLS, Manuel. **Communication, power and counter-power in the network society**. International Journal of Communication. Vol. 1, p. 238-266. 2007. Disponível em: <<http://ijoc.org/index.php/ijoc/article/viewFile/46/35>> Acesso em: 21 abr. 2016.

CHAGAS, Tiago. **Renê Terra Nova consagra sua mãe como Apóstola Matriarca do Útero Profético**. Blog *Púlpito Cristão*. 14 mar. 2015. Disponível em:

<<http://www.pulpitocristao.com/2015/03/rene-terra-nova-consagra-sua-mae-como.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

CHIROMA, Livan. **Igrejas orgânicas – mobilidade e reconfiguração religiosa: o caso do “Caminho da Graça”**. Dissertação do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Faculdade de Humanidades e Direito da Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, SP, 2014. Disponível em: <[http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde\\_arquivos/6/TDE-2015-02-27T131346Z-1453/Publico/LivanChiroma.pdf](http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_arquivos/6/TDE-2015-02-27T131346Z-1453/Publico/LivanChiroma.pdf)>. Acesso em: 16 out. 2015.

COSTA, Débora Silva & FRANÇA JR, Luís Celestino. **VeShame Gospel: os novos evangélicos conectados à Internet**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste - Mossoró, RN. 12 a 14 jun. 2013. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2013/resumos/R37-0479-1.pdf>> Acesso em: 5 mai. 2016.

COSTA, Débora Silva & SALMITO, Ricardo Rigaud. **Trajatória para definição do recorte metodológico para o mapeamento das mídias digitais da Região Metropolitana do Cariri**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – João Pessoa, PB, 15 a 17 mai. 2014. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-0315-1.pdf>> Acesso em: 3 mai. 2016.

CRENTASSOS, Equipe do. **Crentassos**. Perfil no *Cast Roller*. Disponível em: <<http://castroller.com/podcasts/Crentassos>> Acesso em: 5 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. **Não me mate de vergonha – hino de louvor e adoração à Ana Paula Valadão**. Blog *Crentassos*. 23 set. 2010. Disponível em: <<http://crentassos.com.br/blog/2010/09/nao-me-mate-de-vergonha-hino-de-louvor-e-adoracao-a-ana-paula-valadao.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

D'ARAÚJO, Ana. **Caio Fábio**. Disponível em: <<http://www.caiofabio.net/caiofabio.asp>> 12 jan. 2009. Acesso em: 5 set. 2014.

DÂMASO, Leonardo. **A oração na madrugada é mais eficaz por que a fila é menor?** Blog *Bereianos*. 19 mar. 2014. Disponível em: <<http://bereianos.blogspot.com.br/2014/03/a-oracao-na-madrugada-e-mais-eficaz-por.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

DIANTE DO TRONO OFICIAL. **Ana Paula Valadão faz oração**. 10 out 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NMVLQ7Kkj5I>> Acesso em: 5 mai. 2016.

FERNANDES, Danilo. **Sou Danilo Fernandes**. Blog *Genizah*. 1 abr. 2009. Disponível em: <<http://www.genizahvirtual.com/2009/04/sou-danilo-fernandes.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. **Hermes C. Fernandes está em franca apostasia**. Blog *Genizah*. 17 mai. 2016. Disponível em: <<http://www.genizahvirtual.com/2016/05/hermes-c-fernandes-esta-em-franca.html>> Acesso em: 20 mai. 2016.

FERNANDES, Hermes. **Ofendido com o transexual crucificado na Parada Gay?** Blog *Genizah*. 8 jun. 2015. Disponível em: <<http://www.genizahvirtual.com/2015/06/ofendido-com-o-transexual-crucificado.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

FRANCO, Pedro. **A cruz e o pecado – uma resposta a André Valadão**. Blog *Bereianos*. 12 abr. 2016. Disponível em: <<http://bereianos.blogspot.com.br/2016/04/a-cruz-e-o-pecado-uma-resposta-andre.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao *Impeachment***. Tese de doutorado do Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Universidade Estadual de Campinas, SP, 1993. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000070022>>. Acesso em: 16 out. 2015.

GENIZAH, Equipe do. **Ativistas do Femen fazem obscenidade com crucifixo em ato contra o Papa no Vaticano**. Blog *Genizah*. 14 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.genizahvirtual.com/2014/11/ativistas-do-femen-fazem-obscenidade.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. **Genizah? Sobre o blog...** Blog *Genizah*. Disponível em: <<http://www.genizahvirtual.com/p/o-nome-pronuncia-se-geniza.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. **Pastor transa com cantora assembleiana e as imagens caem na rede. Os pentecostais piram!** Blog *Genizah*. 21 mai. 2015. Disponível em: <<http://www.genizahvirtual.com/2015/05/pastor-transa-com-cantora-assembleiana.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

GONÇALVES, Alfredo J. **Primavera dos Movimentos Sociais**. América Latina em Movimento *Online*. Alai: Agencia Latinoamericana de Información. 25 set. 2003. Disponível em: <<http://www.alainet.org/pt/active/4642>> Acesso em: 21 abr. 2016.

GONÇALVES, Leonardo. **A Nova Reforma Protestante**. Comentário à reportagem da revista *Época*. Blog *Púlpito Cristão*. 7 ago. 2010. Disponível em: <<http://www.pulpitocristao.com/2010/08/nova-reforma-protestante.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. **Púlpito sim, picadeiro não!** Blog *Púlpito Cristão*. 25 out. 2008. Disponível em: <<http://www.pulpitocristao.com/2008/10/plpito-sim-picadeiro-no.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

GOT QUESTIONS. **Site em português *Got Questions?***. *Got Questions Ministries*. Disponível em: <<http://www.gotquestions.org/Portugues> > Acesso em: 5 mai. 2016.

GUEDES JR, Avelar Valentim. **Surpresos**. Blog *Veshame Gospel*. 10 ago. 2010. Disponível em: <<http://veshamegospel.blogspot.com.br/2010/08/surpresos.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

HORSFIELD, Peter. **Religious Television: The American Experience**. In: Religion-Online by Claremont School of Theology. 2 abr. 2003. Disponível em: <[http://www.religion-online.org/cgi-bin/researchd.dll/showbook?item\\_id=1627](http://www.religion-online.org/cgi-bin/researchd.dll/showbook?item_id=1627)> Acesso em: 21 abr. 2016.

IBAB, Site da. **Igreja/ Pastores – Ed René Kivitz**. Site da Igreja Batista de Água Branca. 2011. Disponível em: <<http://ibab.com.br/igreja/pastores/>> Acesso em: 5 set. de 2014.

IBGE. **Censo 2010**. Site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/>> Acesso em: 2 set. 2015.

KOCHER, Henerik. **Dicionário de expressões e frases latinas**. 2015. Disponível em: <[http://www.hkocher.info/minha\\_pagina/dicionario/0dicionario.htm](http://www.hkocher.info/minha_pagina/dicionario/0dicionario.htm)> Acesso em: 09 mar. 2016.

KOFFEMAN, Leo J. **'Ecclesia Reformata Semper Reformanda' Church Renewal from a Reformed Perspective**. Review of Ecumenical Studies Sibiu. Vol. 7. Abr. 2015. Disponível em: <<http://www.degruyter.com/view/j/ress.2015.7.issue-1/ress-2015-0002/ress-2015-0002.xml>> Acesso em: 9 mar. 2016.

LATIN LEXICON. **Paradigm of re-formo (verb)**. NUMEN: Online Latin dictionary and Latin grammar tool. 2008. Disponível em: <<http://latinlexicon.org/paradigms.php?p1=2050611>> Acesso em: 15 mar. 2016.

LELLES, Fernanda. **Evangélicos progressistas, graças a Deus**. Blog *Socialista Morena* 28 abr. 2015. Disponível em: <<http://www.socialistamorena.com.br/evangelicos-progressistas-gracas-a-deus/>> Acesso em: 5 mai. 2016.

LINHARES, Juliana. **Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”**. Site da Revista Veja. 18 abr. 2016. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/bela-recatada-e-do-lar>> Acesso em: 5 mai. 2016.

LOPES, Augustus Nicodemus. **Agora gays podem casar na igreja presbiteriana dos Estados Unidos (PCUSA)**. Blog *O Tempora! O Mores!* 20 jun. 2014. Disponível em: <<http://tempora-mores.blogspot.com.br/2014/06/agora-gays-podem-casar-na-igreja.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. **Amy Winehouse e Lula**. Blog *O Tempora! O Mores!* 23 jul. 2011b. Disponível em: <<http://tempora-mores.blogspot.com.br/2011/07/amy-winehouse-e-lula.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. **Augustus Nicodemus Lopes**. Perfil do Blogger. 2005. Disponível em: <<https://www.blogger.com/profile/04362983992398308974>> Acesso em: 5 set. 2014.

\_\_\_\_\_. **Carta a Um Jovem Evangélico que Faz Sexo com a Namorada**. Blog *O Tempora! O Mores!* 23 jul 2008. Disponível em: <<http://tempora-mores.blogspot.com.br/2008/07/carta-um-jovem-evangelico-que-faz-sexo.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. **Como assim, ‘não toqueis no unguido do Senhor...’?!**  Blog *O Tempora! O Mores!* 8 abr. 2013. Disponível em: <<http://tempora-mores.blogspot.com.br/2013/04/como-assim-nao-toqueis-no-ungido-do.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. **Novos Evangélicos?** Blog *O Tempora! O Mores!* 9 ago. 2010. Disponível em: <<http://tempora-mores.blogspot.com/2010/08/novos-evangelicos.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. **Respostas a Argumentos Usados em Favor da Ordenação de Mulheres**. Blog *O Tempora! O Mores!* 23 jul. 2011c. Disponível em: <<http://tempora-mores.blogspot.com.br/2014/01/respostas-argumentos-usados-em-favor-da.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. **Sempre reformando ou sempre mudando?** Blog *O Tempora, O Mores!*. 31 out. 2010b. Disponível em: <<http://tempora-mores.blogspot.com.br/2010/10/sempre-reformando-ou-sempre-mudando.html>> Acesso em: 5 set. 2014.

MACHADO, Cristiano. **#Artigo – “O segundo filho de Deus”**. Blog *Crentassos*. 28 ago. 2012. Disponível em: <<http://crentassos.com.br/blog/2012/08/artigo-o-segundo-filho-de-deus.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. **Gays vão para o inferno ou para o céu?** Blog *Crentassos*. 22 jan. 2014. Disponível em: <<http://crentassos.com.br/blog/2014/01/gays-vaio-para-o-inferno-ou-para-o-ceu.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

MCGRATH, Alister. **A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo às terras de Nárnia**. Livro Eletrônico. Google Books. São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2013. Disponível em:

<<https://books.google.com.br/books?id=dQ32AAAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>> Acesso em: 2 mai. 2016.

MEISTER, Mauro. **Igreja Emergente, a igreja do pós-modernismo? Uma avaliação provisória.** *Fides Reformata* XI, nº 1. 2006, p. 95-112. Disponível em: <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME\\_XI\\_2006\\_\\_1/mauro.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_XI_2006__1/mauro.pdf)> Acesso em: 21 set. 2015.

MISAEL, Antognoni. **Ana Paula Valadão dá profetada para Marina Silva e coleciona mais uma “derrota espiritual” da Lagoinha.** Blog *Púlpito Cristão*. 6 out 2014a. Disponível em: <<http://www.pulpitocristao.com/2014/10/ana-paula-valadao-da-profetada-para.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. **Pastora Lanna Holder Promove Primeira Balada “Gay Gospel” #CORRAM.** Blog *Púlpito Cristão*. 8 mai. 2014b. Disponível em: <<http://www.pulpitocristao.com/2014/05/lanna-holder-promove-primeira-balada.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

MISSÃO NA ÍNTEGRA. **Manifesto de Evangélicos pelo Estado de Direito - Iniciativa do Missão na Íntegra.** Disponível em: <[https://docs.google.com/forms/d/1n3f5\\_gYwg3W9310Wm\\_RmPrMRtOTanrGDpaMwOinBCg/viewform?c=0&w=1](https://docs.google.com/forms/d/1n3f5_gYwg3W9310Wm_RmPrMRtOTanrGDpaMwOinBCg/viewform?c=0&w=1)> Acesso em: 5 mai. 2016.

MORAES, Dênis de. **Comunicação alternativa, redes virtuais e ativismo: avanços e dilemas.** *Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación*. Vol. IX, n. 2. mai. – ago. 2007. Disponível em: <[http://observatoriodaimprensa.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Comunicacao\\_alternativa-1.pdf](http://observatoriodaimprensa.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Comunicacao_alternativa-1.pdf)> Acesso em: 21 abr. 2016.

MUNDO ESTRANHO. **Como nascem, crescem, vivem e morrem as árvores?** Site da Revista Mundo Estranho. Editora Abril. 2014. Disponível em: <[http://mundoestranho.abril.com.br/materia/como-nascem-crescem-vivem-e-morrem-as-arvores?fb\\_comment\\_id=10150574962879118\\_10153402976964118#f20c0544ddfbd8](http://mundoestranho.abril.com.br/materia/como-nascem-crescem-vivem-e-morrem-as-arvores?fb_comment_id=10150574962879118_10153402976964118#f20c0544ddfbd8)> Acesso em: 15 mar. 2016.

NOGUEIRA, Enoque Rodrigues. **Profecias ou Profetadas?** *Webservos*. 27 abr. 2005. Disponível em: <[http://www.webservos.com.br/gospel/estudos/estudos\\_show.asp?id=1457](http://www.webservos.com.br/gospel/estudos/estudos_show.asp?id=1457)> Acesso em: 5 mai. 2016.

NUNES, Élton de Oliveira. **Protestantismos ou Pós-Protestantismo: Por uma Nova Tipologia do Campo Protestante no Brasil.** 2007. Disponível em: <[http://www.cehilbrasil.org.br/Biblioteca/Arquivo\\_121.doc](http://www.cehilbrasil.org.br/Biblioteca/Arquivo_121.doc)>. Acesso em: 20 set. 2015.

OLIVEIRA, Thiago. **Qual é o ponto, Ariovaldo?** Blog *Bereianos*. 16 abr. 2016. Disponível em: <<http://bereianos.blogspot.com.br/2016/04/qual-e-o-ponto-ariovaldo.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

ORTEGA, Felipe Afonso. **Cores da Mudança? As Revoluções Coloridas e seus reflexos em política externa.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP: 2009. Disponível em: <<http://www.santiagodantassp.locaweb.com.br/br/arquivos/defesas/f.ortega.pdf>> Acesso em: 21 abr. 2016.

PATURY, Felipe & SPERANDIO, Marcelo. **Justiça do Rio determina que blog tire do ar ofensas a Crivella.** Site da Revista *Época*. 6 mar. 2014. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/felipe-patury/noticia/2014/03/justica-do-rio-determina-que-blog-tire-do-ar-ofensas-crivellab.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

PERSONA, Mário. **Sete coisas que Deus NÃO disse, mas todo mundo acha que Ele disse...** Blog *Genizah*. 8 jun. 2015. Disponível em: <<http://www.genizahvirtual.com/2015/04/sete-coisas-que-deus-nao-disse-mas-todo.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

PESSOA, Fernando. **Quando tornar a vir a primavera.** Arquivo Pessoa. 2015. Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos/3369>> Acesso em: 21 abr. 2016.

PIROLA, Rubens. **Rubinho Pirola.** Blog *Genizah*. 1 abr. 2009. Disponível em: <<http://www.genizahvirtual.com/2009/04/rubinho-pirola.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

PÚLPITO CRISTÃO, Equipe do. **Thalles Roberto afirma: 'estou acima da média porque estou entre fracos' e parte para o meio secular.** Blog *Púlpito Cristão*. 18 jul. 2015. Disponível em: <<http://www.pulpitocristao.com/2015/07/thalles-roberto-afirma-estou-acima-da.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

QUEIROZ, Bruno dos Santos. **Masturbação - considerações morais, bíblicas e refletivas.** Blog *Bereianos*. 25 abr. 2016. Disponível em: <<http://bereianos.blogspot.com.br/2016/04/masturbacao-consideracoes-morais.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

RAMOS, Ariovaldo. **Sobre Teologia de Missão Integral, Pr. Ariovaldo Ramos escreve uma “carta aberta” ao programa Academia em Debate.** Blog *Púlpito Cristão*. 22 mai. 2014. Disponível em: <<http://www.pulpitocristao.com/2014/05/sobre-teologia-de-missao-integral-pr.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

SANTOS, Francisco. **Primavera.** Blog *Palavras*. 16 mar. 2015. Disponível em: <<http://palavrasvertendo.blogspot.com.br/2015/03/primavera.html>> Acesso em: 21 abr. 2016.

SARDINHA, Cláudia. **Qual a diferença entre Site e Blog?** Blog *Tecnologia Outonal*. 17 jul. 2009. <<http://www.tecnologiaoutonal.com.br/qual-a-diferenca-entre-site-e-blog/>> Acesso em: 4 mai. 2016.

SENA, Luciano. 6 mar. 2014. **Definições – o que é ser Cristão, Protestante, Reformado e Calvinista?** Blog *Ministério Cristão Apologético (MCA)*. Disponível em: <<http://mcapologetico.blogspot.com.br/2014/03/definicoes-o-que-e-ser-cristao.html>> Acesso em: 15 mar. 2016.

SILVA, João Paulo Fernandes da. **Cantora “evangélica” Pâmela – “Eu quero muito, muito mais”.** Blog *Veshame Gospel*. Ago. 2009a. Disponível em: <<http://veshamegospel.blogspot.com.br/2009/08/bomba-cantora-evangelica-pamela-eu.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. **Da série “Vamos pensar um pouco”: O Cristão pode ir no motel ou não?** Blog *Veshame Gospel*. Nov. 2009b. Disponível em: <<http://veshamegospel.blogspot.com.br/2009/11/vamos-pensar-um-pouco-o-cristao-pode-ir.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. **Esclarecimento - Eu não odeio a Ana Paula Valadão!** Blog *Veshame Gospel*. Jun. 2009c. Disponível em: <<http://veshamegospel.blogspot.com.br/2009/06/esclarecimento-nao-odeio-ana-paula.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. **Marco Feliciano chora em rede nacional e afirma que foi o Caio Fábio quem o convidou.** Blog *Veshame Gospel*. Nov. 2009d. Disponível em: <<http://veshamegospel.blogspot.com.br/2009/11/marco-felicoano-chora-em-rede-nacional.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

\_\_\_\_\_. **Sai do CORPO e entra no PORCO, jááááá!!!!** Blog *Veshame Gospel*. Jan. 2010. Disponível em: <<http://veshamegospel.blogspot.com.br/2010/01/sai-do-corpo-e-entra-no-porco-jaaaaaa.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

SILVA, Juliana Cintia Lima e. **“Eu e meu mouse serviremos ao Senhor”**: um olhar antropológico sobre a **blogosfera evangélica**. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco - Recife, PE: 2013. Disponível em: <<http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11921?show=full>>. Acesso em: 29 abr. de 2016.

SILVA, Maurício Roberto da; PIRES, Giovani de Lorenzi & PEREIRA, Rogério Santos. **O Congresso Nacional, a mídia e as questões de gênero no limiar da “Primavera das Mulheres”**. Revista *Motrivivência* v. 27, n. 46, p. 6-14, dez. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2015v27n46p6>> Acesso em: 21 abr. 2016.

SOUZA, Herbert Glauco de. **Contra-hegemonia: um conceito de Gramsci?** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG. 2013. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-9QBFMY/disserta\\_\\_o\\_herbert\\_corrigeida.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-9QBFMY/disserta__o_herbert_corrigeida.pdf?sequence=1)> Acesso em: 21 abr. 2016.

STRONG, James. **E-book Dicionário Bíblico Strong**. Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong. Sociedade Bíblica do Brasil. Barueri, 2002, 1881 páginas. Disponível em: <<http://versiculodia.wordpress.com/acoes-da-igreja/literatura-gratuita/dicionario-biblico-strong/>> Acesso em: 21 out. 2016.

VARGENS, Renato. **Esquisitices da Música Gospel: Adoração Extravagante**. Blog Púlpito Cristão. 31 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.pulpitocristao.com/2010/03/esquisitices-da-musica-gospel-adoracao.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

VELOSO, Thássius. **Bing é 2º buscador mais usado no mundo**. Tecnoblog. 2011. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/58564/bing-e-2%C2%BA-buscador-mais-usado-no-mundo/>> Acesso em: 4 mai. 2016.

VERAS, Renata. **Bela, recatada e do lar – Você acha que é bonito ser feio?** Blog Bereianos. 22 abr. 2016. Disponível em: <<http://bereianos.blogspot.com.br/2016/04/masturbacao-consideracoes-morais.html>> Acesso em: 5 mai. 2016.

- **AUDIOVISUAIS: Áudios, vídeos e imagens**

ALEXANDRE, Ricardo. **A nova reforma protestante**. In: Revista *Época*. Edição 638. Rio de Janeiro, RJ: Globo, 9 ago. 2010a.

BARROS, Ângela & ROBERTO, Cláudio. **Evangélicos de raiz**. Revista de História da Biblioteca Nacional. Edição nº 87. Dez. 2012. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro.

BIBLIOTECA DIGITAL MUNDIAL. **As 95 Teses**. Cópia das 95 teses de Lutero na Biblioteca Estadual de Berlim, Alemanha. 2015. Disponível em: <<https://www.wdl.org/pt/item/7497/>> Acesso em: 09 mar. 2016.

BOCELLI, Júnior. **Caio Fábio - Novos Evangélicos? Será? (Revista Época 1)**. Vídeo do *YouTube*. 14 ago. 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ih10pJVopEE>> Acesso em: 5 set. 2014, 14h06.

BRENDES, Lucas. **Revista Época, Novos Evangélicos, Instituição e comentário de Caio Fábio**. Entrevista com Ed René Kivitz. Vídeo do *YouTube*. 7 set. 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tvK9mcltXVY>> Acesso em: 5 de set. de 2014, 14h02.

FERNANDES, Danilo *et al.* **Captura da página inicial do blog Genizah**. 2016. Disponível em: <<http://www.genizahvirtual.com/>> Acesso em: 5 mai. 2016.

SILVA, João Paulo Fernandes da; GUEDES JR, Avelar Valentim & BESERRA, Guilherme Nathanli Ribeiro. **Captura da página inicial do blog VeShame Gospel**. 2016. Disponível em: <<http://www.veshamegospel.blogspot.com.br/>> Acesso em: 5 mai. 2016.

GONÇALVES, Leonardo *et al.* **Captura da página inicial do blog Púlpito Cristão**. 2016. Disponível em: <<http://www.pulpitocristao.com/>> Acesso em: 5 mai. 2016.

GOOGLE. **Captura de tela da pesquisa “BLOG CRISTÃO CRÍTICO” na plataforma de buscas Google**. 2016. Disponível em: <[https://www.google.com.br/search?q=blog+críst%C3%A3o+críst%C3%ADtico&oq=BLOG+CRIST%C3%83O&aqs=chrome.4.69i57j69i60l3j69i59j69i64.6512j0j1&sourceid=chrome&ie=UTF-8#q=blog+críst%C3%A3o+críst%C3%ADtico&cr=countryBR&tbs=ctr:countryBR,lr:lang\\_1pt&lr=lang\\_pt](https://www.google.com.br/search?q=blog+críst%C3%A3o+críst%C3%ADtico&oq=BLOG+CRIST%C3%83O&aqs=chrome.4.69i57j69i60l3j69i59j69i64.6512j0j1&sourceid=chrome&ie=UTF-8#q=blog+críst%C3%A3o+críst%C3%ADtico&cr=countryBR&tbs=ctr:countryBR,lr:lang_1pt&lr=lang_pt)> Acesso em: 4 mai. 2016.

JUBRAN, 2004. **A árvore da fé**. Revista Super Interessante. Edição nº 197, São Paulo, SP: Editora Abril S. A., fev. 2004.

LOPES, Augustus Nicomemus; PORTELA, Solano & MEISTER, Mauro. **Captura da página inicial do blog O Tempora! O Mores!**. 2016. Disponível em: <<http://tempora-mores.blogspot.com.br/>> Acesso em: 5 mai. 2016.

MACHADO, Cristiano *et al.* **Captura da página inicial do blog Crentassos**. 2016. Disponível em: <<http://crentassos.com.br/blog/>> Acesso em: 5 mai. 2016.

MARINHO, Ruy; MONTEIRO, Dênis & TAVARES, Fabrício. **Captura da página inicial do blog Bereianos**. 2016. Disponível em: <<http://bereianos.blogspot.com.br/>> Acesso em: 5 mai. 2016.

REDONDO, Felipe. **Da web às ruas**. Fotografia dos Blogueiros que organizam a Marcha pela ética. In: ALEXANDRE, Ricardo. A nova reforma protestante. Revista Época. p. 92. Edição 638. Rio de Janeiro, RJ: Globo, 9 ago. 2010.

VISITASON. **Day 8 Geneva**. Fotografia da Representação arbórea das principais famílias do protestantismo no Museu Internacional da Reforma (MIR) em Genebra, Suíça. Blog turístico chinês. 4 out. 2011. Disponível em: <[http://www.vitason.info/ver5/uploads/43/diary\\_1544\\_55.jpg](http://www.vitason.info/ver5/uploads/43/diary_1544_55.jpg)> Acesso em: 8 mar. 2016.

ANEXOS

ANEXO A – Figuras A1, A2 e A3: Infografias explicativas das raízes e ramificações da igreja evangélica brasileira, em três revistas de circulação nacional.

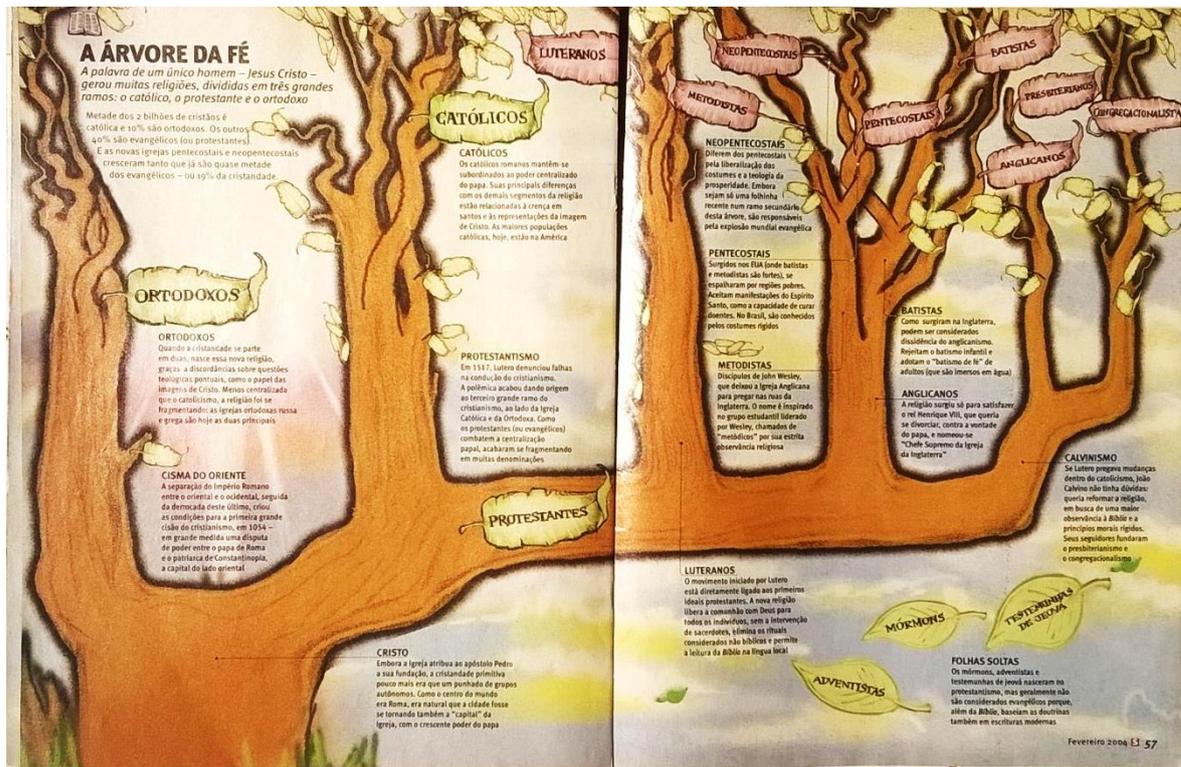
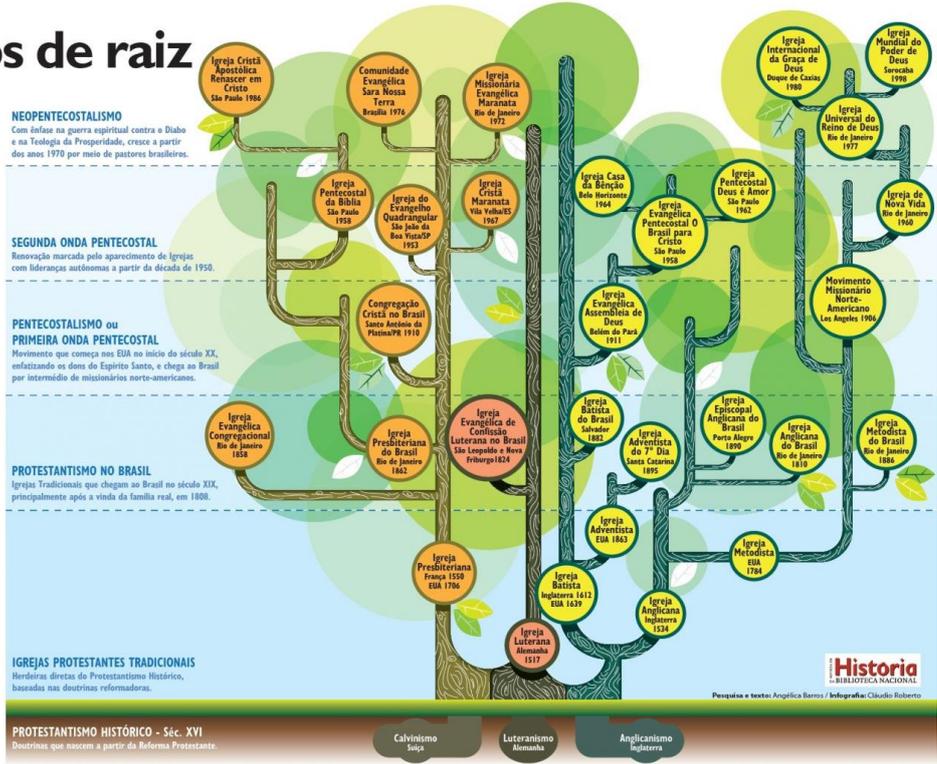


FIGURA A1 – Representação arbórea da igreja evangélica brasileira na revista Super Interessante, nº 197, fev. 2004. Fonte: JUBRAN, 2004.

# Evangélicos de raiz

De Lutero a R. R. Soares, um longo caminho foi percorrido antes da vertiginosa multiplicação evangélica que se vê nos nossos dias. Da Reforma iniciada há 500 anos, passando pelo movimento missionário no século XIX e chegando às Igrejas mais recentes, conheça as origens e entenda as principais ramificações do protestantismo no Brasil.

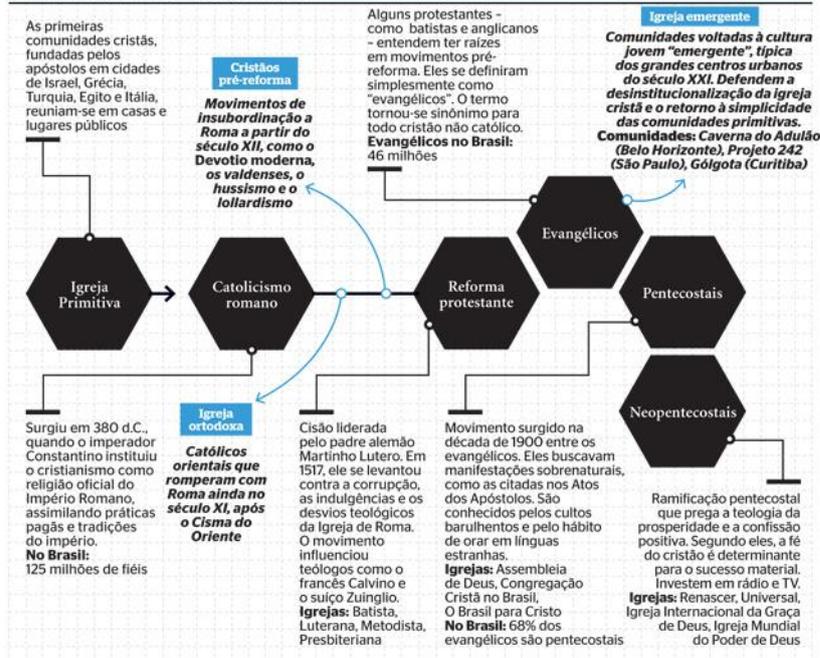
IGREJAS EVANGÉLICAS	Nº FIEIS
Igreja Assembleia de Deus	12.314.410
Evangélica não determinada	9.218.129
Outras Igrejas Evangélicas pentecostais	5.267.029
Igreja Evangélica Batista	3.723.853
Igreja Congregação Cristã do Brasil	2.289.634
Igreja Universal do Reino de Deus	1.873.243
Igreja Evangelho Quadrangular	1.808.389
Igreja Evangélica Adventista	1.561.071
Igreja Evangélica Luterana	999.498
Igreja Evangélica Presbiteriana	921.209
Igreja Deus é Amor	845.383
Igreja Maranata	356.021
Igreja Evangélica Metodista	340.938
Igreja O Brasil para Cristo	196.665
Comunidade Evangélica	180.130
Igreja Casa da Bênção	125.550
Igreja Evangélica Congregacional	109.591
Igreja Nova Vida	90.568
Igreja Evangélica de Missão	30.666
Igreja Evangélica Renovada	23.461
<b>TOTAL</b>	<b>42.275.438</b>



**FIGURA A2 – Representação arbórea da igreja evangélica brasileira na Revista de História da Biblioteca Nacional, nº 87, dez. de 2012.**  
Fonte: BARROS & ROBERTO, 2012.

## Redenção e rupturas

2 mil anos de reinvenção da fé cristã



**FIGURA A3 – Organograma da igreja evangélica brasileira na Revista Época, nº 638, ago. de 2010.**  
Fonte: ALEXANDRE, 2010a.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - Tabela 1: Análise dos elementos da oração “*Ecclesia reformāta semper reformanda est*”.

Fonte dos dados: ALMEIDA, 2000, p. 205 e 206; FURLAN, 2006, p. 86 e 87; e LATIN LEXICON, 2015.

<b>Termo</b>	<i>ecclesia</i>	<i>reformāta</i> *	<i>semper</i>	<i>reformanda</i> *	<i>est</i>
<b>Categoria gramatical e flexão</b>	substantivo feminino singular	adjetivo derivado de verbo participio passado passivo	advérbio de tempo	verbo gerundivo (participio futuro passivo)	verbo no presente do indicativo
<b>Função na oração</b>	sujeito passivo	adjunto adnominal	adjunto adverbial	verbo principal	verbo auxiliar
<b>Significado</b>	“igreja”	“reformada”	“sempre”	“para ser/deve ser reformada”	“é/está”
<b>Tradução</b>	“A igreja reformada sempre deve ser reformada.” (indica ação futura e obrigatoriedade)				
<b>Denotação</b>	A igreja que já passou por uma Reforma (passado) está sempre diante da iminência de reforma (futuro).				
<b>Conotação</b>	A reforma é parte da essência da igreja (caraterística), mas também é uma exigência permanente (obrigatoriedade da ação).				

---

\* *reformanda* e *reformāta* são duas formas nominais do verbo latino *reformāre*. Isto quer dizer que os verbos latinos produzem formas impessoais, que exercem a função de substantivos e/ou adjetivos e que, por isso se chamam formas nominais (algumas delas se flexionam em gênero, número e caso).

**APÊNDICE B - Tabela 2: Análise das formas nominais do verbo *reformāre*.**

**Fonte dos dados:** ALMEIDA, 2000, p. 205 e 206; FURLAN, 2006, p. 86 e 87 e LATIN LEXICON, 2015

<b>Forma nominal</b>	<i>reformāta</i>	<i>reformanda</i>
<b>Categoria gramatical</b>	Adjetivo que se constitui de um <i>participio passado passivo</i> .	Verbo flexionado no <i>gerundivo</i> (não é o mesmo que gerúndio), ou seja, um <i>participio futuro passivo</i> .
<b>Voz</b>	Ambas as formas pertencem à <i>voz passiva</i> ; não podem, portanto, referir-se ao sujeito agente. Na voz passiva, o sujeito recebe, sofre, padece a ação do verbo.	
<b>Flexão</b>	Ambas as formas apresentam declinação completa, ou seja, concordam em gênero, em número e em caso com o nome a que se referem. Nesta oração, os dois termos se declinam em relação a <i>ecclesia</i> (substantivo feminino, singular).	
<b>Equivalência no português</b>	Equivalente à forma geral do participio no português. Exemplos: <i>amata/-us/-um</i> : “amado(a)” <i>audita/-us/-um</i> : “ouvido(a)” <i>scripta/-us/-um</i> : “escrito(a)” <i>dicta/-us/-um</i> : “dito(a)”	Subsistem apenas resíduos no português, em alguns substantivos derivados do gerúndio. Exemplos: <i>oferenda/-us/-um</i> : “para ser oferecido(a)” <i>adendo/-us/-um</i> : “para ser acrescentado(a)” <i>formando/-us/-um</i> : “para ser formado(a)”
<b>Função na oração</b>	Adjunto adnominal em relação a <i>ecclesia</i>	Verbo principal da oração
<b>Tradução</b>	“reformada”	“vai ser/deve ser/para ser reformada”
<b>Tempo</b>	Indica ação que foi desenvolvida em algum momento no passado. Neste caso, significa que a igreja	Indica ação que vai e/ou deve ser realizada em algum momento no futuro; quase sempre indica também obrigatoriedade. Neste

	protestante é “reformada” por ser oriunda da Reforma do séc. XVI.	caso, significa que a igreja protestante vai ser/deve ser “reformada”.
<b>Conotação</b> (o que a palavra sugere)	Sugere um <i>modus essendi</i> (modo de ser, atributo, caráter), neste caso, que igreja protestante é “reformada”.	Sugere um <i>modus operandi</i> * (modo de proceder, dinâmica de funcionamento), neste caso, que a igreja protestante sempre “deverá ser reformada”.

---

\* Se unirmos o futuro trazido pelo verbo no gerundivo (*reformanda*) com o efeito de tempo trazido pelo advérbio *semper*, temos então uma ideia de continuidade. Esta continuidade, no entanto, não significa que a igreja está sempre sendo reformada, mas que há sempre algo que precisa/deve ser reformado. Em última análise, pode-se dizer que há uma “constante possibilidade de reforma”.

**APÊNDICE C - Tabela 3: Os 30 primeiros resultados da pesquisa “BLOG CRISTÃO CRÍTICO” na plataforma de busca Google.**

Fonte dos dados: GOOGLE, 2016.

Nome da página	Endereço na web	Inclusão na pesquisa	Motivo da <u>não</u> inclusão
1. Apenas	www.apenas1.wordpress.com	Não	b) criação após 2010 c) página individual
2. Cine Gospel	www.cinegospel.wordpress.com	Não	b) término antes de 2010 c) página individual f) crítica de arte
<b>3. Púlpito Cristão</b>	<b>www.pulpitocristao.com</b>	<b>Sim</b>	-
4. Intervalo Cristão	www.intervalocristaosom.blogspot.com.br	Não	c) página individual f) crítica de arte
<b>5. VeShame Gospel</b>	<b>www.veshamegospel.blogspot.com.br</b>	<b>Sim</b>	-
6. Profeta Urbano	www.profetaurbano.blogspot.com.br	Não	c) página individual
<b>7. Genizah</b>	<b>www.genizahvirtual.com</b>	<b>Sim</b>	-
8. Panorama Cristão	www.panoramacristao.blogspot.com.br/	Não	b) criação após 2010 c) página individual
9. Gospel Mais	www.noticias.gospelmais.com.br	Não	e) página evangélica institucional g) é um site, não blog
10. Felipe Moura	www.veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil	Não	c) página individual d) não pertence a indivíduos evangélicos
11. Esboçando Ideias	www.esbocandoideias.com/	Não	c) página individual
12. Amigos do	www.osamigosdopresidentelu	Não	d) não pertence a

Presidente Lula	la.blogspot.com.br		indivíduos evangélicos
13. Guia-me	www.guiame.com.br	Não	b) criação após 2010 e) página evangélica institucional g) é um site, não blog
14. Júlio Severo	www.juliosevero.blogspot.com	Não	c) página individual
<b>15. Bereianos</b>	<b>www.bereianos.blogspot.com.br</b>	<b>Sim</b>	-
16. Figueror	www.blogdofigueror.blogspot.com.br	Não	a) menos de um 1 milhão de acessos b) criação após 2010 c) página individual
17. Profetirando	www.profetirando.com.br	Sim	e) página evangélica institucional f) crítica de arte
18. Desafiando Limites	www.wallysou.com	Não	c) página individual
19. Desafio Cristão	www.desafioscristao.blogspot.com.br	Não	b) criação após 2010 c) página individual
20. Observatório Cristão	www.observatoriocristao.com	Não	e) página evangélica institucional f) crítica de arte
21. Intertextualidade Reflexiva	www.caetan.blogspot.com.br/	Não	b) criação após 2010
22. Revista Fórum	www.www.revistaforum.com.br	Não	d) não pertence a indivíduos evangélicos g) é um site, não blog
23. Guilherme de Carvalho	www.ultimo.com.br/sites/guilhermedecarvalho	Não	b) criação após 2010 c) página individual
<b>24. Crentassos</b>	<b>www.crentassos.com.br/blog/</b>	<b>Sim</b>	-

25. Cristãos Hoje	www.cristaoshoje.blogspot.com.br	Não	a) menos de um 1 milhão de acessos c) página individual
26. Centro Cultural Esplanada	www.esplanada.org.br/	Não	c) página institucional
27. Com Shalom	www.blog.comshalom.org/carmadelio	Não	d) não pertence a indivíduos evangélicos
28. Darwin e Deus	www.darwinedeus.blogfolha.uol.com.br/	Não	c) página individual
29. O Peregrino de Cristo	www.peregrinodecristo.blogspot.com.br	Não	a) menos de um 1 milhão de acessos b) criação após 2010 c) página individual
<b>30. O Tempora! O Mores!</b>	<b>www.tempora-mores.blogspot.com.br</b>	<b>Sim</b>	-

**APÊNDICE D - Tabelas 4 a 9 - Listas de postagens do mês de outubro de 2010 em seis blogs protestantes brasileiros**

**Fontes dos dados:** GONÇALVES *et al*, 2016; SILVA; GUEDES JR & BESERRA, 2012; FERNANDES *et al*, 2016; MACHADO *et al.*, 2016; MARINHO, MONTEIRO & TAVARES, 2016; e LOPES, PORTELA & MEISTER, 2016.

<b><u>Tabela 4 - BLOG PÚLPITO CRISTÃO</u></b>				
<b>Dia</b>	<b>Título</b>	<b>Tema(s) da postagem</b>	<b>Alvo(s) do protesto</b>	<b>Proposta(s) de reforma</b>
1	<b>A igreja de Cristo e os Desafios do Novo Milênio</b>	Mundo (não-cristão)	pós-modernidade; avidez por novidades; misticismo evangélico; moral anticristã; individualismo; consumismo; cultura secular; paganismo; irreverência no culto; emocionalismo; supervalorização do louvor; irracionalismo; desinstitucionalização; disputas religiosas; liberalismo teológico; outras religiões; catolicismo; religiões afro; demonização; cumprimento da lei; salvação por obras; misticismo; manipulação do sagrado; heresias; teologia da prosperidade; falsos profetas; evangeliquês; interesses egoístas; hedonismo; igreja evangélica; ideologias anticristãs	bíblia; pregação; comunhão; sã doutrina; oração; fé; serviço; obediência; santidade; Espírito Santo; graça; arrependimento; disciplina eclesiástica; cruz; Cristo; igreja primitiva; teologia reformada glorificação
1	<b>“Minha candidatura nasceu do coração de Deus”. Então, tá!</b>	Política	corrupção; heresias; aborto, homossexualidade	estado democrático; liberdade religiosa; voto consciente
1	<b>Haloween Gospel, o evangelho sincretizado dos “Evangelii-Wicca”</b>	Negócios (da fé)	Halloween; mercado gospel; comércio da fé; falsos profetas; neopentecostalismo; WICCA	teologia reformada; reforma eclesiástica

2	<b>A alma do negócio está em alta no meio evangélico</b>	Negócios (da fé)	falsos profetas; comércio da fé; pastores midiáticos; irreverência no culto; marketing religioso; evangélicos	bíblia; mudança de vida
2	<b>A vida que eles querem levar</b>	Mundo (não-cristão)	avidez por novidades; irreverência no culto; indecência; mercado gospel; pós-modernidade; Assembleia de Deus Vitória em Cristo	tradição religiosa
2	<b>Silas Malafaia, Marina Silva e as Eleições 2010</b>	Política; Celebidades (gospel)	críticas a Marina Silva; feriados religiosos; alienação política e social; pastores midiáticos	estado laico; engajamento social; voto consciente
5	<b>Ser pastor é uma droga!</b>	Comportamento (cristão)	-	-
5	<b>Os pastores e a sua relação com o sermão</b>	Patrulha (bíblica)	supervalorização do louvor; exibicionismo; falta de conhecimento bíblico; negligência quanto aos estudos	pregação; bíblia; austeridade; homens de Deus
6	<b>Youtube censura vídeo do pastor Piragine</b>	Política	PT; aborto; censura	liberdade de expressão; liberdade religiosa
6	<b>Silas Malafaia Bipolar: volta para Cristo, Malafaia!</b>	Política; Celebidades (gospel)	Silas Malafaia; críticas a Marina Silva; comércio da fé; falsos profetas; neopentecostalismo; pastores midiáticos	mudança de vida
6	<b>Fazemos qualquer negócio!</b>	Política	mentira; PT; Dilma; marxismo; aborto; falsa religiosidade; marketing eleitoral; corrupção; interesses egoístas; moral anticristã	moral cristã
7	<b>Ronaldo Lidório: apóstolo brasileiro</b>	Comportamento (cristão)	pregação positiva; disputas religiosas; avidez por fama; glossolalia; falsos profetas	
8	<b>A glória da graça de Deus: ensaios em honra a J. Richard Denham Jr.</b>	Cultura e arte	-	-
9	<b>Toda ouvidos?</b>	Negócios (da fé)	igrejas nos moldes empresariais; avidez por novidades; comércio da fé; heresias	-
10	<b>Escravos do sexo</b>	Comportamento	promiscuidade sexual	pregação;

		o (cristão)		mudança de vida
11	<b>Marco Feliciano e Dilma Rousseff: uma dupla de matar (de rir)</b>	Política; Celebridades (gospel)	Dilma; Marco Feliciano; aborto; pastores midiáticos	-
11	<b>Deus entrou na eleição: matéria da revista Época</b>	Política	-	-
11	<b>Dilma, Serra e Marina: Deus entrou na eleição?</b>	Política	Dilma; aborto; moral anticristã; pós-modernidade; afastamento entre religião e política	liberdade religiosa
12	<b>Quem é o Reverendo Moon?</b>	Celebridades (gospel)	Manoel Ferreira; Assembleia de Deus Madureira; Reverendo Moon; pastores midiáticos	
13	<b>Versículo da semana</b>	Patrulha (bíblica)	avidez por fama; falsos profetas	-
14	<b>Carta para um blogueiro imaginário</b>	Negócios (da fé)	comércio da fé; mercado gospel; falsa religiosidade; corrupção; ecumenismo; liberalismo teológico; avidez pela fama; heresias; teologia da prosperidade; marketing religioso; falsos apologistas	bíblia; sã doutrina; Reforma
15	<b>Dia dos mortos? Estou fora!</b>	Patrulha (bíblica)	orações pelos mortos; crença no purgatório; catolicismo	pregação
15	<b>Contra quem lutamos?</b>	Comportamento (cristão)	disputas religiosas; corrupção; preocupações terrenas; igreja evangélica; pecaminosidade	Espírito Santo; santidade
17	<b>Quando escolhermos Barrabás</b>	Negócios (da fé)	pregação positiva; teologia da prosperidade; corrupção; comércio da fé	Cristo; mudança de vida
17	<b>Série estereótipos: Ernesto, o revolucionário</b>	Política	marxismo; liberalismo teológico; heresias	-
19	<b>Série neopentecostalismo cartoon: A Fuga das galinhas</b>	Negócios (da fé)	neopentecostalismo; heresias; misticismo evangélico; avidez por novidades; corrupção; relativismo; comércio da fé; mentira; humanismo; teologia da prosperidade	pregação; bíblia; cruz; graça; Cristo
18	<b>Evangelho e cultura: pregando o evangelho em um ambiente</b>	Mundo (não-cristão)	imposição cultural; cultura secular; intolerância; aborto; liberalismo	pregação; bíblia; diálogo com a cultura

	<b>multicultural</b>		teológico; catolicismo; neopentecostalismo; homossexualidade	secular; moral cristã
19	<b>Dilma, Serra e o voto de minerva</b>	Política	Dilma; Serra	-
19	<b>Uma mão lava outra: quando Deus vira máquina de refrigerantes</b>	Negócios (da fé)	Igreja Deus é Amor; comércio da fé; interesses egoístas; teologia da prosperidade; neopentecostalismo	oração; desapego
19	<b>Edir Macedo acusa Silas Malafaia</b>	Política; Celebidades (gospel)	disputas religiosas; pastores midiáticos; Edir Macedo; Igreja Universal	-
20	<b>Silas Malafaia responde Edir Macedo</b>	Política; Celebidades (gospel)	disputas religiosas; pastores midiáticos; Silas Malafaia; Edir Macedo;	-
20	<b>Púlpito Cristão, Voltemos ao evangelho e Projeto Spurgeon juntos em um grande sorteio!</b>	Comunicado	-	-
21	<b>Como alguns crentes enxergam a bíblia</b>	Mundo (não-cristão)	separação entre sagrado e secular; mercado gospel; alienação intelectual e social; boatos	discernimento; glorificação; mudança social
21	<b>Aborto já</b>	Política	aborto; drogas; Dilma; Serra; pastores midiáticos; falsos profetas; comércio da fé; interesses egoístas; igrejas nos moldes empresariais; teologia da prosperidade	bíblia; moral cristã; engajamento social
21	<b>Manifesto evangélico ou manifesto de “alguns” evangélicos?</b>	Política	Dilma; aborto; perseguição religiosa; teocracia; portavozes dos evangélicos	estado laico; liberdade religiosa
22	<b>Os bastidores dos milagres, reportagem do SBT</b>	Celebidades (gospel)	Igreja Pentecostal dos Milagres; falsos milagres; neopentecostalismo; pastores midiáticos	-
22	<b>Livros são Machados</b>	Mundo (não-cristão)	negligência quanto aos estudos; separação entre sagrado e secular; mercado gospel; alienação intelectual e social; falta de conhecimento bíblico	leitura; diálogo com a cultura secular; mudança social; bíblia
25	<b>Versículo da semana (2)</b>	Patrulha (bíblica)	falsos profetas; corrupção	-
25	<b>A guerra “santa” de Malafaia e Edir Macedo: mais sujeira</b>	Política; Celebidades (gospel)	Silas Malafaia; Edir Macedo; Igreja Universal; Morris Cerrulo; disputas	discernimento

	<b>e baixaria na TV</b>		religiosas; pastores midiáticos; marketing político; comércio da fé; interesses egoístas; concessões de emissoras para igrejas; neopentecostalismo; teologia da prosperidade; Assembleia de Deus Vitória em Cristo	
26	<b>Abóboras, Guloseimas e Enganos</b>	Negócios (da fé)	Halloween; americanização; pastores midiáticos; comércio da fé; neopentecostalismo teologia da prosperidade;	-
26	<b>Mandinga gospel</b>	Negócios (da fé)	sincretismo religioso; interesses egoístas; cultura secular; misticismo evangélico; comércio da fé; neopentecostalismo	oração
26	<b>Surto de cólera no Haiti. Você pode ajudar!</b>	Comunicado	-	oração, serviço
27	<b>Série estereótipos: João, o adorador profético</b>	Patrulha (bíblica)	ministérios de dança, atos proféticos; Ana Paula Valadão; misticismo evangélico	-
27	<b>Política evangélica: ativismo político ou complexo de vira-lata?</b>	Política	afastamento entre religião e política; alienação política e social; interesses egoístas; conflitos com as minorias	engajamento social; estado laico; mudança social
27	<b>Saiu o ganhador do sorteio da revista Apologética Cristã</b>	Comunicado	-	-
29	<b>A importância da leitura</b>	Comportamento (cristão)	negligência quanto aos estudos; falta de conhecimento bíblico	leitura, meditação, oração
31	<b>Halloween o caramba. Viva a Reforma Protestante!</b>	Negócios (da fé)	Halloween; americanização; corrupção; catolicismo; comércio da fé	Reforma
31	-	Negócios (da fé)	corrupção; heresias; comércio da fé	bíblia; santidade; denúncia
<b>TOTAL: 48 postagens</b>				

<b><u>Tabela 5 - BLOG VESHAME GOSPEL</u></b>				
<b>Dia</b>	<b>Título</b>	<b>Tema(s) da postagem</b>	<b>Alvo(s) do protesto</b>	<b>Proposta(s) de reforma</b>
-	<b>Bons tempos que não voltam, mas nunca serão esquecidos! (10)</b>	Cultura e arte	-	-
-	<b>Enquanto isso na sessão do descarrego – “Você sente que tem algo amarrando sua vida?”</b>	Negócios (da fé)	Igreja Universal	-
-	<b>Graficamente Correto [2]</b>	Entretenimento	-	-
-	<b>Instrumentos de Deus</b>	Comportamento (cristão)	falsos profetas	bíblia; santidade
-	<b>Igreja Perseguida Missão Portas Abertas</b>	Comunicado	perseguição religiosa	oração
-	<b>Defendendo-se da frustração</b>	Comportamento (cristão)	preocupações terrenas	fé
-	<b>Apóstolo Valdemiro Santiago discute com fiel em pleno culto</b>	Celebridades (gospel)	Valdomiro Santiago; Igreja Mundial; pastores midiáticos	-
-	<b>Onze pessoas acreditam ter visto o “diabo” e pulam da janela de prédio</b>	Entretenimento	-	-
-	<b>Deixando de Brincadeira</b>	Comportamento (cristão)	avidez por novidades; avidez pela fama; falta de conhecimento bíblico; heresias; fanatismo; pastores midiáticos	cruz; santidade; arrependimento; mudança de vida; serviço
<b>TOTAL: 9 postagens</b>				

<b><u>Tabela 6 - BLOG GENIZAH</u></b>				
<b>Dia</b>	<b>Título</b>	<b>Tema(s) da postagem</b>	<b>Alvo(s) do protesto</b>	<b>Proposta(s) de reforma</b>
1	<b>Bráulia Ribeiro entrou para a subversão do Genizah</b>	Comunicado	falsos profetas	bíblia
1	<b>Mulher de pastor: Que bicho é esse?</b>	Comportamento (cristão)	desvalorização da esposa de pastor	-
1	<b>Debandada geral na Renascer, O último a sair apague a luz!</b>	Negócios (da fé); Celebidades (gospel)	Sonia e Estevam Hernandes; Igreja Renascer; corrupção; comércio da fé; pastores midiáticos	denúncia
1	<b>Onde foi que eu errei? O que está acontecendo com os filhos de pastores?</b>	Celebidades (gospel)	Igreja Universal; Moysés Macedo; Franklyn Graham; Katy Perry; corrupção; pastores midiáticos; neopentecostalismo	-
1	<b>Não tem nada a ver</b>	Comportamento (cristão)	sexo pré-conjugal; relacionamentos amorosos com não-cristãos	bíblia
1	<b>Bomba na gospelândia: Danilo Fernandes do Genizah pergunta tudo e o Marco Feliciano responde!</b>	Negócios (da fé); Celebidades (gospel)	Marco Feliciano; Silas Malafaia; comércio da fé; falsos profetas; pastores midiáticos; mercado gospel; irreverência no culto; heresias;	arrependimento
3	<b>Braulia Ribeiro é da turma do Genizah!</b>	Comunicado	-	-
3	<b>Política x politicagem: “diga-me com quem anda...”</b>	Política	corrupção;	bíblia; voto consciente
3	<b>Acompanhado pela Solidão</b>	Comportamento (cristão)	isolamento social; moral anticristã; destruição da família; corrupção	mudança de vida; comunhão
4	<b>Otávio Guilherme é o homem do som do Genizah. Um subversivo das ondas FM!</b>	Comunicado	-	-
4	<b>Confissões sobre este blog</b>	Entretenimento	-	-
4	<b>Comentários do Pr. Altair Germano acerca da entrevista concedida por Marco Feliciano a Danilo</b>	Celebidades (gospel)	Marco Feliciano; imaturidade; pastores midiáticos	denúncia; arrependimento

	<b>Fernandes do Genizah</b>			
4	<b>O Evangelho Transgressor</b>	Comportamento (cristão)	misticismo; heresias; seitas	pregação; bíblia
5	<b>Marcelo Lemos é o mais novo membro da quadrilha Genizah!</b>	Comunicado	-	-
5	<b>Deixei de ser evangélico...</b>	Comportamento (cristão)	igreja evangélica; falta de conhecimento bíblico	bíblia
5	<b>A luta entre o bem e o mau (e não é um erro de português!)</b>	Comportamento (cristão)	aborto; separação entre sagrado e secular; corrupção	santidade
5	<b>Transpirar para não pirar!</b>	Mundo (não-cristão)	isolamento social; alienação política e social;	engajamento social; mudança social
6	<b>Breve história do Pastor Jucá</b>	Comportamento (cristão)	pastores midiáticos; corrupção	-
6	<b>Bendito esquecimento</b>	Comportamento (cristão)	-	-
6	<b>Com o Pastor Pedrão, tive de deixar o coração falar</b>	Comportamento (cristão)	-	-
6	<b>Pastor Pedrão é da turma do Genizah!</b>	Comunicado	-	-
6	<b>Enchendo as bordas da Mediocridade</b>	Comportamento (cristão)	comércio da fé; capitalismo; interesses egoístas	serviço; desapego; distribuição da riqueza
7	<b>Novo olhar sobre o universo</b>	Comportamento (cristão)	-	-
7	<b>Pergunte ao Pastor 7</b>	Entretenimento	-	-
7	<b>Graça Barata X Graça Preciosa</b>	Comportamento (cristão)	interesses egoístas; pragmatismo; alienação política e social; cumprimento da lei	engajamento social; mudança de vida; desapego
7	<b>TRANSpondo os MUROS - Para além dos medos e preconceitos</b>	Comportamento (cristão)	isolamento social; disputas religiosas; intolerância; diabo	comunhão; homens de Deus; cruz
8	<b>Esposa de pastor: guerreira, anônima ou solitária?</b>	Comportamento (cristão)	desvalorização da esposa de pastor	-
8	<b>Gospelândia: o lar dos campeões de halterolinguismo!</b>	Comportamento (cristão)	boatos	comunhão
8	<b>Presença de Deus na obra de Saramago?</b>	Cultura e arte	-	-

9	<b>Torre de Papel</b>	Comportamento (cristão)	interesses egoístas	Cristo; desapego; comunhão
9	<b>Prá não dizer que não falei de fogo... O Vovô Feliciano</b>	Celebridades (gospel); Entretenimento	Marco Feliciano; irreverência no culto; pastores midiáticos	-
9	<b>Eu ainda creio no homem...</b>	Comportamento (cristão)	intolerância	comunhão
10	<b>Tem de aturar: Genizah em seu dia de Feliciano</b>	Celebridades (gospel); Entretenimento	marketing político; políticos evangélicos; Marco Feliciano; Dilma; pastores midiáticos	-
10	<b>Temos provocado um Deus Santo</b>	Comportamento (cristão)	conflitos com as minorias; promiscuidade sexual; censura; moral anticristã; pobreza; desigualdade social; violência; marketing eleitoral; corrupção; políticos evangélicos; interesses egoístas; concessões de emissoras para igrejas; entretenimento religioso; irreverência no culto; negligência; alienação política e social; injustiça	engajamento social; arrependimento; fé; Cristo; oração; denúncia
10	<b>Agradeço pela graça recebida (3)</b>	Entretenimento	consumo de bebidas alcoólicas	-
10	<b>Consumido pela Culpa</b>	Comportamento (cristão)	culpa	perdão
11	<b>Elias e a cagand... ops, contispação de Baal</b>	Entretenimento	falsos profetas	-
11	<b>Os Matáveis</b>	Comunicado	violência	engajamento social; denúncia; comunhão
11	<b>Como ser manipulado...</b>	Entretenimento	manipulação midiática	-
11	<b>O pleno conhecimento da verdade</b>	Entretenimento	-	-
11	<b>Em busca da genuína Transcendência</b>	Comportamento (cristão)	preocupações terrenas; separação entre sagrado e secular; interesses egoístas	fé; diálogo com a cultura secular; Cristo
12	<b>Bispo Manoel Ferreira leva Marco Feliciano ao pináculo e ele pula!</b>	Celebridades (gospel); Política	pastores midiáticos; Gideões; corrupção; Marco Feliciano; políticos evangélicos; Silas Malafaia; marketing	bíblia; mudança de vida; arrependimento; perdão

			político; Manoel Ferreira; Reverendo Moon; Edir Macedo; PT; Dilma; maçonaria	
12	<b>Igrejas enfermas, pastores doentes</b>	Comportamento (cristão)	igrejas nos moldes empresariais; comércio da fé; interesses egoístas; moral anticristã; humanismo; corrupção	mudança de vida; arrependimento; fé
12	<b>Nossa nova dívida após a Graça</b>	Comportamento (cristão)	negligência; alienação política e social	santidade; engajamento social
13	<b>É crer sem amar</b>	Comportamento (cristão)	falta de emoção	emoção
13	<b>Sete perguntas ao tirando saldo rex - o mascote da teologia da prosperidade</b>	Negócios (da fé)	comércio da fé; teologia da prosperidade; falsos profetas; concessões e emissoras para igrejas; corrupção	bíblia
13	<b>Se não arde, não ilumina!</b>	Comportamento (cristão)	falta de emoção	fé; homens de Deus; Cristo; glorificação
14	<b>Xeretando o que vem pela frente</b>	Comunicado; Entretenimento	-	-
14	<b>As Frenéticas Gospel!</b>	Entretenimento ; Celebidades (gospel)	falsos profetas; pastores midiáticos; Valdomiro Santiago; Sonia e Estevam Hernandes; irreverência no culto; Marco Feliciano; G12; Igreja da Graça; Igreja Mundial; Igreja Universal; Igreja Deus é Amor; Igreja Renascer; corrupção; demonização; entretenimento religioso; misticismo evangélico; Edir Macedo; Silas Malafaia; Morris Cerrulo	-
14	<b>Agora ninguém morde a maçã do Genizah! Fernando Ortega entrou para a gangue!</b>	Comunicado	-	-
14	<b>Pescadores de alma</b>	Entretenimento	-	-
14	<b>O que significa ser ungido?</b>	Patrulha (bíblica)	misticismo evangélico; emocionalismo; glossolalia; demonização	homens de Deus; Cristo
15	<b>Ruído no piso do Céu</b>	Comportamento (cristão)	interesses egoístas	Cristo; oração
15	<b>Do outro lado do</b>	Comunicado	-	-

	<b>oceano, de um jardim defronte ao mar de Portugal, vem Sara Catarino iluminar o Genizah!</b>			
15	<b>Cura Interior: Como o "não-evangélico" traduz o que diz os evangélicos... (3)</b>	Entretenimento	evangeliquês; misticismo evangélico	-
15	<b>Operação Resgate</b>	Comportamento (cristão)	-	mudança de vida
15	<b>Subvertendo as formas pré-estabelecidas</b>	Comportamento (cristão)	injustiça; promiscuidade sexual; corrupção	arrependimento; mudança de vida; engajamento social; mudança social
16	<b>Aspecto Cristão: Programa do Pr Carlos Roberto Silva e Esposa</b>	Cultura e arte	-	-
16	<b>Sequidão</b>	Comportamento (cristão)	corrupção; falsos profetas; comércio da fé; marketing eleitoral; pecaminosidade	arrependimento; oração; mudança de vida
16	<b>E aquele seu lado "Alfredinho"?</b>	Comportamento (cristão)	pecaminosidade	comunhão
17	<b>Apelos ineficazes</b>	Entretenimento	-	-
17	<b>Repelente para crente! Isto vai vender!</b>	Negócios (da fé)	misticismo evangélico; comércio da fé; mercado gospel; teologia da prosperidade; religiões afro; cristãos judaizantes; Igreja Universal; falsos profetas; Valdomiro Santiago; Igreja Renascer;	-
17	<b>Crepúsculo, Lua Nova, Eclipse e Amanhecer...</b>	Mundo (não-cristão)	Saga Crepúsculo; manipulação midiática; homossexualidade; promiscuidade sexual; sexo pré-conjugal; relacionamentos amorosos com não-cristãos; culto ao corpo	santidade; submissão; mudança de vida
17	<b>Semeadores de Sonhos</b>	Comportamento (cristão)	culto ao corpo; interesses egoístas; alienação política e social	homens de Deus; engajamento social
18	<b>Fica a dica</b>	Política;	disputas religiosas	-

		Entretenimento		
18	<b>Mundo na lama</b>	Comportamento (cristão)	corrupção; destruição da natureza; consumismo; violência	engajamento social
18	<b>Nani visita a igreja mundial !</b>	Negócios (da fé)	Valdomiro Santiago; Igreja Mundial; Igreja Universal; salvação por obras; demonização; comércio da fé; teologia da prosperidade; disputas religiosas; pastores midiáticos; falsos profetas; R.R. Soares; misticismo evangélico; Igreja Deus é Amor; manipulação do sagrado; marketing religioso; concessões de emissoras para igrejas	Cristo
18	<b>Testemunho ou Ostentação?</b>	Negócios (da fé)	marketing religioso; pastores midiáticos; teologia da prosperidade; exibicionismo	Cristo; homens de Deus; bíblia; mudança de vida
19	<b>Eu ouvi o cantar do galo</b>	Comportamento (cristão)	moral anticristã	oração; pregação
19	<b>Se os clássicos fossem de gospels evangélicos</b>	Entretenimento	evangeliquês	-
19	<b>(sem título)</b>	Entretenimento	-	-
19	<b>A Igreja e o Trem Fantasma</b>	Comportamento (cristão)	-	-
19	<b>Gutierrez Fernandes Siqueira reforça o time pentecostal da turna do Genizah</b>	Comunicado	-	-
19	<b>Quando Deus dá asas à cobra...</b>	Comportamento (cristão)	traição; mentira	Cristo; perdão
20	<b>O vento da Misericórdia dissipará a tribulação</b>	Comportamento (cristão)	insubmissão; preocupações terrenas	oração; comunhão; fé; discernimento; gratidão; homens de Deus
20	<b>Coreografia: a origem...kkkkkkk</b>	Entretenimento	irreverência no culto	-
20	<b>Encontrar-se com Deus ainda é transformar-se em servo!</b>	Comportamento (cristão)	incredulidade; pecaminosidade	homens de Deus; serviço
21	<b>O chavão da sã doutrina</b>	Comportamento (cristão)	intolerância; fanatismo; isolamento social	comunhão; fé; santidade

21	<b>As sogras: homenagem de Paulinho Mixaria</b>	Entretenimento	-	-
21	<b>Eu quero a minha caricatura feita por Rubinho Pirola!</b>	Comunicado	-	-
21	<b>Derrubando Golias de Max Lucado é a dica da semana do Genizah</b>	Cultura e arte	-	-
21	<b>Seu Deus é carente de quê?</b>	Comportamento (cristão)	manipulação do sagrado	glorificação
22	<b>Os únicos rituais necessários</b>	Comportamento (cristão)	idolatria; falsos profetas; interesses egoístas; religiões afro; espiritismo; evolucionismo; salvação por obras; misticismo	comunhão; mudança de vida; fé
22	<b>A oração do cão</b>	Entretenimento	-	-
22	<b>Travesseiros para sonhar</b>	Comportamento (cristão)	comércio da fé; ciências	-
22	<b>O mais novo membro da gang do Genizah!</b>	Comunicado	-	-
23	<b>As meninas Superpoderosas do Reino entram no Genizah!</b>	Comunicado	-	-
23	<b>Hey, tu...</b>	Entretenimento	-	-
23	<b>Gustavo Legal: nova música</b>	Cultura e arte	-	-
24	<b>PC @maral só toma bucha no Genizah!</b>	Entretenimento	-	-
24	<b>Filhos de Gepetto</b>	Comportamento (cristão)	falsos profetas; comércio da fé; igrejas nos moldes empresariais; idolatria; mentira	Cristo
24	<b>Sarando as Feridas</b>	Comportamento (cristão)	outras religiões	mudança de vida
25	<b>Santidade e legalismo: O caráter surpreendente do santo</b>	Comportamento (cristão)	cumprimento da lei; fanatismo; exibicionismo; intolerância; salvação por obras; separação entre sagrado e secular	santidade; glorificação; moral cristã; obediência; Cristo; fé; graça; perdão; bíblia; diálogo com a cultura secular
25	<b>"Por que Dilma?" - Marco Feliciano responde para você!</b>	Política; Celebidades (gospel)	-	-
25	<b>Tá Amarrado,</b>	Comportamento	falta de conhecimento	tradição

	<b>Simão!</b>	o (cristão)	bíblico; pastores midiáticos; misticismo evangélico	religiosa
26	<b>Chutando a Santa: Quinze anos depois</b>	Comportamento (cristão)	Igreja Universal; cristãos judaizantes; idolatria; mercado gospel; pastores midiáticos; atos proféticos; falsos profetas	bíblia
26	<b>Será que Deus habita o meu coração e o diabo o meio de minhas pernas?</b>	Comportamento (cristão)	evangeliquês; sexo pré-conjugual; promiscuidade sexual	santidade; moral cristã; glorificação; submissão
26	<b>Atos proféticos?</b>	Patrulha (bíblica)	atos proféticos; falsos profetas; misticismo evangélico	Espírito Santo; igreja primitiva; Cristo; bíblia
26	<b>Amor, Sexo e Espiritualidade</b>	Comportamento (cristão)	promiscuidade sexual; destruição da família	moral cristã; comunhão
26	<b>Malafaia x Macedo: "luta profética" nas eleições 2010</b>	Política; Celebidades (gospel)	Silas Malafaia; Edir Macedo; pastores midiáticos; disputas religiosas; marketing político	-
26	<b>Assim Caminha a Crisandade...</b>	Comportamento (cristão)	preocupações terrenas; comércio da fé; paganismo; cultura secular; ideologias anticristãs; igrejas nos moldes empresariais; corrupção; políticos evangélicos; interesses egoístas; disputas religiosas	bíblia; Cristo; desapego; distribuição da riqueza; moral cristã; denúncia; serviço; engajamento social
27	<b>Surpreendidos pela Esperança é a dica de Genizah e do Portal Mádua</b>	Cultura e arte	-	-
27	<b>Geni, o Zepelim, os Evangélicos e a Bosta que há de vir!</b>	Comportamento (cristão)	corrupção; promiscuidade sexual; marketing político	santidade
27	<b>Obituário gospel do Polvo Paul</b>	Entretenimento	falsos profetas; Igreja Adventista; Testemunhas de Jeová; Igreja Mórmon; comércio da fé; atos proféticos; corrupção; heresias; teologia da prosperidade; mercado gospel; misticismo evangélico; Igreja Universal	-

27	<b>Dica de Filme do Portal Mádua e do Genizah: Para Salvar Uma Vida</b>	Cultura e arte	-	-
27	<b>A verdadeira Marcha pra Jesus</b>	Comportamento (cristão)	hedonismo; interesses egoístas; entretenimento religioso; mercado gospel	bíblia; submissão
28	<b>Resolução da Difamação da Religião</b>	Comunicado	perseguição religiosa; islamismo	oração; engajamento social; liberdade religiosa
28	<b>Cristão Confuso abre igreja e lança disco de pagode ungido</b>	Entretenimento	-	-
28	<b>Pondo fim à farra dos Lobos</b>	Comportamento (cristão)	falsos profetas; pregação positiva	serviço
29	<b>... Uma questão (fulcral) de ponto de VISTA.</b>	Entretenimento	-	-
29	<b>Dança da rodinha gospel: Chuta que é macumba</b>	Patrulha (bíblica)	irreverência no culto; religiões afro; heresias; falta de conhecimento bíblico; idolatria	-
29	<b>A marginalidade de Jesus</b>	Comportamento (cristão)	autoajuda; pregação positiva; alienação política e social	Cristo; engajamento social
30	<b>Edições Icthus para a Formação Espiritual</b>	Cultura e arte	-	-
30	<b>O Cristão Confuso caiu na boca do povo e do sapo! Virou Trending topic ungido!</b>	Entretenimento	-	-
30	<b>No G12 só tem profeta paraguaio!</b>	Política; Celebidades (gospel)	pastores midiáticos	
31	<b>Com a Bruxa no Dia da Reforma</b>	Comportamento (cristão)	heresias; Halloween	teologia reformada; graça
31	<b>A POLKA DA REFORMA</b>	Entretenimento	-	-
31	<b>Igreja Playmobil</b>	Comportamento (cristão)	alienação intelectual e social	mudança de vida
<b>TOTAL: 118 postagens</b>				

<b><u>Tabela 7 - BLOG CRENTASSOS</u></b>				
<b>Dia</b>	<b>Título</b>	<b>Tema(s) da postagem</b>	<b>Alvo(s) do protesto</b>	<b>Proposta(s) de reforma</b>
1	<b>Eleições 2010 – Faltam apenas 2 dias!!!</b>	Política; Celebriidades (gospel)	Dilma; Assembleia de Deus; Igreja Universal; Sara Nossa Terra; Silas Malafaia; Serra; disputas religiosas; Edir Macedo; corrupção; Pr. Amarildo (PSC-TO); Pr.Armando PSC-TO); André Zacharow (PMDB-PR); Pr. Jorge Pinheiro (PL/DF); Takayama (PSC-PR); pastores midiáticos	oração; voto consciente; moral cristã
2	<b>O que está por trás do fenômeno Tiririca</b>	Política	-	voto consciente
3	<b>Curiosidade: Conheça 7 Papas extremamente controversos</b>	Celebriidades (gospel)	igreja evangélica; corrupção; promiscuidade sexual; comércio da fé; violência	-
4	<b>Eleições 2010 e os aproveitadores da boa fé e da credulidade evangélica</b>	Política	boatos; pastores midiáticos; drogas; aborto; homossexualidade	voto consciente; engajamento social
6	<b>Missão Portas Abertas publica manifesta pela liberdade religiosa. Assine o abaixo assinado</b>	Comunicado	perseguição religiosa; islamismo	oração; engajamento social; liberdade religiosa
7	<b>Fórum de Debates sobre Arte Cristã – ARTE EM FOCO 2010</b>	Cultura e arte	-	-
7	<b>Dica de Blog – Teologia e Design</b>	Cultura e arte	-	-
7	<b>Partido não se toma</b>	Política	censura; intolerância	liberdade de expressão
8	<b>Frases pra pensar – #0038 – Martin Luther King Jr</b>	Cultura e arte	-	-
11	<b>Músicas do Mundo q me Edificam #0025 – Dixie Chicks – Easy Silence</b>	Cultura e arte	corrupção	comunhão; fé
13	<b>Inimigos? Apenas uma questão de</b>	Comportament o (cristão)	disputas religiosas	-

	<b>posição – Strangers</b>			
14	<b>Prefiro ser contado entre os mortos, a ser contado entre os traidores!</b>	Cultura e arte	interesses egoístas; comércio da fé	mudança de vida
14	<b>Músicas do Mundo q me Edificam #0026 – Plebe Rude</b>	Cultura e arte	interesses egoístas	mudança social
15	<b>Com a Palavra: Luciano Subirá – A Prosperidade Da Alma</b>	Comportamento (cristão)	preocupações terrenas	fé; desapego
16	<b>Tirando uma onda de “CRENTE RELEVANTE” para apenas O MUNDO INTEIRO</b>	Comunicado	-	-
16	<b>S1E3 – PodCrent #0003a – Reforma Protestante</b>	Comportamento (cristão)	-	-
19	<b>Missão integral: o que é isso?</b>	Comportamento (cristão)	capitalismo; interesses egoístas; cultura secular; liberalismo teológico; moral anticristã; pós-modernidade; comércio da fé; heresias	engajamento social; fé; santidade; teologia da missão integral
19	<b>Aborto... E oq vc acha?</b>	Política	aborto; homossexualidade; Serra	-
21	<b>Repostagem &gt;&gt; ah seu “Classe média”...</b>	Política	classe média brasileira; desigualdade social	-
22	<b>Max Lucado muda o foco de seu ministério e promete livro sobre sua nova visão</b>	Cultura e arte	pobreza; desigualdade social	engajamento social; comunhão
23	<b>Oq é esse tal de LAUSANE III ???</b>	Comportamento (cristão)	pobreza; desigualdade social	sã doutrina; engajamento social; teologia da missão integral
23	<b>Músicas do Mundo q me Edificam #0027 – Barão Vermelho – Quando o Sol Bater na janela do seu quarto</b>	Cultura e arte	-	-
25	<b>Saudação vulcana de Spock tem origem judaica</b>	Cultura e arte	cristãos judaizantes	-
27	<b>Política evangélica</b>	Política	Serra; Dilma; corrupção;	engajamento

			afastamento entre religião e política; alienação política e social; interesses egoístas; conflitos com as minorias	social; mudança social
28	<b>Na Sandbox de Deus!</b>	Comportamento (cristão)	interesses egoístas	fé; desapego
29	<b>Não há revolução sem conscientização</b>	Patrulha (bíblica)	atos proféticos; comércio da fé; misticismo evangélico; falsos profetas	discernimento
29	<b>Red Comments – Evangélicos escorregam na baixaria das Eleições 2010 no Brasil</b>	Política	classe média brasileira; disputas religiosas; boatos; Silas Malafaia; Edir Macedo	comunhão
<b>TOTAL: 27 postagens</b>				

<b><u>Tabela 8 - BLOG BEREIANOS</u></b>				
<b>Dia</b>	<b>Título</b>	<b>Tema(s) da postagem</b>	<b>Alvo(s) do protesto</b>	<b>Proposta(s) de reforma</b>
1	<b>A igreja de Cristo e os Desafios do Novo Milênio</b>	Mundo (não-cristão)	pós-modernidade; avidez por novidades; misticismo evangélico; moral anticristã; individualismo; consumismo; cultura secular; paganismo; irreverência no culto; emocionalismo; supervalorização do louvor; irracionalismo; desinstitucionalização; disputas religiosas; liberalismo teológico; outras religiões; catolicismo; religiões afro; demonização; cumprimento da lei; salvação por obras; misticismo; manipulação do sagrado; heresias; teologia da prosperidade; falsos profetas; evangeliqûes; interesses egoístas; hedonismo; igreja evangélica; ideologias anticristãs	bíblia; pregação; comunhão; sã doutrina; oração; fé; serviço; obediência; santidade; Espírito Santo; graça; arrependimento; disciplina eclesiástica; cruz; Cristo; igreja primitiva; teologia reformada glorificação
2	<b>Movimento "O Show Tem Que Parar!" em Recife</b>	Negócios (da fé)	comércio da fé; atos proféticos; irreverência no culto; indecência; mercado gospel; marketing eleitoral; políticos evangélicos; financiamento público de eventos religiosos; censura; moral anticristã; consumo de bebidas alcoólicas; exibicionismo; entretenimento religioso; evangeliqûes; marketing religioso; igreja evangélica	denúncia; moral cristã; bíblia
2	<b>O que foi impossível à lei. - João Calvino</b>	Comportamento (cristão)	cumprimento da lei; pecaminosidade; salvação por obras; mérito humano	Cristo; cruz; graça
4	<b>O coração, essa máquina tão poderosa quanto</b>	Comportamento (cristão)	pecaminosidade; insubmissão; interesses egoístas; moral anticristã;	bíblia; obediência

	<b>enganosa</b>		mentira; heresias	
5	<b>Os pastores e a sua relação com o sermão</b>	Patrulha (bíblica)	supervalorização do louvor; exibicionismo; falta de conhecimento bíblico; negligência quanto aos estudos	pregação; bíblia; austeridade; homens de Deus
6	<b>Fazemos qualquer negócio!</b>	Política	mentira; PT; Dilma; marxismo; aborto; falsa religiosidade; marketing eleitoral; corrupção; interesses egoístas; moral anticristã	moral cristã
6	<b>Vai um óleo ungido aí? E um título de presbítero...</b>	Negócios (da fé)	mercado gospel; misticismo evangélico; falta de conhecimento bíblico; comércio da fé; evangeliquês; marketing religioso	-
7	<b>A Cruz ou o cifrão? Gálatas 6:14</b>	Negócios (da fé); Comportamento (cristão)	heresias; capitalismo; teologia da prosperidade; outras religiões; pecaminosidade; salvação por obras; mérito humano; cumprimento da lei; manipulação do divino; interesses egoístas	bíblia; cruz; santidade; mudança de vida; Cristo; desapego
8	<b>O Problema do Julgar: Até Onde Ir com a Tolerância?</b>	Patrulha (bíblica); Comportamento (cristão)	heresias; mentira; corrupção; interesses egoístas; pecaminosidade; moral anticristã; entretenimento religioso; injustiça; intolerância	discernimento; obediência; santidade; bíblia; denúncia
8	<b>Paradoxo Bíblico: Deus e a pedra</b>	Patrulha (bíblica)	falta de conhecimento bíblico; heresias	glorificação; bíblia
9	<b>O Problema do Dom de Línguas - Parte I</b>	Patrulha (bíblica)	glossolalia; falta de conhecimento bíblico; heresias	bíblia
10	<b>O Problema do Dom de Línguas - Parte II</b>	Patrulha (bíblica)	glossolalia; falta de conhecimento bíblico; heresias	bíblia
11	<b>O Problema do Dom de Línguas - Parte III</b>	Patrulha (bíblica)	glossolalia; falta de conhecimento bíblico; heresias	bíblia
12	<b>O Problema do Dom de Línguas - Parte IV</b>	Patrulha (bíblica)	glossolalia; falta de conhecimento bíblico; heresias	bíblia
12	<b>Capitão Nascimento, o senhor conhece a milícia religiosa?</b>	Negócios (da fé)	corrupção; comércio da fé; teologia da prosperidade; falsos profetas; heresias; marketing eleitoral;	discernimento; bíblia; graça; denúncia; mudança de

			interesses egoístas; moral anticristã; pastores midiáticos; igreja evangélica	igreja
13	<b>Carta aos pastores congressistas</b>	Política	políticos evangélicos; corrupção; falsos profetas; injustiça; interesses egoístas; pobreza; violência; desigualdade social; alienação política e social; igreja evangélica	estado laico; serviço; engajamento social
13	<b>Quando você sabe se está em uma Igreja ou em um Clube?</b>	Comportamento (cristão)	desigualdade social; pobreza	comunhão
14	<b>O Problema do Dom de Línguas - Parte V</b>	Patrulha (bíblica)	glossolalia; falta de conhecimento bíblico; heresias	bíblia
14	<b>Carta para um blogueiro imaginário</b>	Negócios (da fé)	comércio da fé; mercado gospel; falsa religiosidade; corrupção; ecumenismo; liberalismo teológico; avidez pela fama; heresias; teologia da prosperidade; marketing religioso; falsos apologistas	bíblia; sã doutrina; Reforma
15	<b>O Rosário e suas 15 promessas</b>	Patrulha (bíblica)	catolicismo; idolatria; misticismo; orações pelos mortos; crença no purgatório; tradição	bíblia; Cristo; graça; fé; cruz
16	<b>Tenho tanta dúvida que chego a ter Fé...</b>	Comportamento (cristão)	fanatismo; irracionalismo	fé
16	<b>Contra quem lutamos?</b>	Comportamento (cristão)	disputas religiosas; corrupção; preocupações terrenas; igreja evangélica; pecaminosidade	Espírito Santo; santidade
17	<b>Sofismas da Autoajuda</b>	Patrulha (bíblica)	preocupações terrenas; mentira; interesses egoístas; ideologias anticristãs; evolucionismo; teologia da prosperidade; autoajuda; pregação positiva; heresias; humanismo; Nova Era; religiões orientais; falsos profetas	fé; Cristo; bíblia; igreja primitiva; distribuição da riqueza; desapego; serviço; homens de Deus; pregação
17	<b>O Primeiro Mandamento: Não Terás Outros Deuses Diante de Mim</b>	Comportamento (cristão)	idolatria; adultério	obediência; fé; glorificação; gratidão; santidade
18	<b>Moço, onde tu estás</b>	Entretenimento	-	-

	<b>trepando?</b>			
19	<b>A Fuga das galinhas</b>	Negócios (da fé)	neopentecostalismo; heresias; misticismo evangélico; avidez por novidades; corrupção; relativismo; comércio da fé; mentira; humanismo; teologia da prosperidade	pregação; bíblia; cruz; graça; Cristo
19	<b>O Problema do Dom de Línguas - Parte VI</b>	Patrulha (bíblica)	glossolalia; falta de conhecimento bíblico; heresias	bíblia
20	<b>Por que alguns acham a bíblia difícil?</b>	Comportamento (cristão)	humanismo; comércio da fé; manipulação do divino; pecaminosidade	Espírito Santo; fé; obediência; arrependimento; Cristo
21	<b>Calvino e o zelo de expor a glória de Deus</b>	Comportamento (cristão)	corrupção, idolatria; humanismo; transubstanciação; catolicismo; orações aos mortos	glorificação; homens de Deus; teologia reformada sã doutrina; fé; Cristo
23	<b>Revelações extra-bíblicas? Nem morto!</b>	Patrulha (bíblica)	heresias; revelações extra-bíblicas; seitas; Hare Krishna; Igreja Mórmon; falta de conhecimento bíblico	Cristo; bíblia
23	<b>O Púlpito e a Doutrina – O Resgate da Pregação Cristocêntrica e Expositiva</b>	Patrulha (bíblica)	pós-modernidade; relativismo; ciências; liberalismo teológico; psicologia; sociologia; pragmatismo; humanismo; racionalismo; utilitarismo; autoajuda; pregação positiva; entretenimento religioso	bíblia; sã doutrina; Cristo; homens de Deus; Espírito Santo; cruz; santidade
25	<b>Não espere novas revelações</b>	Patrulha (bíblica)	revelações extra-bíblicas; catolicismo	obediência; sã doutrina; Cristo; glorificação
26	<b>Tentativas homossexuais de driblar Romanos 1</b>	Patrulha (bíblica)	homossexualidade; promiscuidade sexual; prostituição; idolatria; moral anticristã; sexo oral e anal; adultério	mudança de vida; bíblia
27	<b>Transtorno obsessivo compulsivo apologético</b>	Patrulha (bíblica)	heresias; maçonaria; falsos apologistas; Ellen G. White; fanatismo; boatos;	bíblia; sã doutrina; comunhão; moral cristã discernimento
28	<b>A Doutrina Bíblica</b>	Patrulha	liberalismo teológico;	sã doutrina;

	<b>como Preservativo Contra a Imoralidade</b>	(bíblica)	pecaminosidade; moral anticristã; cultura secular; homossexualidade; pregação positiva	bíblia; moral cristã; pregação
28	<b>Halloween - Uma festa religiosa que adora a deusa</b>	Patrulha (bíblica)	Halloween; misticismo; americanização; mercado gospel; paganismo; religiões matrifocais; idolatria; WICCA; Harry Potter; hinduísmo; orações aos mortos	bíblia; liberdade religiosa; resguardar as crianças da cultura secular
29	<b>Desafios da Modernização da igreja para o Novo Calvinismo: a questão do condicionamento histórico das Escrituras</b>	Mundo (não-cristão)	iluminismo; relativismo; racionalismo; pós-modernidade	fé; bíblia; sã doutrina; Espírito Santo
29	<b>Quebra de Maldição Hereditária! O que é isso?</b>	Patrulha (bíblica)	misticismo evangélico; idolatria; heresias	bíblia
31	<b>Sempre Reformando ou Sempre Mudando?</b>	Mundo (não-cristão)	avidez por novidades; arminianismo; catolicismo; Igreja Adventista; heresias; homossexualidade	bíblia; Espírito Santo; reforma eclesiástica
<b>TOTAL: 39 postagens</b>				

<b><u>Tabela 9 - BLOG O TEMPORA! O MORES!</u></b>				
<b>Dia</b>	<b>Título</b>	<b>Tema(s) da postagem</b>	<b>Alvo(s) do protesto</b>	<b>Proposta(s) de reforma</b>
13	<b>Chegou o segundo turno – e agora? A Hora da Decisão na campanha presidencial 2010</b>	Política	Dilma; PT; homossexualidade; aborto; corrupção; estado gigante; assistencialismo; moral anticristã; relativismo; promiscuidade sexual	voto em Serra; voto em branco; oração
22	<b>Afinal, quando começou e para que serve o governo?</b>	Política	interferência do estado na família e na igreja; estado gigante; assistencialismo; homossexualidade; aborto; moral anticristã; totalitarismo; relativismo; corrupção; ideologias anticristãs	estado mínimo; oração; voto em Serra
31	<b>Sempre Reformando ou Sempre Mudando?</b>	Mundo (não-cristão)	avidez por novidades; arminianismo; catolicismo; Igreja Adventista; heresias; homossexualidade	bíblia; Espírito Santo; reforma eclesiástica
<b>TOTAL: 3 postagens</b>				